



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA

**Carta arqueológica dos caldeirões rochosos das
comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote-
Coronel José Dias-PI.**

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI
2024

MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA

**Carta arqueológica dos caldeirões rochosos das
comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote-
Coronel José Dias-PI.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus
Serra da Capivara, como requisito para obtenção
do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Alexandre Farias
Fontes.

Coorientadora: Dr^a. Rosemary Aparecida Cardoso

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI
2024**

Sousa, Marildes Lima Miranda

S725a Carta arqueológica dos caldeirões rochosos das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote-Coronel José Dias - PI / Marildes Lima Miranda Sousa. – São Raimundo Nonato - PI, 2024.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes.

Coorientadora: Profa. Dra. Rosemary Aparecida Cardoso

1. Caldeirões rochosos. 2. Carta arqueológica. 3. Turismo ecológico. 4. Patrimônio cultural. I. Fontes, Mauro Alexandre Farias. II. Cardoso, Rosemary Aparecida. III. Título. IV. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves CRB/15: 886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marildes Lima Miranda Sousa

**Carta arqueológica dos caldeirões rochosos das comunidades Sítio do Mocó,
Barreirinho, Limoeiro e Serrote- Coronel José Dias-PI.**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal do Vale do São Francisco-
UNIVASF, Campus Serra da Capivara,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 30 de setembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
MAURO ALEXANDRE FARIAS FONTES
Data: 30/09/2024 22:15:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes - UNIVASF – Orientador

Documento assinado digitalmente
ROSEMARY APARECIDA CARDOSO
Data: 01/10/2024 14:27:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr^a.Rosemary Aparecida Cardoso – UFPE – Coorientadora

Documento assinado digitalmente
RODRIGO LESSA COSTA
Data: 01/10/2024 22:46:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo Lessa Costa – UNIVASF



Documento assinado digitalmente
ALENCAR DE MIRANDA AMARAL
Data: 01/10/2024 14:35:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alencar Miranda Amaral – UNIVASF



Documento assinado digitalmente
ADELSON DIAS DE OLIVEIRA
Data: 01/10/2024 23:34:23-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Adelson Dias de Oliveira – UNIVASF

RESUMO

Em uma abordagem voltada para o Patrimônio local do município do Coronel José Dias-Pi, em específico das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, nesta pesquisa foi realizado um levantamento dos caldeirões rochosos que foram locais de armazenamento de água e por muito tempo foram necessários para a sobrevivência dessas comunidades.

O objetivo geral desse trabalho foi de identificar os caldeirões rochosos das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, que fazem parte do município de Coronel José Dias-PI, que estão inseridos no Parque Nacional Serra da Capivara ou em seu entorno e elaborar a carta arqueológica, e a partir dessa carta arqueológica construir um roteiro de visita turística até esses locais. Já os objetivos específicos são: Apresentar a localização desses espaços com o georreferenciamento; apresentar características ambientais; apresentar as características dos caldeirões rochosos; apresentar o uso e funções dos caldeirões rochosos. Para a realização deste trabalho, foi necessário fazer o uso das entrevistas. A partir dos relatos dos colaboradores e do georreferenciamento dos caldeirões rochosos, foi possível elaborar a carta arqueológica do patrimônio local. Vale ressaltar que a carta arqueológica aqui apresentada, é um passo importante para incentivar outras possíveis futuras pesquisas sobre o patrimônio cultural do município de Coronel José Dias-PI, como também pode auxiliar na divulgação e preservação desse patrimônio local.

Palavra-chave: Caldeirões rochosos, carta arqueológica, Turismo ecológico, Patrimônio cultural.

ABSTRACT

In an approach focused on the local heritage of the municipality of Coronel José Dias-Pi, specifically the localities of Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro and Serrote, this research carried out a survey of the rocky cauldrons that were places of water storage and for a long time were necessary for the survival of these communities. The objective of the research was to georeference and characterize the rocky cauldrons, as well as to present the importance and functionality of each of the rocky cauldrons for the communities studied here. To carry out this work, it was necessary to use the interviews that I conducted both in 2021 and in 2023 with members of the communities of Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro and Serrote. Based on the reports of the collaborators and the georeferencing of the rocky cauldrons, it was possible to prepare the archaeological map of the local heritage. It is worth mentioning that the archaeological map presented here is an important step to encourage other possible future research on the cultural heritage of the municipality of Coronel José Dias-Pi, as well as helping to promote and preserve this local heritage.

Keywords: Rocky cauldrons, archaeological map, Ecological tourism, Cultural heritage.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Mapa da localização do Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote.	20
Figura 2: Placa do tumulo de Antônio Pereira Lima.	23
Figura 3 Tumulo em cemitério do Sítio do Mocó.....	24
Figura 4: Tumulo em cemitério do Sítio do Mocó.....	25
Figura 5: Tumulo em cemitério do Sítio do Mocó.....	25
Figura 6: Antiga casa do bisavô do Sr. Carlito na comunidade Limoeiro.	31
Figura 7: Antiga casa de Taipa da família da Sra. Aster do Nascimento.	33
Figura 8: Caieiras- forno de cal.....	35
Figura 9: Comitês de bacia hidrográfica do estado do Piauí.....	46
Figura 10: Batizado evangélico no caldeirão do Gado.....	50
Figura 11: Cisterna da residência da Colaboradora Iolene Sousa, contemplada pelo programa social 1 Milhão de Cisterna.	54
Figura 12 : Caminhada até os caldeirões rochosos e trajeto para chegar até o caldeirão do Rimualdo II.	58
Figura 13 Mapa participativo de alguns caldeirões rochosos da comunidade Serrote.	76
Figura 14: Mapa de localização dos caldeirões rochosos da localidade Sítio do Mocó- Folha 01	87
Figura 15: Mapa de localização dos caldeirões rochosos da localidade Sítio do Mocó- Folha 02	88
Figura 16: Caldeirão do Gado.....	90
Figura 17 Caldeirão do Gado.....	92
Figura 18: Caldeirão dos Porcos.....	94
Figura 19: Caldeirão da Bernardina.	96
Figura 20: Cerca de limite do Parque Nacional Serra da Capivara.....	97
Figura 21: Placa indicando a Toca do caldeirão da Bernardina.	97
Figura 22: Estrutura de forno feito com tijolo de adobe.....	98
Figura 23: Lajedo do caldeirão da Bernardina onde as pessoas utilizavam para lavar as roupas.	99
Figura 24 Cultura material encontrada no caldeirão da Bernardina e vestígios têxteis.....	100
Figura 25: Parte externa do caldeirão da Porta.	101

Figura 26 Plano inicial e delimitação de setores do sítio arqueológico Toca do Elias.	103
Figura 27: Sítio arqueológico Toca do Elias, setor: Caldeirão do Elias.....	103
Figura 28 Escavação arqueológica no Sítio Toca do Elias, setor: Roça do Elias.	104
Figura 29: Caldeirão do Avô Aniceto.	105
Figura 30: Caldeirão do Avô Aniceto.	106
Figura 31 : Caldeirão do Inharé e estrutura próxima de casa ao caldeirão.....	108
Figura 32: Caldeirão do Grande.....	110
Figura 33: Primeiro bojo do caldeirão da Demar e do Francisco com sedimento e seixos e segundo bojo com galhos de arvores e seixos.	112
Figura 34 : Estrutura de rocha inserida propositalmente no local para lavar roupa.	113
Figura 35: Mulher lavando roupa no caldeirão dos Branquinhos.	115
Figura 36: Caldeirão dos Branquinho.	116
Figura 37: Caldeirão dos Claro/ Domingos.	117
Figura 38: Lajedo onde as pessoas lavavam as roupas no caldeirão dos Claros/ Domingos.....	118
Figura 39: Grafismo.	119
Figura 40: Caldeirão da Porteira.	121
Figura 41: Cultura material encontrada no caldeirão da Porteira.....	122
Figura 42: Caldeirão da Mãe Ana.	123
Figura 43 Placa de indicação.....	124
Figura 44: Autora no primeiro salão do caldeirão da Geladeira.	125
Figura 45: Primeiro, segundo e terceiro salões do Caldeirão da Geladeira.....	126
Figura 46: Caldeirão dos Cambambá.	127
Figura 47: Cultura material do tipo têxteis,.....	128
Figura 48: Primeiro bojo do caldeirão dos Canoas I.	129
Figura 49: Segundo bojo do Caldeirão dos Canoas I.	129
Figura 50: Caldeirão dos Canoas I.	130
Figura 51: Caldeirão dos Canoas II.	130
Figura 52: Percurso para os acessar os caldeirões dos Conoas (I, II) e Caldeirões do Rodrigues (I, II, III)	131
Figura 53: Caldeirão do Rodrigues I.	133

Figura 54: Caldeirões dos Rodrigues II, III.....	134
Figura 55: Acesso aos caldeirões do Rimualdo I e II.	136
Figura 56: Caldeirão do Rimualdo I.	137
Figura 57: Madeira utilizada como suporte para pegar água no caldeirão Rimualdo I.	138
Figura 58: Trajeto para chegar ao caldeirão do Rimualdo II	139
Figura 59: Caldeirão do Rimualdo II.....	140
Figura 60: Caldeirão das Bananeiras.....	141
Figura 61: Vestígio têxteis encontrado no Caldeirão das Bananeiras.....	142
Figura 62: Caldeirão do Amaro	144
Figura 63: Parte interna do caldeirão do Zé Nei.	145
Figura 64: Tronco escorado na parte externa do Caldeirão do Zé Ne	146
Figura 65: Caldeirão do Apertado.	148
Figura 66: Caldeirão da Cachoeira.	149
Figura 67: Caldeirão Pinga da Andorinha.	150
Figura 68 Caldeirão do Banho.	152
Figura 69: Cavidade na rocha, local por onde escorre a água e abastece o caldeirão do Banho	153
Figura 70: Cultura material do Caldeirão do Banho.	154
Figura 71: Cultura material encontrada no caldeirão do Banho.	155
Figura 72: Parede de cimento do caldeirão do Banho.	156
Figura 73 Mapa de localização do Caldeirão rochoso da localidade Barreirinho.	161
Figura 74: Caldeirão das Lavadeiras.	163
Figura 75 Mapa de localização dos caldeirões rochosos da localidade Limoeiro.	165
Figura 76 Caldeirão do Catuaba I	167
Figura 77: Caldeirão do Catuaba II.	168
Figura 78: Caldeirão do Catuaba III	169
Figura 79 Localização dos caldeirões rochosos da localidade Serrote.....	171
Figura 80: Caldeirão do Pedim.	175
Figura 81: Caldeirão do Pedim.	175
Figura 82 Caldeirão do Júlio	177
Figura 83 Vestígios têxteis encontrado no caldeirão do Júlio.	178

Figura 84: Sítio Toca da Janela da Barra do Antonião.	179
Figura 85 Escavação arqueológica no sítio Toca da Janela da Barra do Antonião.	180
Figura 86: Caldeirão da Ladeira ou Aldemar.	181
Figura 87 Caldeirão Tenente Luiz e Caldeirão do João Ventinha I.	184
Figura 88 Fragmento cerâmico encontrado nos caldeirões Tenente Luiz e caldeirão João Ventinha I.	185
Figura 89: Caldeirão da Grunga.	187
Figura 90: Caldeirão da Gameleira.	188
Figura 91 Caldeirão Do Chorão.	189
Figura 92: Caldeirão João Ventinha II.	191
Figura 93 Verificando a profundidade do Caldeirão do Litro	193
Figura 94: Sítio arqueológico Toca dos Crentes da Caieira do Adão.	195
Figura 95: Caldeirão das Moendas.	196
Figura 96: Caldeirão das Moendas.	197
Figura 97: Caldeirão do Gado.	198

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Questões a serem observadas em campo.	83
Tabela 2 Quantidade de caldeirões por localidade	199
Tabela 3 Nomes dos caldeirões e suas localidades.	200
Tabela 4 Numero de caldeirões por função.	202

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Quantidade caldeirões por localidade.	200
Gráfico 2 Quantidade de caldeirões por função.....	203

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	19
2.1	Contexto histórico das localidades: Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote	21
2.1.1	Sítio do Mocó	21
2.1.2	Barreirinho	27
2.1.3	Limoeiro	29
2.1.4	Serrote	32
3	CONTEXTO ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL	37
3.1	Pesquisas arqueológicas na região	37
3.2	Geologia	42
3.2.1	Hidrologia do Piauí	45
3.3	Água, seca no Nordeste e a Hidrologia do Piauí.....	47
4	METODOLOGIA	56
4.1	Metodologia de campo	56
4.2	Levantamento Bibliográfico.....	61
4.3	. Entrevistas	64
4.4	Prospecção.....	72
4.5	Memória e Patrimônio cultural	76
4.6	Carta arqueológica	78
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS.....	84
5.1	Caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó	84
5.1.1	Caldeirão do Gado.....	89
5.1.2	Caldeirão dos Porcos.....	93
5.1.3	Caldeirão da Bernardina ou do Zé Gregório	95

5.1.4	Caldeirão da Porta	100
5.1.5	Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto	105
5.1.6	Caldeirão do Inharé	107
5.1.7	Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha	108
5.1.8	Caldeirão da Demar ou Caldeirão do Francisco	111
5.1.9	Caldeirão dos Branquinho	114
5.1.10	Caldeirão dos Claros/ Domingos	117
5.1.11	Caldeirão da Porteira	120
5.1.12	Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem	122
5.1.13	Caldeirão da Escada (renomeado para Caldeirão da Geladeira)	124
5.1.14	Caldeirão dos Cambambá	126
5.1.15	Caldeirão dos Canoas (I e II)	128
5.1.16	Caldeirões do Rodrigues (I, II e III)	132
5.1.17	Caldeirão do Rimualdo (I e II)	134
5.1.18	Caldeirão das Bananeiras	140
5.1.19	Caldeirão do Amaro e Caldeirão do Zé Nei	143
5.1.20	Caldeirão do Apertado e Caldeirão da Cachoeira	146
5.1.21	Caldeirão da Pinga da Andorinha	150
5.1.22.	Caldeirão do Banho	151
5.2	Caldeirões rochosos da comunidade Barreirinho	157
5.2.1	Caldeirão das Lavadeiras	162
5.3	Caldeirões rochosos da localidade Limoeiro	164
5.3.1	Caldeirão do Catuaba I, II, III	166
5.4	Caldeirões rochosos da comunidade Serrote	170
5.4.1	Caldeirão do Pedim	174
5.4.2	Caldeirão do Júlio	176
5.4.3	Caldeirão da Chiquinha ou Toca da Janela da Barra do Antônio	178

5.4.4	Caldeirão da Ladeira ou Aldemar	181
5.4.5	Caldeirões Tenente Luiz e Caldeirão João Ventinha I.....	183
5.4.6	Caldeirão da Grunga e Caldeirão da Gameleira.....	186
5.4.7	Caldeirão do Chorão	189
5.4.8	Caldeirão do João Ventinha II	190
5.4.9	Caldeirão do Litro	192
5.4.10	Caldeirão Serrote dos Bodes ou Toca dos Crentes da Caieira do Adão 193	
5.4.11	Caldeirão Serrote das Moendas.....	195
5.4.12	Caldeirão do Gado.....	197
CONCLUSÃO		204
REFERÊNCIAS.....		207
ANEXO 1: Fichas dos caldeirões rochosos das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote.		216
ANEXO 2: Termos de autorização de imagem e dados etnográficos		367

1 INTRODUÇÃO

O desejo em estudar os caldeirões rochosos iniciou no momento da minha graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, no entanto na graduação, foi abordado apenas os caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó como locais de memória, já no momento da pós-graduação, o projeto de estudar os caldeirões rochosos, se expandiu para as comunidades Barreirinho, Limoeiro e Serrote.

Com isso, o intuito desta pesquisa foi de elaborar uma carta arqueológica sobre os caldeirões¹ rochosos das localidades citadas a cima que fazem parte do município de Coronel José Dias-PI, que estão inseridos no território do Parque Nacional Serra da Capivara ou no seu entorno. Segundo Juliani (apud Brochier. 2004, p.39) “A Carta Arqueológica, é um instrumento não apenas de elaboração de inventário e indícios, mas de análise e descrição do inventário e pesquisa, buscando a compreensão do estado de conservação dos traços de ocupação antrópica do território”.

O desejo em elaborar a carta arqueológicas desses caldeirões partiu do princípio que não havia outro trabalho relacionado a temática de carta arqueológica sobre os caldeirões rochosos da região de Coronel José Dias. Vale ressaltar que há uma carência de estudos referentes aos caldeirões rochosos dessa região, no entanto Felice (2006) aborda os recursos hídricos na Serra da Capivara, descrevendo quais são as principais bacias hidrográficas, e em minha pesquisa realizada anteriormente em 2021, abordo as narrativas relacionadas aos caldeirões rochosos existentes na comunidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias, na perspectiva de memória e patrimônio local da comunidade, trabalho esse intitulado “Fontes de vida, Sociabilidade e memória: Narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José Dias-PI” (2021).

Devido a carência e necessidade de desenvolver pesquisas arqueológicas na região de Coronel José Dias sobre o patrimônio local, vi uma oportunidade em mapear e evidenciar os caldeirões rochosos que tiveram uma grande influência para as comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote no quesito de

¹ Caldeirão rochoso são cavidades rochosas em que é possível acumular água da chuva.

sobrevivência e organização social, que foram identificados através dos relatos apresentados pelos colaboradores sobre como os mesmos utilizavam os caldeirões ao longo dos anos.

Devido a utilização das memórias dos nossos colaboradores que foram compartilhadas durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, é pertinente frisar que a elaboração da carta arqueológica apresentada nesta pesquisa foi construída baseada nos conceitos de memória e patrimônio.

Como discutido por Halbwachs (1990, p. 51), construímos nossas lembranças e representações sobre os fatos e objetos por intermédio das relações sociais e das memórias das pessoas que nos cercam. De acordo com Leal (2012) “A memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada indivíduo, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado”. Sendo assim, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências.

O conceito de Patrimônio Cultural pode ser abordado de diversas maneiras. Entre as definições, destaca-se a estabelecida pela Constituição Federal de 1988, que afirma:

Constituem Patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais são: I- as formas de expressões; II- os modos de criar, fazer e viver; III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados à manifestações artístico-culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Conforme descrito anteriormente, o Patrimônio Cultural engloba todos os bens, materiais e imateriais, pertencentes a indivíduos ou grupos, que representam sua identidade, ações e memórias, compondo, assim, a sociedade brasileira. Ao identificar o patrimônio cultural de um grupo, é possível compreender os elementos que os conectam e os fazem reconhecer-se como integrantes de um mesmo grupo social.

Mendes (2012), acredita que patrimônio cultural é um meio que o indivíduo encontra para se correlacionar um com o outro os tornando membros de um grupo através da identidade coletiva. Por tanto segundo (MENDES. 2012, p. 17) O patrimônio cultural gera e fomenta uma solidariedade orgânica entre os membros do corpo social, uma coesão ou convergência mental traduzida no sentimento de pertença a uma mesma comunidade – comunidade de origem, comunidade de destino.

Durante minha graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, participei de diversas discussões acadêmicas e consumi conteúdos relacionados ao tema do patrimônio cultural. Nesse contexto, mesmo diante de inúmeras críticas e questionamentos sobre o que caracteriza o patrimônio cultural, acredito que ele se define como os elementos de uma cultura que servem de referência para um grupo ou comunidade. Esses traços culturais, transmitidos através das gerações, não apenas preservam a identidade coletiva, mas também desempenham um papel essencial na história compartilhada desse grupo.

O objetivo geral deste trabalho foi identificar os caldeirões rochosos das comunidades previamente mencionadas, situadas no município de Coronel José Dias, tanto dentro do Parque Nacional Serra da Capivara quanto em seu entorno, para elaborar uma carta arqueológica. A partir dessa carta, foi desenvolvido um roteiro de visita turística aos locais. Os objetivos específicos incluíram a apresentação da localização desses espaços com o uso de georreferenciamento, além de investigar os usos e funções dos caldeirões rochosos.

Além deste texto introdutório, este trabalho está dividido em quatro capítulos, o primeiro capítulo aborda uma breve contextualização histórica das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, com o intuito de mostrar um pouco como esses locais tiveram seu desenvolvimento.

Já o segundo capítulo consiste na apresentação do contexto arqueológico e ambiental da região estudada, pois apesar de ser uma área com grande potencial arqueológico, as pesquisas publicadas relacionadas a temática ainda são poucas, porém foi possível identificar algumas produzidas nesse âmbito, nesse momento do trabalho são apresentadas pesquisas com temáticas relevantes que contextualizam e dialogam com minha pesquisa. Ainda nesse capítulo é apresentado o tópico da

geologia, que consiste na descrição da região em estudo através de suas características geológicas.

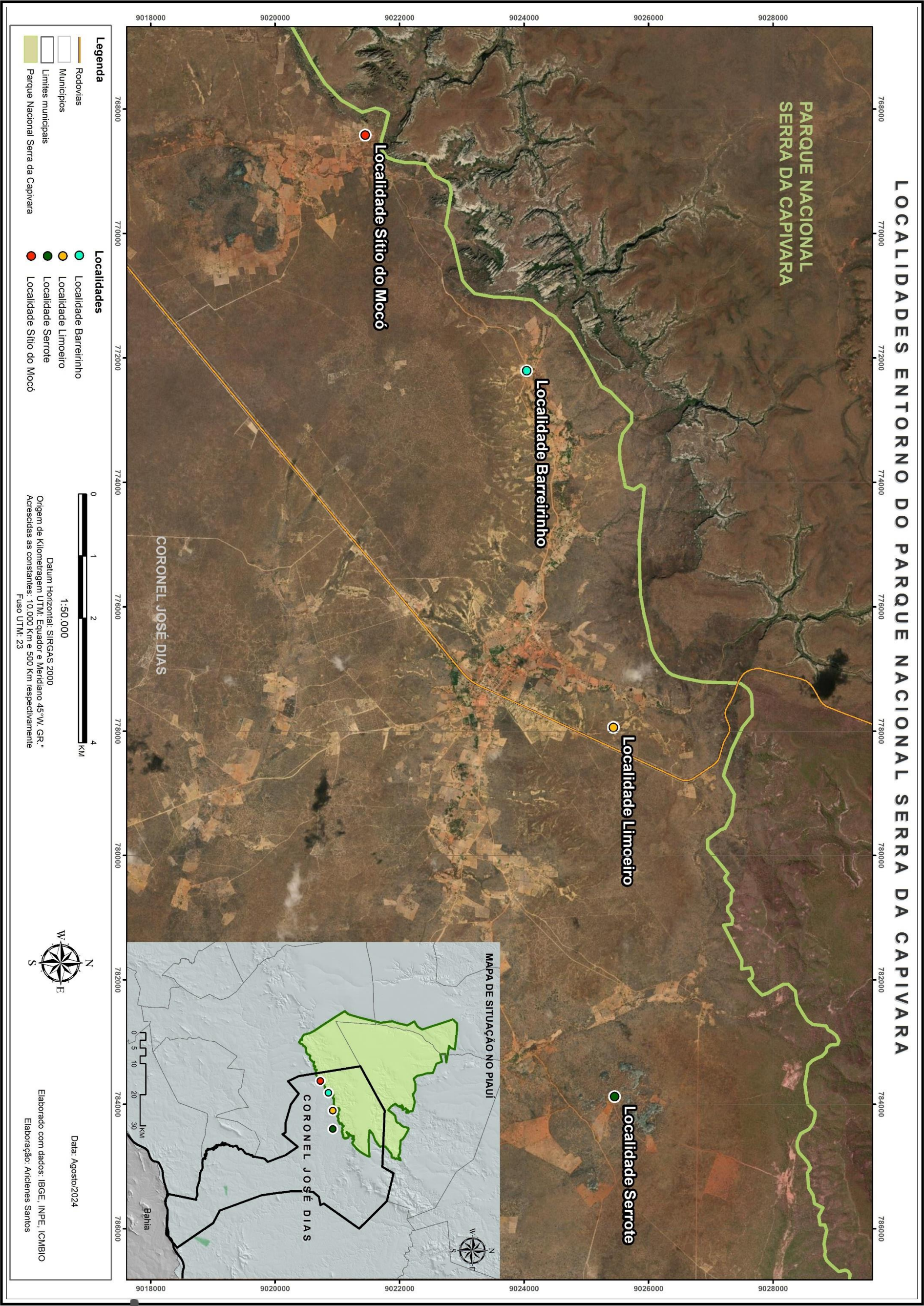
No terceiro capítulo apresento e desenvolvo os métodos utilizados na pesquisa, métodos selecionados para atender as necessidades e desafios na qual a pesquisa está sujeita, além das teorias que a embasam. Mostrando o quanto cada método foi importante para que se chegassem aos resultados obtidos nesse trabalho, tais como o levantamento bibliográfico, entrevista semiestruturada e prospecção oportunística e não interventiva que foram realizadas.

E por fim no quarto capítulo é apresentado e discutido os dados obtidos com a pesquisa, com subtópicos sobre os caldeirões das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote. Esse capítulo tem por objetivo expor os caldeirões que foram identificados durante essa pesquisa. Em seguida, é apresentado a conclusão do trabalho e as referências.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Nesse capítulo apresento um breve contexto histórico das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, com o intuito brevemente como esses locais tiveram seu desenvolvimento. É possível observar na figura 1 o mapa de localização das localidades abordadas na pesquisa, no território de Coronel José Dias bem como a delimitação do PARNA Serra da Capivara.

Figura 1: Mapa da localização do Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote.



2.1 Contexto histórico das localidades: Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote

As localidades aqui estudadas pertencem ao município de Coronel José Dias, que está localizado no semiárido nordestino, no sudeste Piauiense, e seu bioma é o da Caatinga, com uma área territorial de 1.915 km², representando assim 0,7244% do estado, 0,1172% da região e 0,0214 do território brasileiro. (RODRIGUES, 2011, p. 51). Devido a carência de documentação relacionado ao contexto histórico das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, busquei embasamento nos relatos dos nossos colaboradores para traçar o contexto histórico de cada comunidade aqui estudada.

O município de Coronel José Dias-PI, pertence ao domínio morfoclimático da caatinga, em uma região fronteiriça de duas grandes formações geológicas – a bacia sedimentar Maranhão-Piauí e a depressão periférica do rio São Francisco –, com vegetação e relevo diversificado e paisagens de beleza surpreendente, possui pontos de observação privilegiados de vales, serras e planícies. (NERES, 2011).

Ao longo das entrevistas, novas informações sobre como se deu o povoamento das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote foram aparecendo, podemos perceber que alguns fatores foram cruciais para que essas pessoas terem escolhido se fixarem nessas comunidades e como a criação do PARNA Serra da Capivara teve sua significância na forma de vida desses sertanejos.

2.1.1 Sítio do Mocó

Desde a minha graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, venho estudando os caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó. Ao longo dessa jornada, coletei dados que ajudaram a compreender como ocorreu o povoamento dessa comunidade em relação à presença e funcionalidade desses elementos geológicos.

Assim como nas demais comunidades analisadas neste trabalho, observa-se uma carência de documentação oficial sobre quem foram os primeiros habitantes da região após o extermínio dos povos indígenas e de onde migraram. Contudo, por meio das entrevistas realizadas, foi possível identificar relatos sobre um fluxo migratório de pessoas vindas de outros estados, além de uma significativa miscigenação com os povos indígenas, fatores que contribuíram para o povoamento das comunidades estudadas.

Durante a pesquisa realizada na comunidade Sítio do Mocó, foi possível identificar relatos de moradores que afirmam possuir ascendência indígena. Entretanto, ao serem questionados sobre o nome desses ancestrais indígenas, as pessoas não souberam fornecer informações precisas. Acredito que essa lacuna esteja relacionada ao preconceito histórico contra os povos indígenas, que durante muito tempo foram estigmatizados na cultura local. Lembro que, em minha infância, os mais velhos frequentemente se referiam aos indígenas como "caboclos", termo carregado de conotações negativas, associado a algo "selvagem", "ruim" ou "lúdico". Essa narrativa também era utilizada em histórias populares, como os relatos de "livusia".

Ao decorrer das entrevistas, foram relatados sobre a existência do "primeiro núcleo familiar" que adentrou na localidade Sítio do Mocó, composta por cinco pessoas: Aniceto e sua esposa Ana Joaquina; Antônio Pereira Lima e sua esposa Joana Damaceno Lima Paes e Vitalina irmã de Aniceto e Antônio.

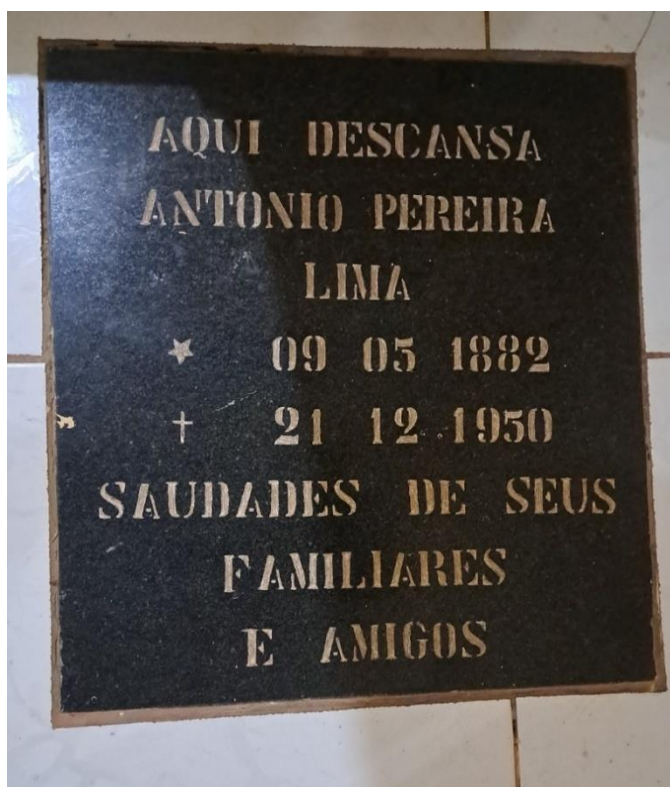
De acordo com a bisneta do Sr. Antônio Mocó, Mirelli Negreiros Araújo Landim, 26 anos (2023), relatou que apesar de não morar na localidade Sítio do Mocó, a história que vem sendo transmitida nas gerações sobre seus descendentes, é que seu bisavô Antônio foi um dos primeiros moradores da comunidade Sítio do Mocó, juntamente com sua esposa, irmãos e cunhada.

Mirelli Negreiros Araújo Landim, 26 anos (2023), afirmou que seu bisavô Antônio que assim que chegou na localidade Sítio do Mocó, se apropriando de terras que até então não tinham donos legalizados, a mesma relata que até os dias atuais, seus familiares mesmo não residindo na comunidade Sítio do Mocó, ainda são proprietários de algumas terras que foram herdadas de seu bisavô.

Em 2021 quando entrevistei meu bisavô Onofre de 96 anos, com intuito de colher informações para minha monografia, o mesmo relatou ter migrado da antiga comunidade Zabelê para a comunidade Sítio do Mocó com aproximadamente 9 anos de idade e que ao chegar no Sítio do Mocó, existiam aproximadamente dez residências e que uma dessas residências seria da família do S.r Antônio Mocó. Vale ressaltar que, a diferença de idade de Antônio Mocó e Onofre Bernardo era de quarenta e quatro anos de idade, visto que Onofre nasceu no ano de 1926 e Antônio nasceu em 1882. (Figura 2)

Além das datas citadas a cima, foi identificado uma gravura na rocha da Toca do Cruzeiro com uma data de 1931, com isso podemos estimar que as primeiras residências da comunidade foram construídas por volta do século XIX e XX. (SOUSA, 2021)

Figura 2: Placa do tumulo de Antônio Pereira Lima.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao tentar identificar outras datas como a placa do senhor Antônio Pereira, para embasar o contexto histórico dessa comunidade, procurei documentação na prefeitura da cidade de Coronel José Dias-PI, como também na igreja católica (ex: assinatura de casamento, batismo), no entanto não obtive quaisquer informações. Com desejo

de mais informações, me desloquei até o cemitério da comunidade Sítio do Mocó, porém os túmulos mais antigos não contêm mais identificações de quem estaria enterrado naquele local. (FIGURAS 3,4, 5)

Figura 3 Tumulo em cemitério do Sítio do Mocó.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Figura 4: Tumulo em cemitério do Sítio do Mocó.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Figura 5: Tumulo em cemitério do Sítio do Mocó.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Mirelli Negreiros, 26 anos (2023) relata que Antônio Mocó, foi casado com sua bisavó Joana Damaceno Lima Paes, conhecida por muitos como a Mãezinha devido sua bondade com os demais integrantes da comunidade. Outros personagens foram citados anteriormente na minha pesquisa de monografia (Sousa, 2021), tais como Aniceto: Aniceto foi irmão de Antônio Mocó e de acordo com Jessean Paes Barbosa Santana, 30 anos (2023), seu avô Antônio o relatou que era neto de Aniceto e sua avó e esposa de Aniceto se chamava Ana Joaquina e que além de Antônio Pereira Lima, Aniceto tinha uma irmã chamada Vitalina que foi morar na Fazenda Esperança que fica na atual comunidade Barreirinho.

De acordo com os relatos colhidos na comunidade Sítio do Mocó, atualmente existe uma igreja na comunidade que foi idealizada e construída por Antônio Mocó, anterior a isso, há relatos referentes a Toca do Cruzeiro, local sagrado. Segundo Sousa (2019), foi idealizado e instalado a partir de uma promessa religiosa que Aniceto teria feito para que seu filho voltasse com vida para sua comunidade depois de lutar na guerra Pau de Colher ² que estava acontecendo na divisa do Piauí com a Bahia em 1938.

Quando relacionamos os primeiros moradores dessa comunidade com os caldeirões rochosos da área, podemos perceber a importância e sua funcionalidade. Como evidenciado anteriormente em minha pesquisa na monografia, na comunidade Sítio do Mocó, há caldeirões que foram descobertos por Aniceto e Antônio Mocó seu irmão (SOUSA, 2021). Conforme iam se apropriando de terras que até então não tinham proprietários legais, ao explorá-las foram identificando algumas cavidades na rocha que acumulavam água, visto isso, os irmãos fizeram a retirada do sedimento e descobriram tais caldeirões. (SOUSA, 2021)

Os caldeirões rochosos desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da localidade Sítio do Mocó. Além de fornecerem água para consumo e tarefas domésticas, os caldeirões foram essenciais para a agricultura, que era a principal fonte de sobrevivência da comunidade.

²https://www.researchgate.net/publication/351078463_80_anos_da_guerra_do_Pau_de_Colher

A relação entre os caldeirões rochosos e o modo de vida dos moradores é evidente. A água acumulada nesses reservatórios naturais era a principal fonte utilizada na construção das residências, desde a produção dos tijolos de adobe até a finalização completa das moradias. Além disso, essa água também era indispensável para as atividades agrícolas e o trabalho no campo, que sustentavam a economia local (SOUSA, 2021).

Com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, o modo de subsistência dos moradores do Sítio do Mocó diversificou, proporcionando melhorias significativas na qualidade de vida da população. Atualmente, a localidade é uma das principais entradas para o Parque, o que resultou em um aumento constante no fluxo de turistas. Esse cenário abriu novas oportunidades de geração de renda para os moradores.

Hoje, além dos funcionários que trabalham diretamente no parque, a comunidade conta com pousadas, restaurantes, clubes recreativos, artesãos, guias turísticos e profissionais formados em diversas áreas, como enfermagem, geografia, pedagogia, ciências da natureza, química e arqueologia, incluindo pós-graduados nessa última área.

Embora o Parque Nacional Serra da Capivara tenha sido fundamental para o desenvolvimento e expansão da localidade, é imprescindível reconhecer a relevância histórica e funcional dos caldeirões rochosos. Esses elementos naturais foram essenciais para a construção das residências e o progresso inicial da comunidade, destacando sua importância na trajetória do Sítio do Mocó.

2.1.2 Barreirinho

Devido ao conflito ocorrido entre alguns integrantes da comunidade Barreirinho e o Parque Nacional Serra da Capivara, relacionado a atividades ilegais de caça no passado recente, os moradores da comunidade preferiram não participar das entrevistas. No entanto, o membro mais idoso, o Sr. Manoel Lourenço de Araújo, de 98 anos, apesar de sua idade avançada, se dispôs a compartilhar algumas de suas vivências ao longo da vida.

Sr. Manoel relatou que nasceu na comunidade do antigo Zabelê. Entretanto, devido à escassez ou ausência de fontes de água disponíveis para a sobrevivência, ele e outros moradores eram obrigados a buscar água em um caldeirão rochoso

localizado na área que atualmente corresponde à comunidade Barreirinho. Questionado sobre o motivo da mudança para essa região, ele explicou que a decisão foi impulsionada pela criação do Parque Nacional Serra da Capivara e pela obrigatoriedade de desapropriação da área onde residiam.

Com o conhecimento da existência de água na comunidade Barreirinho, algumas pessoas decidiram se estabelecer ali, enquanto outras migraram para diferentes localidades, como o Sítio do Mocó e São Raimundo Nonato-PI.

Marildes Sousa. 2023: O senhor sempre morou aqui no Barreirinho?

Manoel Lourenço de Araújo, 98 anos. 2023: Eu morei no Zabelê e vim embora e agora eu moro é aqui.

Marildes Sousa. 2023: Por que as pessoas pararam de pegar água nesses caldeirões?

Manoel Lourenço de Araújo, 98 anos. 2023: Porque vieram embora para cá e saíram tudo de lá (antigo Zabelê), a Doutora (Niède Guidon) tirou tudo mundo de lá, mas lá no Sítio do Mocó deve morar gente lá do Zabelê.

Observa-se que, assim como no Sítio do Mocó, também ocorreu a migração de pessoas do Zabelê para o Barreirinho, e até mesmo do Sítio do Mocó para o Barreirinho. Isso é corroborado pelo relato do colaborador Jessean Paes Barbosa Santana, 30 anos (2023), que mencionou a mudança de Vitalina para uma fazenda localizada no Barreirinho. Contudo, não foi possível identificar o motivo específico dessa migração.

Atualmente, a localidade do Barreirinho conta com aproximadamente vinte residências situadas às margens da rodovia que conecta o Sítio do Mocó à sede do município de Coronel José Dias-PI. Além das moradias, há duas pousadas turísticas e uma fábrica de cerâmica, aproveitando a proximidade com o Parque Nacional Serra da Capivara. Próximo à rodovia, também foram identificadas casas abandonadas, construídas de adobe, e um pequeno cemitério.

No passado recente, os moradores da localidade Barreirinho dependiam, em grande parte, da agricultura de subsistência e da caça no território do Parque Nacional Serra da Capivara para garantir sua sobrevivência. Essa prática de caça foi um dos fatores que geraram resistência dos moradores em participar da pesquisa. No entanto, atualmente, a atividade de caça foi extinta devido à regulamentação e à criação de novas oportunidades de trabalho proporcionadas pelo parque.

Com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, muitos moradores encontraram novas formas de subsistência. Alguns passaram a trabalhar diretamente no parque, enquanto outros se tornaram artesãos e, atualmente, integram a equipe da Fábrica de Cerâmica Serra da Capivara.

A trajetória de resistência e sobrevivência das comunidades do semiárido nordestino — Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote — evidencia a importância dos caldeirões rochosos naturais. Em meio à escassez de água característica da região, esses reservatórios naturais foram fundamentais para a sobrevivência das populações sertanejas, proporcionando uma alternativa viável em um ambiente desafiador.

2.1.3 Limoeiro

Já na comunidade Limoeiro, os seus atuais moradores afirmam que vieram da comunidade Olho d'água em João Costa-PI, devido a área ter sido transformada em Parque Nacional Serra da Capivara. O contexto Histórico da comunidade Limoeiro contém algumas camadas entre ir e vir, onde os familiares que atualmente residem no local, relataram que são naturais da comunidade Olho d'água em João Costa-PI e que foram morar em Limoeiro quando crianças.

Os colaboradores relataram em entrevista, que moravam na comunidade Olho d'água na cidade de João Costa, no entanto devido o Olho d'água fazer parte da área do PARNA Serra da Capivara, a população que lá habitava, teria que ser realocada, visto isso, as pessoas passaram a residir na comunidade Limoeiro em Coronel José Dias, no entanto essa área também estava cotada para fazer parte do PARNA e mais uma vez as pessoas tiveram que abandonar suas residências.

Ao passar dos anos, a indenização dada por lei de desapropriação, segundo nossos colaboradores, não foi repassada para alguns desses proprietários de terra até o ano de 2023, com isso as pessoas começaram a retornar para a comunidade Limoeiro em Coronel José Dias e habitar suas antigas terras. (FIGURA 6).

Atualmente residem apenas quatro grupos familiares no local, devido questões jurídicas envolvendo indenizações que não foram devidamente repassadas para

esses moradores. De acordo com um de nossos entrevistados Carlito Paes Dias, 53 anos. 2023, a comunidade Limoeiro de início estava incluída na poligonal que seria do Parque Nacional Serra da Capivara, no entanto as pessoas que ali possuíam terras, não chegaram a receber a indenização. Podemos perceber também, a ligação familiar daqueles que estão voltando a morar na comunidade Limoeiro.

Dando continuidade ao relato sobre o retorno de grupos familiares à localidade Limoeiro, apresento a seguir uma breve descrição das pessoas que retomaram suas atividades ou fixaram residência no local.

O Sr. Carlito Paes Dias, 53 anos (2023), informou, durante a entrevista, que tem retornado gradualmente à localidade. Ele passa os dias trabalhando na agricultura em suas terras no Limoeiro, mas ao final da tarde retorna à cidade de São Raimundo Nonato, onde sua família reside. Seu objetivo é, eventualmente, estabelecer-se permanentemente na comunidade.

O Sr. José Heli, 60 anos (2023), mora no centro da cidade de Coronel José Dias, mas dedica seus dias à agricultura em sua propriedade no Limoeiro. Durante a entrevista, ele mencionou que está reformando sua residência na comunidade e que, ao final da reforma, pretende mudar-se definitivamente para o local.

A Sra. Vanuza Vieira Conceição, 67 anos (2023), vive integralmente no Limoeiro, juntamente com seu filho Reinaldo Vieira da Silva, de 36 anos (2023). A Sra. Vanuza, aposentada como trabalhadora rural, complementa sua renda com a agricultura realizada por seu filho Reinaldo, que atua na propriedade da família.

Durante as visitas à localidade, foi identificada uma quarta residência aparentemente habitada. Apesar de tentativas de contato, não foi possível interagir diretamente com os moradores. Segundo relatos dos demais habitantes, a Sra. Maria, proprietária dessa residência, trabalha como agricultora. Ela cultiva frutas em sua propriedade no Limoeiro e viaja diariamente para a cidade de São Raimundo Nonato, onde comercializa seus produtos.

Lá (Olho d'água) não tem mais ninguém, depois que a doutora (Niède Guidon) entrou, saiu todo mundo de lá e ficou tudo parque. Aqui (Limoeiro) não tá dentro do parque. Aquela 020 é a entrada do Olho d'água, nós caminhávamos por ali. (VANUZA VIEIRA CONCEIÇÃO, 67. 2023)

Marildes: O senhor tem algum parentesco com o senhor Reinaldo³? Carlito: O pai dele é sobrinho do meu avô. (CARLITO PAES DIAS DE 53 ANOS. 2023)

Marildes: Qual a ligação de parentesco que o Sr José Heli tem com o Sr. Carlito? José Heli: A minha esposa é prima do Carlito. (JOSÉ HELI, 60 ANOS. 2023)

Eu fico em São Raimundo, mas venho aqui todo dia. A minha vontade é ficar aqui, comprei ali a propriedade dos meus tios, coloquei uns bichos para cuidar. A minha vontade é ficar aqui, porque eu gosto de mais daqui minha história é aqui. Tem uma parte da casa que caiu, (Figura 6) essa parte aqui eu quero conservar e o povo me chamando de doido e mandando eu fazer outra casinha do lado e eu disse que não, porque para mim só serve se for essa. Eu descobri que essa parte⁴ foi feita por meu bisavô e a outra parte foi por meu avô. (CARLITO PAES DIAS DE 53 ANOS. 2023)

Figura 6: Antiga casa do bisavô do Sr. Carlito na comunidade Limoeiro.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Carlito: Outra coisa que descobri, foi que minha avó foi pegada índia no laço, e uma coisa que vocês não sabem é que aqui tem uma bela tribo indígena espiritual que mora aqui nessa área, é por isso que aqui não é todo mundo que entra (*gargalhadas*).

Marildes Sousa: Você sabe qual é o grupo indígena?

Carlito: São sei, só sei que tem uma tribo, porque já foi me dito. (CARLITO PAES DIAS, 53 ANOS .2023)

³Colaborador entrevistado e membro da comunidade Limoeiro.

⁴ Parte referente ao lado da casa que foi construída

Como podemos ver através do relato a cima, assim como no Sítio do Mocó, na comunidade Limoeiro também há relatos referente aos indígenas na região, porém não se sabe os respectivos nomes dos mesmos.

2.1.4 Serrote

Assim como as demais localidades, não foi possível identificar o porquê dos nomes das localidades e nem quem teria sido os primeiros moradores depois dos indígenas, com exceção do Sítio do Mocó.

Devido a localidade ter poucos moradores e alguns desses moradores já tiveram algum conflito com a gestão do Parna Serra da Capivara no passado, apenas a Sra. Aster do Nascimento, 87 anos; seu filho José Pedro do Nascimento, 61 anos (atualmente trabalha como jardineiro e mora no centro de Coronel José Dias, no entanto no período que morava na localidade Serrote, trabalhou com a agricultura e produção de cal); Erisvaldo Silva do Nascimento, 39 anos (filho do sr. Pedro e morador da localidade Serrote, trabalha em uma empresa de granja na cidade de Coronel José Dias, no entanto já trabalhou com a produção de cal) e o sr. Afonso Pereira, 68 anos (reside na localidade Baixa da queda, no entanto devido ter nos apresentados os demais colaboradores e também utilizou por muito tempo os caldeirões rochosos da localidade Serrote no período que trabalhou na lida de produção de cal) concordaram em participarem da pesquisa como colaboradores.

Sra. Aster do Nascimento de 87 anos (2023), aposentada, porém trabalhou quase sua vida todo como agricultora, tem origem pernambucana, quando pequena passou a morar na comunidade Serrote em Coronel José Dias-PI, devido seu pai e sua mãe serem contratados para trabalharem na fazenda de João Carolino. Com o passar do tempo, seus pais compraram uma pequena terra para permanecerem na localidade Serrote.

A seguir apresento a (Figura7), que de acordo com o Sr. Pedro (2023), o mesmo afirma ao longo da prospecção, que a casa da (Figura7), foi a primeira casa que sua mãe Aster e seu tio Júlio moraram com seus pais quando passaram a residir na comunidade Serrote e que a mesma possui aproximadamente 78 anos que foi construída.

Figura 7: Antiga casa de Taipa da família da Sra. Aster do Nascimento.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

De acordo com a entrevista da sra. Aster, a mesma acredita que o sr. João Carolino teria sido um dos primeiros moradores da localidade Serrote, depois dos indígenas.

Quando a gente comprou já era uma propriedadizinha de outra pessoa, aí minha mãe comprou. A gente morava em outro interior acho que de Pernambuco, não sei de onde é, só ouvi minha mãe falar. ASTER DO NASCIMENTO, 87 ANOS, 2023).

Marildes Sousa: A senhora lembra de quem era essa terra antes de sua mãe comprar?

Era do João Carolino, ele era um veinho mas não sei se ele toda vida era daqui. Meus pais vieram no tempo que surgiu um serviço pela maniçoba aí meu avô veio e achou bom o dono da propriedade que deu uma vaquinha. (ASTER DO NASCIMENTO, 87 ANOS, 2023).

Olha, minha mãe está com oitenta e oito anos e quando ela chegou naquela região na década de quarenta, ela era menina nova, esses caldeirões já existiam e tinha o caldeirão que é o do Júlio era nativo(*natural*), coisa da natureza e não foi ninguém que fez. Na verdade, ali era uma região que nem

morava gente quando eles chegaram lá no Serrote, isso foi em quarenta e sete, então eles já encontraram alguns desses caldeirões, outros eles foram fazendo com o passar do tempo. Tinha muitas fenas ⁵ grandes na pedra e eles iam abrindo espaço para as águas, mas alguns caldeirões já existiam porque isso é muito natural. (JOSÉ PEDRO DO NASCIMENTO, 61 ANOS, 2023)

Ao conversar com os colaboradores da localidade Serrote, tornou-se evidente a luta diária dos moradores para sobreviver nas condições adversas do sertão. A Sra. Aster (2023) relatou que, nos anos 1940, quando chegou à localidade, a principal atividade de subsistência era a extração de maniçoba.

Conforme Paes (2011), com a desvalorização do preço da borracha, ocorreu, entre 1944 e 1960, a transição para novas atividades econômicas, como o cultivo de fumo. Essa mudança trouxe destaque também para a produção de algodão (*Gossypium hirsutum*), mamona (*Ricinus communis* L.) e fumo (*Nicotina tabacum*), que foram fundamentais para a economia local (RODRIGUES, 2011, p. 50).

Posteriormente, uma nova atividade ganhou expressão na região: a extração de calcário, utilizado na produção de cal para a construção civil. Apesar de ilegal, essa prática movimentava a economia local, mas era considerada escravista devido às condições de trabalho e remuneração dos trabalhadores (Rodrigues, 2011). Segundo Castro (2017), no município de Coronel José Dias, a produção de cal para exportação começou por volta da década de 1950, utilizando rochas calcárias extraídas em caieiras apropriadas.

O colaborador Sr. José Pedro do Nascimento, 61 anos (2023), relatou que a produção de cal na comunidade Serrote se encerrou por volta de 1990. O motivo principal foi o impacto ambiental gerado pela atividade, que danificou pinturas rupestres nas rochas próximas às caieiras, levando à interrupção dessa prática.

Atividade de caieira foi parado porque as pessoas sem ter conhecimento estavam destruindo muitas pinturas rupestre, na época as pessoas diziam que aqui tem umas pinturas que os índios fizeram, mas ninguém sabia a utilidade e importância daquelas pinturas e por não ter conhecimento, acabavam destruindo. Foi um trabalho que ele merecia ter parado e nós devemos isso a quem? A visão da doutora Niède que chegou nessa região e que trouxe esse conhecimento tão vasto para todo mundo! Hoje é diferente, nós já sabemos a utilidade e agora nosso trabalho é preservar. A criação do parque foi muito gratificante, essa interferência foi boa porque ela trouxe muito conhecimento para as pessoas, as pessoas foram vendo que existia outro caminho para viver sem agredir o meio ambiente. (JOSÉ PEDRO DO NASCIMENTO, 61 ANOS. 2023)

⁵ Forma popular para se referir a Fenda que é uma abertura estreita e alongada.

Quando falamos do contexto histórico da comunidade Serrote e relacionamos com os caldeirões rochosos, podemos perceber ao longo das entrevistas realizadas com os colaboradores da localidade Serrote (2023), que de fatos a produção de cal e os fornos de caieiras era a fonte principal de renda dos grupos familiares da localidade e região até 1990, e que os caldeirões rochosos, eram a principal fonte de água para os trabalhadores, visto que as águas dos caldeirões rochosos eram utilizadas para saciar a sede e construir o forno de cal. (FIGURA 8)

Na época servia para as pessoas beberem; lavar roupa e dar água para os animais e no trabalho das caieiras, eles também usavam para beber. ERISVALDO SILVA NASCIMENTO, 39 ANOS, trecho retirado de uma entrevista, 2023)

Lá existia o trabalho das caieiras e muitas pessoas daqui foram trabalhar lá e acabavam colocando nomes populares por ser o local que as pessoas pegavam muita água e ficava ali vivendo o dia a dia. (JOSÉ PEDRO DO NASCIMENTO, 61 ANOS, 2023)

Figura 8: Caieiras- forno de cal.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao visitar a localidade Serrote, observei que o modo de vida dos moradores da localidade Serrote ainda permanece simples, que além das residências estarem distantes uma da outra, aproximadamente setecentos metros a um quilômetro, o padrão estético na parte externas das residências, consiste em ter cercas de arame com madeira, algumas das residências foram feitas de adobe, na parte do quintal foi observado a existência de cisternas adquiridas em programas de governo, como

também jiraus⁶ feito de madeira com alguns utensílios domésticos (pratos, copos e panelas).

Atualmente a maioria das pessoas que residem na localidade Serrote são pequenos agricultores e pecuaristas, no entanto devido a problemas climáticos e de grandes períodos de estiagem, os caldeirões rochosos ainda estão sendo utilizados para saciar a sede dos animais domésticos.

⁶Armação feita com varas ou pedaços de madeira, usada como cama, depósito de objetos domésticos, etc. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/jirau#:~:text=arma%C3%A7%C3%A3o%20feita%20com%20varas%20ou,dep%C3%B3sito%20de%20objetos%20dom%C3%A9sticos%2C%20etc.>

3 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL

No presente capítulo, é abordado o contexto arqueológico e ambiental da área aqui estudado, onde é apresentado trabalhos e pesquisas realizadas na região, que dialogam de alguma forma com os caldeirões rochosos dessa pesquisa.

Santos (2012) explica que, ao se tratar de uma pesquisa, é considerável se fazer um levantamento bibliográfico relacional ao tema da pesquisa. Visto isso, busquei adentrar a leituras que fossem relevantes para a área do meu objeto de estudo. Assim, segundo Galvão (2010) fazer um levantamento bibliográfico para fins técnicos-científicos, nos possibilita compreender a história e os espaços que a humanidade construiu

Por meio de um levantamento bibliográfico não se pretende encontrar milhões de textos sobre um conceito genérico, mas encontrar informação precisa e relevante relacionada a um tema de pesquisa, em quantidade razoável a fim de que possa ser lida e analisada durante parte do tempo de realização de uma pesquisa. (GALVÃO. 2010, p. 3)

As pesquisas citadas a seguir, mostram o quanto a área de estudo possui muitas possibilidades de estudos, envolvendo a Arqueologia, tanto na perspectiva da Arqueologia pré-colonial quanto colonial.

3.1 Pesquisas arqueológicas na região

Apesar da região ser uma área com grande potencial arqueológico, as pesquisas publicadas relacionados a temática ainda são poucas, no entanto foi possível identificar algumas pesquisas que estão associadas aos caldeirões rochosos e as comunidades aqui estudadas.

Apresento alguns trabalhos com temas relevantes que contextualizam e dialogam com minha pesquisa, são trabalhos que se encontram nos formatos de

artigos, monografias, dissertações, relatórios técnicos de arqueologia e Tese de doutorado.

Vale salientar que as primeiras pesquisas arqueológicas na região da Serra da Capivara foram realizadas pela arqueóloga Dr^a Niede Guidon e as primeiras descobertas arqueológicas na região ocorreram na década de 70, um de seus trabalhos publicados está relacionada a pesquisa realizadas na Toca das Moendas localizada na localidade Serrote, município de Coronel José Dias. Guidon et al. (2009), publicou os primeiros resultados referentes a pesquisa da escavação do sítio arqueológico Toca das Moendas no Piauí, no presente trabalho, os autores descrevem as características da área de calcário presente na comunidade Serrote como também como se deu a escavação do sítio arqueológico e seu resultado parcial. O sítio arqueológico em questão, foi dividido em setores para um maior entendimento de localização da área. De acordo com os pesquisadores, durante a primeira campanha os resultados forneceram interessantes dados sobre a paleo-fauna relacionada com os vestígios arqueológicos e foram resgatados ossos da paleo-fauna, material lítico, cerâmica e esqueletos humanos. O ambiente de caverna propiciou uma fossilização tanto de ossos humanos, como de ossos da paleofauna, permitindo indicar uma contemporaneidade entre os mesmos.

Negreiros (2011) desenvolveu a pesquisa intitulada “Zooarqueologia da Toca da Janela da Barra do Antonião, Coronel José Dias - PI proposta de análise”, o autor, buscou contribuir para o entendimento e importância que a zooarqueologia tem para interpretar e desvendar as relações que acontecia entre o ser humano e o meio ambiente que o mesmo habitava, dando assim ênfase aos restos faunísticos encontrados dos sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara, como também do sítio Toca da Janela da Barra do Antonião que está localizado próximo a comunidade Serrote. Vale ressaltar que o local do referente sítio, em um passado mais recente, foi utilizado por moradores da comunidade Serrote, pois segundo moradores, o mesmo existia um caldeirão rochoso, onde recebeu o nome de caldeirão da Chiquinha por moradores da região.

Santos (2012), em sua pesquisa de dissertação de mestrado “A jazida arqueológico-paleontológica Toca da Janela da Barra do Antonião. Estratigrafia e Indústria Lítica”, aborda as pesquisas arqueológicas relacionadas com a pré-históricas Sul-Americano, além do contexto arqueológico, o autor expõe questões sobre a

geologia, geomorfologia, vegetação, hidrologia e clima da região do PARNA Serra da Capivara, vale ressaltar que o sítio Toca da Janela da Barra do Antonião, está localizado em uma das áreas de estudo da minha pesquisa. Santos (2012), aponta dados interessantes sobre as escavações que aconteceram no sítio arqueológico Toca da Janela da Barra do Antonião durante quatro campanhas da missão Franco Brasileira nos anos de 1986, 1988, 1989, 1990, onde foram encontradas peças líticas, carvão, cerâmica, fósseis humano e da megafauna pleistocênica.

Segundo Rodrigues (2011) entre as pesquisas realizadas no município de Coronel José Dias-PI, temos em destaque o sítio arqueológico Boqueirão da Pedra Furada, que foi o primeiro sítio escavado e que foram realizadas várias datações cronológicas, com carvões que foram datados indicando uma ocupação humana desde o período Pleistocênico superior, onde é possível observar neste sítio mais de mil pinturas rupestres expostas em 70 metros de parede. Vale destacar que, o sítio arqueológico Boqueirão da Pedra furada, está próximo de alguns dos caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó, tais como caldeirão da Mãe Ana e caldeirão dos Cambambas.

Temos ainda o artigo de Ribeiro et al (2014) intitulado “Retalhos históricos e detalhes arquitetônicos da fazenda Água Verde” que faz um trabalho de identificação e análise da residência da Fazenda Água Verde busca-se fragmentos historiográficos desse local, é apresentado ainda sua localização e configurações arquitetônicas. Trata-se de uma fazenda que passa pelo período Jesuíta e chega à guerra de conquista contra os indígenas. Ao longo de sua existência, pertenceu a muitos proprietários dentre os quais se destaca o capitão Thomaz Gonçalves de Assis, vulgo Capitão Tomazinho. Segundo Ribeiro et al (2014) O registro mais antigo de que se tem conhecimento remete a Fazenda Água Verde à primeira metade do século XVIII, quando ela se atrelava ao conjunto dos bens da Companhia de Jesus por uma doação de Martinho Soares.

Temos ainda a pesquisa de mestrado de Rodrigues (2011) intitulada “Parque Nacional Serra da Capivara e comunidade: Educação, Preservação e Fruição Social um estudo de caso em Coronel José Dias, Piauí- Brasil”. Autora apresenta uma abordagem sobre a relação das comunidades de Coronel José Dias-PI com o Parque Nacional Serra da Capivara em uma perspectiva da valorização e fruição social; buscou em seu trabalho identificar como as comunidades e Parque nacional Serra da

Capivara se correlacionam em uma perspectiva de valorização da preservação, como também entender como se dá a fruição social, apresentando também os projetos sociais educativos que foram desenvolvidos na região de Coronel José Dias pelos órgãos gestores Parque e poder público municipal com intuito de contribuir para uma aproximação das comunidades ao seu patrimônio através de seu reconhecimento e apropriação consciente.

Paes (2021) em seu artigo, apresenta narrativas das memórias, como também arquivo documental que foi escrito por moradores do bairro São Pedro, na qual a pesquisadora busca enfatizar quais foram as atividades socioeconômicas que garantiam a sobrevivência, como também as relações e os conflitos que estavam acontecendo nesse grupo social em meados do século XX e como essas relações influenciaram na história da formação do município de Coronel José Dias; o trabalho de Paes, aborda parte da história de São Pedro, uma localidade do município de Coronel José Dias - PI, considerada como o primeiro bairro e centro comercial, quando ainda se chamava Vila de Várzea Grande e era pertencente a São Raimundo Nonato - PI.

Paes (2011) apresenta em seu trabalho de monografia as edificações que remetem ao período em que a cidade de Coronel José Dias-Pi se originou, destacando as primeiras edificações do local que antes era conhecido com antiga Rua Velha, onde hoje é o Bairro mais antigo da Cidade, chamado de São Pedro. Paes (2011) relata que o interesse da pesquisa, foi o de agregar valores a essas edificações em uma perspectiva de patrimônio local, onde os moradores dessa cidade possam elencarem essas edificações a sua identidade enquanto Coronelinos.

Castro (2017); apresenta um trabalho de monografia sobre prospecção na área da arqueológica histórica realizada na localidade Serrote no município de Coronel José Dias, para identificar e compreender os possíveis Sítios arqueológicos pertinente ao trabalho das caieiras, como também a produção de cal da região. Essa pesquisa teve como metodologia o levantamento bibliográfico, prospecção arqueológica de superfície, História oral e a análise dos vestígios arqueológicos encontrados nos locais da pesquisa.

Sousa (2005) com sua dissertação de mestrado intitulado Imaginário social de semi-árido e o processo de construção de saberes ambientais: o caso do município de Coronel José Dias– Piauí, apresenta resultado obtido a partir das expressões orais

e gráfica que estão relacionadas ao imaginário social da população de município de Coronel José Dias-PI. Esse trabalho teve como objetivo analisar o imaginário social que norteia as relações natureza/cultura, nas suas dimensões éticas, simbólicas e práticas. Conhecendo dessa forma o modo de vida camponesa através de seus saberes e práticas culturais.

Sousa (2019) apresenta em sua pesquisa de monografia o Sítio Arqueológico Toca do Cruzeiro, onde o mesmo está localizado na localidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias-PI, um trabalho que destaca o Patrimônio Cultural local em uma vertente voltada para o simbolismo da fé que está materializada nos ex-votos que foram ofertados e depositados no local por religiosos da comunidade e região. Esse estudo apresenta o discurso dos moradores da comunidade em relação a Toca do Cruzeiro e os artefatos que se encontram nesse espaço. Mostra também o quanto esse local é considerado referência para os moradores, na qual os mesmos demonstram em suas falas a importância do local para a religiosidade da comunidade.

Sousa (2023), em mais um trabalho tendo A Toca do Cruzeiro como um dos locais de sua pesquisa de dissertação intitulada “A FÉ ESCULPIDA: Inventário dos Ex-Votos em madeira do Santuário do Senhor do Bonfim em Dirceu Arcoverde-PI e da Toca do Cruzeiro em Coronel José Dias-PI” onde a autora aborda além da Toca do Cruzeiro o Santuário do Senhor do Bonfim, em sua pesquisa Sousa (2023) identificou a características similares e também a variedade entre as técnicas de produção dos ex-votos desses dois espaços religiosos, produzindo dessa forma um inventário sobre todas as técnicas de produção dos ex-votos de madeira existentes até então nos locais . A metodologia utilizada para classificação dos ex-votos foi a análise das técnicas de produção dos acabamentos e na morfologia dos objetos.

Não poderia deixar de citar minha pesquisa de monografia defendida no ano de 2021, intitulada de “FONTES DE VIDA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA: Narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José Dias-PI” (Sousa, 2021), onde abordei as narrativas relacionadas aos caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias-PI como sendo patrimônio cultural local para essa comunidade, percebendo também a influência que o Parque Nacional Serra da Capivara teve no modo de vida dessa comunidade. Nessa pesquisa busquei apresentar a relação dos caldeirões com os moradores da comunidade Sítio do Mocó e quais eram as atividades realizadas nesses locais que serviam tanto para o sanar a

necessidade do abastecimento de água da comunidade quanto para o lazer, pois, ao mesmo tempo que alguns dos caldeirões serviam para o abastecimento, eram também vivenciados momentos de descontração e interação entre os moradores locais.

3.2 Geologia

Para embasar esta pesquisa, se faz necessário adotar alguns conceitos, visto isso, buscamos trazer o conceito de geoambiental, que surgiu da necessidade da instituição *Union of Geological Sciences– IUGS* em criar um termo capaz de atender aos profissionais que trabalham com as geociências no meio ambiente, tal estudo tem como característica apresentar informações relacionadas ao meio ambiente. Assim sendo, tem como foco, através da identificação da qualidade e do potencial natural que os terrenos possivelmente podem apresentar (SILVA e DANTAS, 2010, p. 02).

Essa atuação contempla aplicações dos conhecimentos técnicos do meio físico aos diversos instrumentos e mecanismos de gestão ambiental, utilizando a cartografia, que inclui o uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e de bancos de dados. Portanto, a incorporação do termo geoambiental amplia o campo de atuação profissional e favorece a integração de especialistas e de experiências de áreas afins (SILVA e DANTAS, 2010, p. 02).

As principais características geoambientais apresentadas nesta pesquisa referem-se as comunidades Sítio do Mocó; Barreirinho; Limoeiro e Serrote do município de Coronel José Dias⁷ assim, segundo dados do projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, corresponde a uma área de 1789 km².

As rochas cristalinas representam o que é denominado comumente de “aqüífero fissural” e constituem cerca de 70% da área total do município. Compreendem uma variedade enorme de rochas pré-cambrianas, representadas por granitos e as pertencentes aos complexos Lagoa do Alegre, Sobradinho-Remanso e Unidade Barra Bonita, englobando gnaisses, itabiritos, mármores, xistos e quartzitos. (PROJETO CADASTRO DE FONTES DE ABASTECIMENTO POR ÁGUA SUBTERRÂNEA: DIAGNOSTICO DO MUNICIPIO DE CORONEL JOSÉ DIAS, 2004, p. 05)

⁷https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/15915/1/Rel_CoronelJoseDias.pdf

A pesquisa em questão, está situada no município de Coronel José Dias-PI, que pertence ao domínio morfoclimático da caatinga, em uma região fronteira de duas grandes formações geológicas – a bacia sedimentar Maranhão-Piauí e a depressão periférica do rio São Francisco –, com vegetação e relevo diversificado e paisagens de beleza surpreendente, possui pontos de observação privilegiados de vales, serras e planícies. Apresenta, também, um dos conjuntos de sítios arqueológicos mais relevantes das Américas, que têm fornecido dados e vestígios importantes para uma revisão geral das teorias estabelecidas sobre a entrada do homem no continente americano (NERES, 2011).

O relevo do parque [Serra da Capivara] encontra-se dividido em três unidades: a zona de cuesta, os planaltos areníticos do reverso da cuesta e o pedimento. As zonas de cuesta constituem-se em estruturas concordantes homoclinais soerguidas pertencentes à bacia maranhão-piauí que foram modeladas em rochas predominantemente areníticas e conglomeráticas do grupo serra grande (NERES et al. 2011, p. 7).

O Parque Nacional Serra da Capivara e circunvizinhanças abrangem áreas pré-cambrianas da Faixa de Dobramento Riacho do Pontal que pertence à Província Borborema (subzona de cisalhamento Barra do Bonito) e rochas paleozóicas dos grupos Serra Grande e Canindé, da Bacia do Parnaíba. (SANTOS et al. 2005, p. 11)

De acordo com embasamento científico, a região do PARNA Serra da Capivara, incluindo assim, as localidades de estudo desta pesquisa, é uma região composta por formações rochosas, mesclada tanto por rochas sedimentares, areníticas, silticas que foram formadas aproximadamente por volta de 225 milhões de anos (BORGES. 2007, p. 59), e calcárias, que de acordo com Lara *et al* (2018, p. 4) teve sua origem devido o agrupamento de cianobactérias.

De acordo com (SANTOS et al, 2005), a região do PARNA Serra da Capivara e seu entorno, apresenta planalto arenítico, formadas por chapada no reverso da cuesta podendo chegar a 630m de altitude; A cuesta é modelada por rochas em sua maioria areníticas localizadas no centro do PARNA; já o pedimento apresenta áreas erosivas com pequena inclinação na borda da cuesta, nesta área podemos encontrar granitos, gnaisse, micaxisto e serrotes calcários.

Os calcários, na maioria das vezes, são formados pelo acúmulo de organismos inferiores (por exemplo, cianobactérias) ou precipitação de carbonato de cálcio na forma de bicarbonato, principalmente em meio marinho. Também podem ser encontrados em rios, lagos e no subsolo (cavernas). (LARA *et al*. 2018, p. 4.)

Com a pesquisa de campo, foi possível perceber a variação do tipo de rocha que os caldeirões estão inseridos. Nas comunidades Sítio do Mocó; Barreirinho e Limoeiro, a rocha é do tipo arenito que segundo o Instituto de Geociências-USP (2023), são rochas sedimentares formadas por deposições de areia que ocorrem ao longo do tempo, cujas cores variam entre o vermelho ou alaranjado, já na comunidade Serrote é o calcário, que são rochas sedimentares carbonáticas, geralmente formadas através de microrganismos ou pela ação de cianobactérias, como mencionado.

Foi observado uma variação de formato dos caldeirões rochosos estudados, pois devido os caldeirões das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho e estarem em formação rochosas sedimentares areníticas e os caldeirões da localidade Limoeiro estarem em um conglomerado de rocha sedimentar, foi observado que caldeirões maiores em questão de comprimentos. Já os caldeirões rochosos da localidade Limoeiro, estão localizados no calcário e isso afeta no formato e profundidade dos caldeirões

As sequências de rochas sedimentares constituem-se de arenito, conglomerado, folhelho e siltito, do Grupo Serra Grande, do período Siluriano; arenito, siltito e folhelho, pertencentes à Formação Pimenteiras; arenito e siltito, da Formação Cabeças, ambas do período Devoniano, além de sedimentos Tércio-Quaternários, tais como lateritos, cascalhos, areias e argilas, constituintes das Coberturas Colúvio-Eluviais. (PROJETO CADASTRO DE FONTES DE ABASTECIMENTO POR ÁGUA SUBTERRÂNEA: DIAGNOSTICO DO MUNICÍPIO DE CORONEL JOSÉ DIAS, 2004, p. 04)

O NERES et al (2011), a área PARNA Serra da Capivara pertence e apresenta característica da caatinga. Devido a presente pesquisa estar próximo, como também dentro do PARNA Serra da Capivara, as características também se aplicam como pertencente do bioma caatinga.

A área (*Parque Nacional Serra da Capivara*) está inserida no domínio das caatingas com uma formação constituída das principais características desse tipo de vegetação: apresenta um tapete herbáceo anual, condicionado pelos elementos do meio físico (geologia, geomorfologia, pedologia), estratificação arbórea, arbustiva e herbácea, apresentando espécies caducifólias e subcaducifólias, com presença de indivíduos de caráter suculento e xerófilo. Sua distribuição ocorre conforme as características geológicas, geomorfológicas e edáficas apresentando estratificações diferenciadas. A justaposição entre dois domínios geológicos faz com que a área em questão seja dividida em dois conjuntos fitogeográficos: a formação caducifólia espinhosa da bacia sedimentar e dos terrenos pré-cambrianos. (COSTA et al, 2011, p. 6)

Neres et al (2011), em seu trabalho sobre a geomorfologia do PARNA Serra da Capivara, aborda as características rochosos que compõem o parque, assim, o memo afirma que o relevo do parque contem três unidade como já foi citada a cima: a zona de cuesta apresenta “estruturas concordantes homoclinais soerguidas pertencentes à Bacia Maranhão-Piauí”, com predominância de rochas areníticas e aglomerações do grupo Serra Grande; os planaltos areníticos do reverso da cuesta, está localizada na parte oeste do parque, no entanto existe alguns vales de corninjas formadas por arenitos que são cortados seguindo para a direção norte e sul do parque Nacional Serra da Capivara; já a terceira unidade, é composta por imensos inselbergs que está na área do sopé da cuesta, apresentando leves inclinações.

Em resalta, devido as pesquisas arqueológicas da região, percebe-se a importância da zona de cuesta, pois são nesses locais que foram encontrados uma grande concentração de abrigos com pinturas rupestre.

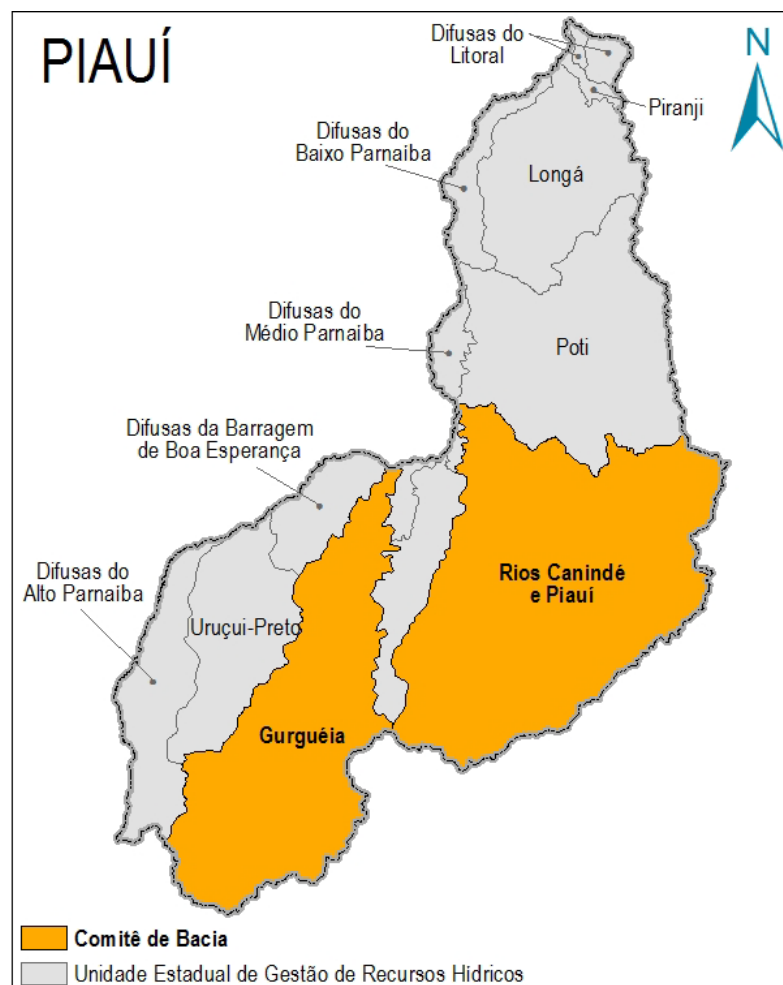
3.2.1 Hidrologia do Piauí

A pesar do relatório do Plano estadual de recursos hídricos do estado do Piauí (2010) afirmar a existência de 12 bacias hidrográficas, o estado do Piauí existe apenas dois comitês de bacias hidrográficas, que de acordo com o Progestão no Piauí (2016) são os comitês do Rio Canindé e Piauí e Rio Gurguéia.

De acordo com o relatório do plano estadual de recursos hídricos do estado do Piauí (2010), os rios existentes no estado do Piauí são intermitentes na região semi-árida e perenes em áreas subúmida (ver figura 9).

Verificou-se que há enorme escassez de dados fluviométricos no Estado, principalmente na região sul, havendo bacias hidrográficas que não dispõem sequer de uma estação para o registro dos escoamentos, comprometendo seriamente a análise e a quantificação hídrica. Além disso, das 95 estações fluviométricas existentes no Estado do Piauí, apenas 25 apresentam dados úteis em termos de extensão e de qualidade de informações, e destas, somente sete dispõem de dados com período histórico igual ou superior a 25 anos, e área de drenagem compatível. (RELATÓRIO DO PLANO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DO PIAUÍ. 2010, p. 30)

Figura 9: Comitês de bacia hidrográfica do estado do Piauí.



Fonte: O Progestão no Piauí. 2016.

No período da era Paleozóica, se formou a bacia sedimentar do Parnaíba que abrange aproximadamente 75% da superfície do Piauí, se estendendo ainda para os estados do Tocantins; Bahia; Maranhão e Pará, a litologia dessa bacia sedimentar varia entre “sedimentos clásticos, como arenitos, siltos e folhelhos, resultando numa sequência de formações aquíferas sobrepostas separadas por aquípardos e aquícludes”. (RELATÓRIO DO PLANO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DO PIAUÍ. 2010, p. 40)

O deságue das águas pluviais ocorrem, preferivelmente, pelas fraturas onde o fluxo se torna mais concentrado e, portanto, com maior poder de erosão, dinamizando a evolução do relevo pela meteorização física. Quando as águas são represadas em porções dentro destas fraturas formando os chamados “caldeirões”, e infiltrando pelos poros das rochas sedimentares e dissolvendo a formação, a meteorização química passa também a contribuir de forma acentuada na evolução do relevo. BARBOSA e FURRIER. 2012, p. 265)

De acordo com a pesquisa de Barbosa e Furrier (2012), a área aqui estudada nesta pesquisa, está localizada no compartimento geológico da bacia sedimentar do Parnaíba e o maior número de curso de água do Parque Nacional Serra da Capivara está na área sudeste do parque. Os autores relatam que ao nordeste do PARNA Serra da Capivara, existe um conspícuo vale fluvial escavado, ocasionado pela erosão e o grande fluxo de água em períodos mais úmido.

Em períodos de chuvas intensas, ocorre a formação de numerosas cascatas na direção da parte inferior destas diaclases que formam fluxos turbulentos e com alta concentração de água impulsionando processos morfológicos, e por isso, muito diferentes dos processos que ocorrem em outras partes do parque onde a presença do relevo ruiforme é insignificante ou inexistente. (BARBOSA E FURRIER. 2012, p. 261)

De acordo com informações obtidas no Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea (2004), existe uma diversidade de rochas pré-cambrianas do embasamento cristalino na área de estudo desse trabalho, devido à baixa porosidade primária nessas rochas, a água subterrânea depende de fraturas e fendas existentes na rocha, formando reservatórios naturais, devido a existência dessas rochas, a maioria da água subterrânea existente na área é salinizada.

Conforme as informações obtidas no trabalho de Campos (2015), devido à falta de rios na região do PARNA Serra da Capivara, o rio Piauí é o mais importante na região, no entanto o rio Piauí possui afluentes temporários e intermitentes, ocasionando assim uma baixa quantidade de água, as águas acabam se acumulando nas cavidades da rocha, formando assim pequenos caldeirões rochosos.

Vale ressaltar que, período de chuva da região de Coronel José Dais-PI dura aproximadamente quatro meses, tendo um índice pluviométrico de aproximadamente 600 mm ao ano. (FELICE. 2006, p. 30)

3.3 Água, seca no Nordeste e a Hidrologia do Piauí

É inegável a grande importância e o quanto a água é um componente essencial para vida do ser humano, como também para o meio ambiente em geral. A água é algo que está presente diariamente na vida do ser humano, seja ela no consumo para a existência e manutenção do nosso próprio corpo; em afazeres domésticos; higiene

corporal; construção civil e entre várias outras múltiplas questões que o ser humano se envolvia ao iniciar e ao finalizar seu dia.

A água é um recurso estratégico para a humanidade, pois mantém a vida do planeta Terra, sustenta a biodiversidade e a produção de alimentos e suporta todos os ciclos naturais. A água tem, portanto, civilizações do passado e do presente, assim como as do futuro, dependem e dependerão da água para sua sobrevivência econômica e biológica, e para o desenvolvimento econômico e cultural. Há uma cultura relacionada com a água e um ciclo hidrossocial na inter relação da população humana com as águas continentais e costeiras. (TUNDISI E TUNDISI. 2020, P. 15)

BRUNI (1994, p. 53), em seu artigo, mostra a vasta necessidade e utilidade da água para a vida do ser humano e que desde muito tempo, o ser humano se estabelece em locais de fácil acesso de água. Além da necessidade biológica, Bruni (1994, p. 53), relata que o abastecimento de água pode vir de lagos; rios ou do subsolo e que a mesma é de suma importância para o giro da economia, em toda a indústria o uso da água pode ser consumido para inúmeras finalidades, seja ela na produção de energia; alimentos ou como fonte de matéria prima para a fabricação de vários tipos de produtos e matérias. A seguir, (SANTOS; MAIA; KROM. 2003, p. 696), exemplifica algumas funcionalidades da água para o ser humano.

Geração de Energia - No Brasil, a água é a principal fonte de geração de energia elétrica. Para isso, os rios são represados e a forçada queda d'água movimenta as turbinas, gerando eletricidade.

Esporte, Lazer e Turismo - São várias as atividades de lazer que a água proporciona, desde a prática de esportes náuticos como iatismo e remo, até exercícios relaxantes como a natação e banhos de rios e de cachoeiras.

Consumo Doméstico - A água é usada em e numeras atividades cotidianas e na higiene pessoal. Ela serve para tomar banho, lavar louças e roupas, fazer comida e para matar a sede. Indústria - As fábricas utilizam água em processo de limpeza e resfriamento de máquinas. E, mais diretamente, como matéria prima, no caso das indústrias de alimentos e papel e, claro, de água mineral.

Irrigação Agrícola - Atualmente, a maior parte da água doce do planeta é utilizada para irrigar plantações em lugares onde a quantidade de chuva não é suficiente. (SANTOS; MAIA; KROM. 2003, p. 696)

Tundisi e Tundisi (2020, p. 45), cita em seu trabalho algumas formas que o ser humano utiliza a água, no entanto o autor relata que a finalidade da água e o uso da sua frequência muda de acordo com a necessidade de cada região do Brasil.

Abastecimento público em áreas urbanas; Abastecimento em áreas rurais; Irrigação, utilizando-se águas superficiais e subterrâneas; Usos industriais: resfriamento de água, abastecimento, diluição, limpeza; Navegação para transporte em larga escala (hidrovias); Turismo; Recreação; Produção de

hidroeletricidade; Pesca e piscicultura; Agricultura. (TUNDISI E TUNDISI. 2020, P. 45)

Bruni (1994), além da funcionalidade biológica que a água tem para as pessoas, o autor relata que a água passou tempos atrás a ter significado mais profundos através de suas simbologias no campo das crenças, mitos e religiões. Assim, BRUNI (1994), cita a simbologia da água, nas tradições islâmica acredita-se que a vida está associada a água, pois Deus o criou e a partir da água fez nascer e prosperar os frutos necessários para a subsistência do ser humano; na Ásia, a água passa a ter uma simbologia relacionado a pureza, fertilidade e sabedoria; no cristianismo e hinduísmo acredita-se que a água seja um elemento importante e representativo para purificação.

Se quisermos compreender o simbolismo da água, não podemos pensá-la como H₂O, mas como elemento fundamental indissociável de suas formas concretas: os mares, os oceanos, os rios, os lagos, os regatos, os riachos, as torrentes, as chuvas, as fontes, as nascentes, as praias, as quedas d'água, as cascatas, o gelo, o orvalho, onde se podem distinguir as águas claras, as águas correntes, as águas primaveris, as águas profundas, as águas dormentes, as águas mortas, as águas compostas, as águas doces, as águas violentas, as lágrimas. Cada uma das culturas humanas reserva um papel privilegiado para a água, em cada uma de suas formas, em cada um de seus modos de ser. Percorrer, mesmo que rapidamente, a riqueza desse material simbólico é impossível realizar aqui. Digamos, muito esquematicamente, que os estudos da dimensão simbólica da água têm ressaltado basicamente três aspectos: a água como fonte de vida, a água como meio de purificação e a água como centro de regeneração. (BRUNI. 1994, p. 59)

Bruni (1994), relata que em algumas religiões, a água tem poder regenerativo para o seu ser interior, podendo transformar e elevar o indivíduo para um nível melhorado e purificado. Podemos citar como exemplo o uso das águas do Caldeirão do Gado que fica na comunidade Sítio do Mocó como sendo purificador em uma perspectiva religiosa, pois suas águas já foram utilizadas em rituais de batizado evangélico. (Figura 10)

Figura 10: Batizado evangélico no caldeirão do Gado.



Fonte: Acervo pessoal do colaborador Willian, 29 anos, 2019.

Ao longo das entrevistas realizadas, tanto para a elaboração da minha monografia quanto para esta dissertação, emergiram relatos dos colaboradores sobre a simbologia e a funcionalidade das águas armazenadas nos caldeirões rochosos. Alguns colaboradores mencionaram que certos caldeirões possuem marcas interpretadas como evidências da passagem de Jesus Cristo por esses locais.

Em 2021, entrevistei José Júnior, 28 anos, que relatou sobre os caldeirões do Gado e da Bernardina. Além de destacarem a importância prática dessas águas, utilizadas para diversas finalidades, ele descreveu esses locais como "áreas espirituais". Segundo ele, há marcas na rocha que representam o negativo do pé de Jesus Cristo. Esse relato foi corroborado por Maria Socorra, 80 anos, entrevistada no mesmo ano. Ela também mencionou a presença dessas marcas: "Alguns dizem que era de Jesus, e outros dizem que foi um sinal deixado por Deus ou pelos anjos, como prova de que Ele passou por lá. (...) Na Pedra Furada, há uns caldeirãoezinhos e, de frente, um rastro de pé descalço bem visível na pedra."

Quando se fala em água no semiárido nordestino, é inevitável associar o tema à sua escassez, um problema que marca profundamente o cotidiano e a história da região.

De recurso natural infinito, aos poucos a água vai se tornando uma das valiosas mercadorias do século 21. Hoje, ela já é entendida como bem escasso, com demanda crescente para uma oferta cada vez mais reduzida, seja pela sua degradação ou pelo mau uso. (SANTOS; MAIA; KROM. 2003, p. 695)

A questão de falta de água na região não é uma questão ressentida, falo com propriedade pois sou nordestino e coronelino⁸ e sempre convivi com a realidade de presenciar o pequeno período de chuva ao longo do ano, somos um povo que se alegra ao ver o céu com aspectos que indicam a chegada da chuva, pois a água para esse povo nordestino, significa prosperidade e colheita.

Nos dias atuais já existe a presença de água encanada ou cisternas (programa de governo) em algumas das comunidades de Coronel José Dias-PI como é o caso das comunidades Sítio do Mocó; Barreirinho; Limoeiro e Serrote. Porém, anterior a esses fatos apresentado a cima, a única “cisterna” que as pessoas dessa região tinham para acumular e armazenar as poucas águas das chuvas ou do lençol freático, eram os caldeirões rochosos, barreiros e cacimbas.

As comunidades nordestinas acabaram por adaptarem-se de maneira medianamente satisfatória à sazonalidade climática, habituando-se a conviver com a ausência de precipitações durante um período anual de até oito meses, utilizando a água armazenada em cisternas, cacimbas, barreiros, poços, açudes e barragens. (BOMFIM. 2020, P.23)

Santos (2007), relata que uma grande parte das comunidades que estão no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara não tem abastecimento público de água, e que para manter a sobrevivência das famílias que ali estão vivendo, as pessoas optam por acumular a água da chuva em poços, caldeirões rochosos, açudes, tanques, barreiros e cisternas

A água acumulada era utilizada para lavar roupa, limpar a casa, lavar a louça, tomar banho, cozinhar, saciar a sede das pessoas e dos animais, como também para construção de residências. Diegues (2005), afirma que a água doce é conduzida e distribuída de acordo com cada cultura, visto isso, o autor defende que nas sociedades tradicionais, a água de rios e cachoeiras é tida como dádiva da natureza que todos podem utilizar, já para as sociedades urbanas e modernas, o autor fala como a água doce em sua maioria foi domesticada através da tecnologia, gerando assim a privatização e um bem comercializado.

Nas sociedades tradicionais a água, incluindo rios e lagos fazem parte de um território e um modo de vida, base de identidades específicas (caboclos, quilombolas, entre outras) ao passo que nas sociedades modernas a água, como bem de consumo, é desterritorializada, canalizada de outros lugares muitas vezes distantes, com os quais as populações urbanas têm pouco ou nenhum contato. Nas sociedades tradicionais, as mulheres têm uma relação

⁸ Termo para se referir a uma pessoa que nasceu na cidade de Coronel José Dias-PI.

social e simbólica forte com a água, tanto em sua busca quanto em seu uso. Aspectos simbólicos do uso da água em muitas mitologias, das águas doces se originam o mundo e as culturas humanas. Nas sociedades tradicionais, em geral marcadas pela religião, as águas doces têm um valor sagrado que se perdeu nas sociedades modernas. Lugares de onde vertem as águas, como as fontes e as grutas são considerados sagrados e que não podem ser contaminados. Muitos deles foram transformados, desde a Antiguidade em locais de culto e devoção. (DIEGUES. 2005, p. 2)

De acordo com (Santos et al. 2003) o Brasil é o país onde existe a maior concentração de reserva de água doce do planeta Terra, sendo assim 12% da sua totalidade, no entanto essa água se encontra sendo distribuídas de forma desigual no território brasileiro. (Santos et al. 2003), relata ainda que, o maior problema de escassez de água é no Nordeste do país e que uma das problemáticas é a contaminação dos rios.

De acordo com Ferreira e Figueiredo (2017), a maior área semiárido mais populosa do planeta está no Nordeste, visto isso à seca além de ser um elemento climático e simbólico do Nordeste, afeta a sociedade e sua economia devido aos longos períodos de estiagens.

Segundo (Silva et al, 2013, p. 285) as secas são consideradas fenômenos naturais severos, intensamente influenciadas pelas características fisiográficas, tais como, rocha, solo, topografia, vegetação e condições meteorológicas. A seca é considerada um dos fenômenos que ocorrem com maior frequência no mundo. Isso porque a água, um elemento natural essencial para vida, ou a escassez dela é uma ameaça constante para muitas regiões do mundo, inclusive em regiões com o clima semiárido, como é o caso do Nordeste brasileiro.

A seca pode ser definida como um fenômeno natural marcado por processos geológicos e hidroclimáticos que ocorrem principalmente em áreas com ecossistemas frágeis como as terras áridas e semiáridas. Entre as principais características do fenômeno destacam-se a redução e a irregularidade das precipitações pluviométricas. (SILVA e NOBRE, 2016, p. 23)

De acordo com Nobre (2012) a seca acontece em regiões semiáridas, podendo também ocorrer em áreas úmidas, devido a ser um evento que tem sido definido durante períodos secos em relação as condições normais locais, no que se diz respeito as chuvas. O Nordeste brasileiro, como as outras regiões semiáridas do globo, é submetido a restrições de água que decorrem, em primeira mão, do elevado déficit hídrico, resultante do balanço entre precipitação e evapotranspiração ao longo do ano (MARTINS et al, 2012 p. 103). O Nordeste brasileiro historicamente sempre

sofreu com severos períodos secos que marcaram a população nordestina desde a época da colonização portuguesa.

Segundo Martins et al (2012) somente em dois meses do ano as precipitações excedem a evapotranspiração potencial, nestas condições, na estação seca, a água disponível é escassa e gera situações onde, de forma mais ou menos prolongada, as atividades consumidoras de água se concentram nos locais onde a água permanece armazenada. podemos perceber então, que devido à escassez de água na região da Serra da Capivara explica a localização das moradias próximas aos reservatórios de água que são os caldeirões rochosos. dessa forma destaca Martins et al (2012).

De um lado tem-se a concentração dos usuários próximos aos recursos hídricos mais “seguros”, e é aqueles que não secam, e do outro, estes mesmos recursos hídricos são usados para usos múltiplos (abastecimento humano e doméstico, abastecimento animal, indústria, irrigação e lazer) cujas necessidades em termos de quantidade e qualidade de água são diferentes. Esta situação gera condição de concorrência entre usuários e entre os diferentes tipos de usos. (MARTINS et al, 2012 p. 105)

Para tentar minimizar os problemas ocasionados pela seca, Ferreira e Figueiredo (2017), afirmam que, o governo político estaduais e municipais se articulam entre si para criar soluções viáveis para combater a seca no Nordeste. Segundo os autores Ferreira e Figueiredo (2017), o governo utiliza de infraestrutura na construção de barragens e açudes para armazenar águas, como também utiliza de carros-pipa para transportar água para a população nordestina em período de emergência. “A medida resulta de uma parceria do Ministério da Integração Nacional com o Exército Brasileiro, cujo Comando de Operações Terrestres é o responsável pela execução do programa, incluindo fiscalização, contratação de pipeiros e pagamento” (FERREIRA E FIGUEIREDO. 2017, p. 13)

A primeira iniciativa do poder político, quando a voracidade da seca de 1877 levou o governo a implementar um plano de ajuda e amparo aos flagelados da seca, criando a primeira Comissão Nacional de Estudos dos Problemas da Seca, que durante anos desenvolveu ações de combate às secas, na sua maioria medidas paliativas que procuravam combater seus efeitos. (FERREIRA E FIGUEIREDO. 2017), p. 10)

Ao decorrer da minha infância e adolescência tenho algumas recordações que vivi relacionado a questão que os autores relataram a cima sobre os carros-pipas, lembro-me da euforia da minha comunidade quando os carros-pipas chegavam na

comunidade abastecidos de água, as pessoas faziam filas com suas moringas e baldes para os enche-los de água, em alguns casos, as pessoas enchiam tambores e até mesmo em cisternas (figura 11) que as pessoas adquiriram através do programa social Um Milhão de Cisternas.

Na última década, o Programa 1 Milhão de Cisternas tem merecido aplauso unânime como medida efetiva de convivência com o semiárido, que virou política pública de adaptação à seca após ser fomentada e coordenada pela sociedade civil. A construção de cisternas tem uma componente realizada através de instituições públicas, porém, é através desta iniciativa da ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro que é geralmente referido sucedido. (FERREIRA E FIGUEIREDO. 2017), p. 14).

Figura 11: Cisterna da residência da Colaboradora Iolene Sousa, contemplada pelo programa social 1 Milhão de Cisterna.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

A foto a cima foi fotografada na residência de minha mãe e colaboradora dessa pesquisa Iolene Sousa, moradora da comunidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias-PI, ao conversar com minha mãe, questionei a ela se recordava o ano que foi construído a cisterna ou caldeirão como também é chamado, no entanto a mesma não recorda com exatidão. Assim como minha mãe Iolene, acreditamos que tenha sido por volta dos anos 2000, pois eu era pequena e tenho memórias dos trabalhadores escavando o terreno, construindo as placas que seriam acopladas para formar a cisterna. Podemos observar pela foto uma abertura circular pequena no lado direito

da cisterna, essa abertura será conectada ao cano que recebe água da bica⁹ que está nas laterais da residência da Sr. Iolene.

⁹Bica-por onde corre e cai a água para poder ser facilmente colhida embaixo.

4 METODOLOGIA

A diante, será apresentado o levantamento bibliográfico; entrevistas; prospecção e carta arqueológica como metodologias aplicadas nesta pesquisa

4.1 Metodologia de campo

Quando iniciamos uma pesquisa, é necessário se pensar qual a melhor metodologia a ser abordada baseado na necessidade e demanda da pesquisa, assim ao longo desta pesquisa, foram utilizadas algumas metodologias tais como: levantamento bibliográfico; entrevista semiestruturada e prospecção oportunística e não interventiva. Lima e Mito (2007, p. 39) afirmam que “pode-se considerar a metodologia como uma forma de discurso que apresenta o método escolhido como lente para o encaminhamento da pesquisa”. A metodologia abordada inicia-se pelo levantamento bibliográfico. Em seguida foi realizada a entrevista semiestruturada. Finalmente procedeu-se a prospecção não-interventiva e o georreferenciamento para a elaboração da carta arqueológica.

Ao realizar o trabalho de campo, foram utilizados alguns equipamentos como caderno de campo, que foi necessário para organizar como seria a dinâmica e necessidades do trabalho de campo. Ao organizar as ideias no caderno de campo para colocarem em prática, foi pensado quais comunidades eu teria que visitar; quantas e quais pessoas iria abordar nas entrevistas; como iria encontrar essas pessoas que estariam interessadas em participar da pesquisa; qual forma iria abordar as pessoas nas entrevistas, para conseguir colher o máximo de informações pertinentes; como eu iria ter acesso aos caldeirões rochosos; qual seria o tipo de transporte, pois alguns desses locais poderiam não ter acesso aberto; qual o custo de transporte; alimentação e guia turístico (para ter acesso ao Parque Nacional Serra da Capivara).

O caderno de campo foi a ferramenta inicial para anotar questões que não poderíamos ser esquecidas, visto que uma pesquisa de campo demanda tempo e custo financeiro e em caso de esquecer quaisquer que sejam de informação referente a pesquisa que só poderia ter sido colhida em campo, seria necessário retornar a

campo e isso poderia atrasar o andamento da pesquisa. Além do checklist, no caderno decampo, foi elaborada uma sequência de perguntas que seriam um norte para as entrevistas, como também ao realizar a prospecção, foi elaborado um mapa de como chegar em alguns dos caldeirões na comunidade Serrote, partindo do ponto que seria a antiga casa da família do senhor Júlio com a ajuda das memórias do seu sobrinho Erisvaldo Silva Nascimento, 39 anos. Ao chegar nos locais proposto, foi observado as características geoambiental paisagístico das áreas, quais as características dos caldeirões, se tem ou não algum tipo de manutenção feita de cimento ou outro material similar, para que o caldeirão possa ter um maior potencial de armazenamento de água, e quais os tipos de vestígios cultural que foram identificados.

Foi observado se havia a existência de bojos¹⁰ e quantos bojos tinham em cada caldeirão, qual o tipo de rocha de cada caldeirão, foi observado também se o caldeirão é de fácil acesso ou não, devido ao grau de altitude, foi observado a distância de um caldeirão para o outro, como também a distância dos caldeirões em relação as residências daqueles que utilizavam.

A visita aos caldeirões rochosos ocorreu durante alguns finais de semana por aproximadamente um mês, onde o transporte utilizado para realizar o trajeto foi com motocicleta pois seria um veículo que nos permitiu ter um acesso mais rápido até um certo ponto do trajeto, em outro momento do percurso, o trajeto se deu através da caminhada, devido o percurso ser de área rochosa ou conter mata fechada sendo necessário abrir picada com o auxílio de um facão. (figura 12)

¹⁰Termo popular para se referir a pequenas cavidades mais profundas existente no caldeirão.

Figura 12 : Caminhada até os caldeirões rochosos e trajeto para chegar até o caldeirão do Rimualdo II.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Em virtude da maioria desses caldeirões rochosos estarem dentro da área de conservação Parque Nacional Serra da Capivara, havia a possibilidade de ter acesso ao PARNA como pesquisadora, no entanto, optei por contratar o serviço de um guia local Willian Silva que além de guia credenciado, é membro da comunidade Sítio do Mocó e colaborou desde o início desta pesquisa.

A história de vida do Willian Silva com os caldeirões rochosos que foram estudados nesta pesquisa, é bastante interessante, ela se inicia por ser um membro da comunidade Sítio do Mocó. Em 2021 o mesmo foi um dos entrevistados e relatou que esses caldeirões rochosos fizeram parte de toda a sua vida, pois quando criança além de ajudar sua família a buscar água nos caldeirões, ele relata ter aprendido a nadar em um desses caldeirões. Na sua adolescência vivenciou nesses lugares momentos de lazer e diversão com outros jovens da comunidade, em sua fase adulta, se converteu para a religião evangélica e então mais uma vez os caldeirões estavam atrelados em sua história de vida, pois teve o privilégio de se batizar nas águas de um desses caldeirões rochosos.

Anos mais tarde, Willian Silva começou a trabalhar na conservação do Parque e assim sempre estava em contato com esses locais de memória, os anos se passaram e devido aos cortes de verba do Parque, houve demissões e William Silva foi um desses funcionários a ser demitido, no entanto o mesmo viu uma oportunidade em sua frente e como conhece bem a área do Parque, decidiu se tornar guia local e mais uma vez sua vida está ligada aos caldeirões rochosos.

Ao analisar meu cenário, percebi que entrar com alguém que conhece a área seria mais rápido e eficaz para coletar os dados necessários para a pesquisa, visto que a área do Parna Serra da Capivara é extensa e alguns dos caldeirões rochosos estão em locais de difícil acesso. Willian Silva foi fundamental para a identificação dos caldeirões que estão dentro da área de conservação.

É importante destacar que outros fatores importantes para a identificação desses caldeirões rochosos, foram as formações rochosas areníticas e calcárias que naturalmente são geoindicadores. Vale ressaltar que, os caldeirões estudados nesta pesquisa foram formados em dois tipos de rochas, onde os caldeirões das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho e Limoeiro, são formados em rocha sedimentar arenítica, e apenas os caldeirões da comunidade Serrote tem como formação rochosa o calcário. Ao chegar nesses locais, foram encontrados alguns indícios de vestígios antrópicos como já apresentado no decorrer da carta arqueológica, como fragmentos cerâmicos e vestígios têxteis, que provavelmente foram deixados no período que as pessoas lavavam roupa nesses locais. Em alguns dos caldeirões rochosos foram identificadas evidências de manutenções (concreto, cimento, resto de encanação) nos caldeirões, realizadas para evitar vazamentos ou transbordamento. A partir desses indicativos, foi possível constatar o uso dos caldeirões. É evidente a forma como os moradores dessas comunidades administrava esses caldeirões rochosos, analisando as entrevistas, percebe-se que nas comunidades existiam caldeirões em áreas privadas e em áreas de conservação.

No entanto anterior a criação do Parna Serra da Capivara, os caldeirões das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho e Limoeiro, estavam em propriedades daqueles que trabalhavam na lida e viviam nas comunidades, segundo os relatos colhidos em entrevistas no ano de 2021, geralmente cada caldeirão eram utilizados por cada grupo familiar, porem em casos extremos de seca, as águas dos caldeirões eram compartilhadas por toda a comunidade. Vale ressaltar que existia alguns

caldeirões que eram exceção nesse caso, eram eles: Gado, Avô Aniceto, Branquinho e Grande, todos os moradores da comunidade podiam usufruir das suas águas, dessa forma a manutenção desses caldeirões eram realizadas de forma coletiva através de mutirões.

Apesar dos caldeirões da comunidade Serrote estarem próximos a área do Parque Nacional Serra da Capivara, atualmente alguns dos caldeirões ainda são utilizados pelos proprietários das terras na qual os caldeirões foram encontrados, no entanto apenas o caldeirão do Aldemar contém água encanada para a residência dos familiares da Sr. Aster, que é utilizada para afazeres doméstico e higiene pessoal. Os demais caldeirões da comunidade Serrote, atualmente são utilizados para saciar a sede dos animais domésticos. Tanto os caldeirões das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho e Limoeiro, por estarem em área de conservação, não estão sendo mais utilizados pelas pessoas, apenas por animais silvestres que habitam na área de conservação.

Ao longo do trabalho de campo, foi utilizado o aparelho celular com os aplicativos de GPS AlpineQuest que foi utilizado para realizar a plotagem das coordenadas (pontos) e o aplicativo de câmera fotográfica para registrar a paisagem, caldeirões ou quaisquer elementos culturais identificado nesses ambientes. O uso do georreferenciamento é fundamental para essa pesquisa, pois a partir dos pontos colhidos em campo, foi possível realizar o geoprocessamento dos dados. Melchiades (2017, p. 24) “Através do SIG¹¹, pode-se trabalhar com mapas, dados e sistemas de informações para realizar análises e compilações de dados complexos, a partir de bancos de dados e informações georreferenciadas”.

Como qualquer trabalho arqueológico o uso da fotografia é essencial, pois o mesmo auxilia em detalhes enriquecedores, mostrando detalhes minuciosos tanto do ambiente que os caldeirões estão inseridos, quanto dos caldeirões em si e da sua

¹¹ Dentre as variadas funções que um SIG pode apresentar, podemos destacar a quebra de um paradigma pertencente ao público leigo. Um SIG não é apenas um programa de computador. De forma simples, podemos separar um SIG em três elementos principais. Primeiramente, o fator computacional, composto de *software*, com um programa que possibilite a função desejada, e *hardware*, através de uma máquina potente o suficiente para sustentar e possibilitar o processamento das informações. A seguir, a base de dados, inserida manualmente ou não, serve de suporte para a coleta, análise e processamento de informações. Por último, mas não menos importante, o fator humano, responsável direto pela manutenção do sistema, do banco de dados e da escolha das variáveis a serem analisadas. MELCHIADES. 2017, p. 26)

cultura material arqueológica deixada pelos moradores que ali frequentam ou frequentaram (SOUSA, 2021).

4.2 Levantamento Bibliográfico

O método de levantamento bibliográfico, é uma metodologia onde o processo construtivo se inicia através da escolha dos parâmetros; onde o parâmetro 1º-temático, o pesquisador busca obras voltadas para a temática da pesquisa; o 2º parâmetro é o linguístico, cabe ao pesquisador determinar qual o tipo de idioma que irá consultar; o 3º parâmetro fala sobre a escolha do pesquisador em relação a quais fontes irá utilizar, podendo ser artigos; livros; teses; monografias entre outros. LIMA e MIOTO (2007)

Ao procurar autores que falam sobre levantamento bibliográfico, identifiquei autores que se referem ao tema de diferentes formas, seja ela como levantamento, revisão ou pesquisa bibliográfico, no entanto cabe o mesmo significado em todas as pronúncias. Pizzani et al (2012, p. 54), entendem o levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica como sendo uma “revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico (...), a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. Pizzani et al (2012, p. 54), segue afirmando que a revisão de literatura tem inúmeros objetivos, seja ele adquirir um aprendizado em quaisquer áreas de pesquisa; contribuir com a seleção dos métodos a serem utilizados por estudantes e pesquisadores; como também contribui com novas redações para trabalhos acadêmicos ou científicos. Silva et al (2009) em seu trabalho Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas além de citar a visão de autores sobre a pesquisa bibliográfica, o seu trabalho apresenta indagações sobre qual melhor terminologia utilizar para se referir a pesquisa bibliográfica, como também a diferença de pesquisa bibliográfica para documental, a partir dessa interrogação, os autores apresentam algumas definições sobre o que seria.

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias [...]. A pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos [...]

Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres [...] Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores—cujos objetos são documentos—estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos. (SILVA et al. 2009, p. 4)

Partindo do que foi dito logo acima, os parâmetros permitem ao pesquisador selecionar a bibliografia de acordo com os tópicos e subtópicos existente na pesquisa para uma melhor organização e eficiência de sua leitura. O livro fundamentos de metodologia científica de Marconi e Lakatos (2003), aborda procedimentos essenciais para se realizar uma pesquisa acadêmica ou profissional, sendo assim, no capítulo 2 deste livro, os autores elaboram um caminho didático para que pesquisadores e estudantes possam seguir ao realizarem uma pesquisa bibliográfica.

Antes de iniciar uma pesquisa bibliográfica, é preciso ter muito claro qual é o seu *objetivo*. Como somos da área de computação, podemos fazer uma analogia da pesquisa bibliográfica com a pesquisa em uma estrutura de dados, que é uma das primeiras formas de busca de informações que aprendemos a fazer! Assim, uma pesquisa bibliográfica pode ser feita em abrangência, ou em profundidade. Mas o mais importante é que se defina, desde o início, o que se pretende com ela. As pesquisas são feitas segundo contextos específicos, ou seja: por assunto, autores, veículos, período de tempo, e por combinações entre eles. (TRAINA e TRAINA JR. 2009, p. 30)

Marconi e Lakatos (2003), os autores apresentam oito fases para se realizar uma pesquisa bibliográfica: 1º a escolha do tema- onde exige que o pesquisador ao escolha seu tema, considerando os fatores internos e externos que possa existir em uma pesquisa; 2º elaboração do plano de trabalho (estrutura do trabalho- introdução, desenvolvimento e conclusão); 3º Identificação- reconhecer o assunto em catálogos, sumário e índices; 4º localização das obras em arquivos das bibliotecas on-line e virtuais; 5º compilação – livros, publicações avulsas encontrados em um sistema; 6º fichamento; 7º análise e interpretação, requer algumas críticas por parte do autor (crítica do texto, crítica da autenticidade, crítica da proveniência, crítica de interpretação ou hermenêutica, crítica do valor interno do conteúdo); 8º redação da pesquisa.

O levantamento bibliográfico é algo que está diariamente na vida de um estudante e pesquisador, seja qual for sua área de estudo, dessa forma, Silva et al

(2021, p. 99) afirma que, “a pesquisa bibliográfica é um campo próprio de pesquisa que constitui uma totalidade que envolve organização, interpretação, compreensão e sistematização do conhecimento”.

Pode-se afirmar que a pesquisa bibliográfica sem dúvida se apresenta como uma metodologia de investigação científica que propicia ao pesquisador conhecer o estágio do conhecimento acerca do tema que se pretende pesquisar, construir importantes conhecimentos e fundamentar teoricamente seu trabalho de pesquisa. (SILVA et al. 2021, p. 202)

Traina e Traina JR (2009) em seu artigo científico, mostram o caminho de como iniciar uma pesquisa bibliográfica, contribuindo com seu conhecimento e ajudando inúmeros estudantes e pesquisadores a como prosseguir e ter uma melhor performance em seus trabalhos acadêmicos e profissionais através de uma boa pesquisa bibliográfica.

De acordo com Traina e Traina JR (2009), ao iniciar um levantamento bibliográfico, deve-se 1º identificar o seu objetivo de estudo; 2º organizar uma lista com palavra- chaves (autores, assunto, nomes de técnicas etc) para buscar textos relacionados ao trabalho, quando identificado textos, um passo bastante importante para se poupar tempo é se atentar ao título do texto, como também o sumário do texto, visto isso, poderá identificar se o texto se correlaciona com a temática do seu trabalho ou não; 3º além da possibilidade de poder pesquisar livros em bibliotecas físicas, a tecnologia nos possibilita a fazer pesquisas em bibliotecas virtuais.

Pizzani et al (2012, p. 54), descrevem alguns passos a serem seguidos para se realizar uma pesquisa bibliográfica de qualidade: 1º definir o tema da pesquisa; 2º identificar o material bibliográfico, que poder ser em formato primário- fontes originais (teses, livros, monografias etc); secundário- trazem citações, interpretações ou revisões dos trabalhos primários; terciário- bases de dados (índices e listas bibliográficas); 3º o material bibliográfico poderá ser encontrado em bibliotecas fixa ou on-line. Segundo Sousa (2021, p. 65), a pesquisa bibliográfica é fundamental para a pesquisa científica, pois, fornece ao pesquisador o conhecimento sobre o seu objeto de estudo através de livros; teses; dissertações; monografias; artigos e revistas científicas.

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho

científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. SOUSA et al, 2021, p. 64)

Silva et al (2021), defende que a pesquisa bibliográfica é primordial para a pesquisa científica, pois atua na problematização de questionamentos para a partir de conhecimentos anteriores dar embasamento para a construção de novos conhecimentos em formato textual e que é uma metodologia que fornece ao pesquisador material para embasar a fundamentação teórica de sua pesquisa.

A pesquisa bibliográfica possibilita a construção de novos conhecimentos, o aprendizado sobre uma determinada área e se apresenta como um dos principais meios de atualização e desenvolvimento intelectual de um pesquisador. A evolução dos meios de comunicação propiciou um avanço muito grande nas possibilidades de pesquisa bibliográfica. Atualmente é possível contar com a internet para acessar e-books, periódicos e revistas digitais com mais facilidade, isso interfere de forma positiva na dinâmica, na qualidade e na atualidade de uma pesquisa bibliográfica. (SILVA et al. 2021, p. 99)

Dito tudo que foi apresentado a cima sobre como fazer um levantamento bibliográfico, optei por seguir os passos de Pizzani (2012), onde busquei definir o tema da pesquisa, em seguida pesquisei monografias, dissertações e artigos em bibliotecas on-line relacionados aos tópicos e subtópicos abordamos na pesquisa.

O levantamento bibliográfico nos dá a possibilidade de entender a dinâmica cultural e as narrativas que envolvendo o objeto de estudo dessa pesquisa, como também entender as pesquisas que já foram desenvolvidas e que de alguma forma nos possibilita contextualizar com esse trabalho.

Além do levantamento bibliográfico relacionado aos temas proposto a cima, busquei me aprofundar em bibliográficas sobre prospecção oportunística e entrevista semiestruturada para fundamentar minha metodologia de pesquisa.

4.3. Entrevistas

Duarte (2004) afirma que quando se tem a necessidade de entender ou mapear praticas; valores ou crenças, fazer-se o uso de entrevistas é bastante interessante para a pesquisa, no entanto o entrevistador deve manter o equilíbrio emocional para

não comprometer as respostas dos colaboradores como também a pesquisa. Duarte (2004) segue afirmando que:

Se as entrevistas forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p. 215)

A entrevista semiestruturada, é um método de pesquisa baseado em entrevistar pessoas que fazem parte ou testemunharam acontecimentos de um passado não tão distante, essas entrevistas utilizam basicamente as memórias dos envolvidos que são pessoas que utilizam ou utilizaram dos caldeirões rochosos no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara. Ao decorrer da entrevista, foram abordadas questões relacionadas com a historiografia da área; qual a localização dos caldeirões; quais eram os caldeirões que são ou foram utilizados; e quais as atividades realizadas nos caldeirões; e se existe alguma diferenciação nas atividades executadas em relação ao gênero (SOUSA. 2021, p. 33).

A metodologia de entrevista, vem sendo utilizadas não apenas na arqueologia, como também em outras áreas de estudo como podemos observar no trabalho de Sabadin(2014), que utilizou a entrevista semiestruturada como metodologia no seu trabalho sobre o corte de cana-de-açúcar no noroeste paulista, o autor relata que para realizar as entrevistas, buscou contato com uma pessoa central e a partir dessa pessoa, teve acesso e conhecimento da existência de pessoas que estavam ligadas diretamente com o seu objeto de estudo, assim, ao identificar essas pessoas, a autora elaborou questões voltadas para a realidade de cada colaborador, pois além dos trabalhadores que atuavam diretamente no trabalho braçal de corte cana, também foi entrevistado pessoas de outros setores da usina.

Diferente de Sabadin, em minha pesquisa, optei por formular apenas um roteiro de perguntas, sendo elas aplicadas para todos os colaboradores, para entender as vivências de cada colaborador com esses caldeirões.

A entrevista semiestruturada é a junção de perguntas previamente elaboradas, como afirma Bonie e Quaresma (2005, p. 75): “Entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões

previamente definidas. (BONIE E QUARESMA, 2005, p. 75). A metodologia de entrevista semiestruturada é fundamental para compreender como a memória das pessoas com os caldeirões rochosos foram construídas e qual a sua importância efetiva para essas pessoas. Duarte (2004) afirma que a entrevista é uma forma de extrair informações coletadas individualmente e ao ser analisadas, o pesquisador consegue ter uma interpretação quando ampliado para o coletivo. “A entrevista semiestruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE E ANDRÉ. 2004, p. 34).

Tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo e lugar. ((DUARTE, 2004, p. 219)

Fraser e Gondim (2004), afirma que existe duas formas de conduzir entrevista, onde o entrevistador poderá utilizar o método “a face a face ou mediada”, onde a face a face consiste em ser presencial, sendo possível perceber as mudanças das expressões facial e verbal, já a entrevista mediada, poderá ser conduzida a distância via computadores ou telefones seja ela através de vídeo chamada, ligação de áudio ou até mesmo em formato de áudios ou mensagens escrita. Durante a presente pesquisa, utilizei de ambos os modos de entrevista, pois além de entrevistas presenciais, foi obtido informações via telefone.

O entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interpretação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alteração de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito. (LÜDKE E ANDRÉ. 2004, p. 36).

Fraser e Gondim (2004), consideram a entrevista uma forma de interação entre pessoas, onde o que é valorizado são as formas que os atores sociais enxergão e dão sentido a sua realidade, através de suas palavras e a simbologia que o indivíduo atribuí aquilo que para ele é importante em seu meio social.

Fraser e Gondim (2004), relata características de entrevistas estruturadas que são entrevistas com roteiro fixo com respostas de múltipla escolha, sem aberturas

para o colaborador se aprofundar na resposta; já não estruturada é tida como aquela que não requer um roteiro, o autor exemplifica esse tipo de entrevista como uma consulta em uma clínica psicoterapêutica, onde o entrevistador em sua maioria do tempo apenas escuta o que o entrevistado tem para falar, podendo fazer poucas intervenções, no entanto, devido a entrevista ser de caráter científico, existe uma temática proposta, onde o entrevistador deve propor certo limite para a fala do entrevistado.

Além dessas três formas de estudar o tema entrevista, outra maneira é separá-la em tipos. Esses tipos de entrevistas são conhecidos na literatura por entrevista estruturada, semiestruturada, e não estruturada. Apesar de a literatura trazer outras nomenclaturas, temos adotado essa terminologia por achá-la mais adequada. Assim, a entrevista não estruturada é também conhecida como entrevista aberta ou não diretiva, a entrevista estruturada é conhecida como entrevista diretiva ou fechada, e a entrevista semiestruturada é conhecida com semidiretiva ou semi-aberta. (MANZINI. 2004, p.2)

Em minha pesquisa, optei por fazer a junção desses dois tipos de entrevistas, sendo ela uma entrevista semiestruturada, pois foram previamente elaboradas perguntas, que oferecia uma liberdade para o colaborador discorrer sobre o assunto proposto, sendo necessário apenas algumas interferências pontuais.

Duarte (2004), defende que utilizar de entrevista para obter informação científica é válido, porém é um método que o pesquisador precisa ter cautela ao realizar a entrevista, pois é através da entrevista que o entrevistado deixa transparecer o seu modo como observa suas vivências em seu meio social.

Para realizar as entrevistas, busquei membros das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, que de alguma forma tiveram contato com os caldeirões rochosos, incluindo tanto o gênero feminino quanto o masculino. O processo de entrevistas demandou tempo, cautela e planejamento. Ao optar por realizar entrevistas como método de coleta de dados, procurei entender as necessidades e objetivos da pesquisa. Após iniciar o processo e elaborar o roteiro, busquei manter o diálogo com os colaboradores em uma linguagem de fácil entendimento, visto que, embora fosse a pesquisadora, entendia que uma linguagem científica não seria adequada para o momento da entrevista.

Ao transcrever as entrevistas, optei por manter o dialeto regional da forma como foi citado por cada colaborador, de forma íntegra. Quando não compreendia algum termo, perguntava qual era o significado e, posteriormente, inseria essa explicação no

rodapé do trabalho, facilitando a compreensão do leitor que não conhece os termos regionais das comunidades.

Durante a transcrição e análise das entrevistas, tomei a decisão de transcrever as falas assim que finalizava cada uma delas. Isso se deve ao fato de que minhas observações sobre as expressões e a entonação das falas dos colaboradores ainda estavam "frescas", o que proporcionou uma análise mais precisa e eficaz. Após concluir a transcrição, ouvi todos os áudios e li o que havia transcrito simultaneamente, para garantir que não houvesse divergência entre as gravações e a transcrição.

Ao conduzir esse trabalho de entrevistas, considerando que sou pesquisadora e também pertencente à comunidade Sítio do Mocó, com minha história de vida ligada ao objeto de estudo, tomei o cuidado de manter o equilíbrio para não afetar ou distorcer as informações obtidas durante as entrevistas. Com isso, antes de iniciar as atividades de entrevista, compartilhei todas as perguntas com os colaboradores e marquei o melhor local para a realização das entrevistas, conforme a escolha de cada um. Isso permitiu que os participantes se sentissem mais confortáveis para compartilhar suas memórias e vivências.

Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las. Fornecendo nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se auto-avaliando, se autoafirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias. (DUARTE, 2004, p. 220)

Durante as entrevistas e também ao tabular os dados, mantive o cuidado e a sensibilidade para compreender que cada pessoa se expressa de maneira única, seja por meio de expressões linguísticas ou corporais. Cabe ao pesquisador ter a percepção necessária para identificar se as perguntas estão sendo respondidas com naturalidade e fluidez ou se estão gerando desconforto para o colaborador, sendo capaz de contornar a situação sem que o colaborador desenvolva um "bloqueio".

Duarte (2004) argumenta sobre como organizar e analisar entrevistas, propondo que o conteúdo colhido seja trabalhado de forma fragmentada. Isso significa reorganizar as respostas em subtemas, como por exemplo: "Quanto tempo você habita na comunidade?" ou "Quais são os caldeirões rochosos que pertenciam ou

pertencem a uma área primitiva?”. Ao reorganizar as falas, separando-as conforme as respostas, Duarte (2004) afirma que o pesquisador não só confere lógica ao material, mas também cria um novo produto final em formato de texto, estabelecendo assim um diálogo entre as respostas dos colaboradores, como podemos observar na citação abaixo.

Isso implica a construção de um novo texto, que articula as falas dos diferentes informantes, promovendo uma espécie de “diálogo artificial” entre elas, aproximando respostas semelhantes, complementares ou divergentes de modo a identificar recorrências, concordâncias, contradições, divergências etc. Esse procedimento ajuda a compreender a natureza e a lógica das relações estabelecidas naquele contexto e o modo como os diferentes interlocutores percebem o problema com o qual ele está lidando. (DUARTE. 2004, p. 222)

Em alguns momentos notou-se que a conversa estava se distanciando do objetivo da pesquisa, no entanto coube ao meu papel de pesquisadora saber formular novas questões para entender o porquê e qual a ligação do assunto que foi gerado aleatoriamente, com o interesse da pesquisa e assim obtive novas informações pertinentes para o trabalho. Cabe também ao pesquisador ter a sensibilidade e entender o momento certo para voltar ao roteiro das perguntas que foram previamente formuladas, sem que a fala do colaborador seja interrompida. Vale ressaltar que foram em alguns desses momentos que obtive algumas informações referente ao contexto histórico das comunidades.

Desde 2021 venho trabalhando com entrevistas, sendo elas previamente agendadas através do aplicativo de celular WhatsApp¹². Quando estabelecido o primeiro contato com os colaboradores, me apresentei como e pesquisadora como também relatei ser da comunidade Sítio do Mocó e qual o meu parentesco, e com isso percebi um maior acolhimento por parte dos colaboradores, além dessas informações informei ser estudante da Universidade Federal Vale do São Francisco, o objetivo da pesquisa e quem o indicou e forneceu o contato. Acredito que essas primeiras informações são fundamentais para adquirir uma certa confiança e credibilidade com o colaborador.

¹²WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações de áudio e vídeo grátis por meio de uma conexão com a internet.

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida desde minha graduação de Arqueologia e Preservação Patrimonial, onde foram feitas 18 entrevistas semiestruturadas com integrantes da comunidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias-PI, a idade dos entrevistados variou entre 12 e 95 anos, já as comunidades de Barreirinho; Limoeiro e Serrote, as entrevistas ocorreram no ano de 2023 no período do meu mestrado em arqueologia, dando assim continuidade a um outro momento da minha caminhada acadêmica e profissional. Nesse primeiro momento da pesquisa em 2021, com a ajuda de membros da comunidade Sítio do Mocó e o aplicativo de comunicação WhatsApp consegui colher alguns documentos imagéticos como fotografias, que mostram as pessoas frequentando e socializando por algum tempo nos caldeirões rochosos da comunidade.

Ao longo da Pós-graduação, foram realizadas mais 9 entrevistas semiestruturadas com membros das comunidades Barreirinho; Limoeiro e Serrote, sendo elas do gênero feminino e masculino. Vale ressaltar que a quantidade de pessoas entrevistadas se deu por dois fatores relevantes: as três comunidades citadas acima, são comunidades que possuem poucos habitantes e além desse fato, algumas dessas pessoas tiveram embate direto com o PARNA Serra da Capivara envolvendo questões judiciais, devido o ocorrido, foi difícil encontrar pessoas dispostas para participar das entrevistas, por receio de se comprometerem ou se prejudicarem de alguma forma.

É importante ter clareza de que a entrevista [...] visa a compreensão parcial de uma realidade multifacetada concernente a tempo e contexto sócio-histórico específicos. Isto não significa, no entanto, defender um relativismo subjetivista, de acordo com o qual cada um tem a sua 'verdade', mas reconhecer que as visões de mundo de grupos humanos se sustentam nos níveis de compartilhamento vivenciados por eles: época, lugar, processos de socialização, nível de desenvolvimento da ciência e da sociedade, hábitos e costumes culturais, língua, ambiente etc. (FRASER E GONDIM. 2004, p. 147)

Para se realizar as entrevistas, as perguntas foram previamente escolhidas e formuladas para atender as necessidades e interrogações da pesquisa, assim, busquei conhecer o nome, idade, tempo que habita na comunidade e a relação de parentesco dos colaboradores, para contextualizar e dar mais credibilidade para a metodologia de entrevista semiestruturada neste trabalho.

Foram elaboradas perguntas sobre os caldeirões rochosos, como também perguntas relacionadas ao contexto histórico dessas comunidades e a relação dos

grupos familiares com esses caldeirões que em algum momento esteve ou estão em suas propriedades privadas. Além das perguntas que foram previamente elaboradas, optei por realizar a gravação do áudio, sendo elas autorizadas por aqueles que foram entrevistados, pois assim além do caderno de campo, o áudio me proporcionou trabalhar com mais profundidade nos depoimentos colhidos.

A seguir será apresentado os colaboradores que participaram das entrevistas em 2021 e 2023.

Comunidade Sítio do Mocó, 2021

Onofre Bernado de Miranda, 95 anos
 Maria Socorra da Silva, 80 anos
 Elenita Salomé da Silva, 77 anos
 Elias de Sousa Claro, 71 anos
 Anatividade dos Santos Miranda, 62 anos
 Pedro Pereira da Silva, 54 anos
 Doraluce dos Anjos Sousa Silva, 51 anos
 Iolene Lima Miranda Sousa, 49 anos
 Nestor Paes Landim Neto, 39 anos
 Nilva Aparecida de Lima, 34 anos
 Cleiciane Miranda Silva, 31 anos
 Willian Lima de Miranda Silva, 29 anos
 Daniela de Sousa Silva, 29 anos
 Marisa Lima Miranda Sousa, 26 anos
 Sara Raquel Paes da Gama, 16 anos
 Gabriela de Lima Paes Landim, 14 anos
 Evilly Vitória dos Anjos Sousa Miranda, 12 anos

Comunidade Barreirinho

Manoel Lourenço de Araújo, 98 anos

Comunidade Limoeiro, 2023

José Eli, 60 anos
 Vanuza Vieira Conceição, 67 anos
 Carlito Paes Dias, 53 anos
 Reinaldo Vieira da Silva, 36 anos

Comunidade Serrote, 2023

Maria Aster do Nascimento, 87 anos

Afonso Pereira, 68 anos

José Pedro do Nascimento, 61 anos

Erisvaldo Silva Nascimento, 39 anos

Os colaboradores previamente selecionados do município de Coronel José Dias, contribuíram através de suas memórias e depoimentos para a compreensão de como os caldeirões rochosos fizeram parte das suas vivências e seus costumes, suprimindo assim algumas das suas necessidades diárias e também servindo como locais de socialização e memória ao longo de suas vidas.

O intuito de utilizar da entrevista semiestruturada, foi de buscar dar liberdade para os colaboradores discorrer sobre suas memórias e suas vivências relacionadas aos caldeirões rochosos, como também entender a visão que eles possuem desses caldeirões. E ainda obter o maior número de informações sobre os caldeirões rochosos e suas devidas localizações.

Vale ressaltar que optei por escolher as entrevistas como fontes, devido à falta de documentação escrita sobre os caldeirões rochosos das localidades aqui estudado e com as entrevistas, foi possível colher informações sobre os nomes dos caldeirões, como os caldeirões rochosos eram utilizados, qual a funcionalidade de cada caldeirão e como esses caldeirões foram e são importantes para a sobrevivência dos moradores das localidades aqui estudadas.

4.4 Prospecção

Segundo Bicho (2006), a prospecção pode ser classificada através de três especificidades: Natural que é definida através de unidades de vegetação, geomorfológicas ou geológicas; cultural, onde o fator da delimitação da área estudada parte da cultura material, já a prospecção do tipo institucional é voltada para projetos institucionais tais por exemplo o limite de uma estrada que será construída, apenas áreas com dimensões já estabelecidas. Bicho (2006, p. 93) afirma que “os três constituintes possíveis de se localizarem pela prospecção humana são os artefatos e os solos antrópicos”

A prospecção objetiva obter a maior quantidade de informações possível acerca de uma determinada área e identificar todos os sítios arqueológicos e

evidências isoladas fornecendo, dessa maneira, uma visão do contexto onde os mesmos estão inseridos. (COPÉ E ROSA, 2008, p. 5)

Assim, para realizar a pesquisa em questão, foram utilizadas unidades de prospecção natural e cultural. De acordo com Sanhudo (2017, p. 14) “A abordagem metodológica não interventiva em sítios arqueológicos busca coletar o máximo de informações sem impacto ao solo, garantindo a preservação dos mesmos”. Ou seja, sem causar impactos nos possíveis sítios e vestígios identificados durante a prospecção.

Existe algumas maneiras de se realizar o trabalho de prospecção arqueológica, no entanto para o presente trabalho, optei por realizar uma prospecção não sistemática de superfície do tipo oportunística não interventiva. “A prospecção na superfície (superficial) consiste no percurso a pé da área a ser prospectada, observando as modificações da paisagem e a superfície do solo, em busca de evidências arqueológicas”. (COPÉ E ROSA, 2008, p. 5)

A metodologia de prospecção oportunística e não interventiva, costuma ser utilizada de acordo com a necessidade da pesquisa, onde temos que observar o contexto, tais como os locais escolhidos, da natureza dos objetivos e do problema da pesquisa, dessa forma estando atenta a suprir as necessidades identificadas durante a pesquisa. A estratégia de escolher a prospecção oportunística foi fundamental para o desenrolar da pesquisa, visto que as informações sobre a possível localização dos caldeirões rochosos foram sendo informadas durante o processo de entrevistas, facilitando assim o reconhecimento dos caldeirões rochosos.

A prospecções de carácter seletivo, baseadas nos referidos critérios pré-definidos, conduzem preferencialmente a sítios que se procuram ou cujas características os tornam mais facilmente distinguíveis, i.e., são sobretudo este tipo de sítios – geralmente de maiores dimensões – aqueles que são conhecidos e referidos pelas populações locais, que surgem associados a topónimos sugestivos, que se encontram localizados em áreas geomorfológicas bem características ou que poderão mesmo ser identificados nas fotografias aéreas. CARVALHO, 2007, p. 64)

Em minha pesquisa utilizei a metodologia de Prospecção não interventiva, buscando através do olhar arqueológico identificar a materialidade exposta na superfície próximas aos caldeirões rochosos. Assim podendo prospectar nesses locais com maior liberdade em busca de identificar artefatos que representem o contexto no qual os caldeirões rochosos são ou foram utilizados pela população local.

Nas prospecções de tipo extensivo ou não sistemático prospectam-se apenas as áreas que supostamente terão mais potencial ou que arqueologicamente são mais sugestivas. Essas áreas são selecionadas com base em critérios previamente definidos, como sejam, as características geomorfológicas e pedológicas, as informações orais e as referências escritas ou mesmo a natureza da toponímia ou de alguns traços identificados nas fotografias aéreas. (CARVALHO, 2016. p. 61)

Concordado com a perspectiva de Carvalho (2016), considero necessária e importante a utilização desse tipo de prospecção na presente pesquisa, pois através de alguns desses critérios na qual utilizei, tais como características geomorfológicas e informações orais, foi possível chegar na maioria das localizações dos caldeirões rochosos. Por tanto essa metodologia foi de suma importância para que se chegasse nos resultados obtidos durante a pesquisa. Vale salientar, segundo Carvalho (2016), que esse tipo de prospecção é muito utilizado na elaboração de cartas arqueológicas e inventários.

A prospecção aconteceu de duas maneiras, parte do trajeto foi realizado a pé, e a outra de motocicleta, pois algumas trilhas possuíam acesso para tal, fui acompanhada pelo morador da comunidade Sítio do Mocó, Sr. Willian Silva; e o antigo morador da Comunidade Serrote, Sr José Pedro Nascimento. Ambos contribuíram com informações muito importantes para a identificação dos caldeirões rochosos. No momento em que chegávamos em um local que pela descrição dos colaboradores poderia possivelmente ser um caldeirão, era feito além da marcação de um ponto de georreferenciamento através do GPS, a averiguação do local em busca de artefatos que indicasse cultura material. A princípio começamos as atividades de campo, pelos caldeirões indicados nas entrevistas pelos colaboradores da comunidade Sítio do Mocó, onde alguns dos Caldeirões se encontram localizados dentro do Parque Nacional Serra da Capivara, acompanhada pelo Sr. Willian Silva (guia turístico e membro da comunidade Sítio do Mocó) adentramos ao Parque em busca de encontrar alguns dos Caldeiros citados nas entrevistas. Em seguida identificamos os caldeirões localizados na Comunidade Sítio do Mocó, no entorno do Parque.

Em outro momento foi feita a prospecção na região do Limoeiro, onde estive acompanhada pela arqueóloga Marisa Sousa que também me acompanhou no processo das entrevistas. A partir da entrevista, o ex morador da comunidade Serrote Sr. José Pedro Nascimento, se ofereceu para nos acompanhar no trabalho de campo, pois sr. José Pedro acredita na importância das pesquisas relacionadas a arqueologia,

e em especial trabalhos que mostram a cultura Coronelina como ela é e como vem se modificando ao decorrer das gerações.

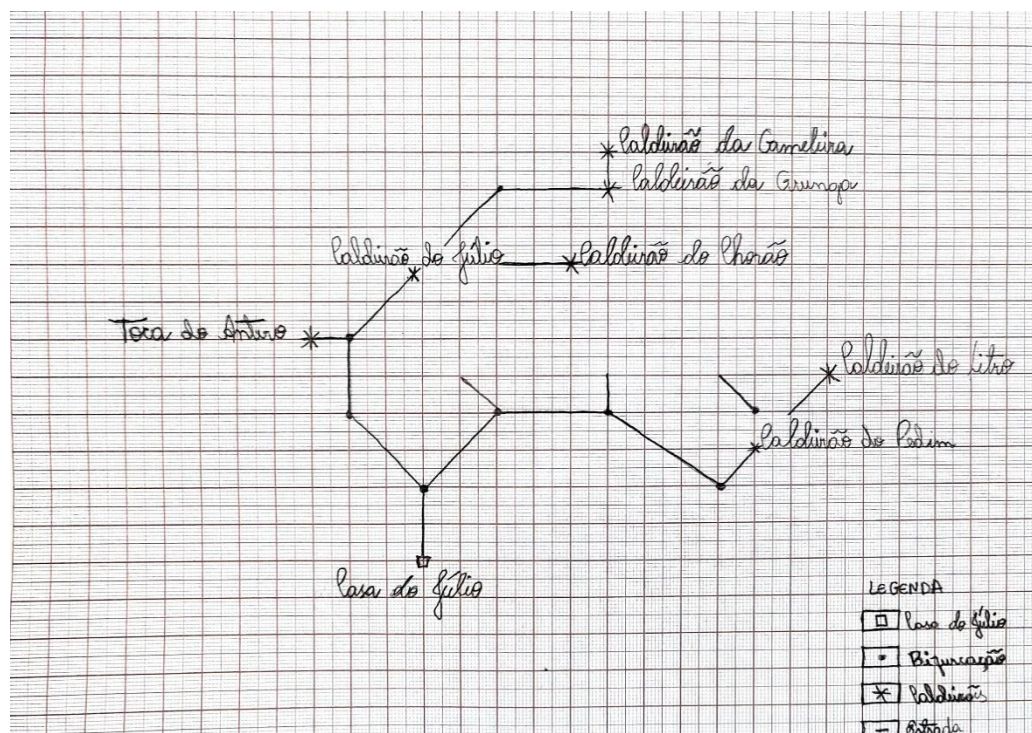
A última prospecção realizada neste trabalho, foi em busca dos caldeirões da comunidade Barreirinho, onde apesar do fácil acesso tanto de carro ou moto, foi necessário termos o acompanhamento do guia de turismo, pois o caldeirão identificado, apesar de estar próximo a comunidade Barreirinho, a área atual pertence ao Parna Serra da Capivara.

Devido o interesse do Sr. José Pedro Nascimento na pesquisa, o mesmo reservou alguns dos seus dias para nos acompanhar na prospecção e assim nos levou a localização exata de alguns dos caldeirões que ele já conhecia das localidades Serrote e Limoeiro. Aqui podemos ver a importância da aproximação da comunidade com as pesquisas, pois devido ao conhecimento dos Srs José Pedro Nascimento e seu filho Erisvaldo do Nascimento que tiveram a disponibilidade em nos acompanhar, facilitou o processo de prospecção e reconhecimento dos locais propostos a serem identificados com mais rapidez.

Vale ressaltar que, Sr. Francisco de Assis, 51 anos se ofereceu para nos guiar e com a ajuda do sr. Francisco, foi possível chegar até os caldeirões do Sítio do Mocó que tinham difícil acesso. Em 2021, o sr. Francisco de Assis, além de participar da entrevista para a minha pesquisa sobre os caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó (2021), em 2023 participou da prospecção e nos ajudou a identificar os caldeirões que estão na antiga terra de um senhor que era conhecido como Zé Nei e relatou que apenas os familiares que ali estavam trabalhando no período que a roça não fazia parte da área do PARNA Serra da Capivara, estavam utilizando das águas de tais caldeirões.

Durante a atividade de campo envolvendo a prospecção, alguns fatores foram bastante importantes para facilitar a identificação dos caldeirões rochosos o Sr. Erisvaldo do Nascimento, com intuito de contribuir com a identificação dos locais elaborou um mapa participativo (figura 13), mostrando a direção de alguns dos caldeirões rochosos da sua comunidade Serrote, assim, conseguimos ter uma noção de onde poderiam estar os caldeirões.

Figura 13 Mapa participativo de alguns caldeirões rochosos da comunidade Serrote.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

Entende-se como prospecção oportunística e não-interventiva, um método que busca através de informações obtidas anteriormente através de entrevistas com pessoas que já conhecem a área a ser estudada. Ao identificar a área com potencial arqueológico, é observado o ambiente como também se a existência de material arqueológico no local. Diante do local e material identificado, é registrado o ponto com as coordenadas da localização, como também o registro geoambiental e fotográfico da área e do material arqueológico.

4.5 Memória e Patrimônio cultural

Devido a utilização das memórias dos nossos colaboradores que foram compartilhadas durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, é pertinente frisar que a elaboração da carta arqueológica apresentada nesta pesquisa foi construída baseada nos conceitos de memória e patrimônio.

Como discutido por Halbwachs (1990, p. 51), construímos nossas lembranças e representações sobre os fatos e objetos por intermédio das relações sociais e das memórias das pessoas que nos cercam. De acordo com Leal (2012) “A memória pode-

se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada indivíduo, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado”. Sendo assim, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências. Existem várias definições para Patrimônio Cultural, nas quais irei citar algumas, logo a diante uma dessas definições é a dada pela constituição de 1988, que diz,

Constituem Patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais são: I- as formas de expressões; II- os modos de criar, fazer e viver; III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados à manifestações artístico-culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

De acordo com o descrito acima, o Patrimônio Cultural são todos os bens de natureza material e imaterial, tanto de indivíduos ou de grupos que representam identidade, ação e memórias dos mesmos e que formam a sociedade brasileira. Ao identificar um patrimônio cultural de um grupo, podemos entender o que os aproxima e o que os faz se identificarem como sendo pertencentes de um mesmo grupo social.

Mendes (2012), acredita que patrimônio cultural é um meio que o indivíduo encontra para se correlacionar um com o outro os tornando membros de um grupo através da identidade coletiva. Por tanto segundo (MENDES. 2012, p. 17) O patrimônio cultural gera e fomenta uma solidariedade orgânica entre os membros do corpo social, uma coesão ou convergência mental traduzida no sentimento de pertença a uma mesma comunidade – comunidade de origem, comunidade de destino.

Ao longo da minha graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, presenciei várias discursões acadêmicas, como também consumi conteúdos relacionadas a temática patrimônio cultural, com isso, acredito que apesar das inúmeras críticas e interrogações sobre o que seria patrimônio cultural, acredito se patrimônio cultural é quando uma cultural é referência para um grupo ou comunidade de pessoas na qual é transmitido através das gerações e esses traços culturais além

de serem transmitidos em gerações, são importantes para a história coletiva dessas pessoas.

4.6 Carta arqueológica

O desejo para elaborar uma carta arqueológica relacionadas aos caldeirões rochosos próximos ao PARNA Serra da Capivara vem sendo pensada desde minha graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, a partir desse desejo, foi realizado no período do meu mestrado em Arqueologia.

Segundo Juca (2019) carta arqueológica consiste em apresentar inventário com a localização e características dos bens patrimoniais para facilitar a gestão do patrimônio, como também identificar e compreender a sua espacialidade, para que gere uma facilidade em pesquisas futuras relacionadas ao patrimônio. Para isso Lopes (2015, p. 27), expõe que “para a concessão de uma Carta Arqueológica é crucial ter um amplo conhecimento do território, isto é, o trabalho de prospecção exige uma metodologia adequada a cada especificidade de cada território”.

As cartas arqueológicas podem ser divididas em diversas áreas ou tipos de atuação, como as cartas urbanas, cartas rurais e cartas marítimas, que seriam na área de divisão geográfica, ou mesmo cartas com o intuito de proteção ao patrimônio identificado ou de forma preventiva, para um planejamento urbano. (JUCA. 2019, p. 29)

De acordo com Brochier (2004), a elaboração de uma carta arqueológica consiste em fazer o levantamento e o reconhecimento dos bens culturais identificados em uma determinada área. Juliani apud Brochier (2004, p. 39), apresenta em sua obra a importante para se elaborar uma carta arqueológica: “A Carta Arqueológica, é um instrumento não apenas de inventário de indícios, mas de análise e pesquisa, buscando a compreensão do estado de conservação dos traços de ocupação antrópica do território”.

Se por um lado a iminente perda do patrimônio arqueológico exige leis e esforços para sua proteção, por outro, torna-se necessário reconhecer esses bens por meio de inventários e levantamentos arqueológicos, segundo critérios de significância, definindo a ocorrência de sítios arqueológicos ou de áreas consideradas potenciais para a sua existência, com a finalidade de elaboração de cartas arqueológicas. (CHMYZ e BROCHIER. 2004, p. 36)

O intuito desta carta arqueológica, é documentar os caldeirões rochosos das comunidades que já foram citadas anteriormente ao longo deste trabalho, dando assim as localizações e características físicas e ambientais dos caldeirões, como também apresentar os relatos dos colaboradores de como esses caldeirões rochosos eram utilizados pelas pessoas ao longo das gerações. Cerqueira e Loureiro (2003, p.86), afirma que um trabalho de mapeamento pode ter como intuito:

O intuito de melhor compreender as suas relações com o meio ambiente, e entre os mesmos, através de seus vestígios culturais e sociais, facilitando trabalhos posteriores, como também de contribuir na conscientização da população da região para necessidade da preservação dos sítios arqueológicos. (CERQUEIRA E LOUREIRO. 2003, p.86)

Partindo do pressuposto que para elaborar medidas de proteção e preservação do patrimônio arqueológico e cultural, devemos ter o conhecimento da existência dos bens culturais, que no caso deste trabalho, são os caldeirões rochosos das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote em Coronel José Dias-PI. Segundo Melchiades (2017), a elaboração de um mapeamento é fundamental no trabalho arqueológico, tanto para atender as exigências técnicas e específicas do (IPHAN), como também para manter uma organização dos dados de cada projeto. Visto isso, o mapeamento desses caldeirões rochosos como bens culturais, podem promover e facilitar, como também fomentar o aprofundamento de futuras pesquisas relacionadas aos mesmos, podendo assim ampliar para outras áreas do município de Coronel José Dias-PI em busca de identificar mais caldeirões rochosos que serviram como fonte de água e locais de socialização para os grupos humanos que utilizaram dos mesmos ao longo de algumas gerações.

Ao realizar o trabalho de uma carta arqueológica, é fundamental que o pesquisador crie um plano de pesquisa com os seus objetivos bem definidos, como também a área a ser estudada. O critério para a elaboração deste trabalho, foi em fazer algumas delimitações, onde foi escolhido um município próximo ao parque Nacional Serra da Capivara, foram escolhidas quatro comunidades que pertencem ao município escolhidos; optei por escolher pessoas das comunidades que tiveram suas vidas atreladas de alguma forma com os caldeirões rochosos e o ultimo critério de delimitação do trabalho foi estudar tanto os caldeirões que foram citados em entrevistas, como também os caldeirões rochosos que talvez não tenham sido citados

em entrevistas por motivo de esquecimento ou por quaisquer outro motivo, porém foram identificados durante a prospecção.

Devido ao município de Coronel José Dias-PI pertencer ao quadro das cidades na qual a área do Parque Nacional Serra da Capivara está inserida, o PARNA Serra da Capivara é mundialmente conhecido por seus achados arqueológicos relacionados ao período pré-colonial, no entanto as pesquisas arqueológicas relacionadas ao patrimônio cultura local do município de Coronel José Dias-PI ainda são escassas. Assim, com o desenvolvimento dessa carta arqueológica, acredito que será um passo importante para em um futuro se elaborar uma política de proteção e gestão dos bens e dos valores culturais deste município.

A carta arqueológica municipal, peça fundamental da arqueologia preventiva, corresponde a um inventário atualizado e georreferenciado de sítios/vestigios arqueológicos, traduzindo-se num instrumento que permite identificar globalmente o patrimônio arqueológico presente no território respectivo, constituindo-se como fundamental na sua política de valorização, investigação, divulgação, salvaguarda e proteção. (LOPES. 2015, p. 5)

Adiante, é apresentado trabalhos relacionados a cartas arqueológicas que contribuíram como referência para a elaboração da minha pesquisa.

Mangueira (2018), com o objetivo de analisar os conceitos teóricos relacionados a Arqueologia da Paisagem e a Geomorfologia Antropogênica da cidade de São Paulo, e identificar uma forma de apresentar modelos locais do potencial arqueológico da área estudada, elaborou uma carta arqueológica para a cidade de São Paulo, apresentando assim um modelo para que os bens arqueológicos sejam preservados.

Para elaborar a carta arqueológica da cidade de São Paulo Mangueira (2018) utilizou de fontes documentais como também utilizou um sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (SGBD) vinculado ao (SIG), onde utilizou as fichas de Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAM como referência. Mangueira (2018) documentou em sua carta arqueológica 23 Sítios arqueológicos cadastrados no IPHAN, 53 ocorrências arqueológica e 37 prospecções negativa (pontos).

Lopes (2015), apresenta seu trabalho intitulado “Carta arqueológica do Concelho de Arruda dos Vinhos”, onde o autor relata que o objetivo deste trabalho se deu através da inexistência de um inventário relacionado ao patrimônio arqueológico

do município de Arruda dos Vinhos e o desejo do autor em contribuir para o conhecimento e proteção do patrimônio arqueológico, como também, despertar a consciência para a preservação da memória e identidade local existente no município através de uma carta arqueológica. Lopes (2015, p. 24), a sua metodologia esta dividida em quatro fases: “a Sistematização da Informação Patrimonial (Recolha Bibliográfica e Documental), a Análise Territorial, os Trabalhos de Campo: Prospeção de Superfície e, o Trabalho de Gabinete e Laboratório: Tratamento dos Dados”. Lopes (2015), mostra sua dificuldade em relação a obter informações na bibliografia, assim optou por utilizar das informações orais das pessoas mais idosas do núcleo rural do município, devido a tradição oral que era transmitida ao longo das gerações.

A carta arqueológica proposta por Lopes (2015) serve como uma ferramenta fundamental para a proteção e gestão do património destruído da região de Arruda dos Vinhos. A divisão em quatro freguesias (Arruda dos Ventos, Arranhó, S. Tiago dos Velhos e Cardosas) e a identificação dos sítios destruídos em cada uma delas permite um mapeamento detalhado dos locais de interesse histórico e cultural, o que facilita a análise e o monitoramento do património.

Lopes (2015) destaca a importância de uma carta arqueológica não apenas como um inventário, mas também como uma medida preventiva. A proposta de criar áreas de reservas arqueológicas dentro das freguesias mapeadas visa mitigar os impactos negativos das atividades humanas, como a urbanização e a exploração de recursos naturais, que podem ameaçar os sítios devastados e prejudicar a preservação de bens culturais. Ao sugerir a implementação dessas áreas de proteção, o autor visa garantir a continuidade da pesquisa arqueológica e a proteção dos vestígios do passado para as gerações futuras.

Além disso, ao organizar uma carta arqueológica, Lopes (2015) também facilita a implementação de políticas públicas externas para a preservação e conservação do património, ao fornecer dados precisos e reservas sobre os sítios arqueológicos. Essa organização ajuda as autoridades competentes a tomar decisões informadas sobre o uso do solo, o planejamento urbano e as ações de preservação ambiental, visando equilibrar o desenvolvimento com a preservação do património cultural e histórico.

Portanto, a carta arqueológica não é apenas uma ferramenta de inventário, mas uma proposta ativa de conservação, que pode influenciar diretamente a gestão territorial e a proteção do património destruído da região.

Na carta arqueológica sobre o patrimônio pré-histórico do Rio Grande do Sul realizada por Silva (2009), o autor optou por elaborar um trabalho voltado para a sistematização de pesquisas que já foram realizadas, sendo assim, optou em sua carta arqueológica iniciar com as antigas pesquisas do PRONAPA¹³, como também pesquisas realizadas mais recentes, para isso, Silva (2009) utilizou a revisão bibliográfica; georreferenciamento (mapas já produzidos e Google Earth). Silva (2009) relata ter georreferenciado mais de 600 sítios arqueológicos, o autor relata que seu trabalho da carta arqueológica é de mera importância para compreender a cultura pré-histórica presente no Rio Grande do Sul.

Oliveira et al (2011), relata que a “Carta Arqueológica de Nisa- 1.ª Fase (Revisão do PDM)” foi desenvolvido a partir de um contrato entre uma equipe da Universidade Évora com a câmara municipal de Nisa, o objetivo dos pesquisadores foi de diagnosticar os sítios arqueológicos existentes no município, para isso, na primeira fase a equipe abordou tanto a metodologia de prospecção dirigida, já na segunda fase a equipe utilizou tanto a metodologia de levantamento bibliográfico e prospecção sistemática

Oliveira (2018), em sua monografia sobre os “lugares de memórias e a carta arqueológica do município de Brejo Santo, estado do Ceará, Brasil”,

efetuou o levantamento de lugares de memória do período histórico e pré-coloniais, em alguns desses locais, também existe formações geológicas que também contém importância significativa para o estudo da área sobre o patrimônio. A partir desse levantamento de dados feito com as metodologias de pesquisa bibliográfica; relato oral e levantamento fotográfico sobre o patrimônio de Brejo Santo no Ceará, como produto final da sua pesquisa de monográfica, Oliveira (2018) confeccionou uma carta arqueológica com trinta lugares de memória.

Percebe-se que a metodologia abordada para a elaboração de cada carta arqueológica aqui exposto, requer uma metodologia diferente ou a junção de algumas metodologias de pesquisa, isso acontece devido a demanda, especificidade e logística de cada pesquisa. Assim como as cartas arqueológicas que foram expostas logo acima, optei por utilizar da junção de algumas metodologias, pois julguei pertinente e adequado para atender o objetivo do produto final da pesquisa.

¹³ Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica.

A seguir, é apresentada a Tabela 1, que contém as questões que nortearam a elaboração da carta arqueológica desta pesquisa, essas questões foram fundamentais para orientar a elaboração da carta arqueológica, permitindo uma abordagem sistemática e rigorosa."

Tabela 1 Questões a serem observadas em campo.

Anotações a serem observadas no trabalho de campo	
Identificação	Nome que referencie o local
O que é o local	Caldeirões Rochosos
Onde está localizado	Comunidade
Medidas	Pequeno, médio ou grande
Período importante	Momentos e datas importantes
Significado	A importância para as comunidades
Funcionalidade	Atividades que acontecia no local
Manutenção	Responsável pela manutenção e como era feito
Elementos naturais	Informar elementos naturais que estão no ambiente
Elementos construídos	Construção Civil
Vestígios	Vestígios de ocupações anterior
Conservação	Estado de conservação do local estudado
Observações	*

Fonte: Autora, 2024.

Ao ir em campo em busca de obter informações para elaborar essa carta arqueológica, busquei observar as questões listadas na tabela a cima. Assim ao chegar no local dos caldeirões rochosos, foram colhidas essas informações, que foram essenciais para apresentar no produto final do trabalho e assim apresentar as características naturais ambientais, como também elementos que foram inseridos ao longo das gerações devido a utilização desses caldeirões rochosos pelas comunidades e grupos humanos.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Em seguida será apresentado os caldeirões rochosos das comunidades Sítio do Mocó; Barreirinho; Limoeiro e Serrote. Vale ressaltar que para esse trabalho, irei trabalhar com os dados obtidos tanto nas entrevistas que realizei anteriormente (2021), como também as que foram realizadas em 2023, apresentarei informações mais aprofundadas em relação aos caldeirões.

5.1 Caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó

Em uma pesquisa anterior que realizei em 2021 para o meu trabalho de conclusão de curso, foram citados 22 caldeirões rochosos da localidade Sítio do Mocó, no entanto no ano de 2023 foi dada a continuidade dessa pesquisa no mestrado de arqueologia.

Vale ressaltar que alguns dos caldeirões da localidade Sítio do Mocó que foram citados em 2021 não foram identificados na prospecção, por outro lado, no decorrer da prospecção na localidade Sítio do Mocó, foi sendo identificado caldeirões que não tinham sido citados anteriormente nas entrevistas em 2021. Com isso, foram totalizamos 28 caldeirões na localidade Sítio do Mocó.

Ao realizar a ida em campo, foi constatado que em determinados caldeirões da comunidade Sítio do Mocó, havia mais de um caldeirão no local. Tendo em vista isso, optei por colocar I e II. Vale ressaltar que alguns caldeirões foram renomeados pela direção do Parque Nacional Serra da Capivara.

Os caldeirões identificados e mapeados foram:

Caldeirão do Gado; Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha; Caldeirão da Bernardina ou Caldeirão do Zé Gregório; Caldeirão da Démar ou Caldeirão do Francisco; Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem; Caldeirão da Escada (renomeado para Caldeirão da Geladeira); Caldeirão dos Cambambá; Caldeirão dos Claros; Caldeirão da Porteira; Caldeirão dos Branquinho; Caldeirão dos Porcos; Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto; Caldeirão da Porta; Caldeirão dos Canoas (I e II); Caldeirão do Banho; Caldeirão da Pinga da Andorinha; Caldeirão da Tia

Antônia (Não foi identificado); Caldeirão do Rodrigues (I,II e III); Caldeirão do Rimualdo (I e II); Caldeirão da Tônia (Não foi identificado); Caldeirão das Bananeiras e Caldeirão do Inharé (SOUSA, 2021).

Vale destacar que conforme íamos fazendo o nosso percurso em direção os caldeirões, foram sendo encontrados 4 caldeirões que não foram citados nas entrevistas, são eles: Caldeirão do Amaro; Caldeirão Zé Nei; Caldeirão do Apertado e Caldeirão da Cachoeira. Por motivo de ter um número expressivo de caldeirões na localidade foi necessário produzir dois mapas (figuras 14 e 15) para representar suas respectivas localizações com maior clareza.

Figura 14: Mapa de localização dos caldeirões rochosos da localidade Sítio do Mocó- Folha 01

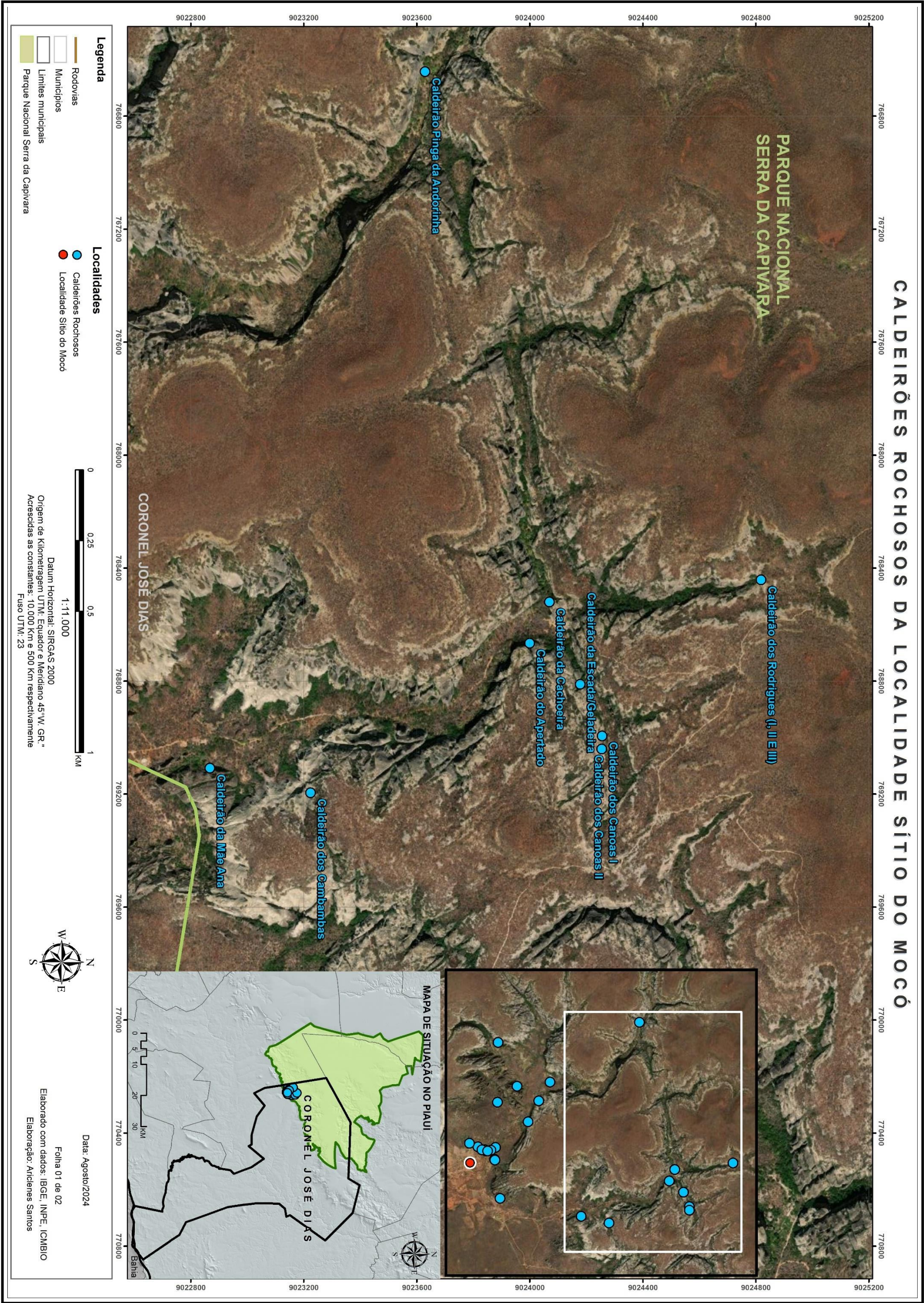
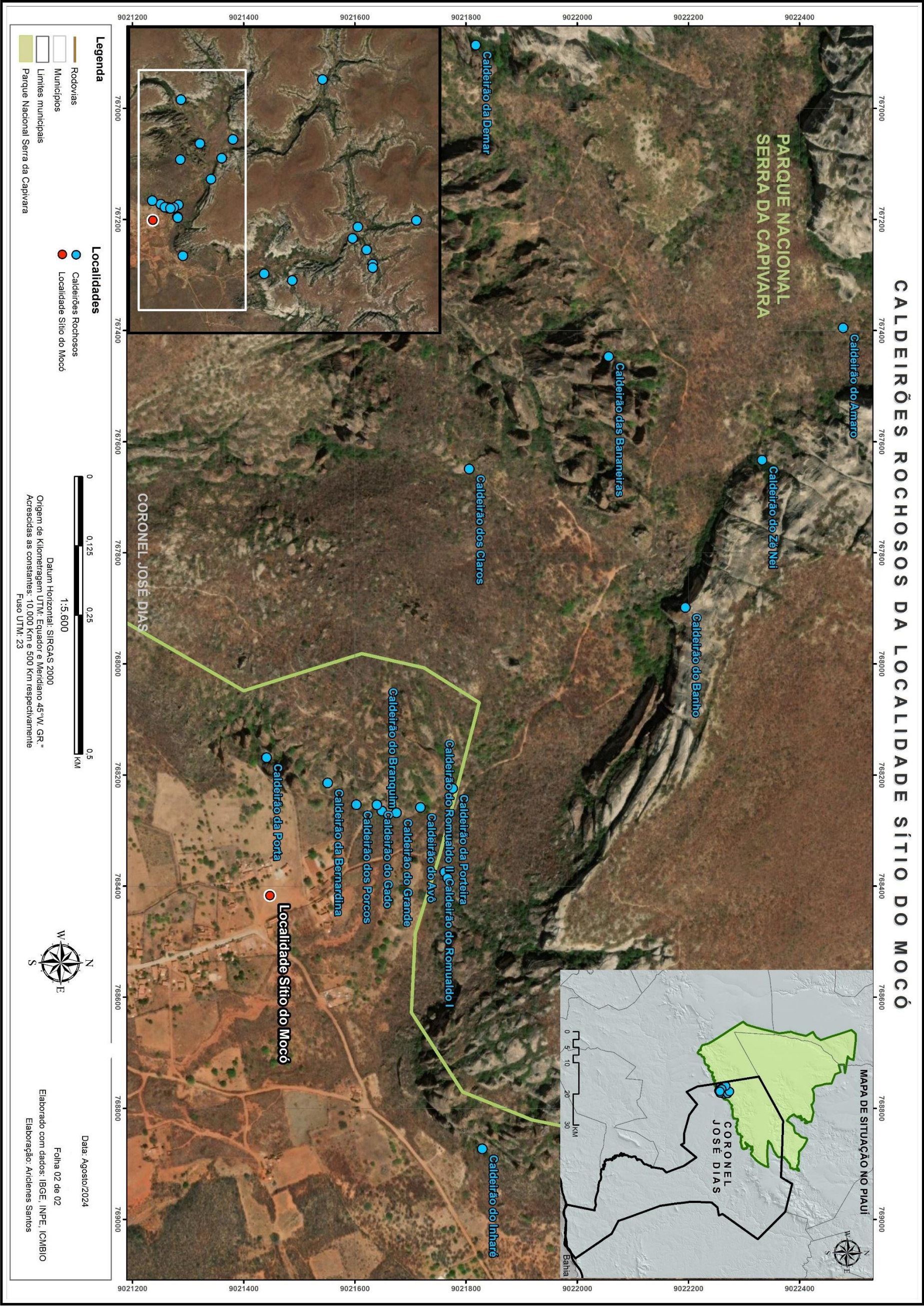


Figura 15: Mapa de localização dos caldeirões rochosos da localidade Sítio do Mocó- Folha 02



Vale ressaltar que parte dos dados obtidos relacionados aos caldeirões da comunidade Sítio do Mocó, foi trabalhada em cima das entrevistas realizada na minha pesquisa (SOUSA, 2021).

5.1.1 Caldeirão do Gado

O caldeirão Do Gado tem como coordenadas 23L 768379 9021639, com 411 m de altitude, sendo sua rocha sedimentar do tipo arenítica. No momento da prospecção, não foi possível verificar a quantidade de bojos existentes no caldeirão do Gado, devido o mesmo estar com sua capacidade máxima de água.

Devido o caldeirão do Gado ser um caldeirão de fácil acesso tanto para as pessoas como para os animais, esse caldeirão recebeu seu nome devido o gado saciar a sedo no caldeirão. “Era porque o gado bebia lá aí colocaram os nomes” (SOUSA, trecho de entrevista realizada em 2021, p. 114).

O caldeirão do Gado, visto na (figura 16), está localizado em uma área mais alta em relação a comunidade Sítio do Mocó, além de ser muito próximo das residências das pessoas da comunidade, como também da antiga lavanderia comunitária e de um poço artesiano. Percebe-se que a foto a seguir, foi registrada no período chuvoso devido a folhagem verde da vegetação. Durante a prospecção, observei arvores proeminentes do bioma caatinga como arvores do tipo catingueira, juazeiro, pitombeira, bromélia e cactos existente ao redor do caldeirão do Gado.

Figura 16: Caldeirão do Gado.



Fonte: Colaborador Jessean Santana, 2023.

Devido a utilização da comunidade nesse caldeirão em um período de tempo, algumas pessoas da comunidade Sítio do Mocó faziam anualmente manutenções para manter o caldeirão rochoso limpo e com uma maior capacidade para armazenar água (Sousa, 2021). Além da limpeza que era realizada manualmente e anualmente, foi feita uma reforma no caldeirão no ano de 1985 com materiais construtivos do tipo cimento e pedra (Sousa, 2021). Com essa reforma, foi construído uma parede que ajudou a conter uma maior quantidade de água e evitar que os animais como o gado tinha acesso ao caldeirão, evitando assim uma melhor qualidade de água, vale ressaltar que a parede além de conter a água, as pessoas também utilizavam de apoio para lavar as roupas. (SOUSA, 2021)

Marildes: Como era o caldeirão do Gado antes da reforma?

Anatividade: Era só aqueles bojos, aí fizeram uma parede de barro aí puxaram aquelas terras que quando era para começar o inverno aí juntava¹⁴nós tudo e iam limpar os caldeirões, sei que nós limpavam os caldeirão tudinho para quando o inverno chegar os Caldeirão estar limpo. Era até grandim e juntava era muita água, mas a parede do caldeirão do Gado ele puxaram o enterro para o lado de fora e jogaram na beirada que ficou uma coisa boa que segurava mais água, parede de lajedo. (SOUSA, trecho retirado de entrevista realizado em 2021, p. 111)

O caldeirão do Gado, é visto como um dos maiores caldeirões rochosos da área estudada, como também o mais importante, sendo ele o que teve mais funcionalidades aplicadas em seu significado para a comunidade Sítio do Mocó. (SOUSA, 2021)

Quando analisado as entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade Sítio do Mocó em 2021, é notório as várias funcionalidades nele aplicado e como essas pessoas o ressignificaram e o transformaram em lugar de memória, ultrapassando o significado de destinado a armazenamento de água em períodos de estiagem. Além de ter uma grande capacidade de armazenamento de água, caldeirão do Gado servia como local para saciar a sede dos animais; afazeres domésticos; construção civil, como também as pessoas o ressignificaram e o transformaram em um local de lazer entre os jovens que o frequentavam. (SOUSA, 2021)

De acordo com membros da comunidade, Antônio Mocó além um dos primeiros moradores da comunidade, Caldeirão do Gado fazia parte de suas terras na época, onde ao ver uma cavidade capaz de acumular água mesmo que com uma camada de sedimento, o mesmo decidiu escavar o caldeirão, retirando todo o sedimento que ali estava. “aquele do Gado era do Antônio mocó¹⁵” (SOUSA, p. 108, trecho de entrevista realizada em 2021)

Sousa, 2021 quando entrevistei o Sr. Onofre, “O Caldeirão do Gado, “ali era para banhar, lavar roupa”

O caldeirão do Gado, os rapazinhos e as mocinhas iam tomar banho lá dentro, lá panhavam água para construção, por que era longe as Cacimbas quando era esse tempo que as pessoas começavam a construir casas, eles largavam o pau panhar¹⁶água do Caldeirão do Gado e os outros se ciuando

¹⁴ “**Juntar-se**, in Dicionário Priberam da língua portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/juntar-se>.

¹⁵Um dos primeiros moradores da comunidade Sítio do Mocó

¹⁶ Ditado regional para se referir a pessoas que transportavam uma grande demanda de água.

porque iriam ficar sem água (SOUSA, p. 111, trecho de entrevista realizada em 2021 com a colaboradora Anatividade).

De acordo com as entrevistas (Sousa, 2021), apesar do caldeirão do Gado estar em antigas terras do Sr. Antônio Mocó, toda a comunidade tinha o privilégio de usufruir das águas desse caldeirão, assim a comunidade ao socializar nesse ambiente, o ressignificou e o transformou em lugar de memória. (figura 17)

Figura 17 Caldeirão do Gado.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Apesar da falta de manutenção do caldeirão Do Gado, devido o mesmo está localizado em área do Parque Nacional Serra da Capivara, o caldeirão apresenta bom estado de conservação, no entanto a água apresenta bastante lima e provavelmente o fundo do caldeirão tenha acumulado sedimento, pois de acordo com as entrevistas realizadas (Sousa, 2021), um passo importante na manutenção anual do caldeirão, era retirar tanto os galhos, como também o sedimento que acumulava no fundo do caldeirão ocasionada pela queda de água no período chuvoso. Apesar do fácil acesso ao caldeirão, a vegetação vem crescendo bastante, devido à falta de manutenção no acesso.

5.1.2 Caldeirão dos Porcos

Caldeirão dos Porcos, tem como coordenadas 23L 768253 9021602, com 415 m de altitude de rocha sedimentar arenítica. O nome caldeirão dos Porcos recebeu esse nome devido ser um caldeirão onde sempre havia porcos saciando a sede no caldeirão. Vale ressaltar que, devido o caldeirão rochoso estar com sua capacidade máxima de água no momento da visita, não foi possível verificar a quantidade de bojo existente. No entanto a água existente no caldeirão, apresenta uma tonalidade escura com presença de material limoso e o caldeirão em questão apresenta um bom estado de conservação.

De acordo com os colaboradores da comunidade Sítio do Mocó que foram entrevistados anteriormente na minha pesquisa em (2021), localizado próximo ao caldeirão do Gado precisamente ao seu lado direito e ao lado esquerdo o caldeirão da Bernardina, está situado em uma área mais baixa em relação ao caldeirão do Gado, por estarem próximos possuem o mesmo tipo de vegetação.

Devido a essa organização da funcionalidade de cada caldeirão, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó conseguiam manter suas águas controladas e limpas. (Figura 18)

Figura 18: Caldeirão dos Porcos



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Devido a organização social para manter a funcionalidade de cada caldeirão, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó utilizavam o caldeirão deste tópico para saciar a sede dos animais, principalmente dos porcos, visto que é um caldeirão de fácil acesso tanto para as pessoas como também para os animais. (SOUSA, 2021)

Assim como no caldeirão do Gado, o caldeirão dos Porcos também havia a manutenção manualmente e anualmente, pessoas da localidade Sítio do Mocó

realizavam a limpeza tanto da parte interna como também na parte externa do caldeirão. (SOUSA, 2021)

5.1.3 Caldeirão da Bernardina ou do Zé Gregório

O caldeirão da Bernardina ou do Zé Gregório, como coordenadas 23L 768214 9021551, com 424 m de altitude, rocha arenítica. Não foi possível verificar a quantidade de bojos existentes no caldeirão da Bernardina, devido a existência de água no período que foi realizado a visita ao caldeirão (figura 19), no entanto ao observar a rocha do caldeirão, existe aproximadamente entre quatro a cinco bojos.

No momento da visita ao caldeirão foi possível verificar que o caldeirão está em estado de boa conservação, no entanto além da água presente no caldeirão estar com uma coloração escura, a uma grande quantidade de material limoso em sua superfície. Essa excessiva quantidade de material limoso existente no caldeirão, acredita-se que seja consequência da falta de manutenção, visto que as pessoas da localidade Sítio do Mocó realizavam a manutenção anualmente quando no período que estavam utilizando das águas do caldeirão em questão. (Sousa, 2021)

Figura 19: Caldeirão da Bernardina.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A vegetação ao redor do caldeirão Bernardina apresenta uma variação de árvores do bioma caatinga, como mandacarus, juazeiros, xique-xique, coroa de frade, umbuzeiro e catingueira. Localizado dentro da área do Parque Nacional Serra da Capivara, o caldeirão em questão, é considerado como de fácil acesso e que apesar de estar na área do Parque Nacional Serra da Capivara, o mesmo fica aproximadamente 50 a 100 m tanto das residências das pessoas da comunidade Sítio do Mocó, como do Caldeirão dos Porcos, Caldeirão Do Gado, Caldeirão da Porta e do sítio arqueológico Toca do Elias.

Na (figura 20, 21), podemos observar que devido a área pertencer ao parna Serra da Capivara, logo à frente do caldeirão rochoso, existe uma cerca de limite do parna Serra da Capivara e placas indicando o caminho para chegar ao caldeirão da Bernardina.

Figura 20: Cerca de limite do Parque Nacional Serra da Capivara.



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2023

Figura 21: Placa indicando a Toca do caldeirão da Bernardina.



Fonte: acervo pessoal da autora. 2023.

Com base nas entrevistas que realizei em 2021, esse caldeirão recebeu o nome de Bernardina e Zé Gregório devido o casal que além de terem sido proprietários das

terras que o caldeirão está, possuíam residência ao lado do caldeirão (SOUSA, 2021). Na (figura 22), podemos observar a existência de uma estrutura de forno confeccionado com tijolo de adobe próximo a pinturas rupestre do Sítio arqueológico Toca do Elias.

Figura 22: Estrutura de forno feito com tijolo de adobe.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Na (figura 23) mostra o lajedo que faz parte do caldeirão, onde as pessoas o utilizavam para a lavagem de roupa, como também podemos ver que as residências da localidade Sítio do Mocó estão bem próximas ao caldeirão abordado neste tópico.

Figura 23: Lajedo do caldeirão da Bernardina onde as pessoas utilizavam para lavar as roupas.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

Segundo Sousa (2021) apesar do caldeirão pertencer a terras do casal Bernardina e Zé Gregório, o casal autorizava que outras pessoas da comunidade se utilizam de suas águas para beber, lavar a louça, tomar banho e lavar roupa no lajedo,

Ao visitar o caldeirão da Bernardina ou caldeirão do Zé Gregório, foi identificado fragmento cerâmica e Vestígios têxteis provenientes daqueles que frequentavam ou moravam e utilizavam das águas dos caldeirões. (Figura 24)

Figura 24 Cultura material encontrada no caldeirão da Bernardina e vestígios têxteis



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Além da funcionalidade voltada para afazeres domésticos, podemos perceber a simbologia afetiva que o mesmo tem para a comunidade Sítio do Moco, como também para o grupo familiar do casal que ainda permanecem na comunidade.

5.1.4 Caldeirão da Porta

Caldeirão da Porta, tem como coordenadas 23L 768169 9021441, 439 m de altitude. De acordo com a entrevista dada ao colaborador Elias Claro em 2021, o mesmo relata que o nome do caldeirão se deu devido a entrada lembrar uma porta. (SOUSA, 2021)

O caldeirão é de rocha sedimentar arenítica e está classificado como caldeirão de fácil acesso. Ao entrevistar o Sr. Elias Claro em 2021, ele relata que ao comprar o caldeirão da Porta, realizou uma reforma no caldeirão rochoso, onde construiu uma parede de concreto de 2 por 2 metros de largura na parte frontal do caldeirão, para uma maior capacidade de armazenamento de água. Atualmente o caldeirão da Porta

tem 10m de largura e 6m de profundidade, e comporta aproximadamente 70 mil litros de água. (SOUSA, 2021) (Figura 25)

Além da construção da parede de concreto, foi instalado um ferro entre as rochas para servir de suporte na hora de pegar a água, como também, foi inserido a presença de uma escada. De acordo com o Sr. Elias Claro (2021), as manutenções eram realizadas anualmente ou quando ocorria o vazamento de água no caldeirão e quando ocorria a obstrução na encanação devida à presença de sedimento. Na (figura 25) ilustram o sedimento que foi retirado durante as manutenções, demonstrando o trabalho contínuo para garantir a funcionalidade e conservação do caldeirão.

Figura 25: Parte externa do caldeirão da Porta.



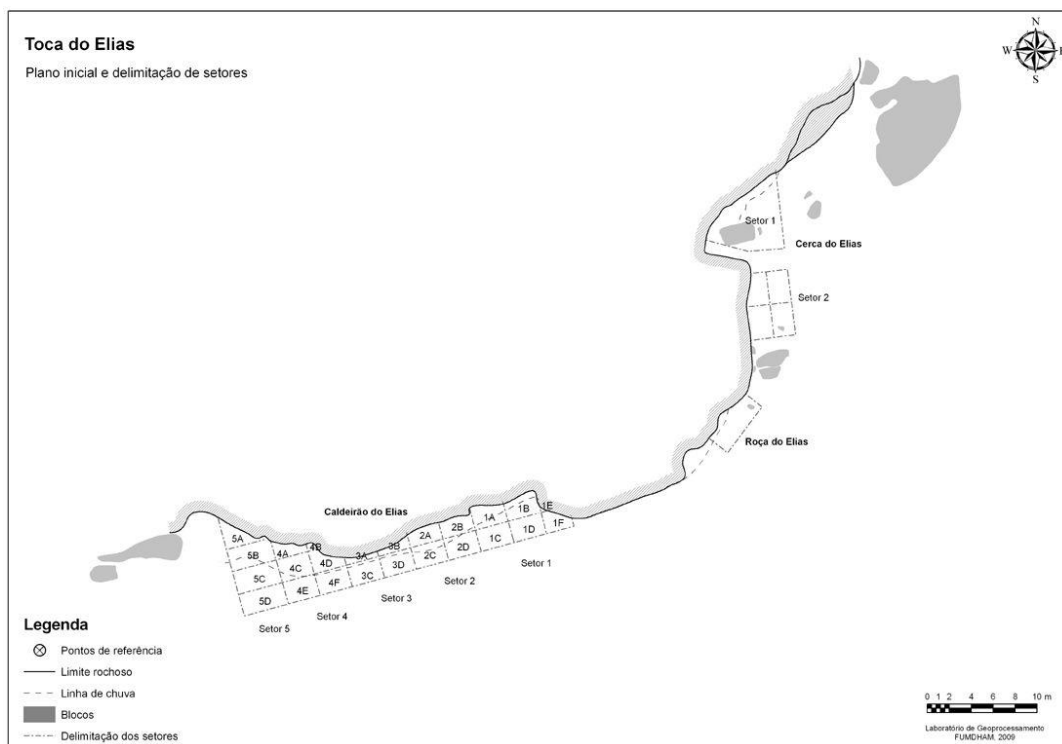
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O caldeirão da Porta se encontra em bom estado de conservação, no momento da visita não foi possível observar a presença de bojos, devido a quantidade de água de tonalidade escura presente no caldeirão. Durante a prospecção foi possível observar que a vegetação da área possui arvores de médio e grande porte, como por exemplo juazeiro, cajueiro, pau de rato, algaroba, cansanção.

Vale ressaltar que próximo ao caldeirão, no mesmo paredão em que ele se encontra, existe o sítio arqueológico Toca do Elias de pintura rupestre. O sítio arqueológico é do tipo abrigo sob rocha, contendo várias pinturas rupestres que vai desde o caldeirão da Porta até o caldeirão da Bernardina, devido as pinturas rupestres estarem espalhadas ao longo do paredão rochoso, o sítio arqueológico foi escavado pela Missão Franco-Brasileira, sendo divididos em três áreas, a área Cerca do Elias contendo os setores 1 e 2, área Roça do Elias não houve divisão de setores, já na área do Caldeirão do Elias, ficou dividido em setores 1, 2, 3, 4 e 5. (GUIDON, PESSIS E MARTIN. 2008)

O caldeirão da Porta está no sopé da cuesta, onde “reúne águas vinda dos canyons Baixão das Andorinhas, Baixão das Trombetas e Baixão das Mulheres”. (GUIDON, PESSIS E MARTIN, 2008. p. 16), como pode ser observado na (figura 26). De acordo com Guidon, Pessis e Martin (2008), além da existência de pinturas rupestre no sítio arqueológico Toca do Elias, foi identificado gravuras, fragmento cerâmica, lítico, fogueira, dentes humanos, restos de um crânio, fragmento vítreo e “fileiras de tijolos, não cozidos, alinhados como dispostos para secar, ruínas de fornos para secar farinha de mandioca e um engenho para fabricar açúcar”

Figura 26 Plano inicial e delimitação de setores do sítio arqueológico Toca do Elias.



Fonte: Guidon, Pessis e Martin, 2008.

Nas (figuras 27, 28) é possível observar a escavação que foi realizada no sítio arqueológico Toca do Elias, nos setores nomeados de Caldeirão do Elias e Roça do Elias.

Figura 27: Sítio arqueológico Toca do Elias, setor: Caldeirão do Elias.



Fonte: GuidonPessis e Martin, 2008.

Figura 28 Escavação arqueológica no Sítio Toca do Elias, setor: Roça do Elias.



Fonte: Guido, Pessis e Martin, 2008.

Em uma pesquisa anterior realizada na minha monografia de conclusão de curso, “Fontes de vida, sociabilidade e memória: Narrativas sobre os Caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José Dias-PI” (Sousa, 2021), foi observado que mesmo havendo todo um trâmite para que as pessoas possam estar entrando na área desses caldeirões rochosos, é necessário o acompanhamento de um guia turístico. Podemos perceber com o caso do Sr. Elias Claro, que houve um acordo informal entre ele e a antiga coordenação do Parna na época, e que permaneceu sendo cumprida até o ano de 2023, no entanto em 2024 a nova gerencia do PARNA Serrada da Capivara, retirou a permissão do Sr. Elias Claro e sua família de utilizar das águas do caldeirão da

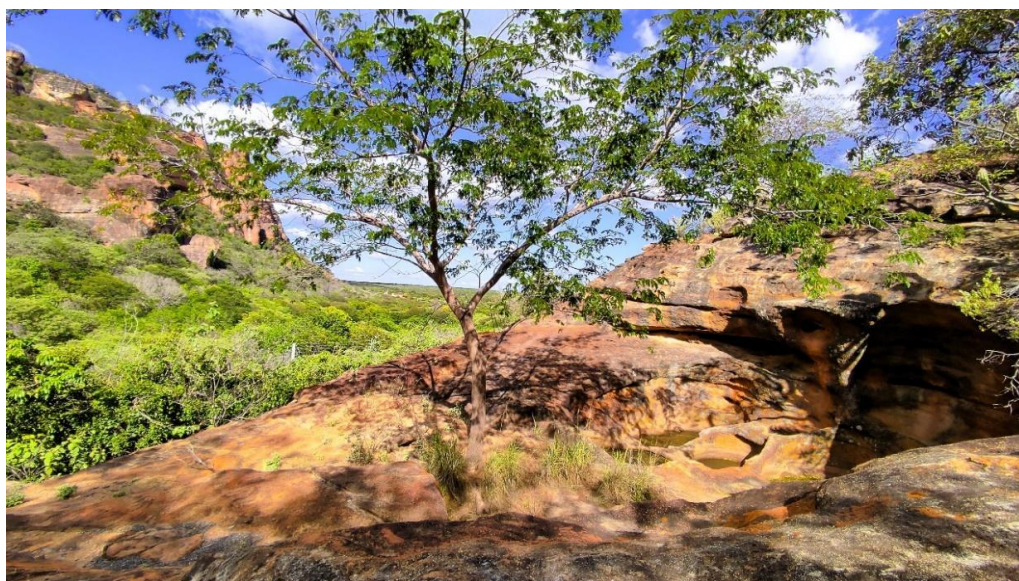
Porta. Vale destacar a cerca existente na figura a cima, separa a área do Parque Nacional Serra da Capivara das terras da família do Sr. Elias Claro.

5.1.5 Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto

O caldeirão possui a coordenada 23L 768258 9021718, 404m de altitude, dentro do Parque Nacional Serra da Capivara, está localizado em um conjunto de serras arenítica em que os moradores da comunidade precisavam caminhar uma certa distância por cima da rocha para chegar até o mesmo. O referente caldeirão teve como seu primeiro e único dono o sr. Aniceto, que segundo integrantes da comunidade Sítio do Mocó, foi um dos primeiros moradores habitar a comunidade depois dos indígenas (Sousa, 2021).

No momento que foi realizado a visita ao caldeirão do Avô Aniceto, foi constatado que o mesmo apresenta bom estado de conservação, como podemos observar na (figura 29), contendo a presença de aproximadamente sete bojos com água de coloração escura com material limoso. A vegetação local é a mesma encontrada no caldeirão do Gado, por estar em um mesmo conjunto de serras. (Figura 30)

Figura 29: Caldeirão do Avô Aniceto.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Devido ao difícil acesso, esse caldeirão somente era utilizado quando o caldeirão do Gado estava ocupado por muitas lavadeiras e não tinha espaço para todas, dessa forma as lavadeiras que chegavam e não encontravam espaço no caldeirão do Gado, se deslocavam até o caldeirão do Avô. (SOUSA, 2021)

Eu lembro quando eu era criança, as vezes a gente ia ajudar as nossas mães a lavar roupa e como naquela época as necessidades era muito carente para a gente, além de a gente vir ajudar colocar água para ela, durante os intervalos que a vasilha estava cheia a gente aproveitava ao redor da caatinga do lado do caldeirão pra matar as roliazinhas, pombos de baladeira, além de você estar ajudando, já podia levar alguma carne para a casa, porque saia de casa e não tinha nada para comer então era uma forma da gente sobreviver também. Chegava até ser perigoso as vezes um monte de mulher lavando roupa nas rochas e a gente atirando de baladeira e a pedra passava pertinho delas, escutava só as mulheres gritar: tu vai me matar. (...) Outra coisa interessante era que a gente utilizava os caldeirões para esperar meio dia o fopago e Juriti pra você matar e levar para casa, porque sabia que eles iam beber água. O caldeirão dos Avôs era mestre pra gente fazer isso, quando a gente era menino, a gente se escondia para esperar (SOUSA, p. 91, trecho de entrevista concedida por Nestor Neto, 2021).

Figura 30: Caldeirão do Avô Aniceto.



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2023

De acordo com as entrevistas que realizei em 2021, a manutenção do referido caldeirão aqui abordado era realizada anualmente por membros da localidade Sítio do Mocó.

5.1.6 Caldeirão do Inharé

O Caldeirão do Inharé, localizado nas coordenadas 23L 768873 9021829, com 463 m de altitude, é um exemplo de caldeirão rochoso que, apesar de sua proximidade com a comunidade e de sua acessibilidade, apresenta sinais de desgaste e degradação. Seu nome é originado pela presença de uma árvore conhecida como Inharé, que se encontra próxima ao caldeirão, conforme relatado nas entrevistas realizadas em 2021.

Este caldeirão apresenta quatro bojos pequenos e rasos, com baixa capacidade para armazenar água. Embora haja alguma água no caldeirão, ela estava com uma coloração escura e com acumulação significativa de material limoso, sedimento e fezes de animais, indicando que o local não tem sido mantido adequadamente. Esse estado de conservação precário reflete a falta de cuidados contínuos, provavelmente devido à menor utilização ou à falta de recursos para manutenção.

A vegetação ao redor do caldeirão é característica do bioma caatinga, com a presença de mandacarus, juazeiros, xique-xique, coroa de frade, pau de rato, catingueira e, claro, a árvore Inharé que dá nome ao local. O caldeirão está situado em uma área com boa ventilação e uma leve inclinação na rocha, proporcionando um abrigo natural. Isso cria um microambiente favorável para a vegetação local e, possivelmente, para os animais que frequentam a área.

Embora o trajeto até o Caldeirão do Inharé seja acessível, situado entre 100 a 200 metros das residências da comunidade Sítio do Mocó, ele está localizado dentro da área do Parque Nacional Serra da Capivara. Uma cerca com portão separa o caldeirão de uma propriedade privada, mas ao se aproximar, é possível observar vestígios de uma antiga roça, incluindo restos de telha e tijolos de adobe, sugerindo que o local foi anteriormente habitado ou utilizado de alguma forma pela comunidade. As (figuras 31) registram esses vestígios e o entorno do caldeirão, oferecendo uma visão do contexto histórico e ambiental da região.

Figura 31 : Caldeirão do Inharé e estrutura próxima de casa ao caldeirão.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Apesar dos poucos relatores sobre o caldeirão do Inharé, foi possível obter a informação da sua funcionalidade, onde de acordo com relatos dos nossos colaboradores da localidade Sítio do Mocó, o caldeirão era utilizado para afazeres domésticos, como: limpar a casa, lavar roupa e lavar a louça. (SOUSA, 2021)

Vale ressaltar que não obtivemos informações referentes a manutenção do caldeirão Ilharé, no entanto acredita-se que pelo fato de ser um caldeirão de fácil acesso e ser utilizado por moradores da localidade Sítio do Mocó, a manutenção deveria ocorrer da mesma forma dos demais caldeirões já apresentados.

5.1.7 Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha

O Caldeirão Grande, também conhecido como Caldeirão da Chiquinha, apresenta coordenadas 23L 768268 9021675, com uma altitude de 405 metros e é composto por rocha sedimentar arenítica. No momento da visita, não foi possível

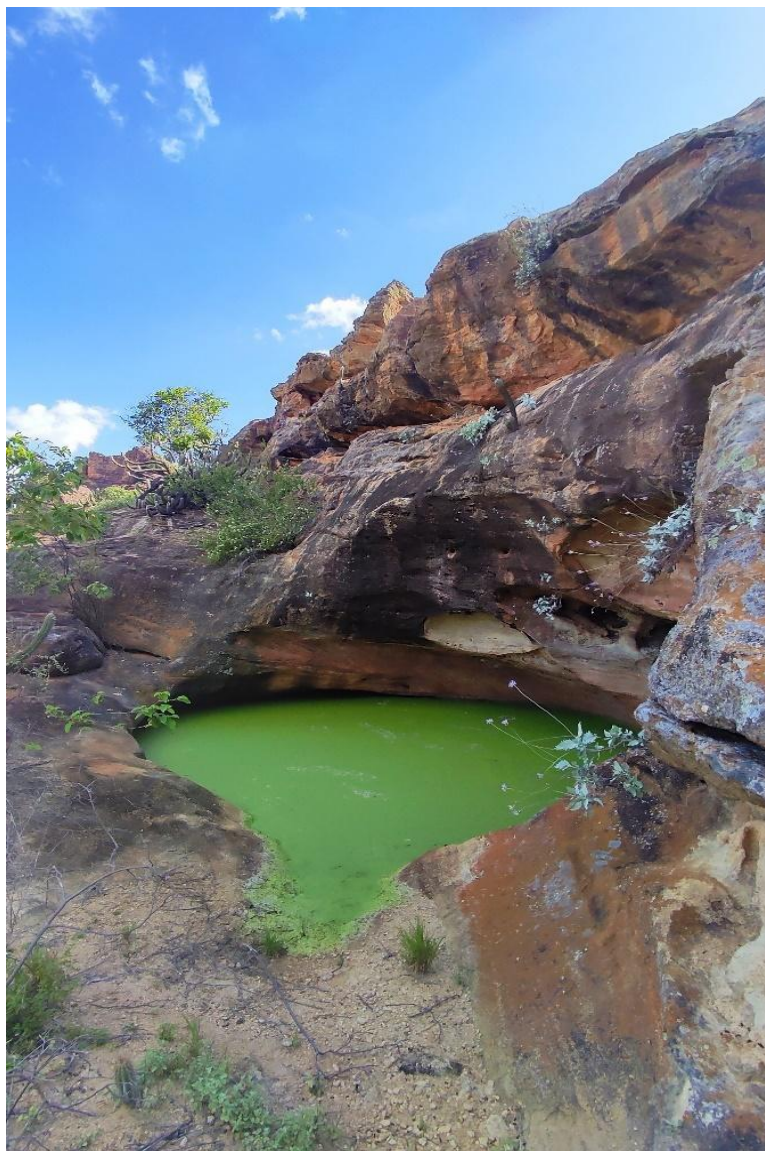
determinar a quantidade de bojos no caldeirão, devido à presença de água em sua capacidade máxima.

Segundo os relatos dos moradores da comunidade Sítio do Mocó, o nome Grande foi atribuído ao caldeirão devido ao seu formato arredondado e de grandes dimensões. O nome Chiquinha, por sua vez, pode estar relacionado a uma antiga moradora da comunidade, possivelmente uma das primeiras a habitar a região, chamada Chiquinha. Essa referência à história local mostra como a toponímia do lugar está conectada com as memórias e vivências das famílias da comunidade, reforçando o vínculo cultural com o território.

Além disso, como observado em outros caldeirões da localidade, o Caldeirão Grande também passou por manutenções realizadas pelos moradores. No momento da visita, foi possível identificar vestígios de concreto, um material utilizado nas reformas, o que sugere que a manutenção do caldeirão era uma prática contínua, com o objetivo de preservar sua capacidade de armazenamento de água. Essas manutenções não só asseguraram o uso funcional do caldeirão, mas também demonstram a prática de cuidado e preservação do patrimônio por parte da comunidade local.

Esses detalhes sobre a história e manutenção do Caldeirão Grande (figura 32) ilustram como ele se configura como um ponto importante não só pela sua funcionalidade, mas também como um marco cultural e histórico da comunidade.

Figura 32: Caldeirão do Grande.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O Caldeirão Grande está em bom estado de conservação, mas observa-se que a vegetação ao redor está começando a se aproximar do caldeirão, o que pode afetar sua visibilidade e o acesso ao local. Entre as plantas encontradas na área estão o mandacaru, xique-xique, coroa de frade, pau de rato, catingueira, algaroba, urtiga e cansanção, característicos do bioma da caatinga. A vegetação densa, apesar de ser parte do ecossistema local, demanda atenção para não obstruir o acesso e manutenção do caldeirão.

O percurso até o Caldeirão Grande é de fácil acesso, mas o local em si é bastante estreito, limitando a passagem de pessoas, apenas cerca de cinco pessoas

podem se deslocar de cada vez. Além disso, a área próxima ao caldeirão apresenta um precipício à frente, o que exige cuidados ao se transitar por ali.

A importância do Caldeirão Grande para a comunidade Sítio do Mocó vai além da sua utilidade para armazenar água. Conforme relatado nas entrevistas de 2021, o caldeirão era considerado um dos mais importantes pela sua água ser de qualidade superior, mais limpa que a dos outros caldeirões, e utilizada exclusivamente para cozinhar e beber. A água do caldeirão Grande era tão valorizada que a comunidade estabeleceu normas de uso rigorosas: as pessoas sabiam que aquele caldeirão não deveria ser utilizado para outros fins, como banho ou brincadeiras, ao contrário dos outros caldeirões, que eram vistos com mais flexibilidade. Como relatado por Nestor Neto (Sousa, 2021, p. 85), a comunidade possuía a consciência de que o Caldeirão Grande era um recurso vital para consumo direto, e qualquer uso inadequado gerava reclamações. O Sr. Pedro (Sousa, 2021, p. 85) complementa essa visão, indicando que qualquer pessoa da comunidade se sentia à vontade para corrigir aqueles que utilizassem a água do caldeirão para fins que não fossem beber ou cozinhar.

Essa norma coletiva reflete o alto valor simbólico e prático do caldeirão, que se tornou não apenas uma fonte de sustento, mas também um símbolo de respeito pela água e pela preservação dos recursos naturais da comunidade.

5.1.8 Caldeirão da Demar ou Caldeirão do Francisco

O caldeirão rochoso está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara, tem como coordenadas 23L 766856 9021885, 499m de altitude, de rocha sedimentar arenítica.

No momento da visita ao caldeirão, foi verificado a existência de dois bojos pequenos, consideramos que o caldeirão está em mal estado de conservação, pois, apesar da água presente no caldeirão rochoso conter uma coloração clara, foi identificado galhos de árvores e bastante sedimento e seixos na parte interna do caldeirão, proveniente da correnteza da água que é transportado com a chuva. (figura 33)

Figura 33: Primeiro bojo do caldeirão da Demar e do Francisco com sedimento e seixos e segundo bojo com galhos de arvores e seixos.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Nas entrevistas realizadas (Sousa, 2021), foi relatado pelo os colaboradores da localidade Sítio do Mocó que o caldeirão pertencia as antigas terras do casal Ildemar e Francisco, onde o casal utilizava das águas do caldeirão no momento que estavam trabalhando na sua roça e em momentos de seca quando os demais caldeirões rochosos mais próximos da comunidade Sítio do Mocó estavam secos

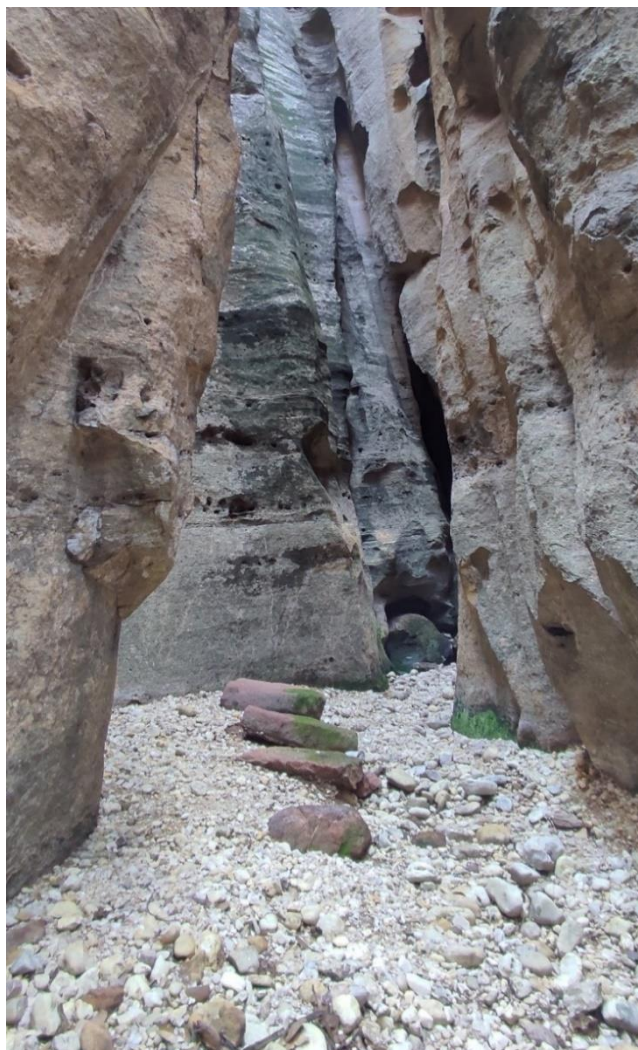
Devido o caldeirão estar em antigas propriedades do casal e ser de pequeno porte, as águas eram utilizadas apenas por membros de sua família (SOUSA, 2021). O caldeirão é de difícil acesso e está localizado em uma área mais distante da comunidade Sítio do Mocó, para chegar ao caldeirão rochoso, foi realizado caminhada de aproximadamente uma hora abrindo picada, pois não havia mais estrada. Chegando próximo ao caldeirão rochoso, nos deparamos com uma parte do percurso mais complicada, pois tínhamos que passar por cima de grandes blocos rochoso soltos.

Meu pai tinha uma rocinha lá nos fundos do Baixão, aí a gente descobriu um caldeirão bem pequeno nas terras, aí quando acabava todas as águas aqui

perto, a família toda ia pra lá lavar roupa, eu, minha mãe, as irmãs dela. Quando a água acabava porque era pequeno, a gente puxava toda a área que ficava no fundo para que juntasse novamente água. (Trecho de entrevista que realizei com a colaboradora IOLENE. 2021, p. 97)

Ao observar o ambiente que o caldeirão rochoso está, foi identificado um salão sem vegetação com paredes rochosas com vários seixos e uma fileira de blocos de rocha, ao questionar o sr. Francisco de Assis (2023) o significado, afirmou que além de ser um local que servia para caminhar em cima devido a água transbordar do caldeirão, a água acaba chegando naquele local, o mesmo era utilizado para apoiar as roupas no momento que estava lavando. (figura 34). Vale ressaltar que o sr. Francisco de Assis é genro do casal Ildemar e Francisco.

Figura 34 : Estrutura de rocha inserida propositalmente no local para lavar roupa.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A água do caldeirão rochoso aqui apresentado era utilizada para lavar roupa e saciar a sede em momentos que o casal Ildemar e Francisco estavam trabalhando na lida com a roça, ou em momentos emergências ocasionadas pela falta de água, quando as águas dos caldeirões mais próximos da localidade Sítio do Mocó cessavam. (SOUSA, 2021)

5.1.9 Caldeirão dos Branquinho

Caldeirão dos Branquinho tem com coordenadas 23L 768265 9021648 com 407 m de altitude, rocha sedimentar do tipo arenítica e está localizado próximo aos caldeirões O Grande e do Gado, dentro da área do Parque Nacional Serra da Capivara. Sousa (2021), ao realizar as entrevistas com os colaboradores da comunidade Sítio do Mocó, foi verificado o porquê do nome Branquinho, e segundo os colaboradores da comunidade Sítio do Mocó, o nome Caldeirão dos Branquinho faz referência a coloração de suas águas devido possuírem uma coloração transparente, e que eram utilizadas para lavagem de roupa e uso doméstico.

A seguir, é apresentado duas fotografias tiradas em anos e ângulos diferentes, na (figura 35) podemos observar uma mulher lavando roupa no caldeirão dos Branquinhos no ano de 2005, contendo pouca água no caldeirão rochoso.

Figura 35: Mulher lavando roupa no caldeirão dos Branquinhos.



Fonte: Rita Nunes, 2005

Já na segunda (figura 36), foi registrada no momento que realizamos a prospecção, com isso foi verificado que o caldeirão apresenta está com sua capacidade máxima, a água presente no caldeirão contém material limoso e não foi possível verificar a quantidade de bojo existente no caldeirão. Ainda na (figura 36), podemos observar a presença gravuras pintadas de branco com as iniciais U e N sobrepondo o material de cimento aplicado na rocha do caldeirão.

Figura 36: Caldeirão dos Branquinho.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Diante das duas imagens apresentados a cima, é nítido perceber a diferença de quando as pessoas da localidade Sítio do Mocó cuidava e realizavam as manutenções anuais, pois devido à falta de manutenção com o objetivo de realizar os reparos tanto na parte interna do caldeirão, como também a limpeza nas proximidades do caldeirão, a vegetação está bem se aproximando cada vez mais do caldeirão. Vale

ressaltar que, a vegetação predominante é da caatinga como por exemplo árvores como Juazeiro, Mandacaru, Caroa. (ver figura 36)

5.1.10 Caldeirão dos Claros/ Domingos

Coordenada 23L 767649 9021805, 413m de altitude e está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara. O nome do referido caldeirão, se deu devido estar em antigas terras do sr. Domingos Claro. Caldeirão dos Claros é de rocha sedimentar arenítica, porém, não foi possível verificar a quantidade de bojos existente no caldeirão, devido ao excesso de sedimento presente no caldeirão rochoso. (FIGURA 37). A área que o caldeirão está localizado é arejada com presença de arvores como cajueiro, umbuzeiro, mandacarus, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, pau de rato e catingueira.

Figura 37: Caldeirão dos Claro/ Domingos.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A água do caldeirão dos Claros, era destinado para a funcionalidade de lavar roupas, e apesar de estar na antiga propriedade do Sr. Domingos Claro, todos da localidade Sítio do Mocó podiam utilizar das águas do caldeirão (Sousa, 2021), Atualmente o caldeirão (figura 38) pertence a área do Parna Serra da Capivara, apesar de ser um caldeirão de fácil acesso, o caldeirão fica mais afastado da comunidade Sítio do Mocó, devido a esse motivo, as pessoas da localidade Sítio do Mocó utilizavam de suas águas para lavar roupa apenas quando esgotavam as águas dos demais caldeirões, assim as pessoas não consideram como sendo um dos mais importantes (SOUSA, 2023). Na imagem a seguir (figura 39) o lajedo e visão panorâmica próximo ao caldeirão onde as pessoas utilizavam para lavar as roupas

Figura 38: Lajedo onde as pessoas lavavam as roupas no caldeirão dos Claros/ Domingos.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao visitar o caldeirão, foi possível perceber que há uma gravura na rocha com as iniciais E e N, contendo ainda outro símbolo não identificado (figura 39).

Figura 39: Grafismo.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Vale ressaltar que, de acordo com os colaboradores da localidade Sítio do Mocó que entrevistei em 2021, todos os anos as pessoas se reuniam para realizar a manutenção de todos os caldeirões, incluindo o caldeirão dos Claros, no entanto devido o caldeirão estar atualmente em área do Parque Nacional Serra da Capivara, as manutenções realizadas pelas pessoas da localidade Sítio do Mocó foram cessadas.

No momento que foi realizado a prospecção, foi identificado a ausência de água e soterramento do caldeirão, a hipótese levantada para essa problemática teria sido ocasionada devido a junção de alguns fatores ambientais e climático como o assoreamento do caldeirão rochoso tenha ocasionado um menor acumulo de água devido as chuvas torrenciais; evaporação da água em longos períodos de estiagens; processo erosivo da rocha que pode ter ocasionado fissuras levando um vazamento de água, como também a falta de manutenção realizada anualmente, pois acredita-se ser um fator importante para a problemática do soterramento do caldeirão.

5.1.11 Caldeirão da Porteira

Tem como coordenadas 23L 768224 9021776, 400 m de altitude, é considerado um caldeirão de rocha sedimentar arenítica, possuindo cinco bojos pequenos. De acordo com as entrevistas realizadas (Sousa, 2021), obtive a informação que devido o caldeirão (figura 40) estar próximo a uma porteira e dentro da área do Parna Serra da Capivara, as pessoas locais da comunidade Sítio do Mocó, o associaram ao termo.

Foi identificado presença de arvores como pau de rato, catingueira, mandacarus, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga e cansanção. Devido à falta de manutenção realizadas anualmente pelas pessoas da comunidade Sítio do Mocó, a vegetação está bem próxima ao caldeirão, já na parte interna do caldeirão, foi identificado uma quantidade baixa de água na coloração escura. Devido essa pouca quantidade de água presente no caldeirão no momento da visita, foi possível observar a existência de fezes de animal e sedimento, com isso, o caldeirão não possui um bom estado de conservação. A funcionalidade aplicada ao uso do caldeirão, era voltada apenas para lavar roupa (Sousa, 2021).

Atualmente apesar de estar próximo a comunidade, o acesso possui uma trilha, no entanto devido à falta de manutenção, a vegetação está crescendo e fechando passagem, ao decorrer da trilha, foi identificado um poço artesiano, ao chegarmos no local do caldeirão rochoso, foi identificado cultura material do tipo cerâmica.

Figura 40: Caldeirão da Porteira.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Durante a prospecção na área do caldeirão identifiquei fragmentos de cerâmica (figura 41) que reforça mais ainda que o caldeirão havia sido utilizado pela população.

Figura 41: Cultura material encontrada no caldeirão da Porteira.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Apesar do caldeirão estar próximo a comunidade Sítio do Mocó e ser de fácil acesso, as pessoas da localidade Sítio do Mocó não o considera como sendo um dos mais importantes caldeirões rochosos, pois o caldeirão rochoso aqui abordado, tem baixa capacidade de armazenamento de água

5.1.12 Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem

Tem como coordenadas 23L 769108 9022867, 422m de altitude, rocha sedimentar do tipo arenítica. O referido caldeirão abordado neste tópico, pertencia as antigas terras da sr. Ana, conhecido como mãe Ana, vozinha ou caldeirão da Tapagem (Sousa, 2021). Tais nomes dados ao caldeirão foram citados nas entrevistas de diferentes colaboradores da localidade Sítio do Mocó em 2021, através das características bastante semelhantes que eram apresentados foi possível constar que se tratava de um só caldeirão e não três.

No momento da visita ao caldeirão da Mãe Ana, foi possível verificar que o caldeirão está em bom estado de conservação, porém não foi possível verificar a quantidade de bojos existentes no caldeirão, pois estava com quase 100% de sua capacidade máxima de água. Na parte interna do caldeirão, apresenta água com tonalidade escura, vegetação e material limoso. (FIGURA 42).

Figura 42: Caldeirão da Mãe Ana.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Sua vegetação é caatinga com árvores de pequeno e médio porte, e está localizada na área do Parna Serra da Capivara, próximo ao boqueirão da Pedra Furada. Em minha pesquisa de monografia, pude constatar que este caldeirão rochoso, era utilizado tanto na lavagem de roupa, como em outras utilidades de pessoas que frequentavam aquele espaço através da lida na roça, tanto da família da sr. Ana quanto das pessoas que trabalhavam em roças próximas a ele. (SOUSA, 2021)

Caldeirão da Mãe Ana é de fácil acesso, em uma parte do percurso até o caldeirão da Mãe Ana, se dá através de trilha, podendo ser percorrido com motocicleta, no entanto no restante do percurso, foi necessário abrir picada, pois a mata estava densa.

5.1.13 Caldeirão da Escada (renomeado para Caldeirão da Geladeira)

Tem como coordenadas 23L 768811 9024178 com 484 m de altitude, localizado na área do Parna Serra da Capivara, sendo um caldeirão de fácil acesso, rocha sedimentar arenítica. Os colaboradores da comunidade Sítio do Mocó citam este caldeirão como caldeirão como Escada, justamente por estar em uma área alta e era necessária uma escada para que fosse possível o acesso ao caldeirão, sendo dessa forma uma atividade arriscada, pois os moradores precisavam se equilibrar na escada na maioria das vezes com vasilhas de água na cabeça. (SOUSA, 2021)

Com o passar do tempo, a nomenclatura do caldeirão passou a ser Geladeira, acredita-se que tenha sido pelo fato que a parte interna apresenta sensação térmica mais baixa do que na parte externa do caldeirão. Como o caldeirão está dentro dos limites do Parna, ele possui uma placa indicando sua localização. (ver figura 43)

Figura 43 Placa de indicação.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

A vegetação predominante é a caatinga, com árvores de médio e grande porte, o tipo de rocha do caldeirão é a sedimentar do tipo arenítica, o caldeirão da Geladeira é formado a partir de uma grande fissura entre a rocha que se tornou um grande corredor onde é possível o acumulo de água.

Ao chegarmos no local do caldeirão, foram evidenciados três salões sendo eles um mais alto que o outro, devido ao difícil acesso nos demais salões, fomos apenas até o primeiro, porém do primeiro salão dava para avistar os demais, atualmente o caldeirão se encontra seco, sem água, o que pode indicar variações sazonais ou mudanças nas condições ambientais do local. Vale ressaltar que na foto os salões aparentam estar no mesmo nível, no entanto estão aproximadamente mais de 2 metros de altura um do outro. Nas próximas imagens é possível observar os dois salões. (Figuras 44, 45)

Figura 44: Autora no primeiro salão do caldeirão da Geladeira.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 45: Primeiro, segundo e terceiro salões do Caldeirão da Geladeira



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

No momento que foi realizado a prospecção e identificação do caldeirão da Geladeira, foi verificado que o mesmo apresenta mal estado de conservação, pois além de não conter a presença de água, o caldeirão está soterrado.

5.1.14 Caldeirão dos Cambambá

Caldeirão dos Cambambá tem como coordenadas 23L 769195 9023223 com sua altitude 509 m, podemos perceber que além de ser um caldeirão de rocha sedimentar arenítica, o mesmo está localizado em uma altitude consideravelmente elevada do que alguns caldeirões da localidade Sítio do Mocó, na (figura 46) podemos perceber que tem pouca capacidade de armazenamento de água.

É possível observar que no fundo do caldeirão possui um grande acumulo de seixos de quartzo e sedimento, que foram trazidos ao local através da queda d'água que abastece o caldeirão no período de chuva, muito provavelmente esse caldeirão está soterrado com esses seixos. Nos arredores do caldeirão também existe um grande número de seixos de quartzo. A vegetação predominante da caatinga, com arvores de médio e grande porte, como cangalheiro, pau de rato, umburana entre outras.

Apesar de ser um caldeirão de fácil acesso, o caldeirão é um dos mais distantes da comunidade Sítio do Mocó e para chegar até o mesmo, em uma parte do percurso pode ser acessado com automóveis, no enteando ao se aproximar do caldeirão, é necessário finalizar o percorrer caminhando. No momento que foi visitado o caldeirão dos Cambambá, foi verificado que o mesmo apresenta mau estado de conservação. Pois, apesar da pouca existência de água, o caldeirão se encontra com muito acumulo de seixos devido à falta de manutenção que era realizada por parte da população da comunidade Sítio do Mocó.

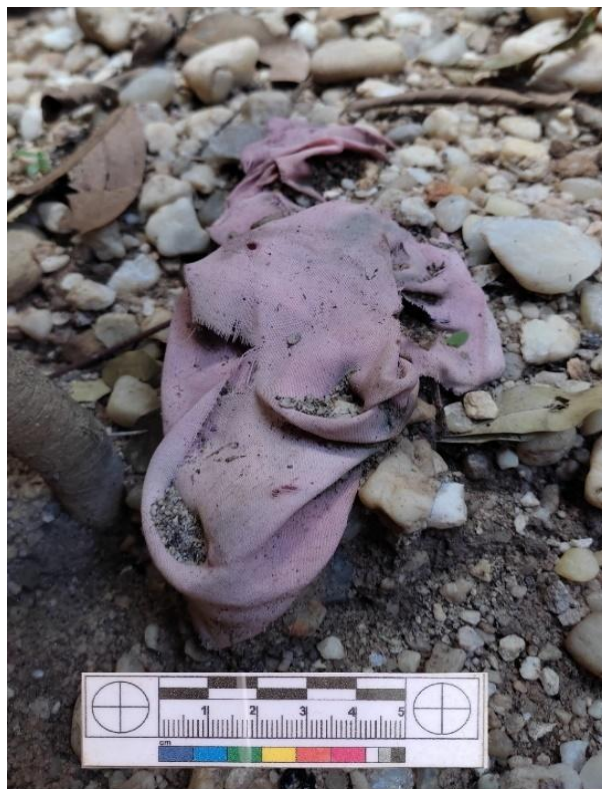
Figura 46: Caldeirão dos Cambambá.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao chegarmos no local do caldeirão, foi identificado cultura material do tipo têxteis, proveniente das atividades de lavadeiras que iam ao local com o objetivo de lavar as roupas de seus familiares. (figura 47)

Figura 47: Cultura material do tipo têxteis,



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

De acordo com as entrevistas realizadas em (Sousa, 2021), caldeirão dos Cambambá era tido como um local voltado para a lavagem de roupa em momento de seca, devido à falta de água dos demais caldeirões que são identificados como sendo de fácil acesso da comunidade Sítio do Mocó.

5.1.15 Caldeirão dos Canoas (I e II)

Neste tópico, é abordado os Caldeirões, Canoas I, tem como coordenada 23L 768994 9024255 com 489 m de altitude; Caldeirão dos Canoas II, coordenada 23L 769040 90242554, 494 m de altitude, localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara.

Caldeirão dos Canoas I e II, foram classificados como cadeirões de pequeno porte de rocha sedimentar arenítica. Foi identificado água de coloração escura na parte interna dos dois caldeirões rochosos, como também a presença de dois bojos pequenos no caldeirão dos Canoas I e apenas um bojo pequeno no caldeirão dos Canoas II, ambas com acúmulo de sedimento (figuras 48, 49, 50, 51). Devido a esse acúmulo de sedimento, os caldeirões rochosos foram classificados como estando em mau estado de conservação no momento que foi realizado a visita aos caldeirões rochosos.

Figura 48: Primeiro bojo do caldeirão dos Canoas I.



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

Figura 49: Segundo bojo do Caldeirão dos Canoas I.



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

Figura 50: Caldeirão dos Canoas I.



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

Figura 51: Caldeirão dos Canoas II.

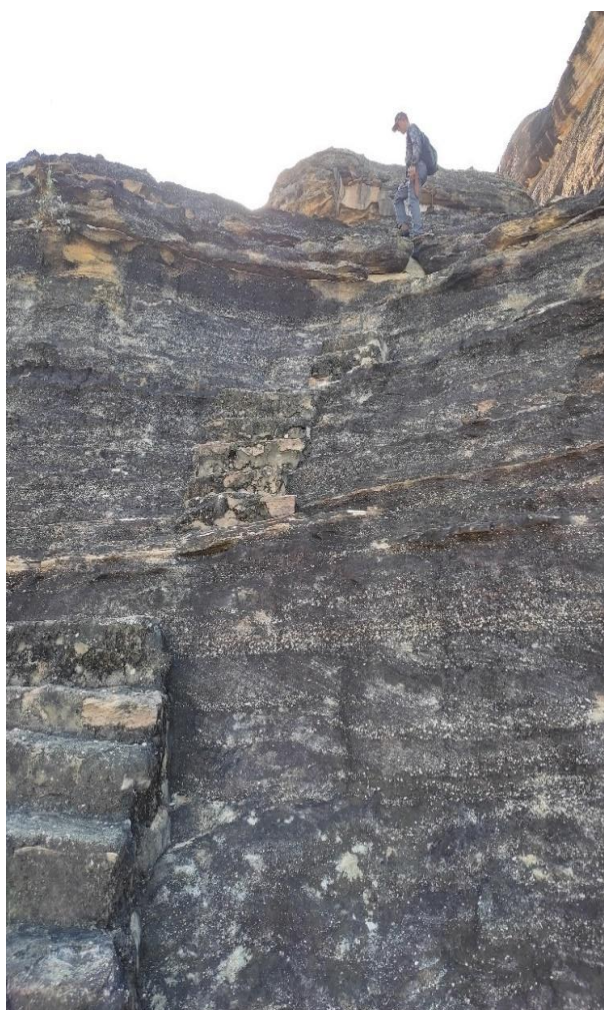


Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

A área que os caldeirões dos Canoas I e II estão localizados no alto da serra, é composta por vegetação do tipo bromélia macambira, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.

Nos relatos colhidos (Sousa, 2021) estes caldeirões eram utilizados apenas em casos de emergência, por serem caldeirões de difícil acesso, como podemos ver na foto a baixo (figura 52), esse seria o início de um longo percurso bastante exaustivo e perigoso que dá acesso tanto para os caldeirões dos Canoas (I, II), como também para os caldeirões dos Rodrigues (I, II, III), podemos perceber a existência de alguns degraus que foram construídos depois da oficialização do PARNA Serra da Capivara.

Figura 52: Percurso para os acessar os caldeirões dos Canoas (I, II) e Caldeirões do Rodrigues (I, II, III)



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Vale ressaltar que, não foi obtido nem uma informação relacionada a manutenção dos caldeirões aqui abordados neste tópico, no entanto acredita-se que assim como os demais caldeirões, Canoas I, II provavelmente as pessoas da localidade Sítio do Mocó também realizavam as manutenções, pois mesmo que com pouca frequência, as pessoas estavam utilizando desses caldeirões em casos de emergências.

5.1.16 Caldeirões do Rodrigues (I, II e III)

Ao chegar no local do caldeirão citado, nos deparamos com a existência de mais de um caldeirão com o mesmo nome, então decidimos acrescentarmos os números romanos I, II e III, para fazermos uma diferenciação em sua nomenclatura.

De acordo com as entrevistas (Sousa, 2021) com os colaboradores da comunidade Sítio do Mocó, os caldeirões dos Rodrigues I, II, III, pertenciam as antigas terras de um senhor chamado Rodrigues, atualmente pertencem a área do Parque Nacional Serra da Capivara.

Caldeirões dos Rodrigues I, II, III, que devido estarem muito próximos, foi registrado apenas uma coordenada 23L 768442 9024818, com 507m de altitude. Assim podemos perceber devido sua altitude, que os caldeirões do Rodrigues I, II e III são os caldeirões que estão em uma área mais alta, quando comparado com os demais caldeirões rochosos estudados nessa pesquisa.

Na imagem a seguir (figura 53) é possível observar que o caldeirão do Rodrigues I, apresenta uma rocha sedimentar, com pouca quantidade de água com coloração escura, bojos inexistentes em ambos os caldeirões.

No momento da visita aos caldeirões rochosos, foi possível perceber que os caldeirões dos Rodrigues I e II, estão em estado de má conservação, devido a parte interna dos caldeirões conter uma quantidade de sedimento juntamente com vegetação. A água presente nos caldeirões dos Rodrigues I e II, apresenta coloração escura, vale ressaltar que não foi possível verificar a existência de bojos.

Figura 53: Caldeirão do Rodrigues I.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O caldeirão dos Rodrigues III é de rocha sedimentar arenítica. Apresenta mau estado de conservação, devido à grande quantidade de sedimento e vegetação na parte interna do caldeirão rochoso, ocasionando a ausência de água e a impossibilidade de verificar a existência ou não de bojos. Na imagem (figura 54) a seguir é possível observar como o Rodrigues II e III estão próximos.

Figura 54: Caldeirões dos Rodrigues II, III.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao chegar nos caldeirões dos Rodrigues, foi identificado vegetação composta por coroa de frade, urtiga, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.

Apesar da existência de trilhas para chegar aos caldeirões dos Rodrigues I, II, III, como dito no tópico anterior, o trajeto consiste em realizar uma longa caminhada e uma escalada perigosa, além do trajeto ser exaustivo e perigoso, o local que os caldeirões estão, apresenta uma inclinação na rocha, propício para possíveis acidentes fatais. Devido a esses fatos, são considerados caldeirões de difícil acesso e eram utilizados apenas em casos de emergência.

5.1.17 Caldeirão do Rimualdo (I e II)

Em um primeiro momento, acreditou-se tratar de apenas um caldeirão, no entanto ao chegarmos no local, percebemos a existência de dois caldeirões Rimualdo I, tem como coordenadas 23L 768375 9021761, 405 m de altitude, e Rimualdo II, coordenadas 23L 768386 9021767 cm 408 m de altitude.

Ambos os caldeirões apresentados neste tópico, estão localizados dentro da área do Parna Serra da Capivara, ficando aproximadamente trezentos a quinhentos metros das residências da comunidade Sítio do Mocó, apesar de estarem próximo da comunidade, de acordo com as entrevistas que realizei em (Sousa, 2021) com os colaboradores da comunidade Sítio do Mocó, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó utilizavam dois caldeirões apenas em momentos de emergência para lavar roupa ou buscar água para afazeres doméstico, quando as águas dos caldeirões principais secavam.

Apesar da pouca caminhada para chegar até os caldeirões do Rimualdo I e II, os mesmos são considerados de difícil aceso, como pode ser observado na (figura 55), para acessá-los é necessário fazer uma escalada perigosa pois, para chegar até eles existe uma escada que dá acesso ao local onde eles se encontram. no entanto a escada e os degraus presentes na imagem, foram construídas depois da oficialização do PARNA Serra da Capivara.

Figura 55: Acesso aos caldeirões do Rimualdo I e II.



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

O caldeirão do Rimualdo I, foi formado na rocha sedimentar arenítica. No momento da visita ao caldeirão, foi identificado três bojos com uma pequena quantidade de água de coloração escura, com vegetação e material limoso na sua parte interna do caldeirão.

Vale ressaltar que, a área do caldeirão do Rimualdo I (figura 56) é bastante estreita, podendo comportar aproximadamente três ou quatro pessoas, pois logo à frente do caldeirão há um precipício.

Figura 56: Caldeirão do Rimualdo I.



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

Algo me chamou atenção no Rimualdo I, uma madeira em um dos bojos do caldeirão, segundo o nosso guia e membro da comunidade Sítio do Mocó Willian Silva, a madeira servia para as pessoas de apoiarem e conseguirem pegar água, o que seria uma prática extremamente perigosa, e até hoje ela permanece no local. (figura 57)

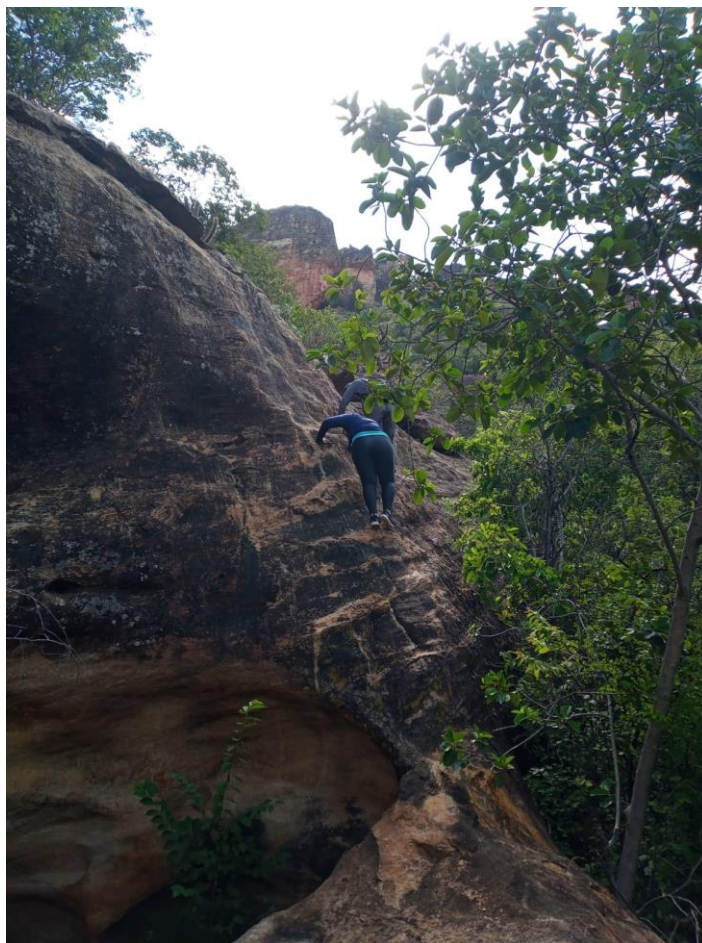
Figura 57: Madeira utilizada como suporte para pegar água no caldeirão Rimualdo I.



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

O caldeirão do Rimualdo II, está aproximadamente entre vinte a trinta metros de distância do Rimualdo I, no entanto o percurso para chegar até o caldeirão II, fica mais complicado e perigoso. (Figura 58)

Figura 58: Trajeto para chegar ao caldeirão do Rimualdo II



Fonte: Acervo pessoal a autora, 2023.

Caldeirão do Rimualdo II é formado em rocha sedimentar arenítica. No momento da visita, o caldeirão estava em bom estado de conservação e com capacidade máxima de água de coloração escura, além da água, foi identificado vegetação e material limoso na parte interna do caldeirão rochoso. (Figura 59)

Figura 59: Caldeirão do Rimualdo II.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Existe pouca vegetação na rocha, no entanto na frente do caldeirão contém um precipício com árvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.

Vale ressaltar que, não obtivemos quaisquer informações referentes a manutenção dos caldeirões abordados neste tópico, no entanto devido ser caldeirões utilizado pela localidade Sítio do Mocó, acredita-se que havia a manutenção dos mesmos.

5.1.18 Caldeirão das Bananeiras

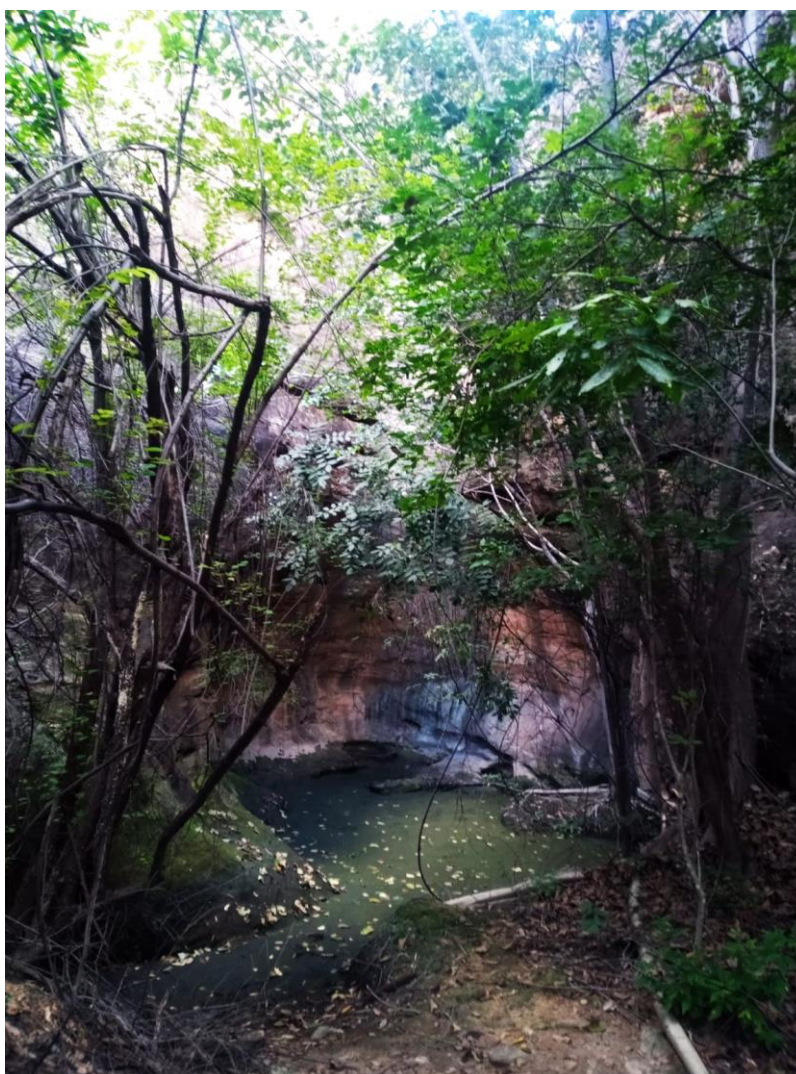
Tem como coordenadas 23L 767447 9022056, 422 m de altitude, atualmente está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara, no entanto já pertenceu as antigas terras do Sr. Pedro Silva e sua esposa Cleia Miranda (SOUSA, 2021). De acordo com as entrevistas que realizei em 2021, o caldeirão das Bananeiras

era utilizado apenas pela família do casal Pedro Silva e Cleia Miranda em momentos que estavam trabalhando na roça ou para lavar roupa quando as águas dos principais caldeirões secavam. (SOUSA, 2021)

Caldeirão das Bananeiras, (figura 60) é formado por rocha sedimentar arenítica, no entanto não foi possível identificar a quantidade de bojos existentes, devido o caldeirão estar com sua capacidade máxima de água no momento que foi realizado a visita ao caldeirão rochoso.

No momento da visita ao caldeirão, foi observado que o caldeirão está em mau estado de conservação, apesar de estar completamente cheio, o caldeirão estava bastante sujo, água de coloração escura com bastante vegetação e material limoso, dando aspecto que água contaminada com presença de forte odor.

Figura 60: Caldeirão das Bananeiras.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O caldeirão das Bananeiras é de fácil acesso, porém, é um caldeirão que está mais afastado da comunidade Sítio do Mocó, com isso, requer uma caminhada de aproximadamente trinta a quarenta minutos, também podendo ser percorrido por menos tempo por automóvel.

Foi identificado Vestígios têxteis (Figura 61), apesar do pouco relato relacionado ao caldeirão, indica a presença e utilização da família seja ela para lavar roupa ou utilizar em período de trabalho em sua roça.

Figura 61: Vestígio têxteis encontrado no Caldeirão das Bananeiras.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O ambiente que o caldeirão das Bananeira está, é composto por bromélia macambira, algaroba, xique-xique, cansanção, coroa de frade, urtiga, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, quixaba, entre outras arvores que não foram identificadas.

A seguir são apresentados o Caldeirão do Amaro; Caldeirão Zé Nei e o Caldeirão do Apertado. São apresentados os caldeirões rochosos que encontramos no decorrer do percurso da prospecção, nos deparamos com tais caldeirões que não foram citados em nenhuma entrevista sequer.

5.1.19 Caldeirão do Amaro e Caldeirão do Zé Nei

No momento que os caldeirões do Amaro e Zé Nei foram encontrados na prospecção, surgiu o questionamento do porquê as pessoas não os terem citado nas entrevistas. Ao nos acompanhar na prospecção em 2023, o Sr. Francisco de Assis, que é morador da comunidade Sítio do Mocó, relatou que os caldeirões pertenciam a antiga terra dos Sr. Amaro e Zé Nei e ambos pertenciam ao mesmo núcleo familiar, Amaro como sendo sogro de Zé Nei. Tais caldeirões eram utilizados apenas para aqueles do seu grupo familiar que trabalhavam em suas antigas roças.

Caldeirão do Amaro, tem como coordenada 23L 767395 9022478, 404 m de altitude, sendo um caldeirão de rocha sedimentar arenítica. Possivelmente no período que os caldeirões estavam sendo utilizados pelo grupo familiar dos Sr. Amaro e Zé Nei, o caldeirão seria de fácil acesso, devido a existência de estradas para chegar ao caldeirão.

Atualmente o caldeirão do Amaro está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara, para realizar o trajeto até os caldeirões citados neste tópico, foi necessário realizar uma caminhada em mata fechada de aproximadamente trinta a quarenta minutos, devido ao fato da mata fechada, tanto o caldeirão do Amaro (Figura 62), como também o caldeirão do Zé Nei, foram considerados caldeirões de difícil acesso.

Figura 62: Caldeirão do Amaro

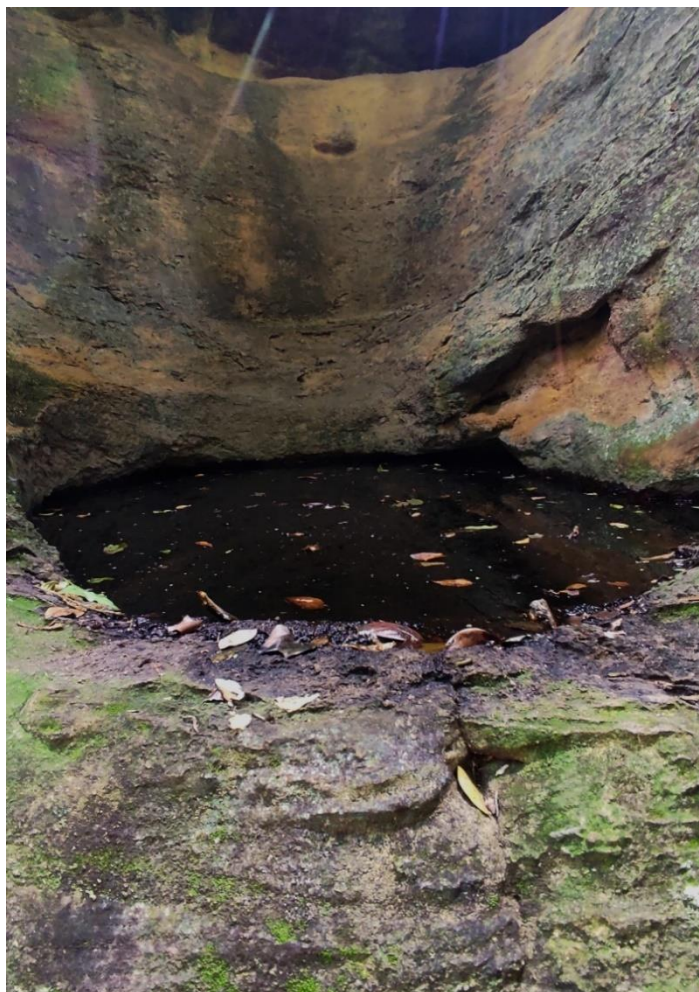


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O caldeirão do Amaro, no momento que foi realizado a visitação foi identificado em sua parte interna sedimento e matéria orgânica, estando com sua capacidade máxima de água, a água presente contém coloração escura com presença de material limoso. Foi identificado catingueira, xique-xique, cansanção, coroa de frade, urtiga, faveleira, jericó, coroá e quixaba.

Caldeirão do Zé Nei contém as coordenadas, 23L 767633 9022332, 411 m de altitude. Considerado um caldeirão de pequeno porte, com presença máxima de água, apesar da água escura presente no caldeirão, foi possível identificar a presença de sedimento e material orgânico na parte interna doo caldeirão, com isso, o caldeirão Zé Nei foi classificado como estado em mau estado de conservação. (figura 63)

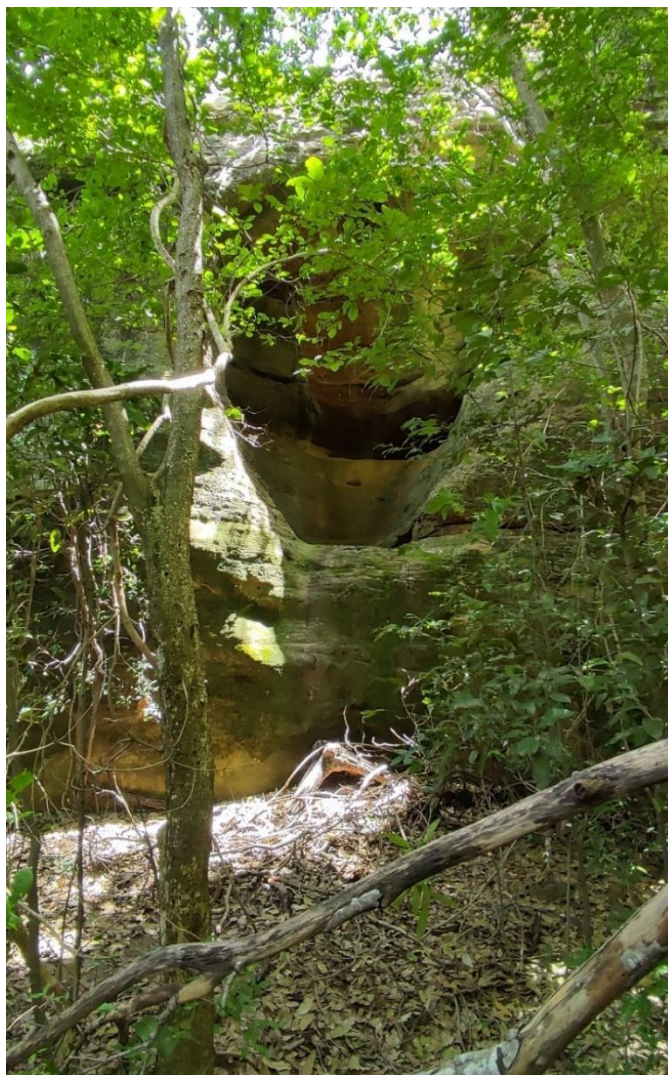
Figura 63: Parte interna do caldeirão do Zé Nei.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao observar o ambiente, foi identificado um tronco escorado na parede rochosa do caldeirão, (figura 64) a hipótese é que o tronco tenha sido posicionado propositalmente para que as pessoas tivessem acesso a água do caldeirão rochoso.

Figura 64: Tronco escorado na parte externa do Caldeirão do Zé Ne



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Foi identificado vegetação composta por coroa de frade, cansanção urtiga, coroá, catingueira, faveleira, jericó, pau de rato, macambira, xique-xique e quixaba.

5.1.20 Caldeirão do Apertado e Caldeirão da Cachoeira

No momento que realizamos as entrevistas com os colaboradores da localidade Sítio do Mocó em 2021, os caldeirões do Apertado e da Cachoeira, não foram citados, no entanto ao decorrer da prospecção, nos deparamos com tais caldeirões, assim optamos por fazer seu registro fotográfico e marcar as coordenadas, pois acredito que mesmo não tendo obtido informações do mesmo, acredito que o mesmo pertencia as

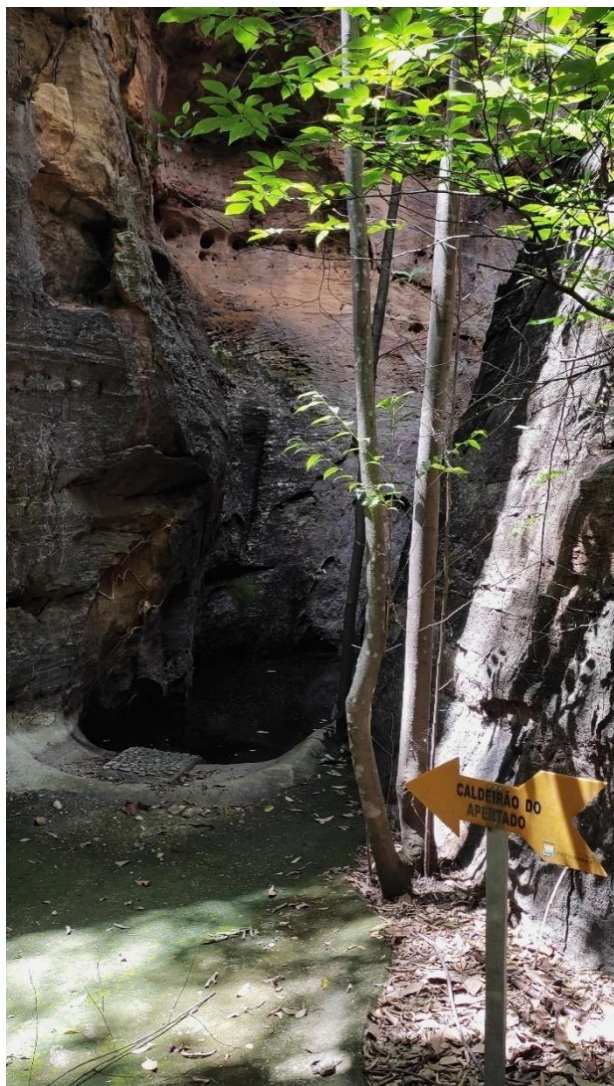
terras de alguém e assim como os demais caldeirões, pode ter tido alguma funcionalidade, já que é um caldeirão de fácil acesso e visto que as pessoas utilizavam de caldeirões mais distante e de difícil acesso.

Vale ressaltar que, obtivemos as informações dos seus respectivos nomes através de placas que informa a direção dos caldeirões, acreditamos que os seus respectivos nomes tenham sido nomeados pela direção do Parque Nacional Serra da Capivara.

Caldeirão do Apertado tem como coordenadas 23L 768666 9023999, 442 m de altitude, caldeirão de rocha sedimentar de pequeno porte, localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara estando aproximadamente uma hora de caminhada de distância das residências do Sítio do Mocó, no entanto o percurso pode ser percorrido através de automóvel otimizando o tempo para chegar ao local, com isso o caldeirão é tido como de fácil acesso.

Na (Figura 65) mostra material do tipo concreto e seixos, utilizado para expandir a capacidade de armazenamento de água do caldeirão, que foi realizada posteriormente da oficialização do Parna Nacional Serra da Capivara.

Figura 65: Caldeirão do Apertado.

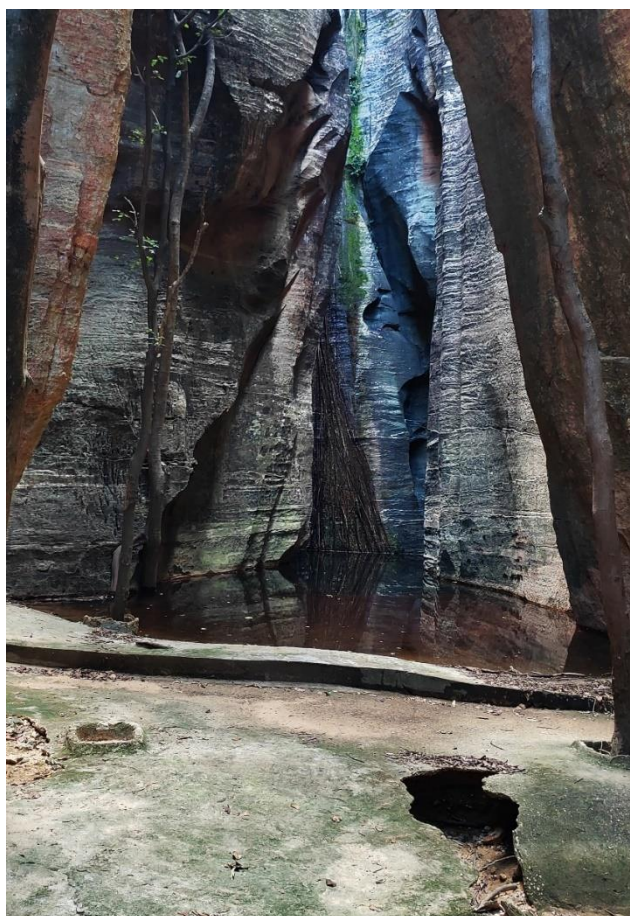


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

No momento que foi realizado a visita ao caldeirão do Apertado, apesar da água escura, o caldeirão está em bom estado de conservação. A vegetação ao redor do caldeirão, é composta por cansanção, urtiga coroa de frade, catingueira, faveleira, jericó, macambira.

Caldeirão da Cachoeira, (figura 66) tem como coordenadas 23L 768520 9024069, 450m de altitude e está na área do Parque Nacional Serra da Capivara, é considerado um caldeirão de fácil acesso, estando aproximadamente uma hora de caminhada das residências da comunidade Sítio do Mocó, no entanto assim como o caldeirão do Apertado, o percurso pode ser percorrido por automóvel, otimizando o tempo de chegada até o caldeirão.

Figura 66: Caldeirão da Cachoeira.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Caldeirão de rocha sedimentar arenítica de pequeno porte. O caldeirão contem ampliação realizada com material de concreto para suportar maior quantidade de água. Na parte interna do caldeirão, foi identificado água de coloração escura, sedimento e matéria orgânica. Devido a presença de sedimento presente na parte interna do caldeirão, consideramos que no momento da visita, o caldeirão rochoso está em mau estado de conservação. Vale ressaltar que a área do caldeirão é formada por paredões, formando um salão. A seguir, é apresentado o caldeirão da Comunidade Barreirinho.

5.1.21 Caldeirão da Pinga da Andorinha

Ao chegarmos ao suposto caldeirão Pinga da Andorinha (Figura 67) 23L 766642 9023629 com 433 m de altitude, percebemos que o mesmo se trata de um olho d'água, de pequeno porte e que seu tipo de rocha é sedimentar do tipo arenítica. Não foi encontrado vestígios da presença humana como em outros caldeirões, mas de acordo com o Sr. Francisco de Assis (2023) que além de ter frequentado e trabalhado na antiga roça que o caldeirão da Pinga da Andorinha, nos acompanhou até o caldeirão.

Figura 67: Caldeirão Pinga da Andorinha.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Devido a utilização da água do olho d'água por aqueles que utilizavam em períodos que estavam trabalhando nas roças ali próximo, segundo o sr. Francisco de

Assis as terras em que o Pinga da Andorinha está inserido pertencia a sua família, e em suas falas é possível observar que este local o faz lembrar vários momentos de sua infância.

Ao nos acompanhar, o sr. Francisco de Assis (2023), relatou que seus familiares por muito tempo usufruíram daquele local na lida com a roça, dessa forma deixando claro que é um local que remete a memórias de momentos de convívio de sua família e importante para a história local.

Caldeirão Pingo da Andorinha é de rocha sedimentar arenítica, apresenta bom estado de conservação, com pouca presença de água de coloração escura. Apesar de ser distante da comunidade Sítio do Mocó, o caldeirão é de fácil acesso, porém no momento que foi realizado a visita ao caldeirão, foi necessário abrir picada com a ferramenta facho, pois devido à falta de manutenção da estrada, a mata está bastante densa.

5.1.22. Caldeirão do Banho

O caldeirão aqui abordado, que tem como coordenadas 23L 767898 9022194, 426 m de altitude de rocha sedimentar do tipo arenítica, pertencia as antigas terras do Sr. Domingos Claro. (FIGURA 68) Foi identificado vegetação predominantemente de médio e grande porte do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba próximo ao caldeirão.

Figura 68 Caldeirão do Banho.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

Na imagem a seguir (figura 69) é possível observar uma cavidade na rocha, que muito provavelmente é por onde a água escorre sobre a rocha para o abastecimento do caldeirão, mas que se encontra no momento obstruída tanto pela vegetação quanto por pequenas rochas que se depositaram naquela cavidade.

Figura 69: Cavidade na rocha, local por onde escorre a água e abastece o caldeirão do Banho



Fonte: Acervo pessoal da autora

Durante a prospecção foi possível identificar a presença de cultura matéria do tipo tecido, louça e material de construção civil do tipo cimento e cano de PVC usado

provavelmente em encanação feita no caldeirão que tinha o objetivo de facilitar a retirada de água do mesmo. (Figuras 70, 71, 72)

Figura 70: Cultura material do Caldeirão do Banho.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Figura 71: Cultura material encontrada no caldeirão do Banho.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Figura 72: Parede de cimento do caldeirão do Banho.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

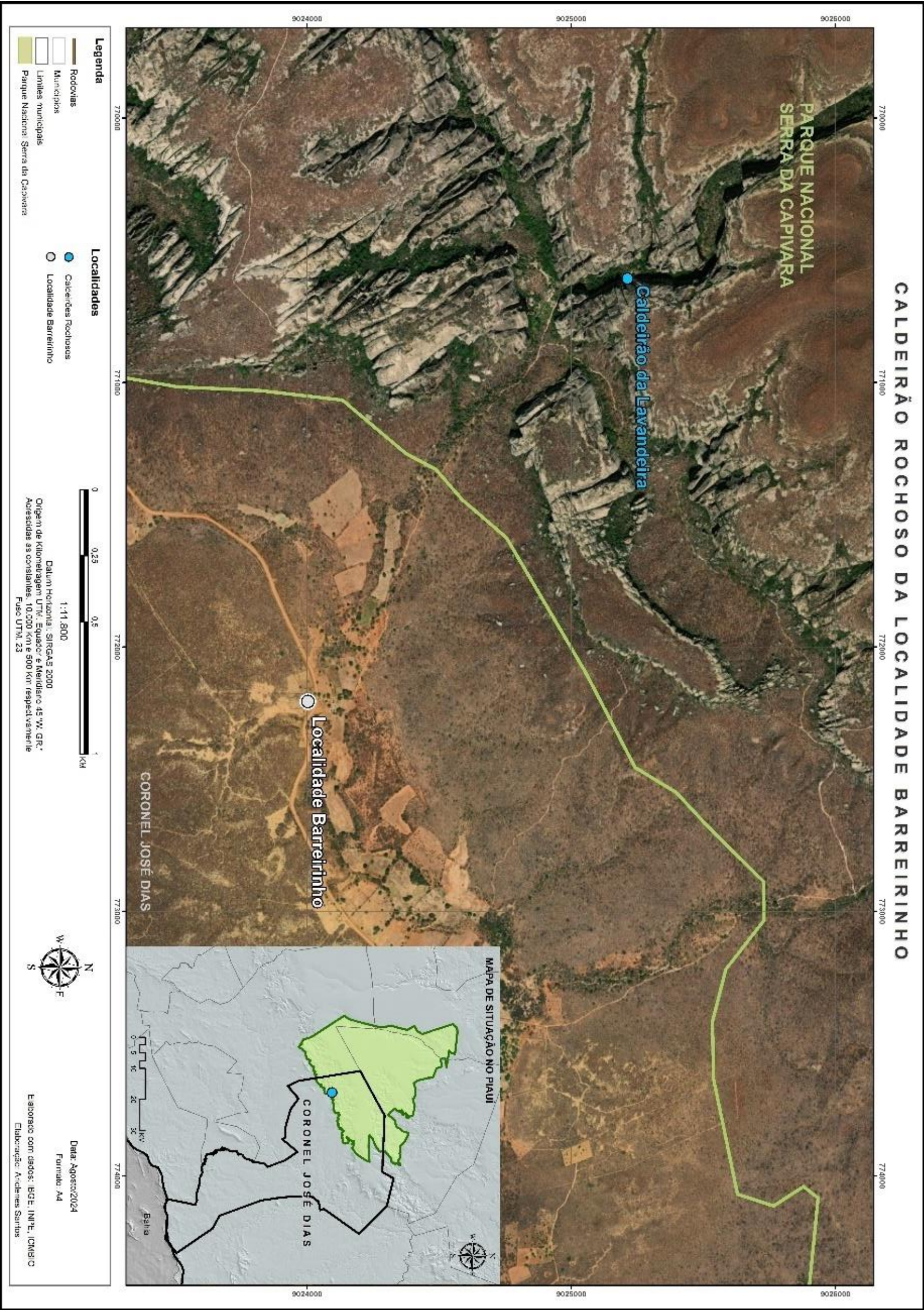
Apesar dos poucos depoimentos relacionados a esse caldeirão, é notório que ele foi bastante utilizado por pessoas do núcleo familiar do Sr. Domingos Claro, devido configuração em que o mesmo se encontra e os vestígios a sua volta demonstram que ali foi um espaço onde as pessoas buscavam água.

5.2 Caldeirões rochosos da comunidade Barreirinho

Devido apenas uma pessoa da comunidade Barreirinho concordar em participar da entrevista para essa pesquisa, os dados colhidos foram poucos. Apesar da idade avançada, o Sr. Manoel Lourenço de Araújo, 98 anos, relatou ter o conhecimento de três caldeirões, sendo eles: Pintubi; Mançanzeira e o caldeirão do Puxa, no entanto ao analisar a entrevista, percebe-se que o Sr. Manoel cita caldeirões que estão na antiga comunidade do Zabelê onde o mesmo viveu uma boa parte de sua infância.

O único caldeirão identificado na comunidade Barreirinho foi o caldeirão da Lavadeira. Na (figura 73) a seguir é possível observar o mapa de localização deste caldeirão.

Figura 73 Mapa de localização do Caldeirão rochoso da localidade Barreirinho.



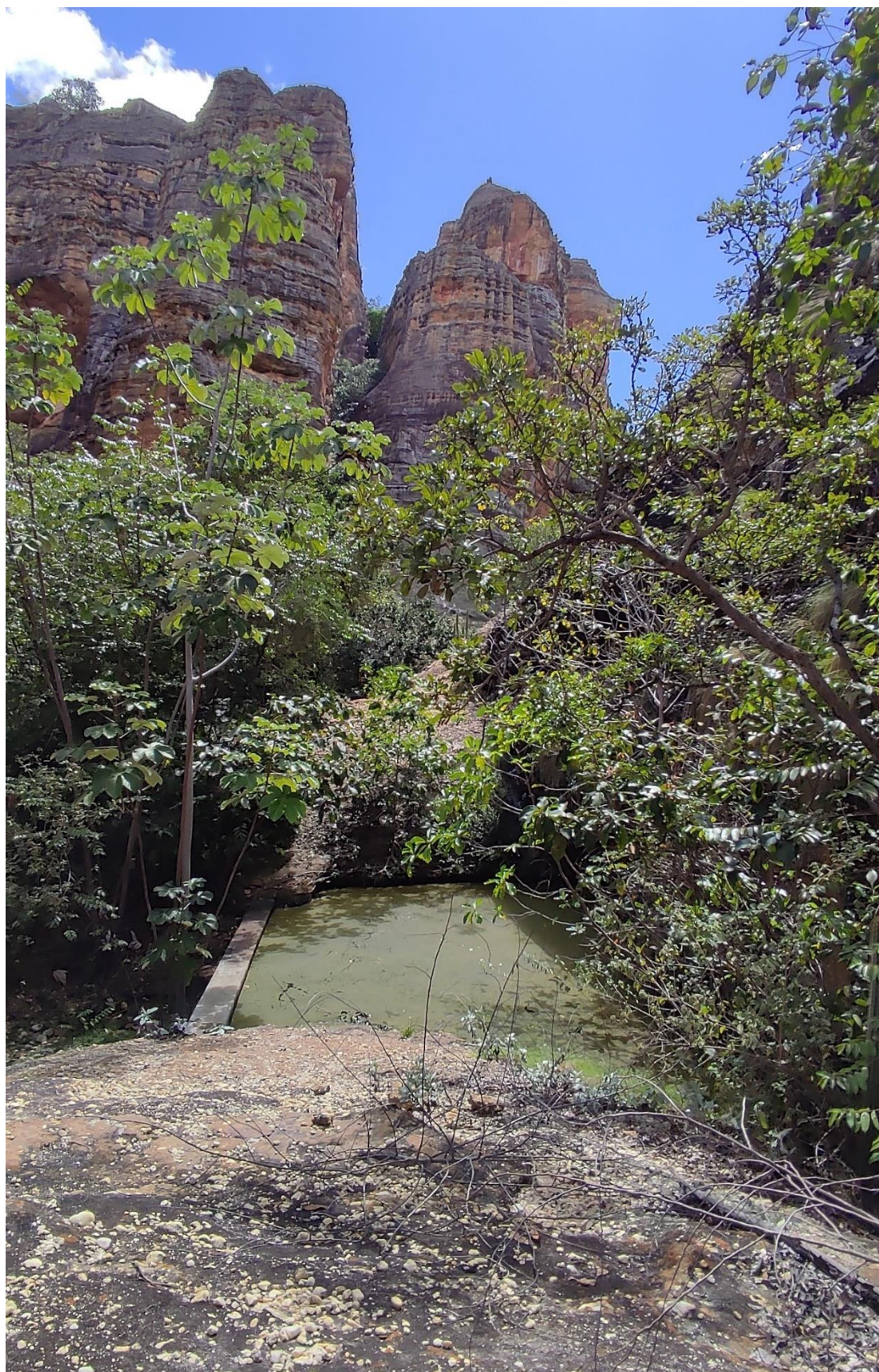
5.2.1 Caldeirão das Lavadeiras

Caldeirão das Lavadeiras, tem como coordenadas 23L 770606 9025212, 468m de altitude. Atualmente o caldeirão está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara. O acesso para chegar ao caldeirão da Lavadeira se inicia na fazenda Esperança que fica na localidade Barreirinho, levando aproximadamente trinta a quarenta minutos de caminhada da fazenda até o caldeirão, sendo possível otimizar o tempo de percurso percorrido com automóvel, com isso o caldeirão é de fácil acesso.

No momento que foi realizado a visita ao caldeirão da Lavadeira, foi observado a existência de uma parede de concreto na parte frontal do caldeirão, que foi realizada posteriormente a criação do Parque Nacional Serra da Capivara para suportar uma maior quantidade de água. Não foi possível verificar a existência de bojos, devido o caldeirão rochoso estar com sua capacidade máxima de água.

A água existente no caldeirão das Lavadeiras, apresenta uma coloração escura, com presença de material limoso (Figura 74). Foi identificado arvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba nas proximidades do caldeirão da Lavadeiras

Figura 74: Caldeirão das Lavadeiras.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Ao conversar informalmente com pessoas aleatórias sobre minha pesquisa de dissertação de mestrado, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó em alguns momentos comentaram sobre um caldeirão na comunidade Barreirinho, no entanto o mesmo não teria um nome específico.

Willian Silva, ao nos guiar em meio a prospecção, relatou que tinha o conhecimento do caldeirão das Lavadeiras na comunidade Barreirinho, ao longo do percurso, Willian relata que teve conhecimento através de alguns amigos da comunidade Barreirinho e que o caldeirão das Lavadeira, era utilizado para lavar roupa.

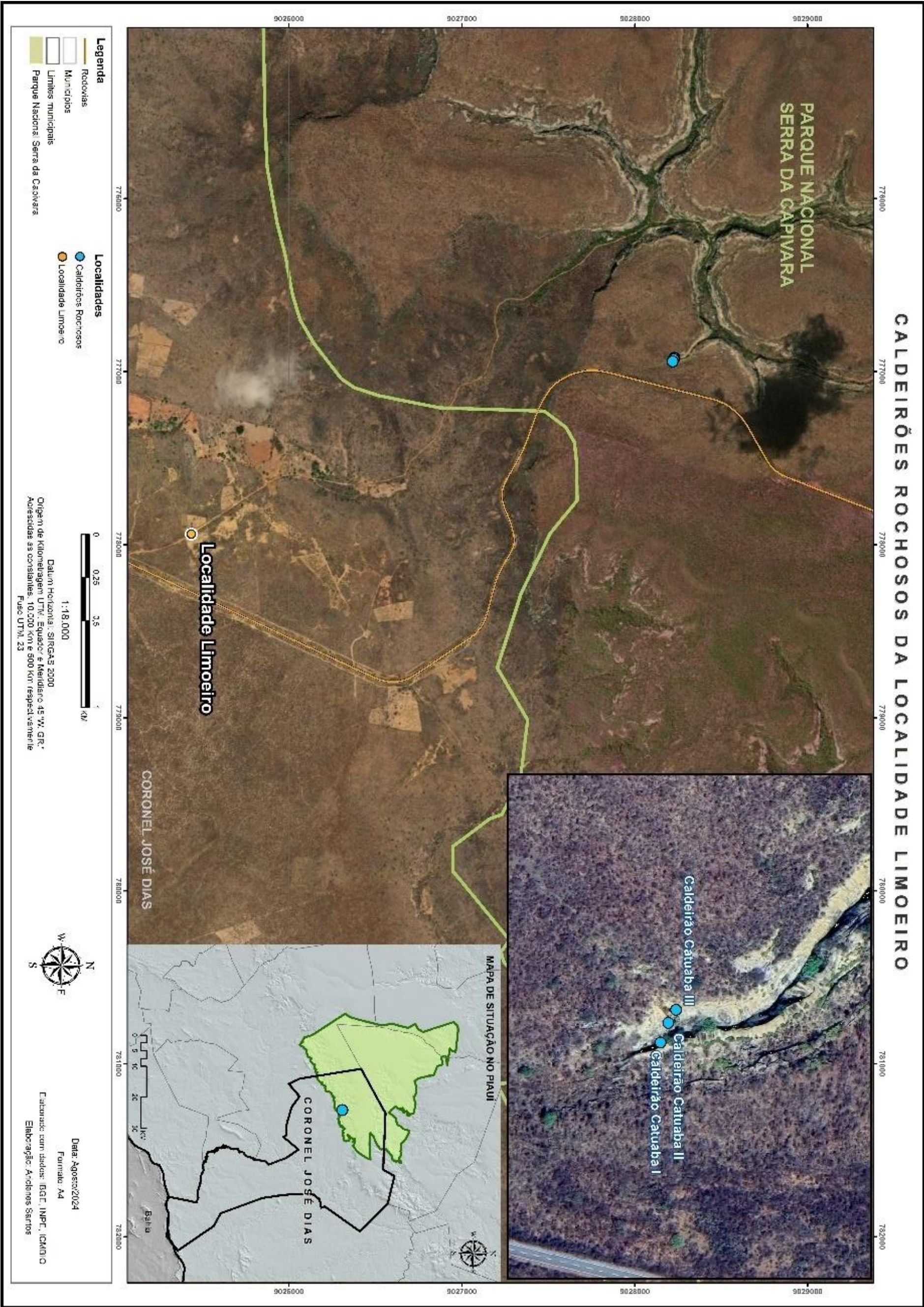
Quando fomos em busca de conversar com essas pessoas, não obtivemos respostas positiva em relação de concordarem a participarem das entrevistas, pois as pessoas da comunidade tinham receio quando o assunto está relacionado com o PARNA Serra da Capivara, devido a conflitos que até os dias atuais acontecem na comunidade.

5.3 Caldeirões rochosos da localidade Limoeiro

Na comunidade Limoeiro, foram apontados 17 caldeirões durante as entrevistas (2023), no entanto ao investigar esses caldeirões mencionados, foi constatado que na verdade a maioria dos caldeirões citados ficam em outras comunidades próximas e não na comunidade Limoeiro. Os caldeirões citados foram: Brejinho (I e II) pertence está na localidade Queimada Nova no município de Coronel José Dias; já Mocó Ruje está na localidade Poço do Angico, também em Coronel José Dias. Os caldeirões Dos Negos (I e II); Da Grota; Do Olegário; Caldeirãozinho (I, II, III, IV e V); Das Vacas; Da Onça e do Gongo, também foram citados pelos colaboradores, no entanto tais caldeirões estão localizados na antiga comunidade Olho d'agua, município de João Costa.

Os caldeirões encontrados na localidade Limoeiro foram Catuaba I, II e III, assim como pode ser observado no mapa. (figura 75)

Figura 75 Mapa de localização dos caldeirões rochosos da localidade Limoeiro.



5.3.1 Caldeirão do Catuaba I, II, III

Em entrevista o senhor José Pedro do Nascimento (2023), cita o caldeirão do Catuaba, ao chegarmos no local do caldeirão, foi identificado a existência de três caldeirões, assim, optei por diferenciar com a nomenclatura já existente, no entanto acrescentando os números romanos I, II e III. Assim, as coordenadas são: Catuaba I 23L 776941 9028219, com 527 m de altitude; Catuaba II 23L 776929 9028224, 526 m de altitude e Catuaba III 23L 776920 9028229, com 526 m de altitude.

Os caldeirões do Catuaba I e II são considerados estando em bom estado de conservação, com presença de água de coloração escura, já o Catuaba III não foi identificado a presença de água, contendo apenas vegetação na sua parte interna, estando em mau estado de conservação. Os caldeirões apresentados neste tópico, está em uma formação rochosa de conglomerado de seixo, localizados na parte alta da chapada. No momento da visita, foi observado que os caldeirões estão posicionados de forma que quando o Catuaba I transborda, suas águas excedentes abastece o Catuaba II (ver figura 77), que da mesma forma quando transborda suas águas passam para o Catuaba III (ver figura 78).

É interessante ressaltar que o Catuaba II mesmo aparentando ser raso foi possível com uma vara medirmos a profundidade do caldeirão, que pode chegar a aproximadamente 1,80m (Figura 76). A vegetação predominantemente da caatinga com plantas como espinheiros como a cabeça de frade.

Figura 76 Caldeirão do Catuaba I



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Figura 77: Caldeirão do Catuaba II.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Figura 78: Caldeirão do Catuaba III



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

De acordo com relatos dos antigos moradores do Limoeiro (2023), as funcionalidades desses caldeirões, se dividem em afazeres doméstico gerais, tais como para limpeza de casa, lavar louça, banho e beber, ou seja, esses caldeirões fizeram parte do cotidiano dessas pessoas através das águas que eles armazenavam. Nas entrevistas fica claro a importância desses locais para os moradores, pois os caldeirões eram responsáveis pelo abastecimento de água dessa localidade. Além do

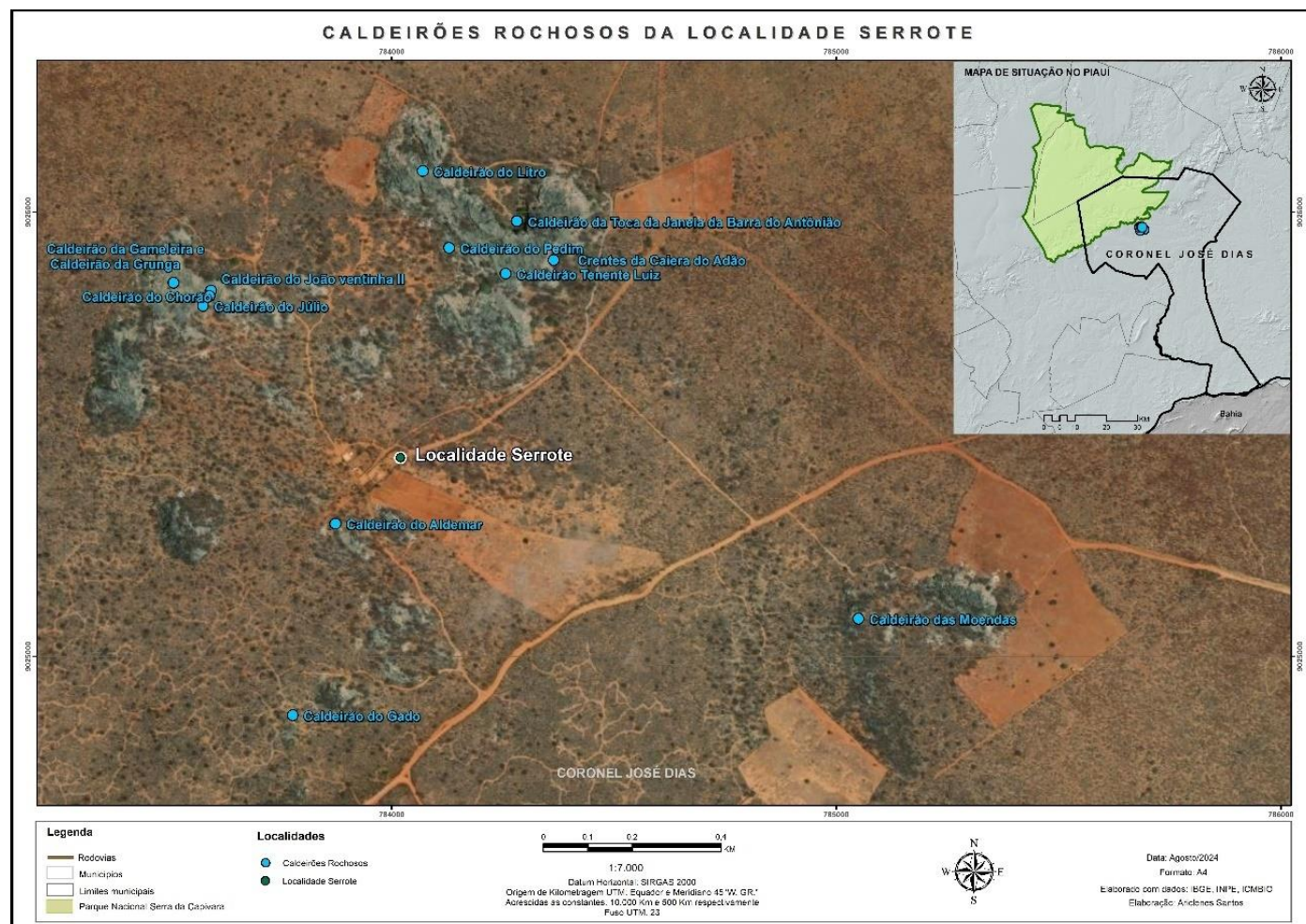
uso doméstico as águas dos caldeirões eram utilizadas por pessoas que trabalhavam nas atividades de maniçoba, extraíndo o látex para venda, e para além disso, os caldeirões contribuem para construção de narrativas sobre a localidade Limoeiro, tais como a lida diária em que os moradores descreveram.

Na ida ao local dos caldeirões fui guiada pelo senhor José Pedro (2023), que nos mostrou onde era a antiga trilha que levava até os caldeirões, porém devido aos muitos anos em que essa trilha não é utilizada, a mesma não existe mais, por tanto para chegarmos até ao local foi preciso abrirmos caminho pela mata, foi possível observar por todo o percurso, que são locais de difícil acesso, pois perpassa por subidas e descidas íngremes. Ao chegarmos ao local dos foi constatado a proximidade dos caldeirões, pois os mesmos estão um ao lado do outro.

5.4 Caldeirões rochosos da comunidade Serrote

Ao realizarmos as entrevistas em 2023, foram citados 14 caldeirões rochosos, sendo eles: Caldeirão do Gado; Caldeirão da Ladeira ou do Aldemar; Caldeirão Serrote das Moendas; Caldeirão do Júlio; Caldeirão do Chorão; Caldeirão do João Ventinha (I e II); Caldeirão da Gameleira; Caldeirão da Grunga; Caldeirão Tenente Luiz; Caldeirão do Pedim; Caldeirão do Litro; Caldeirão Serrote dos Bodes (Renomeado para Toca dos Crentes) e Caldeirão da Chiquinha (Renomeado para Toca da Janela da Barra do Antônio). Na figura 79 é possível observar a localização de cada um dos caldeirões. Vale ressaltar que em paralelo a esse trabalho de dissertação de mestrado, em 2023 foi elaborado um artigo intitulado “CALDEIRÕES ROCHOSOS COMO FONTE DE SOBREVIVÊNCIA: Estudo de caso da comunidade Serrote do Município de Coronel José Dias-PI”, é de mera importância destacar a utilização dos dados sobre os caldeirões da comunidade Serrote tanto no artigo, como no produto final dessa dissertação.

Figura 79 Localização dos caldeirões rochosos da localidade Serrote.



Fonte: Aricles Santos, 2024

A partir das entrevistas do Sr. José Pedro, popularmente conhecido como Pedim; Sra. Aster Nascimento e Sr. Erisvaldo Nascimento (SOUSA et al, 2023), foi possível colher informações relevantes para a pesquisa, pois além de pertencerem a três gerações de uma família, são proprietários de algumas das propriedades onde os caldeirões rochosos estão. De acordo com as narrativas, as águas dos caldeirões rochosos eram utilizadas para várias atividades, incluindo afazeres domésticos em geral; tomar banho; dar água para os animais; saciar a sede das pessoas e nas atividades envolvendo relacionadas as caieiras. (SOUSA, 2023)¹⁷

¹⁷Forno em que se calcina a cal.

O Sr. Pedim como popularmente é chamado, relatou que as caieiras foram construídas próximas ao calcário por alguns motivos e que um deles seria devido o fácil acesso da água que ali se encontrava nos caldeirões que além de saciar a sede dos trabalhadores, a água também era utilizada na construção da caieira. (SOUSA, 2023). O Sr. Pedim, relata também que o Sr. João Ventinha costumava trabalhar em duas caieiras que estavam próximas a dois caldeirões, assim para uma melhor clareza, optei por diferenciar os dois caldeirões de João Ventinha I e II. (SOUSA, 2023).

Afonso Pereira, 68 anos (Sousa, 2023) “A gente utilizava a água para rebocar o forno para poder queimar; usava para beber; usava para trazer para a casa e beber em casa”. “As outras pessoas usavam também, os cairis¹⁸ que trabalhavam no cal. Eles também usavam a água para construir a caieira, mas eu não gostava, porque a água era pouca”. (MARIA ASTER DO NASCIMENTO, 87 ANOS, trecho retirado de uma entrevista, 2023)

Apesar dos caldeirões rochosos estarem em propriedades privadas, onde uma das famílias proprietárias é a da Sra. Maria Aster do Nascimento, 87 anos, a mesma afirma que além dos familiares utilizarem as águas desses caldeirões rochosos, a água também era compartilhada com outras pessoas da comunidade como também com os trabalhadores que estavam produzindo cal nas caieiras. (SOUSA, 2023)

Nota-se que os caldeirões rochosos foram um fator importante para a atividade de produção de cal na região, devido a essas águas serem utilizadas tanto para saciar a sede, como também para realizar a construção da própria caieira, pois na época, a localidade era desprovida de recursos como água encanada ou outras formas de reservatórios de água, além da seca se prolongar por um período de tempo.

Segundo a Sra. Maria Aster do Nascimento, 87 anos (Sousa, 2023), devido os caldeirões rochosos terem uma capacidade de comportar uma pequena quantidade de água, a mesma afirma que para esses trabalhadores de cal era permitido apenas saciar a sede, no entanto as pessoas que produziam cal desobedeciam e acabavam utilizando as águas na construção da própria caieira mesmo que escondido

¹⁸Cairis são pessoas que produzem o cal.

Em campo, no momento que estava sendo realizado a prospecção, foi possível colher mais informações com o Sr. Pedro, onde o mesmo foi dando mais informações sobre os caldeirões ao longo do percurso.

Diferente dos caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó, os integrantes da comunidade Serrote, não tinham o hábito de exercer atividades de lazer nos caldeirões da sua comunidade, devido os mesmos estarem em propriedades privadas e serem de pequeno porte. (SOUSA, 2023)

Marildes Sousa: Tinha alguma atividade de lazer nesses caldeirões?

Erisvaldo Silva Nascimento, 39 anos: Não, lá não dava para nadar (parte do trecho de uma entrevista, 2023)

Marildes Sousa: Qualquer pessoa podia utilizar esses caldeirões ou era só a família?

Erisvaldo Silva Nascimento, 39 anos: Tinha a família e o pessoal que trabalhava na época das caieiras¹⁹, eles também usavam para beber. (SOUSA, parte do trecho de uma entrevista)

Assim como os caldeirões da comunidade Sítio do Mocó, as pessoas utilizavam suas águas para afazeres domésticos; saciara sede dos animais e para construção civil. Apesar deterem uma funcionalidade voltada para a sobrevivência dessas pessoas em meio a falta de água na região, percebe-se a grande importância afetiva dos mesmos para essas pessoas. “Acho que foram importantes para a comunidades na época e até agora eles são muito importantes, eles são caldeirões que serve para dar água para os animais e para fazer várias coisas”. (ERISVALDO SILVA NASCIMENTO, 39 anos. Trecho retirado de uma entrevista, 2023)

A forma e o cuidado de como era realizado a administração desses caldeirões é notória, como podemos ver nas entrevistas realizada com o Sr. Erisvaldo Silva Nascimento, 39 anos (Sousa, 2023) “na época tinha o que era cercado só para as pessoas beber. Eles faziam dessa maneira por causa dos bichos não estarem invadindo a água e sujando, o pessoal sempre tinham a escolha de tá deixando separado o caldeirão cercado”.

Quando perguntado se havia manutenção desses caldeirões da comunidade Serrote, obtivemos as seguintes respostas:

¹⁹ Forno em que se calcina o calcário para a obtenção do cal.

Sempre teve, era uma manutenção manual de você sempre estava limpando aquela sujeira que ficava dentro deles com Enxada e Pá. Sempre que vazava a gente tampava com cimento. ERISVALDO SILVA NASCIMENTO, 39 ANOS, 2023

Sim, os próprios moradores faziam a manutenção. Todos anos a gente fazia a limpeza básica daqueles caldeirões pequenos que secavam e deixava eles preparados para chover. Quando o caldeirão tinha espaço ou se a gente encontrasse uma fenda do serrote que estava cheio de barro, aí você ia escavando até chegar na própria pedra aí depois que passou a se usar cimento, hoje mesmo temos caldeirões que foi feito manutenção com o trabalho de cimento, na época não fazia porque não tinha. JOSÉ PEDRO DO NASCIMENTO, 61 ANOS, trecho retirado de uma entrevista, 2023)

5.4.1 Caldeirão do Pedim

Caldeirão do Pedim, (figura 74) tem como coordenadas 23L 784129 9025920 e 400 m de altitude, recebeu este nome devido a área que o mesmo se encontra, está localizado na propriedade da família do Sr. José Pedro do Nascimento, 61 anos. Caldeirão do Pedim possui aproximadamente mais de seis metros de comprimento, o caldeirão do Pedim é tido como um dos principais caldeirões rochosos da comunidade Serrote, estando aproximadamente um quilometro de distância das residências da comunidade Serrote, o trajeto para chegar ao caldeirão rochoso, é realizado por uma trilha podendo ser percorrido tanto caminhando como também com ajuda de motocicleta. (SOUSA, 2023)

No momento que foi realizado a visita ao caldeirão do Pedim, não foi possível observar a existência de bojos, devido o caldeirão estar com sua capacidade máxima de água, no entanto, foi observado a água com colarão escura, presença de sedimento e fragmentos de rocha na parte interna do caldeirão. (Figura 80)

Figura 80: Caldeirão do Pedim.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Figura 81: Caldeirão do Pedim.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Como visto na (Figura 81) a cima, foram realizadas modificações na sua estrutura, para que o mesmo conseguisse armazenar uma maior quantidade de água, então foi construído uma parede de cimento entorno do caldeirão, como também na parte interna, para barra e controlar a vazão de água.

Sr. Pedro afirma que antigamente foi construída uma cerca de arame para evitar o acesso dos animais ao caldeirão e a contaminação da água, pois a prioridade da água era para consumo humano. Atualmente a cerca de arame não está sendo utilizada, pois a água do caldeirão está sendo utilizada apenas para lida dos animais domésticos, no entanto as estacas utilizadas para delimitar a estrutura do caldeirão rochoso ainda permanecem no local. (SOUSA, 2023)

Apesar da existência de sedimento e fragmento rochoso na parte interna do caldeirão do Pedim, o Sr. Pedro que nos acompanhou no momento da visita ao caldeirão, afirmou que anualmente é realizado a limpeza tanto da parte interna como da parte externa do caldeirão, no entanto devido o caldeirão estar cheio, até o momento da visita não tinha sido realizado a limpeza. (SOUSA, 2023)

A partir dos fatos apresentados por Sr. Pedro, o caldeirão foi considerado estando em médio estado de conservação, pois ainda não tinha sido realizado a sua limpeza anual. A área é composta por vegetação do tipo bromélia macambira, juazeiro, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.

5.4.2 Caldeirão do Júlio

Caldeirão do Júlio tem como coordenadas 23L 783576 9025789 e 403m de altitude, de fácil aceso, leva aproximadamente vinte minutos de caminhada das residências da comunidade Serrote até o caldeirão do Júlio e está aproximadamente vinte e cinco metros de distância do caldeirão do Chorão e aproximadamente quarenta metros de distância do caldeirão João Ventinha II.

A pesar do caldeirão do Júlio pertencer a propriedade familiar da Sr. Aster, a água pode ser utilizada por todos da comunidade. De acordo com as entrevistas realizadas (Sousa, 2023), o caldeirão recebeu o nome devido estar na propriedade do

Júlio, irmão já falecido da Sr. Aster. Atualmente o caldeirão do Júlio é utilizado apenas para saciar a sede dos animais, no entanto, já foi utilizado para afazeres doméstico, tomar banho e no trabalho de produção de cal. (SOUSA, 2023)

Caldeirão está no afloramento de calcário, com presença de água escura e pouca quantidade de sedimento na parte interna do caldeirão (figura 82). No momento que foi realizado a visita ao caldeirão do Júlio, foi verificado que o caldeirão está em bom estado de conservação e que de acordo com as entrevistas realizadas (Sousa, 2023), com os colaboradores da comunidade Serrote, a manutenção do caldeirão é realizada manualmente e anualmente por aqueles que utilizam do caldeirão, pois o caldeirão rochoso é tido como um dos principais.

Figura 82 Caldeirão do Júlio



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Foram identificados vestígios têxteis, provavelmente deixado no período que as pessoas frequentavam o caldeirão do Júlio para lavar roupa. (Figura 83)

Figura 83 Vestígios têxteis encontrado no caldeirão do Júlio.



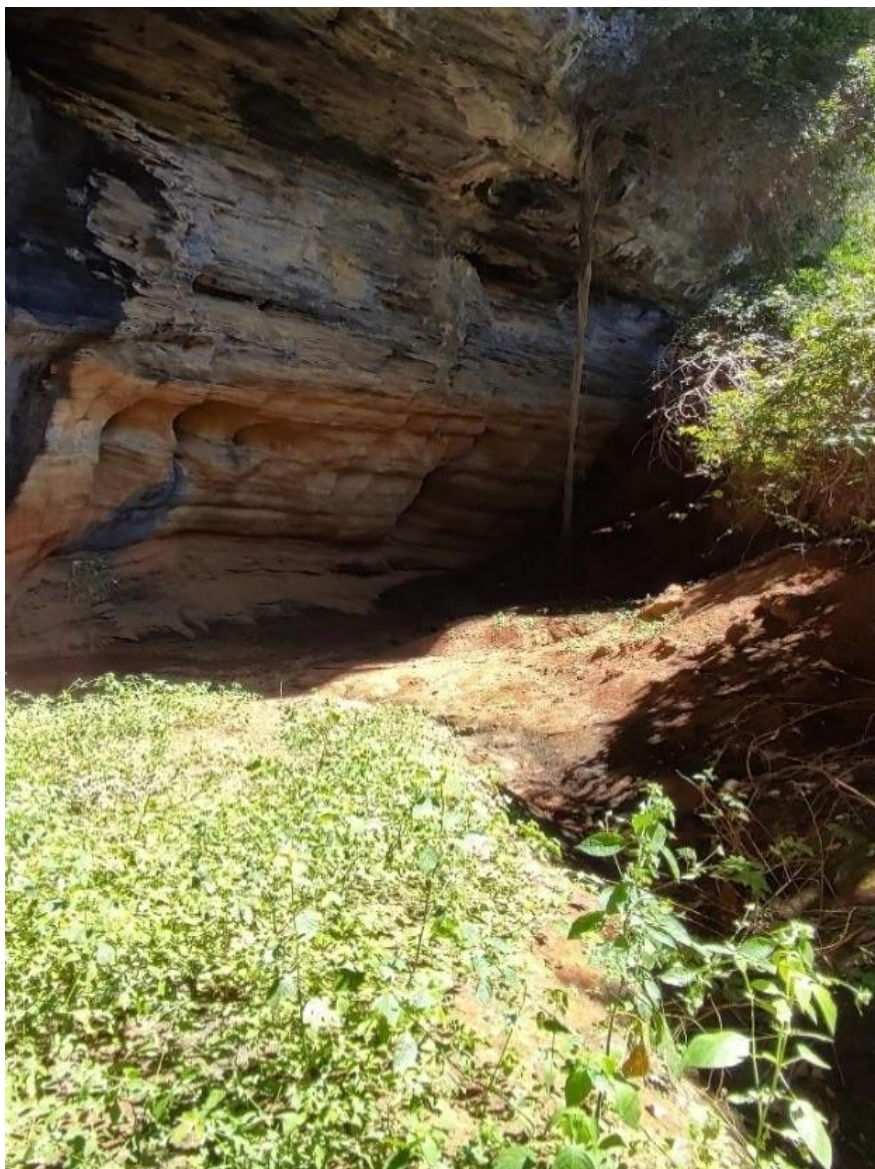
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A vegetação é composta por aroeira, juazeiro, xique-xique, urtiga, cansanção, Algaroba, Faveleira, macambira e coroa de frade.

5.4.3 Caldeirão da Chiquinha ou Toca da Janela da Barra do Antônio

Conforme o Sr. José Pedro relata, o caldeirão da Chiquinha (coordenada 23L 784282 9025892 e 398m de altitude) foi nomeado em razão do nome da pessoa que o teria encontrado e utilizava suas águas para o consumo doméstico e o trato com os animais, tendo acumulação de suas águas em uma concavidade próxima ao paredão Calcário. (SOUSA, 2023) (Figura 84)

Figura 84: Sítio Toca da Janela da Barra do Antônio.

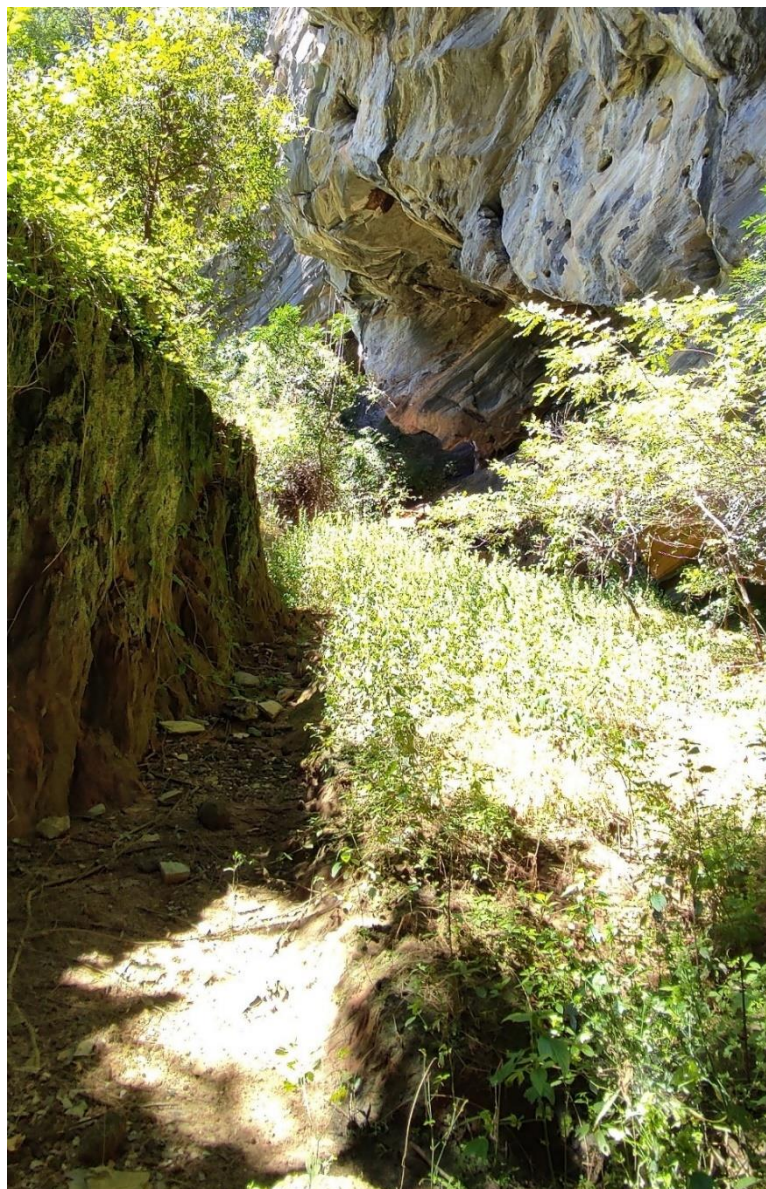


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Contudo, desde 1986, com o começo das atividades arqueológicas no local o mesmo passou a ser chamado sítio Toca da Janela da Barra do Antônio (pois também estão nas imediações do denominado Serrote do Antônio), e considerado “o sítio paleontológico no domínio do carste mais importante na área arqueológica de São Raimundo Nonato” (Guerin et al, 2002. p.137). No local foram identificados diferentes momentos de ocupação com abundante material lítico lascado, enterramento humano datado de 9.670 ± 140 anos BP; e uma grande diversidade de espécies da megafauna (para mais informações sobre as pesquisas arqueológicas e paleontológicas na área ver Guerin et al, 2002; Belo, 2012, 2017; La Salvia, 2006).

Por fim, vale ressaltar que a configuração da paisagem local foi significativamente alterada em consequência das escavações arqueológicas (Figura 85) que se estenderam por uma área de cerca de 750m² (Guerin et al, 2002. p.135), e assim sendo, o antigo caldeirão da Chiquinha, ou seja, a área onde a água se acumulava, já não existe mais.

Figura 85 Escavação arqueológica no sítio Toca da Janela da Barra do Antônio.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O ambiente que o sítio arqueológico Toca da Janela da Barra do Antônio e o antigo caldeirão da Chiquinha está, é composto por catingueira, faveleira, bromélia

macambira, quixaba, algaroba, xique-xique, cansanção, coroa de frade, urtiga, jericó, mandacaru, entre outras árvores que não foram identificadas.

É um dos caldeirões mais distantes da comunidade Serrote, apesar do fácil acesso, no momento da visita ao caldeirão, uma parte do acesso estava com mata fechada, sendo necessário utilizar facção para abrir o aceso.

5.4.4 Caldeirão da Ladeira ou Aldemar

Caldeirão do Aldemar, está localizado sob coordenadas 23L 783874 9025299 e 399m de altitude; a água se acumula entre as cavidades de dois paredões calcários, e é possível observar que em um de seus contornos foi erguida uma estrutura com argamassa (Figura 86).

Figura 86: Caldeirão da Ladeira ou Aldemar.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

De acordo com o relato do Sr. José Pedro do Nascimento (Sousa, 2023), este é o maior caldeirão da comunidade, e ao longo do tempo foi submetido a manutenções, para que pudesse ter uma maior capacidade de armazenamento de água, no entanto, o mesmo afirma não saber ao certo qual a capacidade mínima de acúmulo de água dos demais caldeirões.

O caldeirão da Ladeira é o que acumula mais água, de todos os caldeirões que você andou! Ele tem uma profundidade muito grande. Três metros de

profundidade e mais de trinta metros de comprimento e talvez tenha uns cinco ou seis metros de largura em alguns lugares, então ele acumula uma quantidade de água muito grande. Esse antes era natural e foi feito um trabalho, mas foi reformado. (Trecho de entrevista realizada em 2023, com o Sr. José Pedro do Nascimento de 61 anos).

Segundo o Sr. José Pedro, antes o caldeirão foi nomeado devido ao funcionamento de produção de cal na região; para coletar água que se acumulava no local e era necessária para o funcionamento das caieiras, o acesso a esse caldeirão se dava através de uma subida íngreme, e foi justamente essa característica da paisagem que inicialmente foi utilizada para nomear o local (SOUSA, 2023). Anos depois foi construída uma nova rota de acesso ao caldeirão e ele passou a ser chamado caldeirão do Aldemar, em referência ao antigo dono da propriedade. Atualmente a família do Sr. Erisvaldo Nascimento é proprietária da área que o caldeirão está localizado. (SOUSA, 2023)

O Caldeirão da Ladeira ou Aldemar está próximo da residência da família do Sr. Erisvaldo e há pouco tempo foram realizadas algumas modificações antrópicas no caldeirão rochoso, para que pudesse suportar uma maior capacidade de água, assim, foi escavado; construído uma parede de cimento e realizado a instalação de encanação para que água seja levada até para a residência da família. Segundo Sr. Erisvaldo (Sousa, 2023), nesse processo “Foi escavado até tocar na pedra e fez uma parede de cinco metros” (Trecho de entrevista realizada em 2023, com o Sr. Erisvaldo Nascimento de 39 anos). Além da estrutura de alvenaria, durante a caminhada na área não foi identificado nenhum objeto de origem antrópica. Quando questionado sobre a importância desses caldeirões, obtivemos as seguintes respostas:

Eles foram muito importantes na nossa vida e continua sendo importante porque até hoje a gente utiliza dessa água. Imagina a época que a gente era criança em sessenta e oito, ave Maria! Era as únicas águas que tinha, não existia outra. JOSÉ PEDRO DO NASCIMENTO, 61 ANOS, Trecho de uma entrevista, 2023)

É um caldeirão classificado como de grande porte e a vegetação da região é tipicamente da caatinga, com árvores de médio e grande porte. Como árvores de umburana, cangalheiro, aroeira e etc. Além de estar próximo da residência do atual dono da propriedade o Sr. Erisvaldo, o caldeirão é de fácil acesso e está em bom

estado de conservação. O caldeirão apresenta bom estado de conservação, contendo água de coloração escura material limoso na parte interna do caldeirão.

5.4.5 Caldeirões Tenente Luiz e Caldeirão João Ventinha I

Devido os caldeirões do Tenente Luiz e João Ventinha I estarem aproximadamente três metros um do outro, optei por marcar apenas uma coordenada 23L 784256 9025861 com 417m de altitude, pois um iria sobrepor ao outro. Pelo motivo de estarem localizados no mesmo calcário, eles acabam muitas vezes tendo a características de caldeirões pequenos, podendo ser confundidos com uma simples cavidade da rocha em período de seca, como podemos observar a (Figuras 87) que mostra a localização dos caldeirões Tenente Luiz e João Ventinha I, aparentemente na (Figura 87) existe apenas um caldeirão rochoso, no entanto se repararmos bem, existe dois caldeirões rochosos. Devido o caldeirão João Ventinha I ser um caldeirão muito pequeno, o mesmo acaba sendo mais difícil a sua identificação, assim, sinalizei com vermelho na (Figura 87) ao lado do caldeirão Tenente Luiz para uma melhor identificação.

Figura 87 Caldeirão Tenente Luiz e Caldeirão do João Ventinha I.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao longo da nossa visita aos caldeirões Tenente Luiz e Caldeirão João Ventinha I, o Sr. José Pedro do Nascimento relata que o nome caldeirão João Ventinha I se deu a partir de um acontecimento, onde um rapaz conhecido como João Ventinha que trabalhava em uma caieira próxima ao caldeirão, era uma das poucas pessoas que tinha o conhecimento do caldeirão e devido a necessidade de água para confeccionar o forno de cal, informou aos seus colegas de trabalho que conhecia um local que havia água o suficiente para realizar o trabalho, a partir desse dia, o caldeirão passou a ser chamado de caldeirão do João Ventinha I. (SOUSA, 2023)

O Sr. Pedim, relata também que o Sr. João Ventinha costumava trabalhar em duas caieiras que estavam próximas a dois caldeirões, assim para uma melhor clareza, optei por diferenciar os dois caldeirões de João Ventinha I e II. (SOUSA, 2023)

O relato sobre o caldeirão João Ventinha II, segundo o Sr. Pedro, afirma que o nome desse caldeirão se deu, devido ao fato que João Ventinha além de utilizar das águas desse caldeirão para construir caieiras, o mesmo tinha o hábito de ir para o local

onde está o caldeirão e ali bebia sua água e ficava descansando depois do almoço (SOUSA, 2023). Já o nome caldeirão Tenente Luiz, Sr. Pedro não sabe ao certo, porém acredita que Tenente Luiz tenha sido um antigo dono das terras que o caldeirão está. (SOUSA, 2023)

João Ventinha era uma pessoa muito desenrolada²⁰ e disposta! Um dia estavam querendo rebocar a caieira e estavam esperando vir água lá do Maquiné, e ele João Ventinha subiu aqui quando tinha dado as primeiras chuvas do ano, e encontro isso aqui cheio de água, aí colocou o barril nas costas, e quando vieram chegar com água, ele já tinha era rebocado a caieira e por isso ele recebeu o nome de caldeirão do João Ventinha. (Trecho de entrevista realizada em 2023, com o Sr. José Pedro do Nascimento de 61 anos).

O Sr. José Pedro do Nascimento, fez a gentileza de nos acompanhar e nos mostrar a localização de alguns caldeirões, ao chegar no local dos caldeirões Tenente Luiz e João Ventinha I, foi identificado um fragmento cerâmico (figura 88) de base plana com um bojo possivelmente arredondado ou piriforme, manufatura acordelada e possivelmente de um vasilhame de armazenamento de água, onde segundo o Sr. José Pedro do Nascimento, 61 anos, relata ter sido confeccionado por sua avó Sebastiana e que o mesmo foi quebrado no período que iam buscar água nos caldeirões. (SOUSA, 2023)

Figura 88 Fragmento cerâmico encontrado nos caldeirões Tenente Luiz e caldeirão João Ventinha I



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

²⁰ Termo regional para se referir a uma pessoa que sabe se expressar é objetiva e direta.

O percurso para chegar nos caldeirões deste tópico é de fácil acesso, sendo realizada através de trilhas estreitas que podem ser percorridos caminhando ou com motocicleta, apesar dos caldeirões abordados neste tópico estarem em propriedades privadas, qualquer pessoa poderia utilizar das suas águas.

Os caldeirões Tenente Luiz e Caldeirão João Ventinha I, são caldeirões de pequeno porte de fácil acesso, rocha sedimentar calcária. Caldeirão Tenente Luiz possui formato triangular com aproximadamente 1,5 a 2 metros de cada lado presença de bojo, na parte interna do caldeirão, foi identificado pequena quantidade de água de coloração clara (SOUSA, 2023). Já o caldeirão João Ventinha I, tem o formato arredondado com cerca de 60 centímetros de diâmetro, sem presença tanto de água como também de bojo. Ambos os caldeirões estão em bons estados de conservação. (SOUSA, 2023)

A área é composta por vegetação do tipo xique-xique, bromélia macambira, coroa de frade, cansanção, algaroba, urtiga, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, quixaba e juazeiro.

5.4.6 Caldeirão da Grunga e Caldeirão da Gameleira

Devido ao fato de ambos os caldeirões estarem bem próximos um do outro, tendo o caldeirão da Grunga na parte inferior e o caldeirão da Gameleira na parte superior do afloramento rochoso, optei por registrar apenas a coordenadas 23L 783509 9025840 com e 397 m de altitude. (SOUSA, 2023)

Caldeirão da Grunga, (figura 89) é um caldeirão de pequeno porte, atualmente possui formato arredondado com diâmetro de aproximadamente 1 metro; no entanto devido a um colapso em uma das suas extremidades, ocasionadas pelo intemperismo em um período mais recuado, a dimensão e profundidade do caldeirão da Grunga, provavelmente ultrapassava três ou a cinco metros. (SOUSA, 2023)

Vale destacar que, a configuração atual do caldeirão da Grunga é a lembrada pelos moradores do Serrote.

Figura 89: Caldeirão da Grunga.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Caldeirão da Grunga apresenta mau estado de conservação, foi identificado água com aspecto escuro com presença de fragmento rochoso na parte interna do caldeirão.

O caldeirão da Gameleira está em um afloramento rochoso de calcário em área privada, a cima do caldeirão da Grunga, (Figura 80). Seu nome se deu devido a existência de uma árvore chamada Gameleira (Sousa, 2023). Possuindo formato arredondado com aproximadamente de dois a três metros de diâmetro, no entanto, foi observado a existência de marcas na rocha que foram ocasionadas pela água. Devido a existência dessa marca na rocha, acredita-se que o volume de água pode ser maior em período chuvoso, como também as dimensões e profundidade do caldeirão da

Gameleira. Outro elemento da paisagem que chama atenção é a presença de “frestas” causadas pela erosão por onde a água acumulada se infiltra e transborda no período chuvoso. (SOUSA, 2023)

A vegetação é composta por aroeira, juazeiro, xique-xique, urtiga, cansanção, algaroba, faveleira, macambira, coroa de frade e gameleira.

Figura 90: Caldeirão da Gameleira.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

No momento da visita ao caldeirão, foi verificado que o caldeirão da Gameleira contem fácil acesso, apresenta bom estado de conservação e contem água com coloração escura. Atualmente tanto o caldeirão da Grunga, como também o da Gameleira, a funcionalidade está voltada para saciar a sede dos animais, no entanto, no passado era utilizado para afazeres doméstico e higiene pessoal.

5.4.7 Caldeirão do Chorão

De acordo com o relato do Sr. José Pedro do Nascimento, 61 anos (Sousa, 2023), o caldeirão rochoso do Chorão recebeu tal nome devido haver uma criança que sempre chorava quando o seu pai lhe ordenava a ir buscar água. Na época dessa criança, o caldeirão rochoso não havia uma denominação específica assim como os demais caldeirões, no entanto foi a partir de vários episódios de choro dessa criança, que o caldeirão passou a ficar conhecido como sendo caldeirão do Chorão, tendo como coordenadas 23L 783590 9025811 e 400m de altitude. (SOUSA, 2023) (Figura 91)

Figura 91 Caldeirão Do Chorão.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O caldeirão está em área privada de fácil acesso, estando próximo ao caldeirão do Júlio e Caldeirão João Ventinha II. De acordo com relatos dos colaboradores da

comunidade Serrote, o caldeirão do Chorão apesar de ser de pequeno porte de rocha sedimentar calcária, apresenta forma arredondada com diâmetro inferior a um metro, sua profundidade pode ultrapassar a um metro no período chuvoso, as pessoas utilizavam de suas águas para saciar a sede. (SOUSA, 2023)

No momento que foi realizado a visita ao caldeirão, foi possível verificar a pouca existência de água com coloração clara, como também foi identificado sedimento na parte interna do caldeirão. Devido à grande quantidade de sedimento encontrado na parte interna do caldeirão, o mesmo foi classificado como estando em mau estado de conservação no momento que foi realizado a visitação. A área que o caldeirão do Chorão é composto por urtiga, cansanção, faveleira, macambira e coroa de frade.

5.4.8 Caldeirão do João Ventinha II

Devido um senhor chamado João Ventinha que trabalhava em uma das caieiras próximas ao caldeirão rochoso, estava sempre pegando água para beber no devido caldeirão. Como nos deparamos com dois caldeirões com a mesma denominação, no entanto em locais diferentes, optei por acrescentar em seus respectivos nomes o número romano I e II. Assim, o referido caldeirão passa a se chamar caldeirão do João Ventinha II, tendo como coordenadas 23L 783593 9025823 e 397m de altitude. (SOUSA, 2023)

Caldeirão de fácil acesso, em uma parte do percurso pode ser percorrido com motocicletas e a outra metade tem que ser caminhando. Devido ser um caldeirão de formação calcária de pequeno porte, possui formato arredondado com diâmetro de cerca de sessenta centímetros (Figura 92). Caldeirão João Ventinha II era utilizado apenas para beber no momento que as pessoas estavam trabalhando em suas proximidades, devido a esse fato, o caldeirão não é considerado como sendo um dos mais importantes. (SOUSA, 2023)

Figura 92: Caldeirão João Ventinha II.



Acervo pessoal da autora, 2023.

De acordo com Sr. Pedro (Sousa, 2023), a manutenção era feita por aqueles que utilizavam do caldeirão rochoso, no entanto o habito de realizar essa manutenção foi deixada no passado, com isso o caldeirão João Ventinha II, está em mau estado de conservação, pois além de não possuir água, o caldeirão possui bastante estilhaço de rocha na sua parte interna, juntamente com sedimento. Foi identificado urtiga, cansanção, coroa de frade, macambira e faveleira na área do caldeirão João Ventinha II.

5.4.9 Caldeirão do Litro

Caldeirão do Litro está sobre afloramento calcário localizado nas coordenadas 23L 784070 9026092, estado a 408m de altitude em propriedade privada, possuindo formato arredondado com aproximadamente zero virgula quatro metros de diâmetro, tinha sua utilização apenas para o consumo humano. (SOUSA, 2023)

Na entrevista realizada com o Sr. Petro (Sousa, 2023), relata sobre como se deu o nome do caldeirão do Litro “eu era menino na época! Vimos abelha arrodando e meu tio Júlio disse: “Eu acho que aqui tem água”, então nos déssemos o litro e encontramos água, essa fena não sabemos a profundidade dela, mas ficou batizado como caldeirão do Litro”. Apesar de ser um caldeirão de facial acesso, estando aproximadamente oitocentos metros de distância das residências da comunidade Serrote, através de trilha que pode ser percorrida tanto caminhando, como também com motocicletas, o caldeirão do Litro tem uma difícil visualização, pois está entre as rachaduras e feições naturais do afloramento calcário. (figura 88)

Na tentativa de alcançar a base do caldeirão e verificar a sua profundidade, na ocasião de nossa visita ao caldeirão do Litro, o S.r Pedro utilizou uma vara com mais de dois metros, todavia, a mesma não tinha tamanho suficiente para isso. (SOUSA, 2023) (figura 93)

Não foi viável verificar a existência de bojo, no entanto, como podemos ver na (Figura 88), o caldeirão o Litro possui a presença de água na sua parte interna no momento que foi realizado a visita ao caldeirão.

Figura 93 Verificando a profundidade do Caldeirão do Litro



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Vegetação composta por xique-xique, urtiga, cansanção, algaroba, faveleira, macambira e coroa de frade.

5.4.10 Caldeirão Serrote dos Bodes ou Toca dos Crentes da Caieira do Adão

De acordo com relatos dos colaboradores da localidade Serrote (2023), o caldeirão era conhecido como Serrote dos Bodes, o antigo Caldeirão Serrote dos Bodes tinha suas águas empregadas para a criação de caprinos e ovinos, e estava localizado no sopé de uma formação calcária em área privada (coordenadas 23L 784364 9025892 com altitude de 402m) que segundo o Sr. José Pedro era denominada pelos moradores locais como Serrote dos Bodes. Atualmente o local está catalogado como sítio arqueológico e passou a chamar caldeirão Toca dos Crentes da Caieira do Adão. (SOUSA, 2023)

Com a realização das pesquisas arqueológicas e paleontológicas na área o maciço calcário passou a ser designado nas publicações como o Serrote do Antônio, que segundo Guerin et al (2002. p.135) é “o maior maciço calcário desta zona, com extensão de 600 m no sentido N/S e 450 m no sentido E/W, com superfície de 0,3 Km²”; já o local onde estava o caldeirão passou a ser designado como sítio Toca dos Crentes da Caieira do Adão. De acordo com La Salvia (2006, p.138), devida a danificação de um painel com pinturas rupestre ocasionada pela extração de rocha para produzir cal na área dos caldeirões, a atividade foi cessada e em (2009/2010) o INAPAS publicou um relatório sobre as escavações arqueológicas que foram realizadas no local, apontando os achados arqueológico como: artefatos líticos e enterramentos humanos. Vale ressaltar que, as escavações arqueológicas foram coordenadas pela equipe da Fumdham.

Ao chegarmos no local do caldeirão Toca dos Crentes, não foi identificado água no local. Como expresse nas palavras do Sr. José Pedro, após as atividades arqueológicas a configuração da paisagem, o local foi transformado (Figura 94), e o caldeirão deixou de armazenar as águas da chuva: “Aqui nesse caldeirão juntava água, agora é uma toca que foi escavada e a presença do caldeirão não é mais como era. Antes ele juntava água e os bodes vinham beber”. (SOUSA, 2023)

Vale ressaltar que, o caldeirão Toca dos Crentes não era tido como um dos principais caldeirões rochosos da localidade Serrote, pois era utilizado apenas para saciar a sede dos animais. (SOUSA, 2023)

Figura 94: Sítio arqueológico Toca dos Crentes da Caieira do Adão.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Devido a descontextualização e mau estado de conservação do caldeirão Toca dos Crentes, não foi possível observar todas as características do mesmo, no entanto, foi observado o seu entorno. Além de ser um caldeirão de fácil acesso, onde o percurso se dá por trilhas, podendo levar aproximadamente vinte ou trinta minutos de caminhada ou pode otimizar o tempo de percurso com o auxílio de motocicleta. A área contém vegetação como: xique-xique, faveleira, urtiga, cansanção, algaroba, coroa de frade e juazeiro.

5.4.11 Caldeirão Serrote das Moendas

Caldeirão Serrote das Moendas, apesar de ser um caldeirão de fácil acesso, é o caldeirão mais distante dos demais caldeirões rochosos da região do Serrote, tendo como coordenadas 23L 785050 9025085 com 396m de altitude. (SOUSA, 2023)

De acordo com as informações colhidas com o Sr. Erisvaldo Silva Nascimento (Sousa, 2023), a água do referido caldeirão rochoso era utilizada apenas para saciar a sede dos animais, e é considerado como de médio porte, estando em área privada (figura 95)

Figura 95: Caldeirão das Moendas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A formação do caldeirão (figura 96) se deu por consequência do processo erosivo da rocha calcária, que assumiu uma forma levemente circular, medindo mais de 7 metros de tamanho; quantos a sua profundidade as marcas presentes nas rochas mostram que no período chuvoso o caldeirão pode alcançar mais de um metro de profundidade. (SOUSA, 2023)

Também é interessante observar que o afloramento no qual se formou o caldeirão, a rocha apresenta-se bastante friável e erodida, dando indícios do processo de formação do mesmo assim como da alteração da sua dimensão e formato ao longo do tempo. Durante a caminhada na área não foi identificado nenhum objeto de origem antrópica.

Figura 96: Caldeirão das Moendas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O acesso ao caldeirão das Moendas, pode ser realizado com automóvel, no entanto em uma parte do trecho, é necessário seguir através de caminhada. A área que o caldeirão está localizado é composta por vegetação tipo umbuzeiro, urtiga, cansanção, juazeiro entre outras arvores não identificado. No momento que foi realizado a visita ao caldeirão rochoso das moedas, foi verificado que está em bom estado de conservação e em sua parte interna, contém a presença de água de coloração escura.

5.4.12 Caldeirão do Gado

O caldeirão do Gado da comunidade Serrote tem como coordenadas 23L 783778 9024867 e 380 m de altitude, está localizado em uma área plana e privada, onde o afloramento calcário mantém-se praticamente no mesmo nível do solo e cercado por uma vegetação de pequeno e médio porte típica da caatinga. (SOUSA, 2023) (figura 97)

Figura 97: Caldeirão do Gado



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

De acordo com as informações colhidas (Sousa, 2023), o local até o momento que foi realizado a visita para atender as demandas da pesquisa, caldeirão do Gado está sendo utilizado como bebedouro de animais, pois o Sr. Erisvaldo leva seus animais de criação para saciar a sede (principalmente ovinos e caprinos).

Devido o caldeirão ser de fácil acesso tanto para as pessoas como para os animais, os colaboradores da comunidade Serrote relataram que devido a concentração do gado no caldeirão, o local ficou conhecido como caldeirão do Gado. Assim, nas palavras do Sr. José Pedro ali “seria o local que os animais iam beber água lá. Quando eu me entendi já existia esses nomes”. (SOUSA, 2023)

Como dito a cima, o local é de fácil acesso, no entanto é um dos caldeirões mais afastados da comunidade Serrote, seu acesso se dá por trilha. Vale ressaltar que devido a existência de pequenos afloramentos calcário ao decorrer da trilha, o

recomendado é seguir o percurso caminhando. No momento da visita ao caldeirão do Gado, foi identificado a presença de água com coloração escura e material limoso na parte interna do caldeirão. Apesar de ser um caldeirão afastado das residências da comunidade Serrote, caldeirão do Gado apresenta estar em bom estado de conservação, até o momento que foi realizado a visita.

5.5 Dados da pesquisa

Ao decorrer da pesquisa foram identificados ao todo 46 caldeirões rochosos (ver tabela 2), dentre os quais 28 foram identificados no Sítio do Mocó, 14 na comunidade Serrote, 3 no Limoeiro e apenas 1 no Barreirinho. Durante as entrevistas na Comunidade Sítio do Mocó foram citados apenas 22 caldeirões (Sousa, 2021), porém durante a prospecção foram localizados 28, e na comunidade Limoeiro onde foram citados 5 caldeirões apenas 3 foram identificados

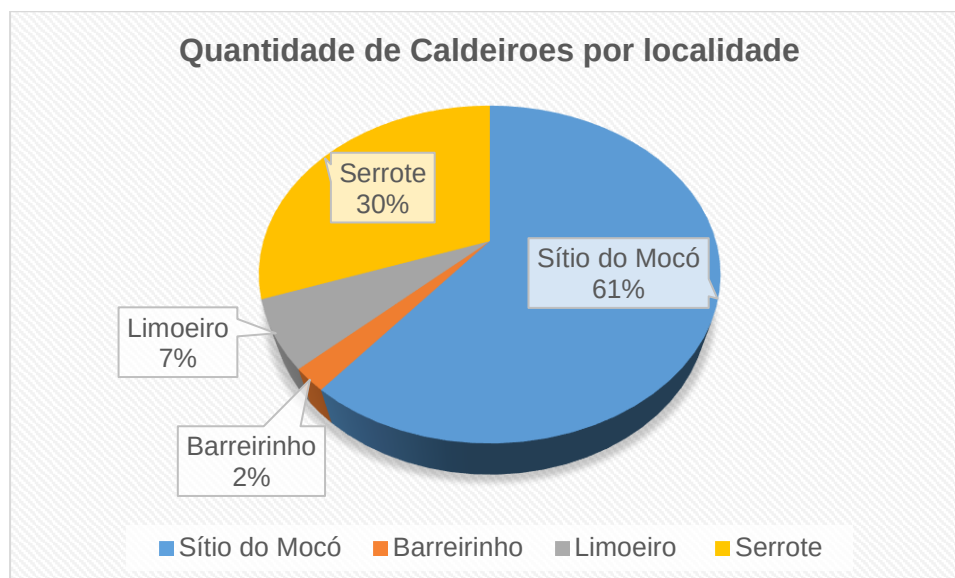
Tabela 2 Quantidade de caldeirões por localidade

Localidades	Quantidades de caldeirões
Sítio do Mocó	28
Barreirinho	01
Limoeiro	03
Serrote	14
Total	46

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

De acordo com o gráfico 1 o maior número de caldeirões está na localidade Sítio do Mocó com 61% do total, seguido por Serrote que possui 30%, com 7% o Limoeiro, e com apenas 2% de caldeirões temos a localidade Barreirinho

Gráfico 1 Quantidade caldeirões por localidade.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Na tabela 3 é possível observar os nomes de todos os caldeirões e onde os mesmos estão localizados.

Tabela 3 Nomes dos caldeirões e suas localidades.

Comunidades	Caldeirões	Nº de caldeirões
Sítio do Mocó	Caldeirão do Gado; Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha; Caldeirão da Bernardina ou Caldeirão do Zé Gregório; Caldeirão da Démar ou Caldeirão do Francisco; Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem; Caldeirão da Escada (renomeado para Caldeirão da Geladeira); Caldeirão dos Cambambá; Caldeirão dos Claros; Caldeirão da Porteira; Caldeirão dos Branquim; Caldeirão dos Porcos; Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto; Caldeirão da Porta; Caldeirão dos Canoas I; Canoas II; Caldeirão do Banho; Caldeirão da Pinga da Andorinha; Caldeirão do	28

	Rodrigues (I, II e III); Caldeirão do Rimualdo I; Rimualdo II; Caldeirão das Bananeiras; Caldeirão do Inharé; Caldeirão do Amaro; Caldeirão Zé Nei; Caldeirão do Apertado; Caldeirão da Cachoeira.	
Barreirinho	Caldeirão das Lavadeiras	1
Limoeiro	Caldeirão do Catuaba I, Catuaba II e Catuaba III	3
Serrote	Caldeirão do Gado; Caldeirão da Ladeira ou do Aldemar; Caldeirão Serrote das Moendas; Caldeirão do Júlio; Caldeirão do Chorão; Caldeirão do João Ventinha (I e II); Caldeirão da Gameleira; Caldeirão da Grunga; Caldeirão Tenente Luiz; Caldeirão do Pedim; Caldeirão do Litro; Caldeirão Serrote dos Bodes (Renomeado para Toca dos Crentes) e Caldeirão da Chiquinha (Renomeado para Toca da Janela da Barra do Antônio).	14
Total		46

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Diante dos 46 caldeirões rochosos identificados, percebe-se a importância e significado desses locais. Nota-se que além desses caldeirões serem monumentos naturais, eles representaram uma alternativa para a sobrevivência e distração em momentos de lazer para esses moradores. Os caldeirões rochosos foram utilizados em diversas atividades tais como: o consumo de bebidas; afazeres domésticos; locais de lazer; construção civil e saciar a sede dos animais.

Em relação a funcionalidade dos caldeirões foi possível através das entrevistas, perceber que existe uma variação e múltiplas funções para um mesmo caldeirão, ou seja, um caldeirão pode ter mais de uma função. Foram identificadas algumas funções múltiplas tais como apresentadas na tabela 4.

Tabela 4 Numero de caldeirões por função.

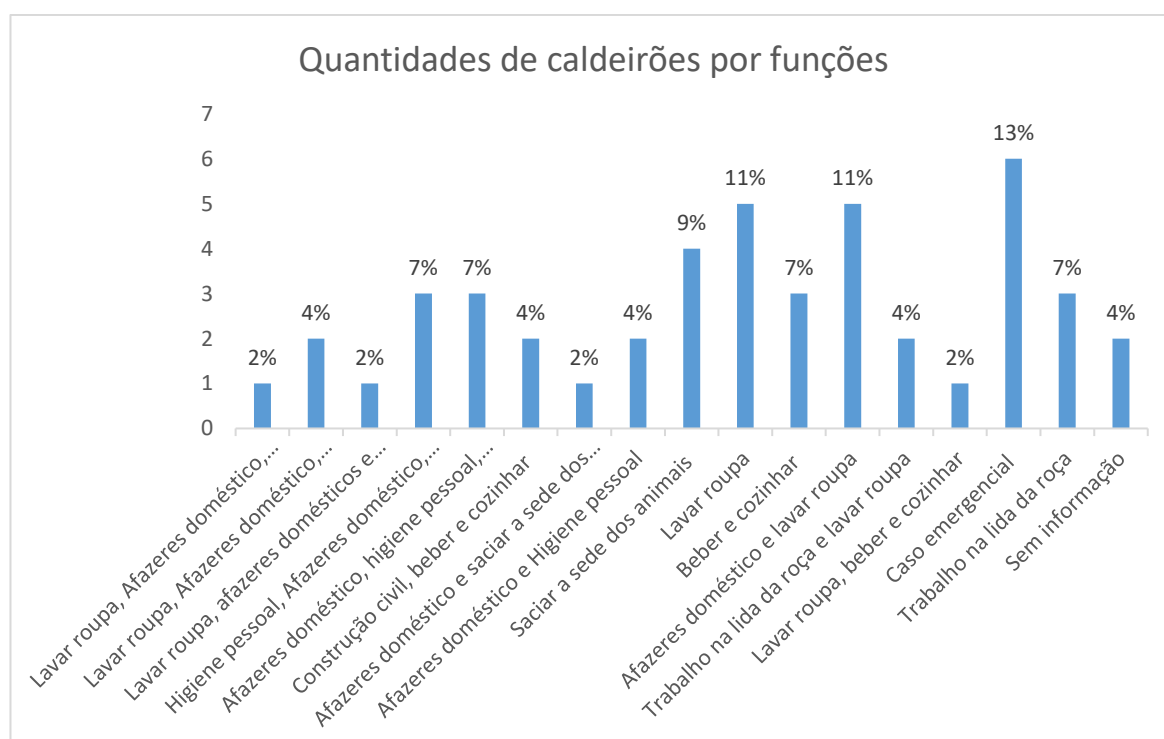
Função	Quantidade de caldeirões
Lavar roupa, Afazeres doméstico, saciar a sede dos animais, Higiene pessoal, Rituais religiosos, Locais de Lazer	1
Lavar roupa, Afazeres doméstico, higiene pessoal, beber e cozinhar	2
Lavar roupa, afazeres domésticos e higiene pessoal	1
Higiene pessoal, Afazeres doméstico, beber e cozinhar	3
Afazeres doméstico, higiene pessoal, construção civil	3
Construção civil, beber e cozinhar	2
Afazeres doméstico e saciar a sede dos animais	1
Afazeres doméstico e Higiene pessoal	2
Saciar a sede dos animais	4
Lavar roupa	5
Beber e cozinhar	3
Afazeres doméstico e lavar roupa	5
Trabalho na lida da roça e lavar roupa	2
Lavar roupa, beber e cozinhar	1
Caso emergencial	6
Trabalho na lida da roça	3
Sem informação	2
Total	46

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Sobre a quantidade de caldeirões por funções (gráfico 2) foi possível identificar que as funções mais utilizadas nos caldeirões são para casos emergenciais com 13%

do total, seguidos de as funções (lavar roupa; afazeres domésticos e lavar roupa cada uma com 11%) e com 9% a (função de saciar a sede dos animais), com 7% cada uma temos as funções de (higiene pessoal, Afazeres doméstico, beber e cozinhar; afazeres domésticos, higiene pessoal, construção civil; beber e cozinhar e trabalho na lida da roça), com 4% cada uma dos grupos de funções temos (lavar roupa, afazeres domésticos, higiene pessoal, beber e cozinhar; construção civil, beber e cozinhar ; afazeres domésticos e higiene pessoal; trabalho na lida da roça e lavar roupa e caldeirões sem informação). Com 2% temos o grupo de funções: (lavar roupa, afazeres domésticos, saciar a sede dos animais, higiene pessoal, rituais religiosos, locais de lazer; lavar roupa, afazeres domésticos e higiene pessoal e lavar roupa, beber e cozinhar).

Gráfico 2 Quantidade de caldeirões por função.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024

CONCLUSÃO

Este estudo buscou mapear, georreferenciar e compreender a relevância dos caldeirões rochosos das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote, localizadas no município de Coronel José Dias-PI, dentro e ao redor do Parque Nacional Serra da Capivara. A pesquisa destacou não apenas a importância desses elementos naturais para a sobrevivência das comunidades locais ao longo de gerações, mas também seu papel enquanto patrimônio cultural.

Ao chegar nesses locais, foram encontrados alguns indícios de vestígios antrópicos, como fragmentos cerâmicos e vestígios têxteis, que provavelmente foram deixados no período que as pessoas lavavam roupa nesses locais. Em alguns dos caldeirões rochosos foram identificadas evidências de manutenções (concreto, cimento, resto de encanação) nos caldeirões, realizadas para evitar vazamentos ou transbordamento. A partir desses indicativos, foi possível constatar o uso dos caldeirões. É evidente a forma como os moradores dessas comunidades administravam esses caldeirões rochosos, analisando as entrevistas, percebe-se que nas comunidades existiam caldeirões em áreas privadas e em áreas de conservação.

No entanto anterior a criação do Parna Serra da Capivara, os caldeirões das comunidades Sítio do Mocó, Barreirinho e Limoeiro, estavam em propriedades daqueles que trabalhavam na lida da roça e viviam nas localidades, segundo os relatos colhidos em entrevistas no ano de 2021 no Sítio do Mocó, geralmente cada caldeirão eram utilizados por cada grupo familiar, porém em casos extremos de seca, as águas dos caldeirões eram compartilhadas por toda a comunidade. Vale ressaltar que existia alguns caldeirões que eram exceção nesse caso, eram eles: Gado, Avô Aniceto, Branquinho e Grande, todos os moradores da comunidade podiam usufruir das suas águas, dessa forma a manutenção desses caldeirões eram realizadas de forma coletiva através de mutirões

Com tudo dito a cima, foi possível concluir que a variedade de utilização dos caldeirões do Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote se deu através das necessidades de cada localidade e que isso demonstra a organização dos moradores em relação ao uso de cada caldeirão.

Quando realizado a prospecção, foi observado que apenas nas localidades Sítio do Mocó e Limoeiro existe alguns caldeirões que estão sem presença de água e estavam soterrados quase por inteiros, a hipótese levantada para essa problemática teria sido ocasionada devido a junção de alguns fatores ambientais e climático como o assoreamento do caldeirão rochoso tenha ocasionado um menor acumulo de água devido as chuvas torrenciais; evaporação da água em longos períodos de estiagens; processo erosivo da rocha que pode ter ocasionado fissuras levando ao um possível vazamento de água.

Vale ressaltar que na localidade Serrote também foi identificado caldeirões de pequeno porte sem presença de água, a hipótese levantada para essa questão é que a falta de água nesses caldeirões pode ter sido ocasionada devidos esses caldeirões estarem em locais de fácil acesso para os animais, como também a falta de água pode ter sido evaporada em longos períodos de estiagens.

Devido à localização dos caldeirões das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho e Limoeiro dentro da área do Parque Nacional Serra da Capivara, as manutenções tradicionais nestes caldeirões foram descontinuadas. No entanto, a localidade Serrote ainda utiliza os caldeirões rochosos e realiza manutenções anuais nesses locais.

A elaboração da carta arqueológica representou um passo significativo no registro e na preservação desses espaços, promovendo o reconhecimento de sua relevância histórica, social e ambiental. Com o apoio de relatos de moradores e o uso de georreferenciamento, foi possível documentar as funções e usos desses caldeirões, revelando sua influência na dinâmica das comunidades e sua capacidade de gerar memórias coletivas.

Os resultados apresentados reforçam a necessidade de estudos contínuos na região, considerando o grande potencial devastado e patrimonial ainda inexplorado. Além disso, a proposta de um roteiro de visita turística contribui para o desenvolvimento sustentável local, oferecendo oportunidades para valorizar o patrimônio cultural de forma consciente e responsável.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva como base para futuras investigações e iniciativas de preservação, incentivando uma maior integração entre as comunidades e o patrimônio local. Dessa forma, os caldeirões rochosos continuam

a ser reconhecidos como símbolos de memória, resistência e identidade cultural no semiárido nordestino.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA ANGELO, E. R.; DE SIQUEIRA, E. D. **Patrimônio cultural na contemporaneidade**: discussões e interlocuções sobre os campos desse saber. Anos 90, [S. l.], v. 25, n. 48, p. 51–86, 2018. DOI: 10.22456/1983-201X.82312. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/82312>. Acesso em: 6 jan. 2024.
- BARBOSA, Maria Emanuella Firmino; FURRIER, Max. **Sistemas de diaclases e influência tectônica da borda sudeste da bacia sedimentar do Parnaíba**: Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. **Revista do Departamento de geografia**, v. 23, p. 250-266, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47213/50949>. Acesso 12 de junho. 2024.
- BARRANHA, H. **Patrimônio cultural**: conceitos e critérios fundamentais. Lisboa: IST Press/ICOMOS. Portugal. (2016)
- DA SILVA, Michele Maria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DA SILVA, Glênio Oliveira. **A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos**. Revista Prisma, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2021. Disponível: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45/37>. Acesso em 25 jan. 2024.
- BONFIM, Fabrícia de Melo. **Qualidade das águas de abastecimento do município de Crateús–CE, nos anos de estiagem**: Águas naturais, dessalinizadas e rejeito salino. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/56343>. Acesso 17 de maio. 2024.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Jurema. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRUNI, José Carlos. Water and life. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (edited in nov. 1994). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/KjkwytLhvpf5BJsRyDTFDrb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 22 de maio. 2024.

CASTRO, A de. S. **Produção de Cal:** Um estudo de Arqueologia Histórica no município de Coronel José Dias-Pi. (Monografia). São Raimundo Nonato – PI, 2017.

CAMPOS, Luana Cristina da Silva. **Paleoclima e comportamento humano no Holoceno:** um estudo comparativo entre Brasil e a Península Ibérica. 2015.

Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Paleoclima+e+comportamento+humano+no+Holoceno%3A+um+estudo+comparativo+entre+Brasil+e+a+Pen%C3%ADnsula+Ib%C3%A9rica&btnG=. Acesso 02 de julho. 2024.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; LOUREIRO, André Garcia. **Relatório do Mapeamento Arqueológico de Pelotas e região** (atividades desenvolvidas entre março de 2002 e fevereiro de 2003). Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. Universidade Federal de Pelotas N. 1. V.1. p. 86-106. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/lepaarq/article/view/745>. Acesso 07 de mar. 2024.

COPÉ, Silvia M.; ROSA, Carolina Aveline Deitos. A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. **Projeto Arqueologia e Pré-história do Planalto Sul Brasileiro. UFRS**, 2008.

CHMYZ, Igor et al. **Proposta de zoneamento arqueológico para o município de Curitiba.** Arqueologia, v. 8, n. 1, p. 35, 2004. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/viewFile/55/89>. Acesso 13 de mar. 2024.

CARVALHO, Pedro Jorge Cardoso de. **Cova da Beira: ocupação e exploração do território na Época Romana.** 2007. Tese de Doutorado.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica:** princípios e fundamentos. Cadernos da

FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021. Disponível: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em 23 jan. 2024.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Aspectos sócio-culturais e políticos do uso da água**. NUPAUB–Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras–USP. São Paulo: NUPAUB, 2005. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/agua.pdf>. Acesso 6 de junho. 2024.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade escravista colonial. **NASCIMENTO, Francisco Alcides; VAINFAS, Ronaldo. História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Entrevistas+em+pesquisas+qualitativas+&btnG=. Acesso 17 de junho. 2024.

FERREIRA, José Gomes; FIGUEIREDO, Fábio Fonseca. Seca, memória e políticas públicas na região Nordeste do Brasil. In: **Anais do XXI Congresso ALAS- Associação Latino Americana de Sociologia**. 2017. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33262/1/4294_jose_gomes_ferreira.pdf. Acesso 12 de junho. 2024.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p.139-152, ago. 2004. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>. Acesso em 22 jan. 2024.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. **Fundamentos de epidemiologia**. 2ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010. Disponível: http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf. Acesso em 22 jan. 2024.

GODOI. EMILIA PIETRAFESA DE. **“O TRABALHO DA MEMÓRIA, Um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí”**. (Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de antropologia do instituto de filosofia e ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas). 1993.

GUIDON, Niède et al. **Toca das Moendas, Piauí-Brasil, primeiros resultados das escavações arqueológicas**. Fumdhamentos, v. 8, p. 70-85, 2009.

Disponível: https://www.researchgate.net/profile/ElaineIgnacio/publication/281307117_Toca_das_Moendas_Piaui_Brasil_primeiros_resultados_das_escavacoes_arqueologicas/links/5890b36648515aeac92c90c/Toca-das-Moendas-Piaui-Brasil-primarios-resultados-das-escavacoes-arqueologicas.pdf. Acessado em 04 de fev de 2024.

GUIDON, N.; MARTIN, AM PESSIS E. G. **Pesquisas arqueológicas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno** (Piauí, 1998-2008).

Fumdhamentos 8: 1-61. 2009. Disponível em: <http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fumdham-fumdhamentos-viii-2009-853648.pdf>. Acessado em 11 de jul de 2024.

HALBWACHS. Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª. ed. São Paulo – SP: Edições Vértice, Editora Revistas dos Tribunais, 1990. p, 190. Disponível:

https://www.researchgate.net/publication/317466047_Halbwachs_memoria_coletiva_e_experiencia.

JUCÁ, Ana Cláudia de Arthur. **Carta arqueológica digital sobre o Município da Marechal Deodoro, Estado da Alagoas-Brasil**. 2019. Tese de Doutorado.

Disponível: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ana+claudia+de+arthur+juc%C3%A1&btnG=. Acessado em 28 de agosto de 2024.

LANDIM, J. P. P., & OLIVEIRA, A. S. D. N. **Caminhos da borracha: memória e patrimônio dos maniboeiros do sudeste do Piauí**. XII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. Teresina. (2014). Disponível em:

https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397341356_ARQUIVO_artigoHistoriaOral-Joseane.pdf . Acesso 04 de jan. 2024

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. In: Fundamentos da metodologia científica. 2010. p. 320-320. Disponível: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso 25 jan. 2024.

LARA, Anderson et al. MATERIAL DE ORIGEM EM SOLOS BRASILEIROS, COLEÇÃO DE ROCHAS CALCÁRIA. 2018. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/QfGuQSomVQTHijs_2020-7-24-20-35-15.pdf. Acesso 07 de jan. 2024

LIMA, Telma C. S.; MIOTO, Regina C.T. **Procedimento metodológicos na construção do conhecimento científico**. A pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45 2007. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt#>. Acesso em 19 jan.2024.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. Vol. 18, nº 1. 2012. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1217/729>.

LOPES, Jorge Eduardo Moreira Castilho Ferreira. **Carta arqueológica do concelho de Arruda dos Vinhos**. 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25977/1/ulfl221658_tm.pdf. Acesso 11 de mar. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 8. ed. São Paulo: EPU, 2004. cap. 3, p. 25-44. Disponível: https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Ludke_Andre-Pesquisa_Educaca_abordagens_qualitativas.pdf. Acesso em 22 jan.2024.

MARTINS, S. P. R. Eduardo et al. **As águas no Nordeste e o balanço hídrico. In: A questão da água no Nordeste.** Agência Nacional de Águas Ministério do Meio Ambiente. Brasília – DF 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. In: **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados.** 2012. p. 277-277. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Marconi+e+Lakatos+&btnG=. Acesso 11 de mar. 2024.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada:** análise de objetos e roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA QUALITATIVA, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD ROOM. ISBN: 85-98623-01-6. 10p. Disponível: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acessado em 22 jan.2024. Acesso em 23 jan. 2024.

MENDES, A. R. **O que é Patrimônio Cultural.** Olhão Gente Singular editora. 2012. http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf.

MELCHIADES, Carlos Eduardo Ferreira. **Mapeamento do patrimônio arqueológico do Rio Grande do Sul: um ponto, uma linha e um horizonte.** 2017. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=MAPEAMENTO+DO+PATRIM%C3%94NIO+ARQUEOL%C3%93GICO+DO+RIO+GRANDE+DO+SUL%3A+UM+PONTO%2C+UMA+LINHA+E+UM+HORIZONTE.&btnG=. Acesso 07 de mar. 2024.

NEGREIROS, Rafael Barreto Ruben Siqueira. **ZOOARQUEOLOGIA DA TOCA DA JANELA DA BARRA DO ANTONIÃO, CORONEL JOSÉ DIAS - PI**: proposta de análise. São Raimundo Nonato – PI, 2011.

NERES, Christiane Carvalho; COSTA, Jorge Luis Paes Oliveira; CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA DA ÁREA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA–PIAUI (BRASIL) COM VISTAS PARA O PLANEJAMENTO AMBIENTAL. 2011. Disponível em:
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Caracteriza%C3%A7%C3%A3o+Geomorfol%C3%B3gica+d+a+%C3%81rea+do+Parque+Nacional+Serra+da+Capivara+-+Piau%C3%AD+%28Brasil%29&btnG=. Acesso em 27 jan. 2024.

OLIVEIRA, A.S. **O Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e Colonizadores, Conflitos e Resistência**. Tese (Doutorado) - Recife: UFPE, 2007.

OLIVEIRA, A.S de N. Os manióbeiros no sudeste do Piauí. In Fundamentos II. São Raimundo Nonato: FUMDHAM/ Centro Cultural Sergio Mota. v.02:66-84. 1998.

OLIVEIRA, Rômulo José Fontenele. **Saberes e práticas da formação e atuação de educadores do Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil (1970-2019)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Jorge de; RIBEIRO, Margarida; PINTO, Mário. **Carta Arqueológica de Nisa–1. ^a Fase (Revisão do PDM)**. 2011. Disponível em:
<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2963/1/carta%20arqueol%C3%B3gica%20de%20nisa.pdf>. Acesso: 18 de mar. 2024.

PAES, Rianne Maria Oliveira. **"Identificação do Patrimônio Edificado da Cidade de Coronel José Dias - Piauí"**. São Raimundo Nonato – PI, 2011.

PIZZANI, Luciana et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível:

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28.

Acesso em 23 jan. 2024.

Ribeiro, M. A., Assis, N. P. D. de, Negreiros, R. M. B. de, Kestering, C., & Oliveira, A. S. de N. (2014). **RETALHOS HISTÓRICOS E DETALHES ARQUITETÔNICOS DA FAZENDA ÁGUA VERDE – PI**. *Cadernos Do LEPAARQ (UFPEL)*, 11(21), 247-272. 2014.

RODRIGUES, M. D. **Parque Nacional Serra da Capivara e comunidade: Educação, Preservação e Fruição Social. Um estudo de caso em Coronel José**. (Dissertação) 2011.

SABADIN, Ana Carina. **As entrevistas semiestruturadas na pesquisa de campo: algumas considerações sobre o corte de cana-de-açúcar no noroeste paulista**. Áskesis, São Carlos, v.3, n.2, p. 67-74, julho/ dezembro- 2014.

Disponível: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/153/pdf>. Acesso em 19 jan.2024.

SANTOS, Marcos César Pereira. **A jazida arqueológico-paleontológica Toca da Janela da Barra do Antonião**. 2012. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Tomar. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6018>. Acessado em 15 jan. 2024.

SANTOS, C R. 2001. “**Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural**”. São Paulo em Perspectiva, 15(2):43-48.

SANTOS, Janaina C.; BARRETO, Alcina Magnólia Franca; SUGUIO, Kenitiro. **Caracterização geológica dos depósitos coluviais do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí**. Trabalhos, p. 11-16, 2005.

SANTOS, Ana Cláudia Soares dos; MAIA, Tamara Maria Pereira; KROM, Valdevino.

Água: uma fonte de vida que vem causando preocupações. In: Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 8 e Encontro Latino Americano de Pós-Graduação.

SOUSA, M. L. M.; NASCIMENTO, J. P. DO; FONTES, M. A. F.; CARDOSO, R. A.; AMARAL, A. DE M. **CALDEIRÕES ROCHOSOS COMO FONTE DE**

SOBREVIVÊNCIA: Estudo de caso da Comunidade Serrote do Município de Coronel José Dias, PI. 2023

SOUSA, M. L. M. **FONTES DE VIDA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA:** Narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José Dias-PI. Monografia (bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato. 2021

ANEXO 1: Fichas dos caldeirões rochosos das localidades Sítio do Mocó, Barreirinho, Limoeiro e Serrote.

LOCALIDADE SÍTIO DO MOCÓ

CALDEIRÃO DO GADO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 1
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	411 m	
Coordenadas	23L 768379 9021639	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Saciar a sede dos animais; afazeres domésticos; construção civil, como também as pessoas o ressignificaram e o transformaram em local religioso e de lazer.	
Uso	Lavar roupa, afazeres domésticos, saciar a sede dos animais, higiene pessoal, rituais religiosos, local de Lazer.	
Manutenção	Era realizada manualmente e anualmente, era feito a limpeza interna do caldeirão, como também era realizado a limpeza e roço nas proximidades do caldeirão	
Elementos naturais	Vegetação circundante proeminentes do bioma caatinga como arvores do tipo catingueira, juazeiro, pitombeira, bromélia e cactos existente ao redor do caldeirão do Gado.	

Elementos construídos	Foi feito uma reforma no caldeirão no ano de 1985 com materiais construtivos do tipo cimento e pedra (Sousa, 2021).
Vestígios	Ausente
Estado de Conservação	Bom estado.

3 Descrição do Caldeirão

O caldeirão do Gado pertencia as antigas propriedades do S.r Antônio Mocó e está localizado em uma área mais alta em relação a comunidade Sítio do Mocó, além de ser muito próximo das residências das pessoas da comunidade, como também da antiga lavanderia comunitária e de um poço artesiano.

Em virtude de o caldeirão do Gado ser fácil acesso tanto para as pessoas como para os animais, ele recebeu seu nome devido o gado saciar sua sede no caldeirão. Devido a presença de água com tonalidade escura no momento que foi realizado a visita ao caldeirão, não foi possível verificar a quantidade de bojos do caldeirão.

Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DOS PORCOS

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 2
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	415 m	
Coordenadas	23L 768253 9021602	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Saciar a sede dos animais	
Uso	Saciar a sede dos animais.	
Manutenção	Era realizada a limpeza retirando o sedimento depositado no caldeirão	
Elementos naturais	Vegetação circundante proeminentes do bioma caatinga como arvores do tipo catingueira, juazeiro, pitombeira, bromélia e cactos existente ao redor do caldeirão do Gado.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Localizado próximo ao caldeirão do Gado precisamente ao seu lado direito e ao lado esquerdo o caldeirão da Bernardina, está situado em uma área mais baixa em relação ao caldeirão do Gado, por estarem próximos possuem o mesmo tipo de vegetação e rocha

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DA BERNARDINA OU DO ZÉ GREGÓRIO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 3
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	424	
Coordenadas	23L 768214 9021551	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Afazeres domésticos.	
Uso	Para beber, lavar a louça, tomar banho e lavar roupa no lajedo.	
Manutenção	Os moradores da comunidade faziam sua limpeza anualmente, retirando o sedimento que se acumulava do fundo do caldeirão.	
Elementos naturais	vegetação ao redor do caldeirão Bernardina apresenta uma variação de arvores do bioma caatinga, como mandacarus, juazeiros, xique-xique, coroa de frade, umbuzeiro e catingueira.	
Elementos construídos	Estrutura de forno confeccionado com tijolo de adobe próximo a pinturas rupestre do Sítio arqueológico Toca do Elias.	
Vestígios	Foi identificado fragmento cerâmica e Vestígios têxteis.	
Estado de Conservação	Não foi possível verificar o estado de conservação	

3 Descrição do Caldeirão

É considerado como de fácil acesso e que apesar de estar na área do Parque Nacional Serra da Capivara, o mesmo fica aproximadamente 50 a 100 m tanto das residências das pessoas da comunidade Sítio do Mocó, como do Caldeirão dos Porcos, Caldeirão Do Gado, Caldeirão da Porta e do sítio arqueológico Toca do Elias. Esse caldeirão recebeu o nome de Bernardina e Zé Gregório em virtude do casal que além de terem sido proprietários das terras que o caldeirão está, possuíam residência ao lado do caldeirão.

A Água presente no caldeirão está com uma coloração escura, e uma grande quantidade de material limoso em sua superfície.

4 Registro Fotográfico



Estrutura de forno feito com tijolo de adobe.



5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão da Bernardina ou do Zé Gregório.

Legenda

Caldeirão da Bernardina ou do Zé Gregório



CALDEIRÃO DA PORTA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 4
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	439 m	
Coordenadas	23L 768169 9021441	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	A água era utilizada para limpar a casa, lavar roupa e tomar banho e uso doméstico.	
Uso	Limpeza de casa, lavagem de roupa, banho e uso doméstico	
Manutenção	As manutenções eram realizadas anualmente ou quando ocorria o vazamento de água no caldeirão e quando ocorria a obstrução na encanação devida à presença de sedimento. Eram realizadas pelos familiares do Sr Elias Claro.	
Elementos naturais	A vegetação da área possui arvores de médio e grande porte, como por exemplo juazeiro, cajueiro, pau de rato, Algaroba, cansanção.	
Elementos construídos	Parede de concreto de 2 por 2 metros de largura na parte frontal do caldeirão, Instalação de um ferro entre as rochas para servir de suporte na hora de pegar a água, como também, foi inserido a presença de uma escada.	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Bom estado.	

3 Descrição do Caldeirão

O caldeirão da Porta está no sopé da cuesta, onde “reúne águas vinda dos canyons Baixão das Andorinhas, Baixão das Trombetas e Baixão das Mulheres”. (GUIDON, PESSIS E MARTIN, 2008. p. 16), ele se encontra em bom estado de conservação, no momento da visita não foi possível observar a presença de bojos, devido a quantidade de água de tonalidade escura presente no caldeirão.

Vale ressaltar que próximo ao caldeirão, no mesmo paredão em que ele se encontra, existe o sítio arqueológico Toca do Elias de pintura rupestre. O sítio arqueológico é do tipo abrigo sob rocha, contendo várias pinturas rupestres que vai desde o caldeirão da Porta até o caldeirão da Bernardina, devido as pinturas rupestres estarem espalhadas ao longo do paredão rochoso, o sítio arqueológico foi escavado pela Missão Franco-Brasileira.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO AVÔ/CALDEIRÃO DO ANICETO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 5
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	404 m	
Coordenadas	23L 768258 9021718	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Lavagem de Roupa.	
Uso	Lavar roupa.	
Manutenção	Manutenção anual	
Elementos naturais	Vegetação circundante proeminentes do bioma caatinga como arvores do tipo catingueira, juazeiro, pitombeira, bromélia e cactos existente ao redor do caldeirão.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O Caldeirão teve como seu primeiro e único dono o sr. Aniceto, que segundo integrantes da comunidade Sítio do Mocó, foi um dos primeiros moradores habitar a comunidade. Ele está localizado em um conjunto de serras arenítica em que os moradores da comunidade precisavam caminhar uma certa distância por cima da rocha para que fosse possível chegar até o mesmo. No momento que foi realizado a visita ao caldeirão do Avô Aniceto, foi constatado que o mesmo apresenta bom estado de conservação, contendo a presença de aproximadamente sete bojos com água de coloração escura com material limoso.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica

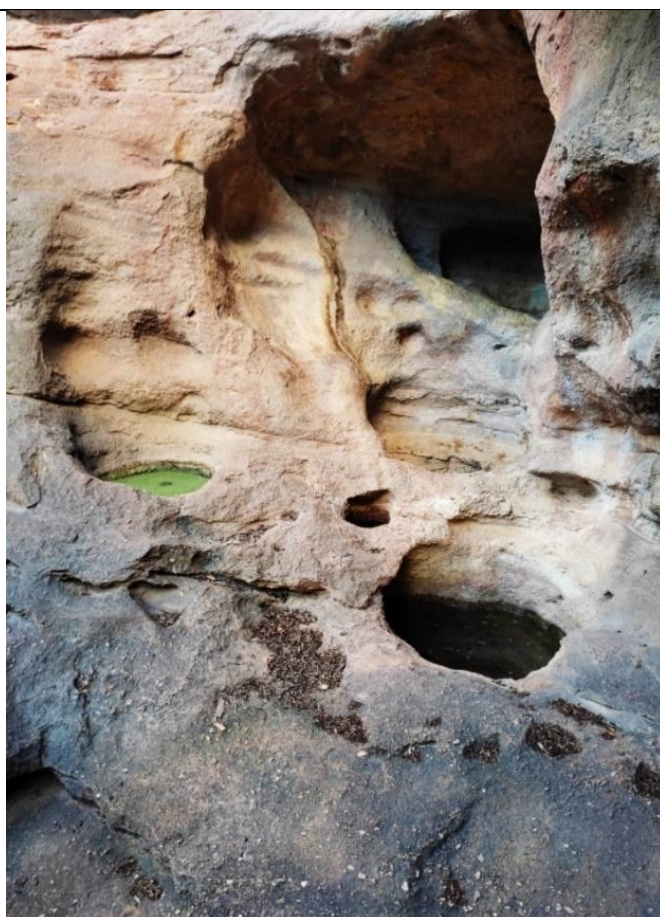


CALDEIRÃO DO INHARÉ

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 6
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	463m	
Coordenadas	23L 768873 902182	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	A água do caldeirão era utilizada para afazeres domésticos, como: limpar a casa, lavar roupa e lavar a louça.	
Uso	Limpeza de casa, lavagem de roupa e lavagem da louça.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Foi observado a presença de mandacarus, juazeiros, xique-xique, coroa de frade, pau de rato catingueira e a árvore inharé.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Vestígios de telha e tijolo de adobe que seria restos de uma residência, próxima ao caldeirão.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Foi possível observar no caldeirão a existência de apenas quatro bojos pequenos e rasos com baixa capacidade para armazenar água. Apesar da pouca quantidade de água existente no caldeirão no período que foi realizado a visita, foi possível observar que o caldeirão não está em um bom estado de conservação, pois além da água apresentar uma coloração escura, foi identificado acúmulo de material limoso, sedimento e fezes de animais. O caldeirão do Inharé está localizado em uma área bastante arejada devido a variação de árvores e a inclinação na rocha, formando um abrigo. O trajeto até o caldeirão do Inharé é bastante acessível e está aproximadamente de 100 a 200 metros das residências das pessoas da comunidade Sítio do Mocó.

4 Registro Fotográfico





5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO GRANDE OU CALDEIRÃO DA CHIQUINHA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 7
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	405m	
Coordenadas	23L 768268 9021675	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Sua funcionalidade foi exclusivamente para fazer o cozimento das refeições e saciar a sede das pessoas, pois, sua água ser mais limpa do que nos demais.	
Uso	Cozimento de alimentos e consumo humano	
Manutenção	Assim como os demais caldeirões, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó também realizavam manutenção no caldeirão Grande anualmente.	
Elementos naturais	Mandacarus, xique-xique, coroa de frade, pau de rato, catingueira, Algaroba, urtiga e cansação.	
Elementos construídos	Foi possível perceber que ainda há vestígios de antigas manutenções realizadas por pessoas da comunidade Sítio do Mocó, o material do tipo concreto que é utilizado em construção civil.	
Vestígios	Material do tipo concreto.	

Estado de Conservação	Bom estado.
3 Descrição do Caldeirão Acredita-se que esse caldeirão recebeu o nome de Grande, devido o caldeirão apresentar um formato arredondado grande, já o segundo nome Chiquinha supostamente seria por estar nas antigas terras de uma mulher conhecida como Chiquinha e que a mesma poderia ser uma das primeiras moradoras da comunidade Sítio do Mocó (SOUSA, 2021). não foi possível verificar a quantidade de bojos existentes devido a existência máxima de água encontrado no caldeirão no momento da visita. Apesar de estar próximo a comunidade Sítio do Mocó, o percurso para chegar ao caldeirão é de fácil acesso, no entanto o local para se transitar na área do caldeirão é bastante estreito, podendo comportar aproximadamente cinco pessoas, pois logo a frente do caldeirão há um precipício.	
4 Registro Fotográfico	
	

5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão do Grande/Caldeirão da Chiquinha



CALDEIRÃO DA DEMAR/CALDEIRÃO DO FRANCISCO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 8
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	499m	
Coordenadas	23L 766856 9021885	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	As águas do caldeirão eram utilizadas para lavar roupa e saciar a sede.	
Uso	Lavar roupa e saciar a sede.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Salão sem vegetação com paredes rochosas com vários seixos e uma fileira de blocos de rocha	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O caldeirão pertencia as antigas terras do casal Sr^a Ildemar e Sr Francisco, utilizado no momento que estavam trabalhando na sua roça e em momentos de seca quando os demais caldeirões rochosos mais próximos da comunidade Sítio do Mocó estavam secos. O caldeirão era utilizado apenas por familiares do casal. É de difícil acesso e está localizado em uma área mais distante da comunidade Sítio do Mocó, para chegar ao caldeirão rochoso, foi realizado caminhada de aproximadamente uma hora abrindo picada, pois não havia mais estrada. Chegando próximo ao caldeirão rochoso, nos deparamos com uma parte do percurso mais complicada, pois tínhamos que passar por cima de grandes blocos rochosos soltos. contendo apenas dois bojos pequenos, consideramos que o caldeirão está em mal estado de conservação, apesar da água conter uma coloração clara, foi identificado galhos de arvores e bastante sedimento e seixos dentro do caldeirão, proveniente da correnteza da água que é transportado com a chuva.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão da Demar ou Caldeirão do Francisco

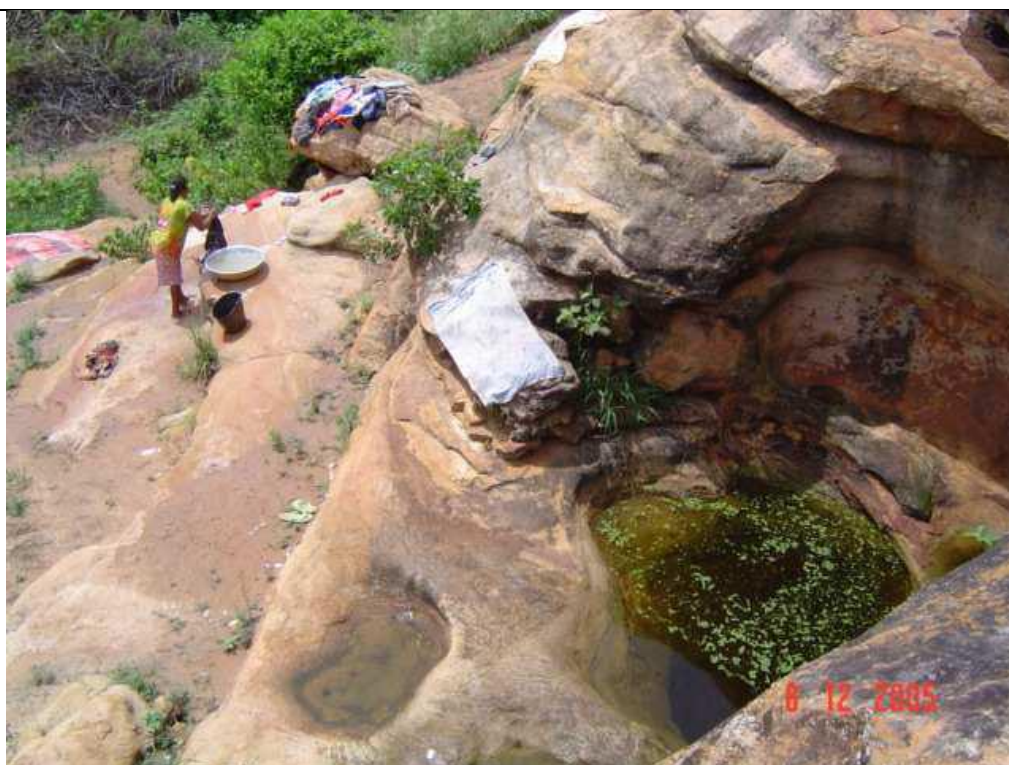


CALDEIRÃO DOS BRANQUINHO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 9
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	407 m	
Coordenadas	23L 768265 902164	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Lavagem de roupa e uso doméstico.	
Uso	Lavagem de roupa e uso doméstico.	
Manutenção	Realizado anualmente por membros da comunidade.	
Elementos naturais	Vegetação circundante proeminentes do bioma caatinga como arvores do tipo catingueira, juazeiro, pitombeira, bromélia e cactos existente ao redor do caldeirão.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Está localizado próximo aos caldeirões Grande e do Gado na área do Parque Nacional Serra da Capivara, podemos observar gravuras pintadas de branco com as iniciais U e N sobrepondo o material de cimento aplicado na rocha do caldeirão. No momento da visita ao caldeirão dos Branquinho, foi verificado que o caldeirão apresenta está em sua capacidade máxima de água com presença de material limoso na água, não foi possível verificar a quantidade de bojo existente no caldeirão.

4 Registro Fotográfico





5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO DOS CLAROS/ DOMINGOS

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha10
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	413m	
Coordenadas	23L 767649 9021805	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Este caldeirão era destinado para a funcionalidade de lavar roupas.	
Uso	Lavagem de roupa.	
Manutenção	Manualmente e anualmente por aqueles que utilizavam do caldeirão.	
Elementos naturais	Cajueiro, umbuzeiro, mandacarus, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, pau de rato e catingueira	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O nome do referido caldeirão, se deu por estar em antigas terras do sr. Domingos Claro, atualmente o caldeirão pertence a área do Parna Serra da Capivara, apesar de ser um caldeirão de fácil acesso, ele fica mais afastado da comunidade Sítio do Mocó, devido a esse motivo, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó utilizavam de suas águas para lavar roupa apenas quando esgotavam as águas dos demais caldeirões, assim as pessoas não consideram como sendo um dos mais importantes. há uma gravura na rocha com as iniciais E e N, contendo ainda outro símbolo não identificado.

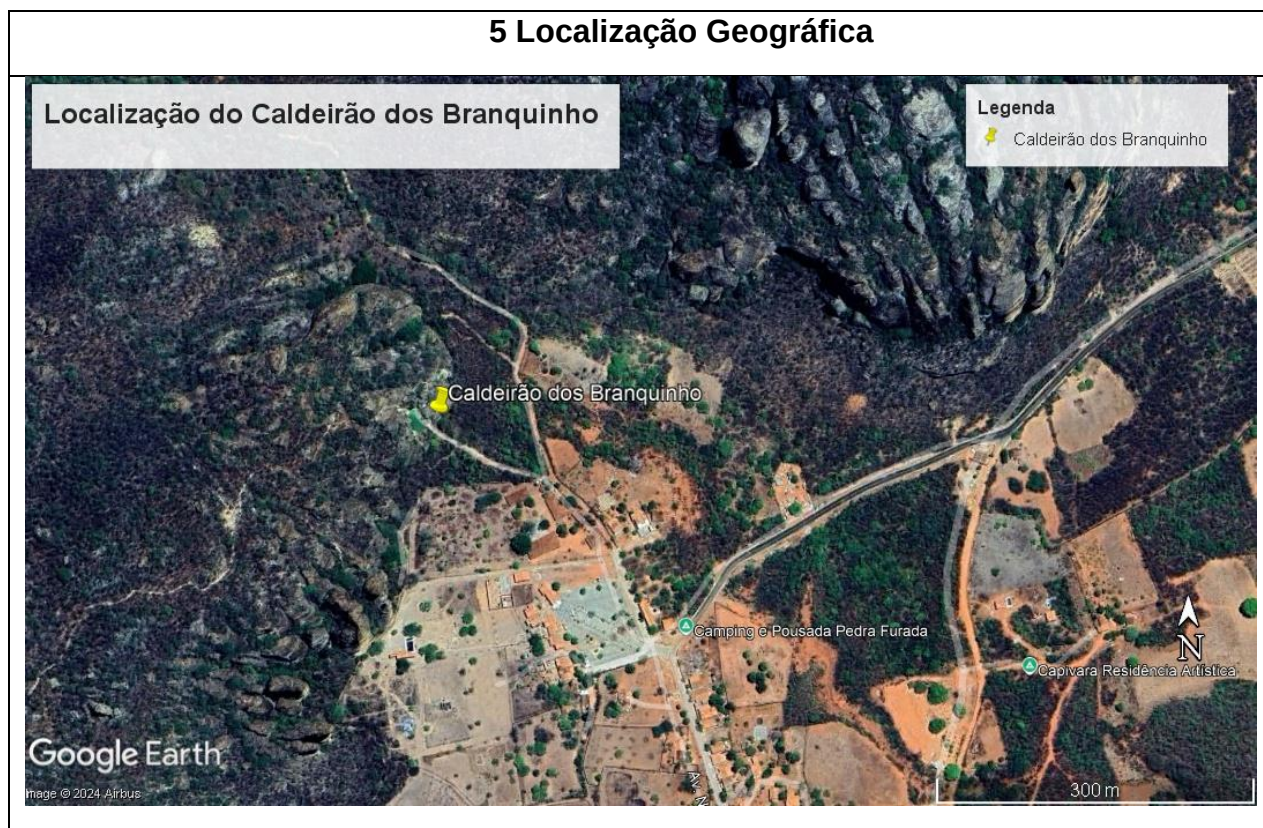
Não foi possível verificar a quantidade de bojos existente no caldeirão, devido ao excesso de sedimento presente no caldeirão rochoso.

O caldeirão está sem água e soterrado, a hipótese levantada para essa problemática teria sido ocasionada devido a junção de alguns fatores ambientais e climático como o assoreamento do caldeirão rochoso tenha ocasionado um menor acúmulo de água devido as chuvas torrenciais; evaporação da água em longos períodos de estiagens; processo erosivo da rocha que pode ter ocasionado fissuras levando um vazamento de água.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DA PORTEIRA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 11
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	400 m	
Coordenadas	23L 768224 9021776	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	A funcionalidade aplicada ao uso do caldeirão, era voltada apenas para lavar roupa	
Uso	Lavagem de roupa	
Manutenção	Realizada por membros a localidade Sítio do Mocó anualmente e manualmente.	
Elementos naturais	Foi identificado presença de arvores como pau de rato, catingueira, mandacarus, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga e cansação.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Fragmento cerâmico.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Apesar do caldeirão estar próximo a comunidade Sítio do Mocó e ser de fácil acesso, as pessoas da comunidade não o considera como sendo um dos mais importantes caldeirões rochosos, pois, é considerado um caldeirão de pequeno porte, possuindo cinco bojos pequenos.

De acordo com as entrevistas realizadas (Sousa, 2021), o nome do caldeirão se dá pelo motivo de o mesmo estar localizado (dentro do Parna) próximo a uma porteira que dá acesso à área do Parna Serra da Capivara, desta forma os moradores locais o nomearam porteira. Atualmente apesar de estar próximo a comunidade, o acesso possui uma trilha, no entanto devido à falta de manutenção, a vegetação está crescendo e fechando a passagem, ao decorrer da trilha, foi identificado um poço artesiano, ao chegarmos no local do caldeirão rochoso, foi identificado cultura material do tipo cerâmica.

Em decorrência da falta de manutenção realizadas anualmente pelas pessoas da comunidade Sítio do Mocó, a vegetação está bem próxima ao caldeirão, na parte interna do caldeirão, foi identificado uma quantidade baixa de água na coloração escura. Devido essa pouca quantidade de água presente no caldeirão no momento da visita, foi possível observar a existência de fezes de animal e sedimento, com isso, o caldeirão não possui um bom estado de conservação.

4 Registro Fotográfico



Fragmento cerâmico

5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DA MÃE ANA OU VÓZINHA OU TAPAGEM

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 12
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	422m	
Coordenadas	23L 769108 9022867	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era utilizado tanto na lavagem de roupa, como em outras utilidades de pessoas que frequentavam aquele espaço através da lida na roça	
Uso	Lavagem de roupa e utilidades da lida com a roça.	
Manutenção	Realizada anualmente	
Elementos naturais	Vegetação é caatinga com árvores de pequeno e médio porte.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Bom estado	
3 Descrição do Caldeirão		

O nome do caldeirão se dá pelo mesmo estar localizado nas antigas terras da Sr^a Ana e era utilizado tanto por familiares de Sr^a Ana quanto por moradores da comunidade que trabalhavam em suas roças próximo ao caldeirão. está localizada na área do Parna Serra da Capivara, próximo ao boqueirão da Pedra Furada.

Em uma parte do percurso até o caldeirão da Mãe Ana, se dá através de trilha, podendo ser percorrido com motocicleta, no entanto no restante do percurso, foi necessário abrir picada, pois a mata estava densa, não foi possível verificar a quantidade de bojos existentes no caldeirão, pois estava com quase 100% de sua capacidade máxima de água. Na parte interna do caldeirão, apresenta água com tonalidade escura, vegetação e material limoso.

4 Registro Fotográfico

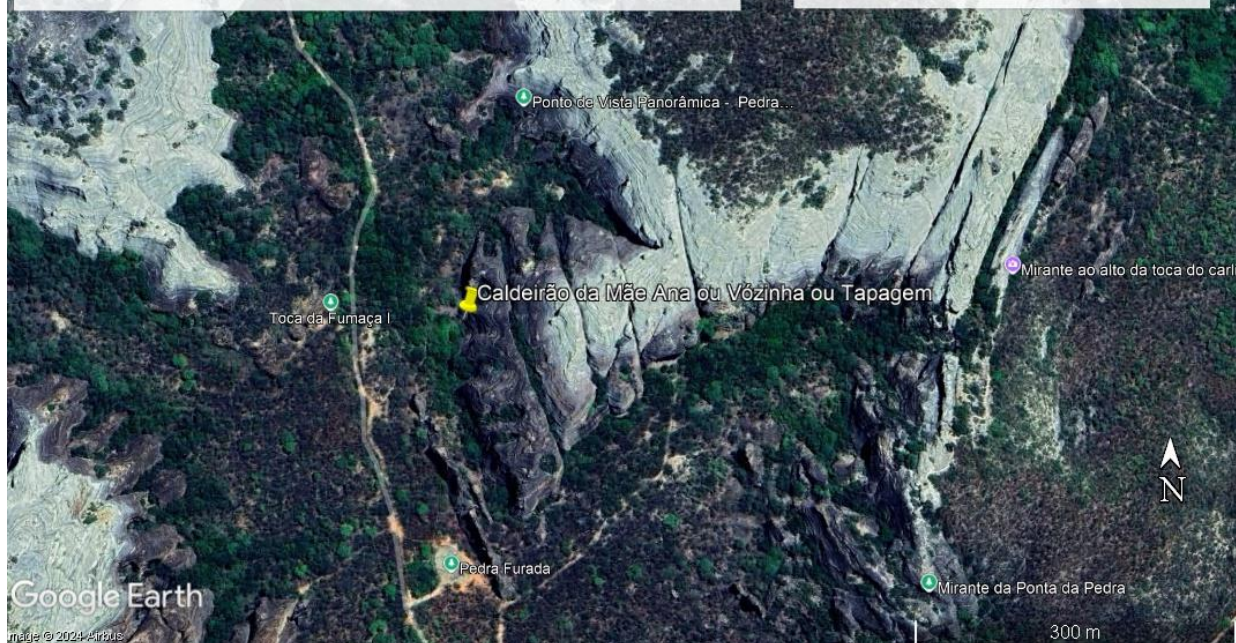


5 Localização Geográfica

Localização Caldeirão da Mãe Ana/Vózinha/Tapagem

Legenda

Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem



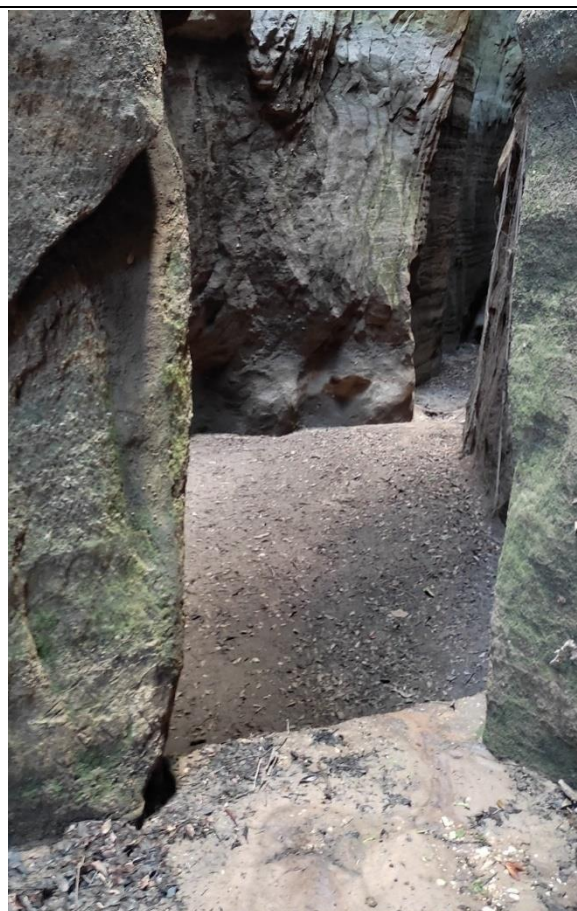
**CALDEIRÃO DA ESCADA (RENOMEADO PARA CALDEIRÃO DA
GELADEIRA)**

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 13
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	484 m	
Coordenadas	23L 768811 9024178	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era considerado um caldeirão emergencial, ou seja, somente se utilizava suas águas quando os caldeirões próximos da comunidade secavam.	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação predominante é a caatinga, com árvores de médio e grande porte.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Os moradores da comunidade Sítio do Mocó citam este caldeirão como caldeirão Escada, justamente por estar em uma área alta e era necessária uma escada para que fosse possível o acesso ao local, sendo dessa forma uma atividade arriscada, pois os moradores precisavam se equilibrar na escada na maioria das vezes com vasilhas de água na cabeça. (SOUSA, 2021) Com o passar do tempo, a nomenclatura do caldeirão passou a ser Geladeira, acredita-se que tenha sido pelo fato que a parte interna apresenta sensação térmica mais baixa do que na parte externa do caldeirão. Como o caldeirão está dentro dos limites do Parna, ele possui uma placa indicando sua localização.

O caldeirão é formado a partir de uma grande fissura entre a rocha que se tornou um grande corredor onde é possível o acumulo de água. Ao chegarmos no local do caldeirão, foram evidenciados três salões sendo eles um mais alto que o outro, devido ao difícil acesso nos demais salões, fomos apenas até o primeiro, porém do primeiro salão dava para avistar os demais, atualmente o caldeirão se encontra sem água. foi verificado que o mesmo apresenta mal estado de conservação, pois além de não conter a presença de água, o caldeirão está soterrado.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica

Localização Caldeirão Caldeirão da Escada (Geladeira)



CALDEIRÃO DOS CAMBAMBÁ

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha14
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	509 m	
Coordenadas	23L 769195 9023223	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Local voltado para a lavagem de roupa em momento de seca	
Uso	Lavagem de roupa.	
Manutenção	Era feito de forma manual e anualmente pelos moradores da localidade Sítio do Mocó.	
Elementos naturais	Vegetação predominante é a caatinga, com árvores de médio e grande porte.	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Cultura material do tipo têxteis.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		
É possível observar que no fundo do caldeirão possui um grande acúmulo de seixos de quartzo e sedimento, que foram trazidos ao local através da queda d'água que abastece o caldeirão no período de chuva, muito provavelmente esse caldeirão está soterrado com esses seixos. Apesar de ser um caldeirão de fácil acesso, o caldeirão é um dos mais distantes da comunidade Sítio do Mocó e para chegar até o mesmo, em uma parte do percurso pode ser acessado com automóveis, no entanto ao se aproximar do caldeirão, é necessário finalizar o percorrer caminhando. O caldeirão se encontra com muito acúmulo de seixos devido à falta de manutenção que era realizada por parte da população da comunidade e é um caldeirão que possui pouca		

capacidade de armazenamento de água, o mesmo está localizado em uma altitude consideravelmente elevada do que alguns caldeirões.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DOS CANOAS I

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 15
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	489 m	
Coordenadas	23L 768994 9024255	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era considerado um caldeirão emergencial, (Por ser um local de difícil acesso) ou seja, somente se utilizava suas águas quando os caldeirões próximos da comunidade secavam .	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não foi informado	
Elementos naturais	Vegetação do tipo bromélia macambira, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Foi identificado água de coloração escura na parte interna do caldeirão, como também a presença de dois bojos pequenos, devido a esse acúmulo de sedimento, o caldeirão rochoso foi classificado como estando em mau estado de conservação no momento que foi realizado a visita ao local. A área que os caldeirões dos Canoas I e II próximos e localizados no alto da serra, é composta por vegetação do tipo bromélia macambira, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.

4 Registro Fotográfico

Primeiro bojo do caldeirão do Canoas I



Segundo bojo do caldeirão do Canoas I



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DOS CANOAS II

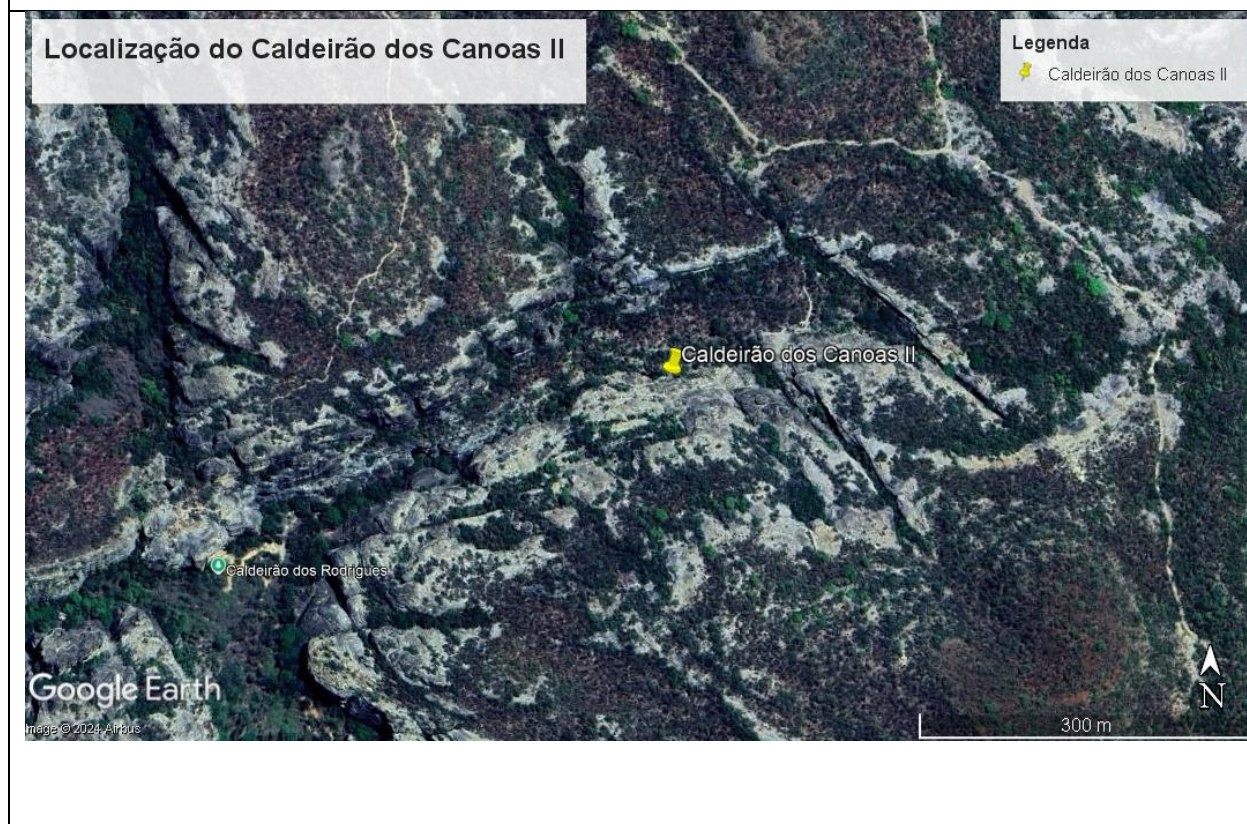
1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 16
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	494 m	
Coordenadas	23L 769040 90242554	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era considerado um caldeirão emergencial, (Por ser um local de difícil acesso) ou seja, somente se utilizava suas águas quando os caldeirões próximos da comunidade secavam	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não foi informado	
Elementos naturais	Vegetação do tipo bromélia macambira, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Foi identificado água de coloração escura na parte interna do caldeirão, como também a presença de um bojo pequeno, devido a esse acúmulo de sedimento, o caldeirão rochoso foi classificado como estando em mau estado de conservação no momento que foi realizado a visita ao local. A área que os caldeirões dos Canoas I e II próximos e localizados no alto da serra, é composta por vegetação do tipo bromélia macambira, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO RODRIGUES I

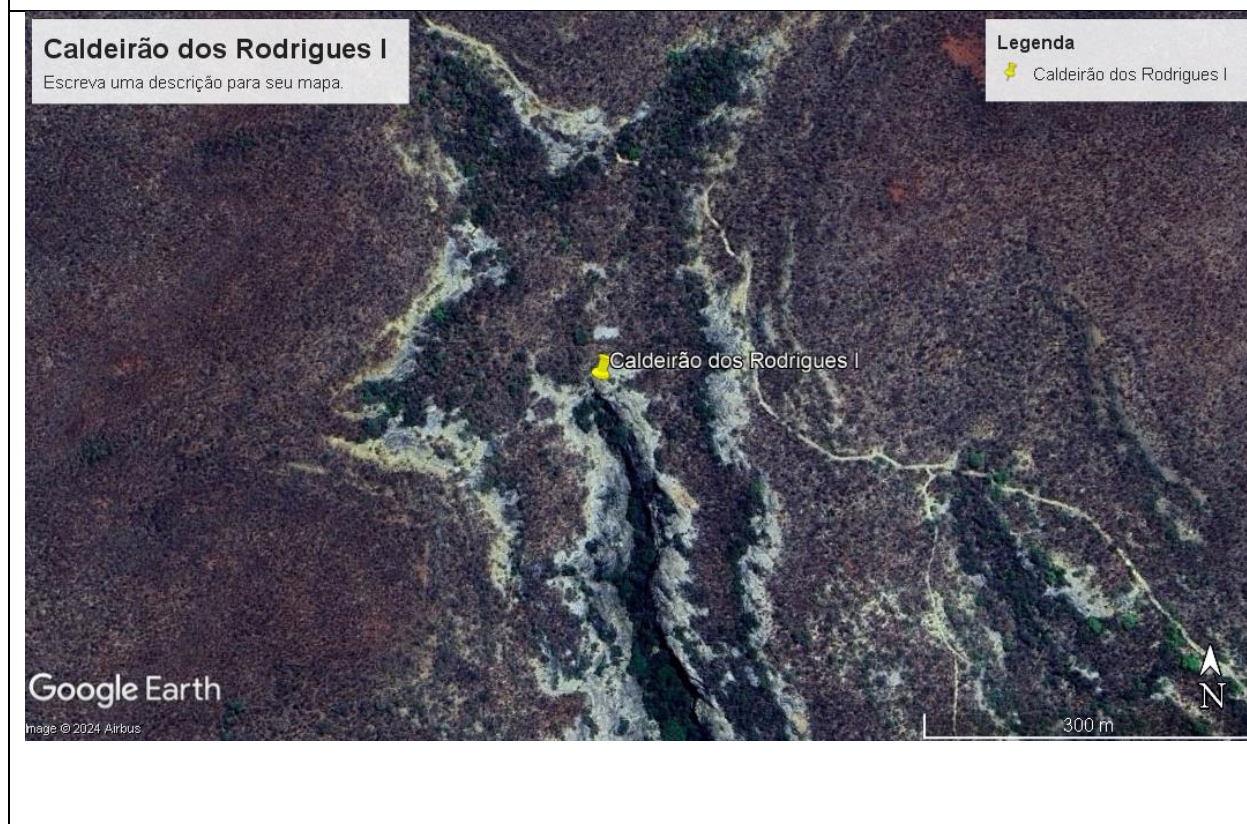
1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 17
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	507m	
Coordenadas	23L 768442 9024818	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Em casos de emergência.	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não foi informado	
Elementos naturais	Vegetação predominante é a caatinga, com árvores de médio e grande porte.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Os caldeirões dos Rodrigues I, II, III, pertenciam as antigas terras de um senhor chamado Rodrigues, atualmente pertencem a área do Parque Nacional Serra da Capivara. São os caldeirões que estão em uma área mais alta, quando comparado com os demais caldeirões rochosos. O caldeirão dos Rodrigues I, apresenta uma rocha sedimentar arenítica com pouca quantidade de água com coloração escura, não foi possível verificar a existência de bojos. Considerado em mau estado de conservação, pois sua parte interna contém uma quantidade de sedimento juntamente com a vegetação.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



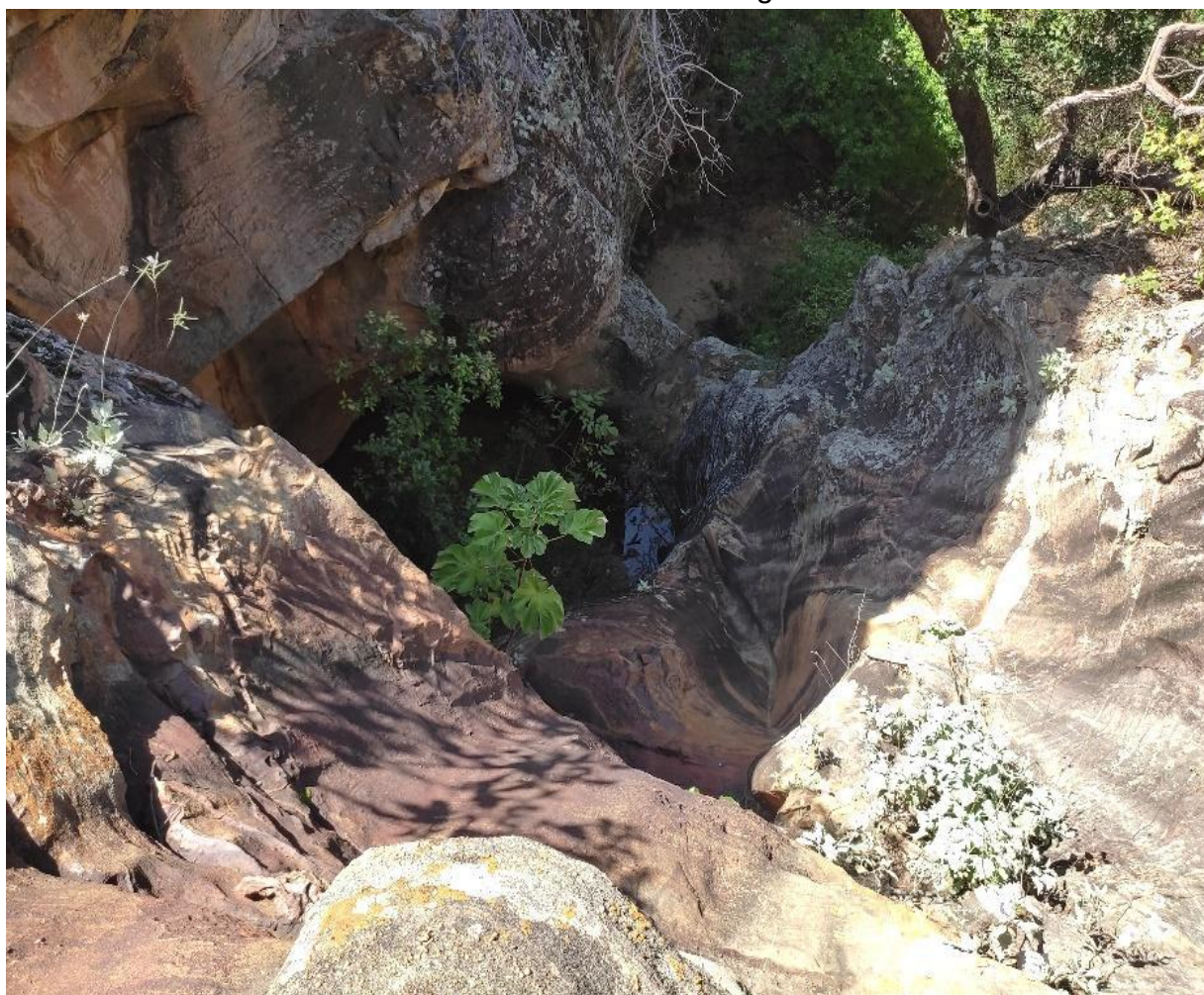
CALDEIRÃO DO RODRIGUES II

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 18
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	507m	
Coordenadas	23L 768442 9024818	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Considerado de difícil acesso e era utilizado apenas em casos de emergência.	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não foi informado	
Elementos naturais	Vegetação predominante é a caatinga, com árvores de médio e grande porte.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		
Os caldeirões dos Rodrigues I, II, III, pertenciam as antigas terras de um senhor chamado Rodrigues, atualmente pertencem a área do Parque Nacional Serra da		

Capivara. são os caldeirões que estão em uma área mais alta, quando comparado com os demais caldeirões rochosos. o caldeirão dos Rodrigues II, apresenta uma rocha sedimentar arenítica com pouca quantidade de água com coloração escura, não foi possível verificar a existência de bojos. Considerado em mau estado de conservação, pois sua parte interna contém uma quantidade de sedimento juntamente com a vegetação.

4 Registro Fotográfico

Caldeirões dos Rodrigues II



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃ DO CALDEIRÃO DO RODRIGUES III

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 19
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	507m	
Coordenadas	23L 768442 9024818	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Considerado de difícil acesso e era utilizado apenas em casos de emergência.	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não foi informado	
Elementos naturais	Vegetação predominante é a caatinga, com árvores de médio e grande porte.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Pertenciam as antigas terras de um senhor chamado Rodrigues, atualmente pertencem a área do Parque Nacional Serra da Capivara, está localizado em uma área mais alta, quando comparado com os demais caldeirões rochosos. O caldeirão dos Rodrigues III é de rocha sedimentar arenítica. Apresenta mau estado de conservação, em decorrência da grande quantidade de sedimento e vegetação na parte interna do caldeirão rochoso, ocasionando a ausência de água e a impossibilidade de verificar a existência ou não de bojos. Vale salientar que está próximo aos caldeirões dos Rodrigues I e II.

4 Registro Fotográfico

Caldeirões dos Rodrigues II e II



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO RIMUALDO I

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 20
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	405 m	
Coordenadas	23L 768375 9021761	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Uso apenas emergencial, ou seja, quando os caldeirões principais secavam.	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Arvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

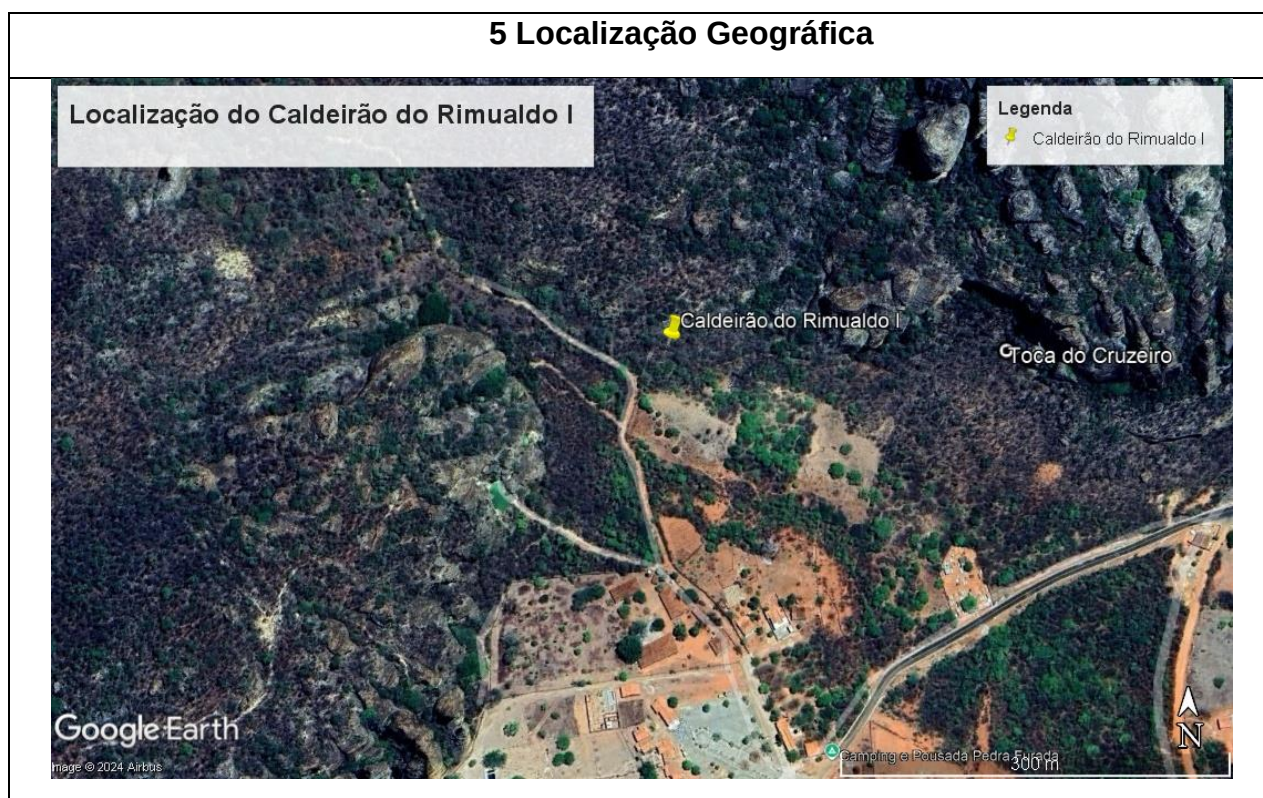
Está localizado dentro da área do Parna Serra da Capivara, ficando aproximadamente trezentos a quinhentos metros das residências da comunidade Sítio do Mocó, apesar de estar próximo da comunidade, os moradores utilizavam o caldeirão apenas em momentos de emergência para lavar roupa ou buscar água para afazeres doméstico, quando as águas dos caldeirões principais secavam. No momento da visita ao caldeirão, foi identificado três bojos com uma pequena quantidade de água de coloração escura, com vegetação e material limoso na sua parte interna do caldeirão.

Vale ressaltar que, a área do caldeirão do Rimualdo I, é bastante estreita, podendo comportar aproximadamente três ou quatro pessoas, pois logo à frente do caldeirão há um precipício.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO RIMUALDO II

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 21
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	408 m	
Coordenadas	23L 768386 9021767	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Uso apenas emergencial, ou seja, quando os caldeirões principais secavam.	
Uso	Emergencial.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Arvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Está localizado dentro da área do Parna Serra da Capivara, próximo ao Caldeirão do Rimualdo I, ficando aproximadamente trezentos a quinhentos metros das residências da comunidade Sítio do Mocó, apesar de estarem próximo da comunidade, os moradores utilizavam o caldeirão apenas em momentos de emergência para lavar roupa ou buscar água para afazeres doméstico, quando as águas dos caldeirões principais secavam.

O caldeirão do Rimualdo II, está aproximadamente entre vinte a trinta metros de distância do Rimualdo I, no entanto o percurso para chegar até o caldeirão II, fica mais complicado e perigoso.

Apesar da pouca caminhada para chegar até os caldeirões do Rimualdo I e II, os mesmos são considerados de difícil aceso, para acessá-los é necessário fazer uma escalada perigosa pois, no percurso existe uma escada que dá acesso ao local onde eles se encontram. no entanto a escada e os degraus presentes na imagem, foram construídas depois da oficialização do PARNA Serra da Capivara.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



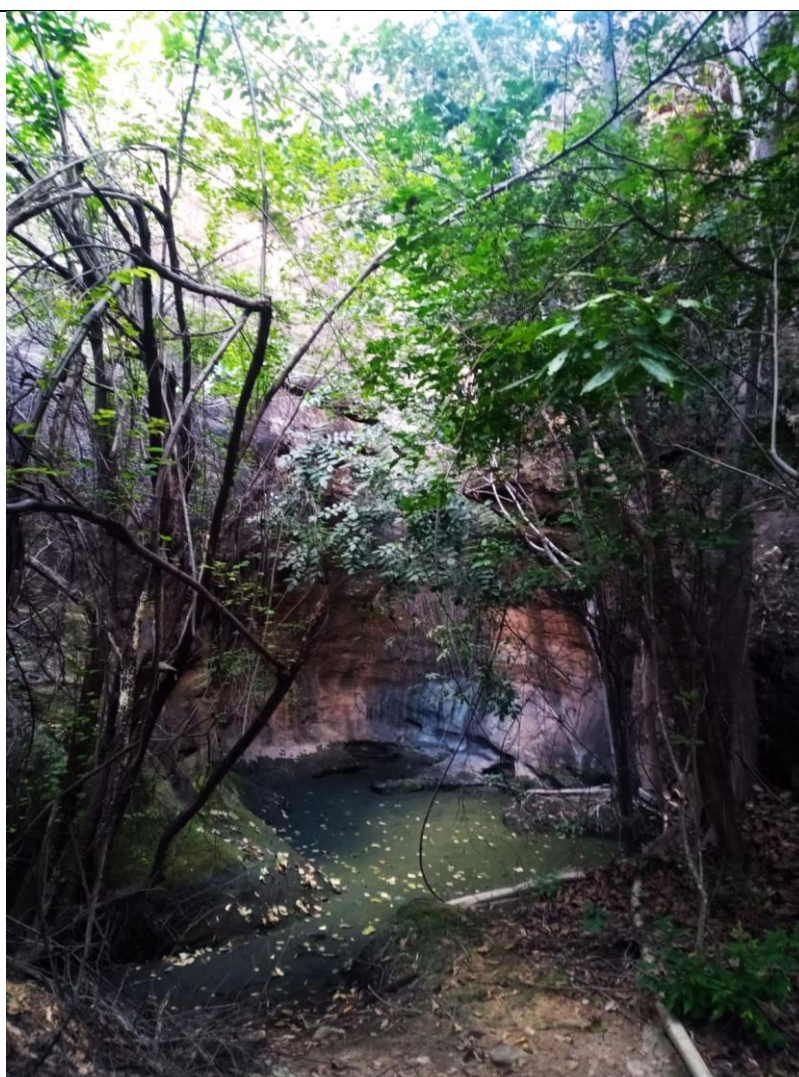
CALDEIRÃO DAS BANANEIRAS

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 22
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	422 m	
Coordenadas	23L 767447 9022056	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Lavar roupa ou utilizar em período de trabalho em lida da roça	
Uso	Era utilizado durante a lida na roça e para lavar roupa.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Bromélia macambira, algaroba, xique-xique, cansanção, coroa de frade, urtiga, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, quixaba, entre outras arvores que não foram identificadas.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Vestígios têxteis	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O caldeirão das Bananeiras era utilizado apenas pela família do casal Pedro Silva e Cleia Miranda em momentos que estavam trabalhando na roça ou para lavar roupa quando as águas dos principais caldeirões secavam. Caldeirão das Bananeiras é de fácil acesso, porém, é um caldeirão que está mais afastado da comunidade Sítio do Mocó, com isso, requer uma caminhada de aproximadamente trinta a quarenta minutos, também podendo ser percorrido por menos tempo por automóvel.

Não foi possível identificar a quantidade de bojos existentes, devido o caldeirão estar com sua capacidade máxima de água no momento que foi realizado a visita foi observado que o caldeirão está em mau estado de conservação, apesar de estar completamente cheio, o caldeirão estava bastante sujo, água de coloração escura com bastante vegetação e material limoso, dando aspecto que água contaminada com presença de forte odor.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO AMARO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 23
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	404 m	
Coordenadas	23L 767395 9022478	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era utilizado apenas pelo grupo familiar de sr. Amaro que trabalhavam em suas antigas roças.	
Uso	Lida na roça.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Catingueira, xique-xique, cansanção, coroa de frade, urtiga, faveleira, jericó, coroa e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

No momento em que o caldeirão do Amaro e o Zé Nei foram encontrados durante a prospecção, surgiu o questionamento do porquê as pessoas não terem sido citados nas entrevistas. Ao nos acompanhar na prospecção, o Sr. Francisco de Assis, que é morador da comunidade Sítio do Mocó, relatou que os caldeirões pertenciam a antiga terra dos Sr. Amaro e Zé Nei e ambos pertenciam ao mesmo núcleo familiar, Amaro como sendo sogro de Zé Nei.

Atualmente o caldeirão do Amaro está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara, para realizar o trajeto foi necessário realizar uma caminhada em mata fechada de aproximadamente trinta a quarenta minutos, devido ao fato da mata fechada, considerado assim como um caldeirão de difícil acesso.

Foi identificado em sua parte interna sedimento e matéria orgânica, estando com sua capacidade máxima de água, a água presente contém coloração escura com presença de material limoso.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO ZÉ NEI

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 24
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	411 m	
Coordenadas	23L 767633 9022332	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era utilizado apenas pelo grupo familiar de sr. Amaro que trabalhavam em suas antigas roças.	
Uso	Lida na roça.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação composta por coroa de frade, cansanção urtiga, coroá, catingueira, faveleira, jericó, pau de rato, macambira, xique-xique e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

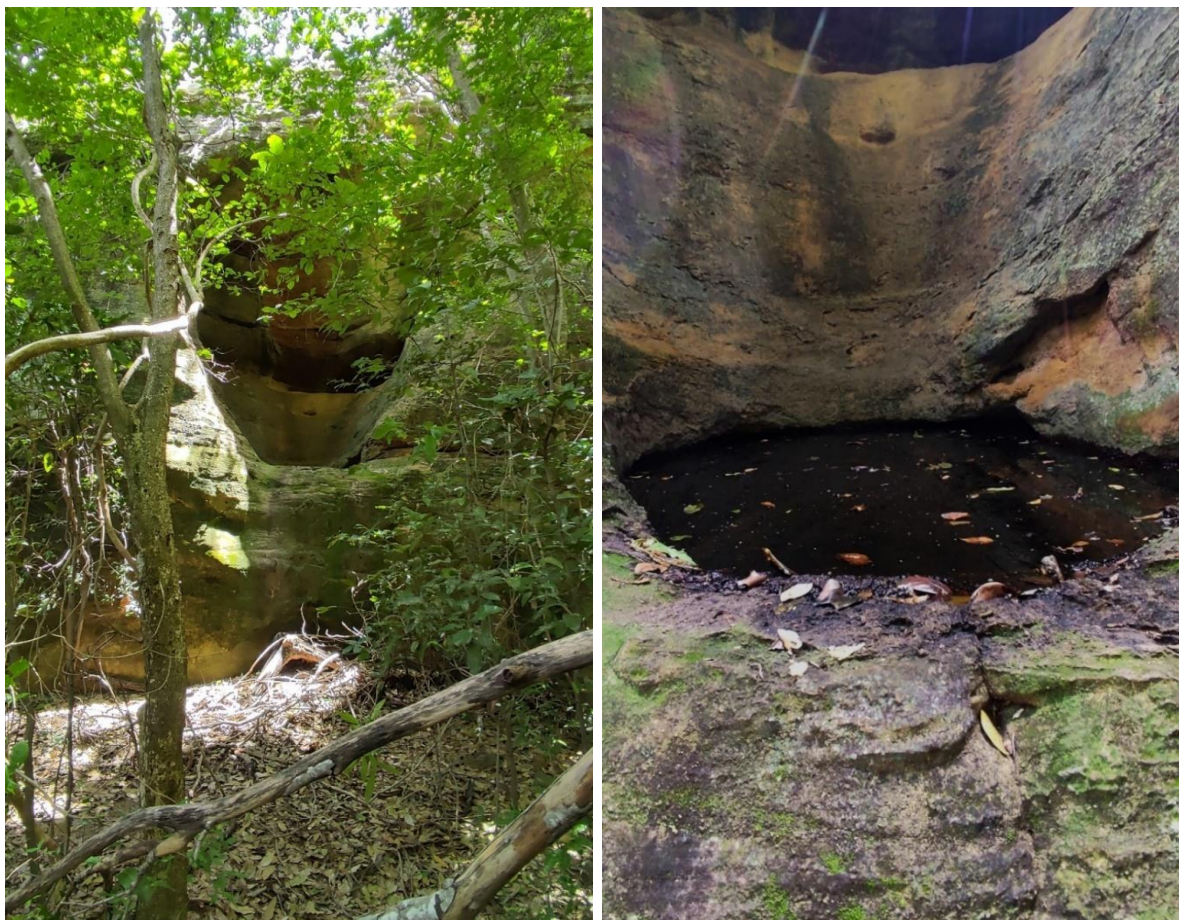
No momento em que o caldeirão do Amaro e o Zé Nei foram encontrados durante a prospecção, surgiu o questionamento do porquê as pessoas não terem sido citados nas entrevistas. Ao nos acompanhar na prospecção, o Sr. Francisco de Assis, que é morador da comunidade Sítio do Mocó, relatou que os caldeirões pertenciam a antiga terra dos Sr. Amaro e Zé Nei e ambos pertenciam ao mesmo núcleo familiar, Amaro como sendo sogro de Zé Nei.

O caldeirão se encontrava com capacidade máxima de água, apesar da água escura presente no caldeirão, foi possível identificar a presença de sedimento e material orgânico na parte interna do caldeirão, com isso, o caldeirão Zé Nei foi classificado como estado em mau estado de conservação.

Ao observar o ambiente, foi identificado um tronco escorado na parede rochosa do caldeirão, a hipótese é que o tronco tenha sido posicionado propositalmente para que as pessoas tivessem acesso a água do caldeirão rochoso.

4 Registro Fotográfico

Parte externa e interna do caldeirão do Zé Nei.



5 Localização Geográfica



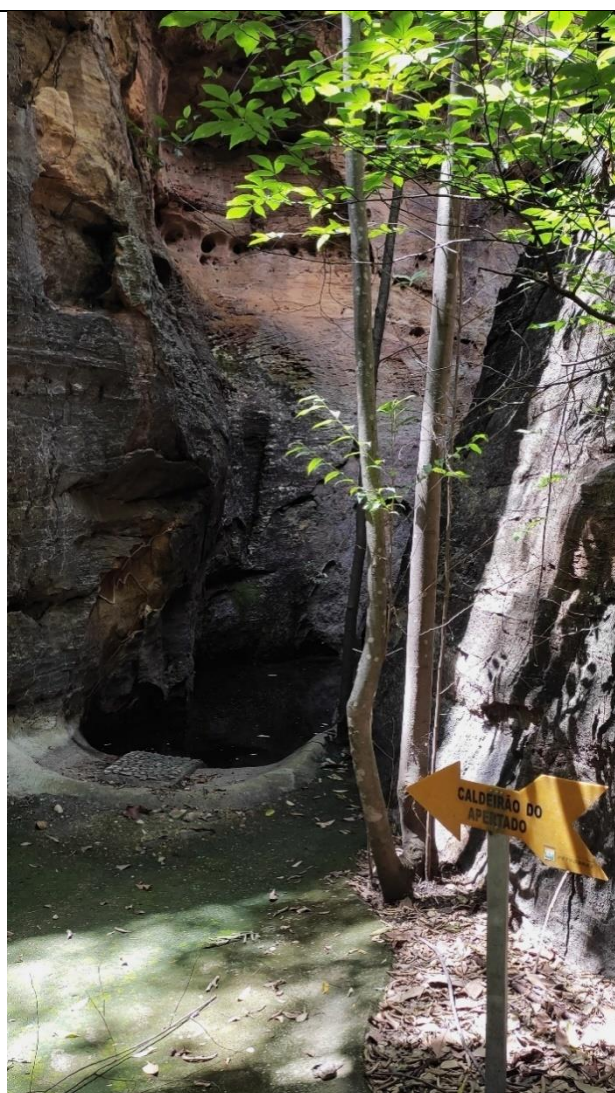
CALDEIRÃO DO APERTADO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 25
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	442 m	
Coordenadas	23L 768666 9023999	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Não há informações.	
Uso	Não há informações	
Manutenção	Não há informações	
Elementos naturais	A vegetação ao redor do caldeirão, é composta por cansanção, urtiga coroa de frade, catingueira, faveleira, jericó, macambira.	
Elementos construídos	Material do tipo concreto e seixos, utilizado para expandir a capacidade de armazenamento de água do caldeirão, que foi realizada posteriormente da oficialização do Parna Nacional Serra da Capivara.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O caldeirão do Apertado e caldeirão da Cachoeira, não foram citados durante as entrevistas, no entanto optamos por fazer seu registro fotográfico e marcar as coordenadas, pois acredito que mesmo não tendo obtido informações do mesmo, acredito que pertenciam as terras de alguém e assim como os demais caldeirões, pode ter tido alguma funcionalidade, já que são caldeirões de fácil acesso e visto que as pessoas utilizavam de caldeirões mais distante e de difícil acesso.

localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara estando aproximadamente uma hora de caminhada de distância das residências do Sítio do Mocó, no entanto o percurso pode ser percorrido através de automóvel otimizando o tempo para chegar ao local, com isso o caldeirão é tido como de fácil acesso.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



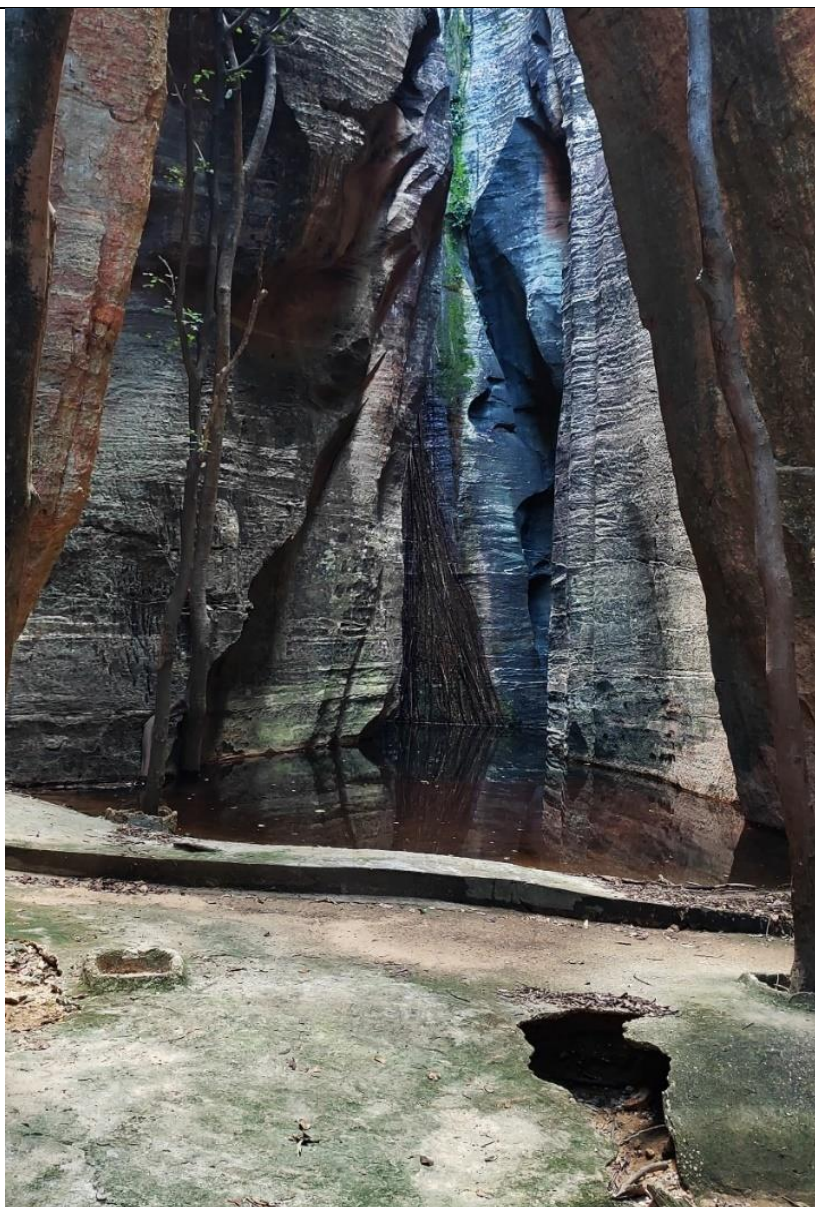
CALDEIRÃO DA CACHOEIRA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 26
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	450 m	
Coordenadas	23L 768520 9024069	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Não há informações	
Uso	Não há informações	
Manutenção	Não há informações	
Elementos naturais	A vegetação ao redor do caldeirão, é composta por cansanção, urtiga coroa de frade, catingueira, faveleira, jericó, macambira.	
Elementos construídos	Contem ampliação realizada com material de concreto para suportar maior quantidade de água.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Está na área do Parque Nacional Serra da Capivara, é considerado um caldeirão de fácil acesso, estando aproximadamente uma hora de caminhada das residências da comunidade Sítio do Mocó, no entanto assim como o caldeirão do Apertado, o percurso pode ser percorrido por automóvel, otimizando o tempo de chegada até o caldeirão.

Na parte interna do caldeirão, foi identificado água de coloração escura, sedimento e matéria orgânica. Devido a presença de sedimento na parte interna do caldeirão, consideramos que no momento da visita, o caldeirão rochoso está em mau estado de conservação. Vale ressaltar que a área do caldeirão é formada por paredões, formando um salão.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DA PINGA DA ANDORINHA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 27
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	433 m	
Coordenadas	23L 766642 9023629	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era utilizado durante a lida na roça.	
Uso	Lida na roça.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Arvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Se trata de um olho d'água, de pequeno porte e que seu tipo de rocha é sedimentar do tipo arenítica.

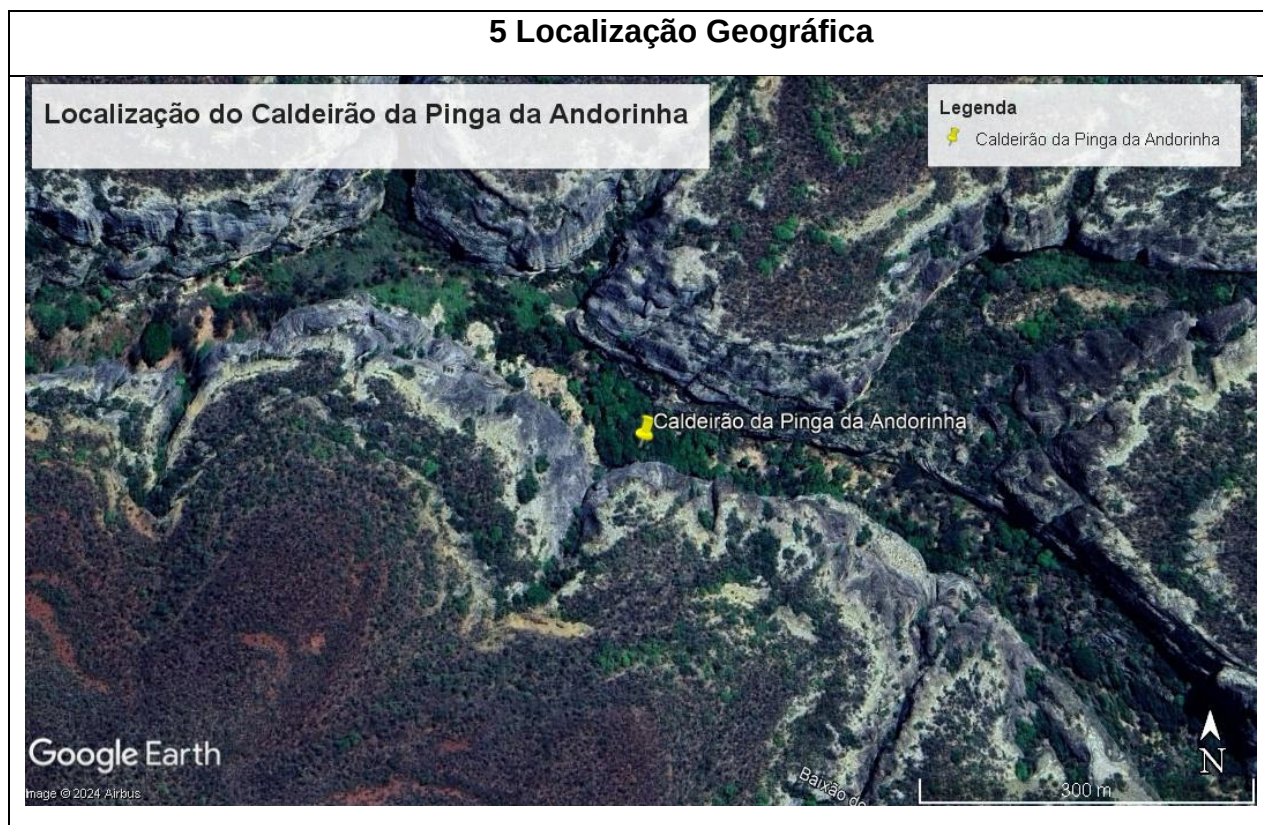
Devido a utilização da água do olho d'água por aqueles que utilizavam em períodos que estavam trabalhando nas roças ali próximo, segundo o sr. Francisco de Assis as terras em que o Pinga da Andorinha está inserido pertencia a sua família.

Apesar de ser distante da comunidade Sítio do Mocó, o caldeirão é de fácil acesso, porém no momento que foi realizado a visita ao caldeirão, foi necessário abrir picada com a ferramenta facho, pois devido à falta de manutenção da estrada, a mata está bastante densa.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO BANHO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 28
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Sítio do Mocó	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	426 m	
Coordenadas	23L 767898 9022194	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	A água do caldeirão era utilizada para afazeres domésticos, como: limpar a casa, lavar roupa e lavar a louça.	
Uso	Para limpar casa, lavar louça e lavar roupa.	
Manutenção	Anualmente por membros da localidade Sítio do Mocó.	
Elementos naturais	Arvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.	
Elementos construídos	Parede feita com cimento na parte frontal do caldeirão com objetivo de aumentar sua capacidade de armazenamento.	
Vestígios	Tecido, louça, material de construção civil do tipo cimento e cano de PVC.	
Estado de Conservação	Mau estado	
3 Descrição do Caldeirão		

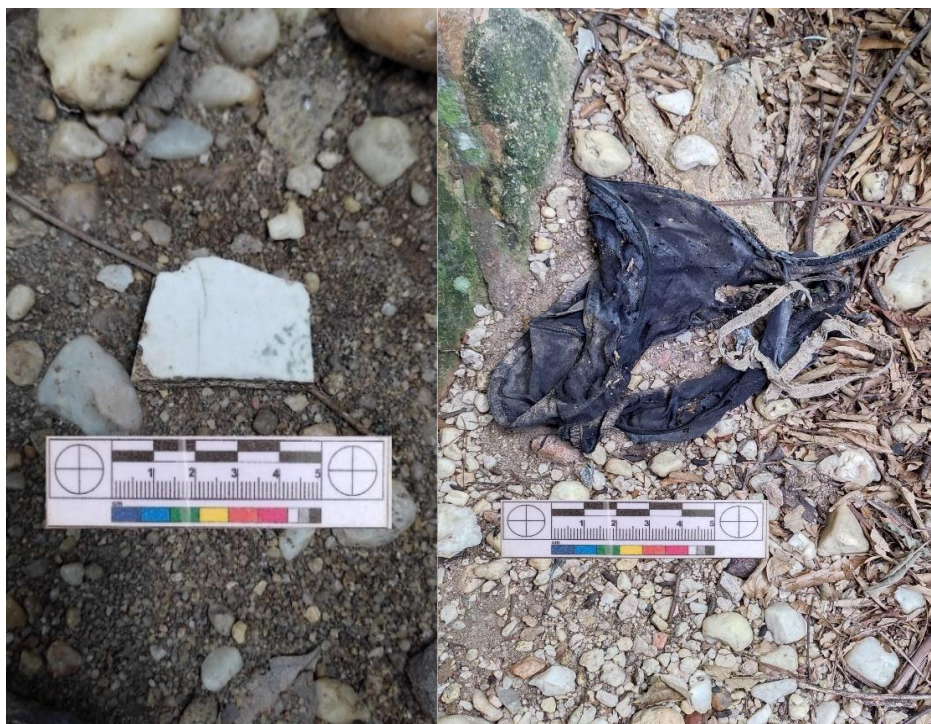
Pertencia as antigas terras do Sr. Domingos Claro, vegetação predominantemente de médio e grande porte, caldeirão de rocha sedimentar do tipo arenítica, durante a prospecção foi possível identificar a presença de cultura matéria do tipo tecido, louça e material de construção civil do tipo cimento e cano de PVC usado provavelmente em encanação feita no caldeirão que tinha o objetivo de facilitar a retirada de água do mesmo.

Apesar dos poucos depoimentos relacionados a esse caldeirão, é notório que ele foi bastante utilizado por pessoas do núcleo familiar do Sr. Domingos Claro, devido configuração em que o mesmo se encontra e os vestígios a sua volta demonstram que ali foi um espaço onde as pessoas buscavam água.

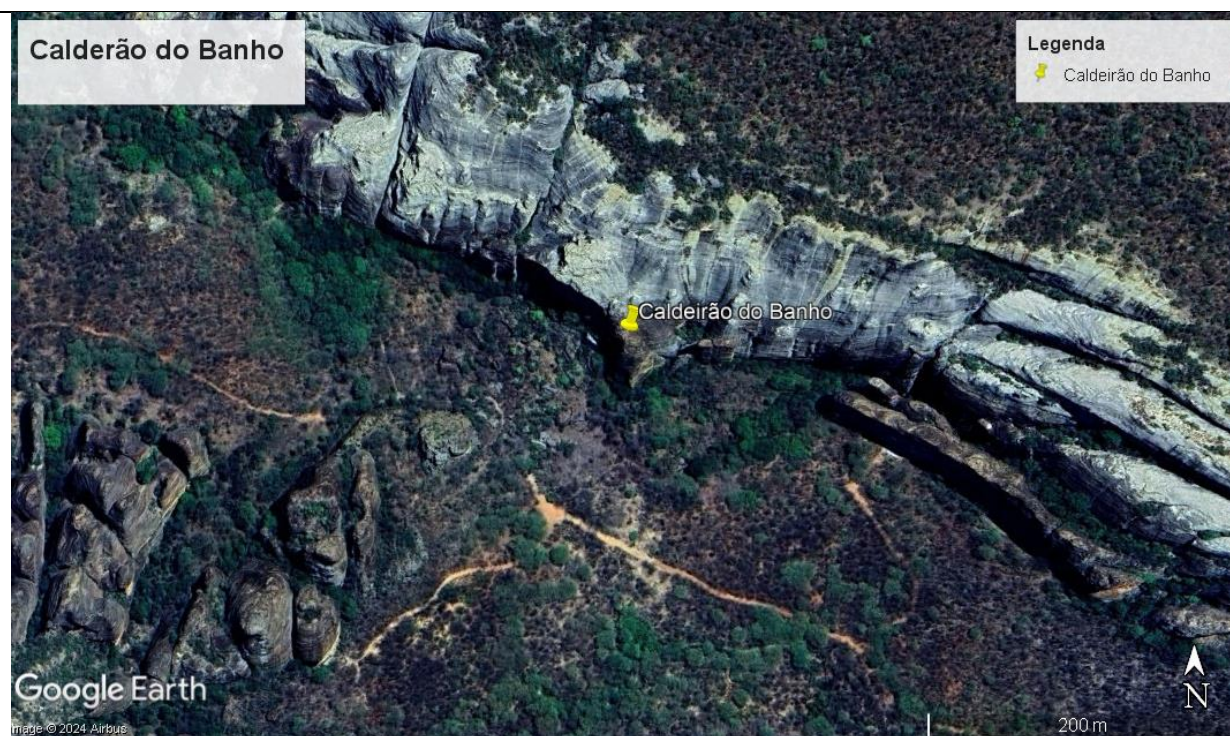
4 Registro Fotográfico



Cultura material do Caldeirão do Banho.



5 Localização Geográfica



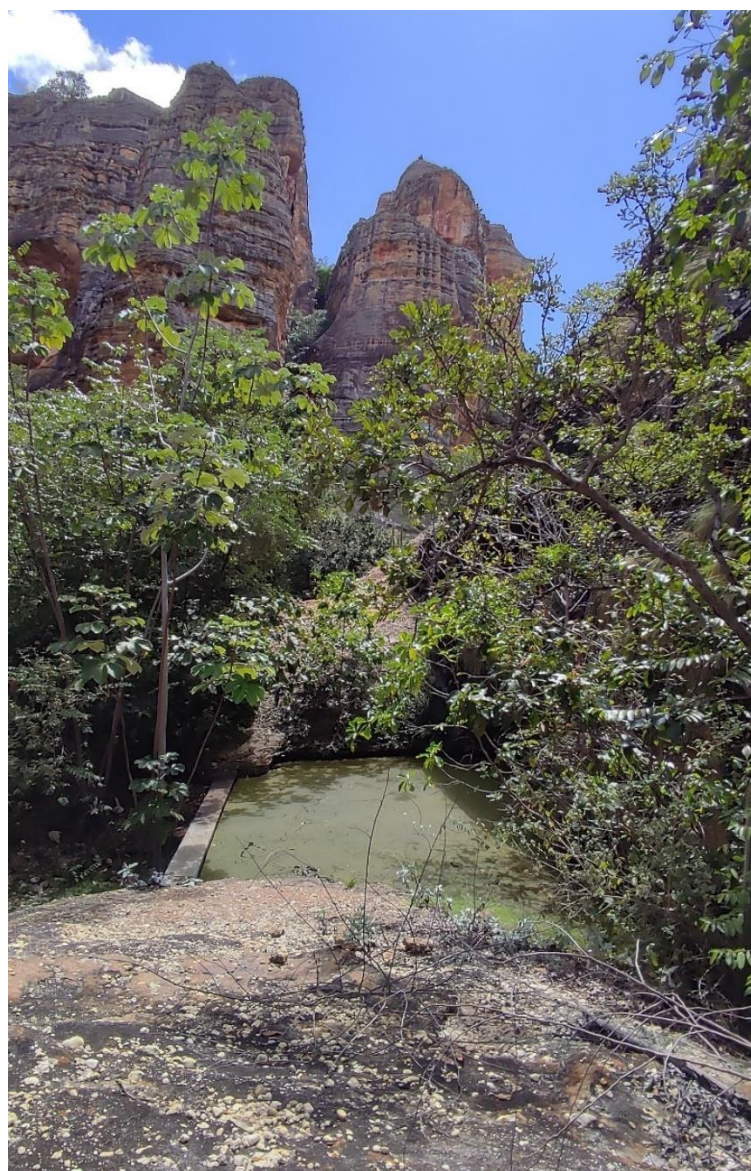
CALDEIRÃO DA LOCALIDADE BARREIRINHO

CALDEIRÃO DAS LAVADEIRAS

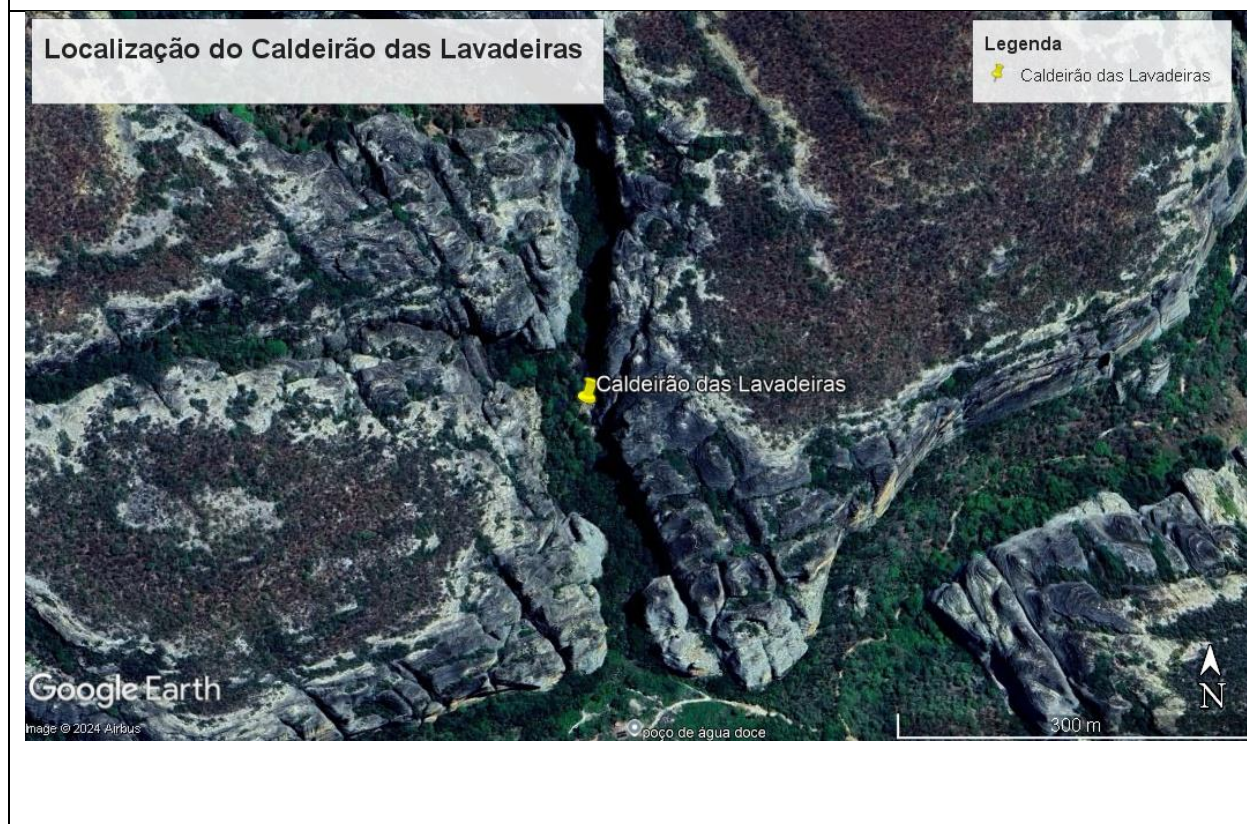
1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 29
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Barreirinho	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	468m	
Coordenadas	23L 770606 9025212	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	Era utilizado para lavar roupa.	
Uso	Lavagem de roupa.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Árvores do tipo catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, macambira, xique-xique, cansanção e quixaba.	
Elementos construídos	Uma parede de concreto na parte frontal do caldeirão, que foi realizada posteriormente a criação do Parque Nacional Serra da Capivara para suportar uma maior quantidade de água.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Atualmente o caldeirão está localizado na área do Parque Nacional Serra da Capivara. O acesso para chegar ao caldeirão da Lavadeira se inicia na fazenda Esperança que fica na localidade Barreirinho, levando aproximadamente trinta a quarenta minutos de caminhada da fazenda até o caldeirão, sendo possível otimizar o tempo de percurso percorrido com automóvel, com isso o caldeirão é de fácil acesso. Não foi possível verificar a existência de bojos, devido o caldeirão rochoso estar com sua capacidade máxima de água. A água existente no caldeirão das Lavadeiras, apresenta uma coloração escura, com presença de material limoso.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÕES DA LOCALIDADE LIMOEIRO

CALDEIRÃO DO CATUABA I

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 30
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Limoeiro	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	527 m	
Coordenadas	23L 776941 9028219	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	As funcionalidades se dividem em afazeres doméstico gerais, tais como para limpeza de casa, lavar louça, banho e beber	
Uso	Limpeza de casa, lavar louça, banho e beber.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	A vegetação predominantemente da caatinga com plantas como espinheiros como a cabeça de frade.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O caldeirão do Catuaba I no momento da prospecção foi considerado estar em bom estado de conservação, com presença de água de coloração escura, tem como rocha sedimentar arenítico e estão localizados na parte alta da chapada. No momento da visita, foi observado que os caldeirões Catuaba I, II e III estão posicionados de forma que quando o Catuaba I transborda, suas águas excedentes abastece o Catuaba II, que da mesma forma quando transborda suas águas passam para o Catuaba III.

Sr. José Pedro nos mostrou onde era a antiga trilha que levava até aos caldeirões, porem devido aos muitos anos em que essa trilha não é utilizada, a mesma não existe mais, por tanto para chegarmos até ao local foi preciso abrimos caminho pela mata, foi possível observar por todo o percurso, que são locais de difícil acesso, pois perpassa por subidas e descidas íngremes.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



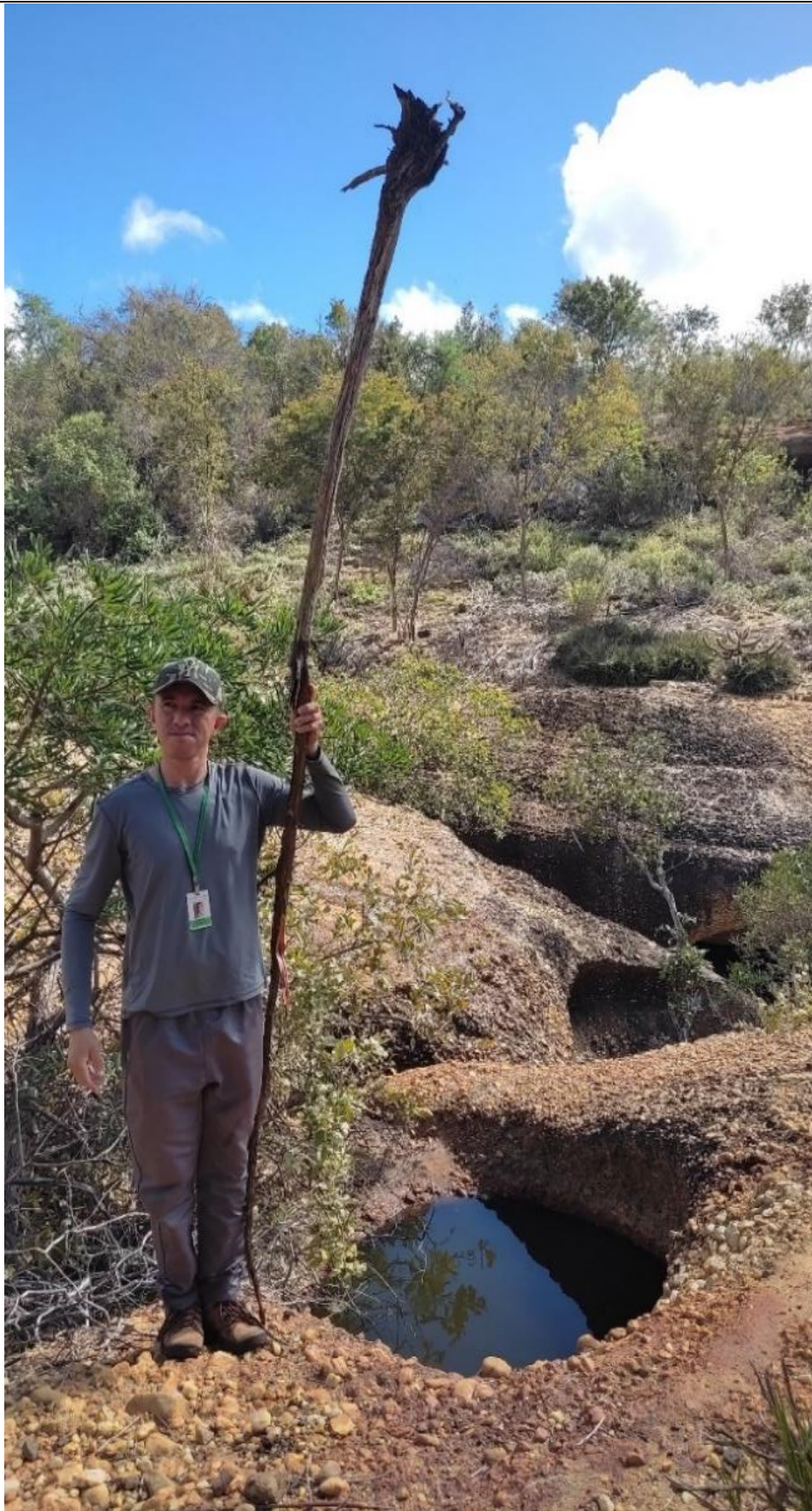
CALDEIRÃO DO CATUABA II

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 31
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Limoeiro	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	526 m	
Coordenadas	23L 776929 9028224	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	As funcionalidades se dividem em afazeres doméstico gerais, tais como para limpeza de casa, lavar louça, banho e beber	
Uso	Limpeza de casa, lavar louça, banho e beber.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	A vegetação predominantemente da caatinga com plantas como espinheiros como a cabeça de frade.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O caldeirão do Catuaba I no momento da prospecção foi considerado estar em bom estado de conservação, com presença de água de coloração escura, tem como rocha sedimentar arenítico e estão localizados na parte alta da chapada. No momento da visita, foi observado que os caldeirões Catuaba I, II e III estão posicionados de forma que quando o Catuaba I transborda, suas águas excedentes abastece o Catuaba II, que da mesma forma quando transborda suas águas passam para o Catuaba III, mesmo aparentando ser raso foi possível com uma vara medirmos a profundidade do caldeirão, que pode chegar aproximadamente 1,80m. de profundidade.

Sr. José Pedro nos mostrou onde era a antiga trilha que levava até aos caldeirões, porem devido aos muitos anos em que essa trilha não é utilizada, a mesma não existe mais, por tanto para chegarmos até ao local foi preciso abrirmos caminho pela mata, foi possível observar por todo o percurso, que são locais de difícil acesso, pois perpassa por subidas e descidas íngremes.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO CATUABA III

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 32
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Limoeiro	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	526 m	
Coordenadas	23L 776920 9028229	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim.	
Tipo de rocha	Sedimentar do tipo arenítica.	
Funcionalidades	As funcionalidades se dividem em afazeres doméstico gerais, tais como para limpeza de casa, lavar louça, banho e beber	
Uso	Limpeza de casa, lavar louça, banho e beber.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	A vegetação predominantemente da caatinga com plantas como espinheiros como a cabeça de frade.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação		
3 Descrição do Caldeirão		

O Catuaba III é de grande porte sem presença de água, contendo apenas vegetação na sua parte interna, estando em mau estado de conservação. No momento da visita, foi observado que os caldeirões Catuaba I, II e II estão posicionados de forma que quando o Catuaba I transborda, suas águas excedentes abastece o Catuaba II, que da mesma forma quando transborda suas águas passam para o Catuaba III.

Sr. José Pedro nos mostrou onde era a antiga trilha que levava até aos caldeirões, porem devido aos muitos anos em que essa trilha não é utilizada, a mesma não existe mais, por tanto para chegarmos até ao local foi preciso abrirmos caminho pela mata, foi possível observar por todo o percurso, que são locais de difícil acesso, pois perpassa por subidas e descidas íngremes.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÕES DA LOCALIDADE SERROTE

CALDEIRÃO DO PEDIM

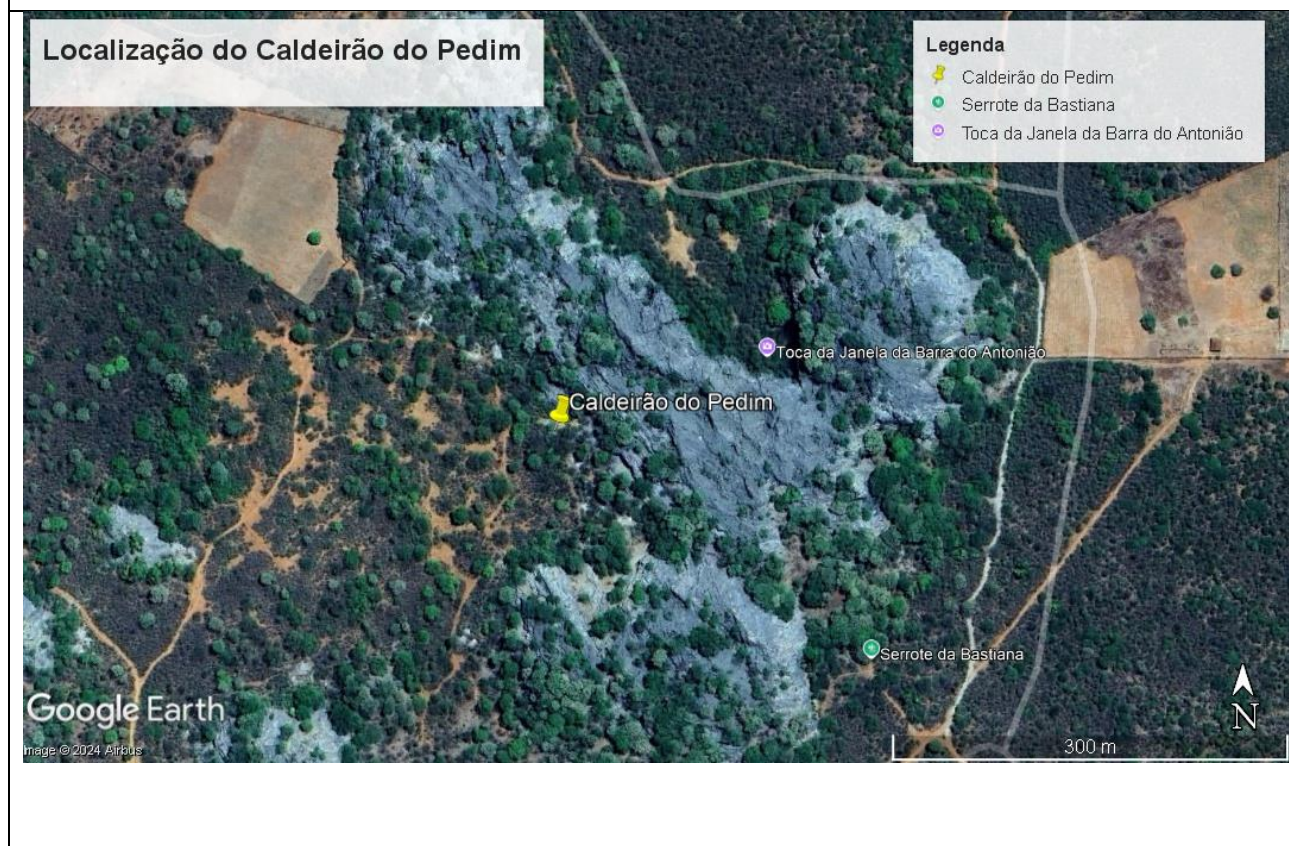
1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 33
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	400 m	
Coordenadas	23L 784129 9025920	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Antes tinha funcionalidade exclusiva para o consumo humano. Porém nos dias atuais o uso é apenas na lida com animais de criação.	
Uso	Antes consumo humano, nos dias atuais, lida com os animais de criação.	
Manutenção	Anualmente é realizado a limpeza tanto da parte interna como da parte externa do caldeirão, no entanto devido o caldeirão estar cheio, até o momento da visita não tinha sido realizado a limpeza	
Elementos naturais	Vegetação do tipo bromélia macambira, juazeiro, xique-xique, coroa de frade, algaroba, urtiga, cansanção, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru e quixaba.	
Elementos construídos	Foi construído uma parede de cimento entorno do caldeirão, como também na parte interna, para barra e controlar a vazão de água.	

	Antes existia uma cerca de arame para evitar o acesso dos animais ao caldeirão e a contaminação da água, pois a prioridade da água era para consumo humano.
Vestígios	Ausente.
Estado de Conservação	Médio.
3 Descrição do Caldeirão	
Recebeu este nome em razão da área que o mesmo se encontra, está localizado na propriedade da família do Sr. José Pedro do Nascimento, 61 anos. Possui mais de seis metros de comprimento, e é tido como um dos principais caldeirões rochosos da comunidade Serrote, estando aproximadamente a um quilometro de distância das residências da comunidade, o trajeto para chegar ao caldeirão rochoso, é realizado por uma trilha podendo ser percorrido tanto caminhando como também com ajuda de motocicleta. Foram realizadas modificações na sua estrutura, para que o mesmo conseguisse armazenar uma maior quantidade de água, então foi construído uma parede de cimento entorno do caldeirão, como também na parte interna, para barra e controlar a vazão de água. Não foi possível observar a existência de bojos, pois o mesmo estava com sua capacidade máxima de água, no entanto, foi observado a água com colarão escura, presença de sedimento e fragmentos de rocha na parte interna do caldeirão.	

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO JÚLIO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 34
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	403m	
Coordenadas	23L 783576 9025789	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não.	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Atualmente o caldeirão do Júlio é utilizado apenas para saciar a sede dos animais, no entanto, já foi utilizado para afazeres doméstico, tomar banho e no trabalho de produção de cal.	
Uso	Antes usado para afazeres doméstico, tomar banho e no trabalho de produção de cal. Hoje saciar a sede dos animais.	
Manutenção	É realizada manualmente e anualmente por aqueles que utilizam do caldeirão, pois o caldeirão rochoso é tido como um dos principais.	
Elementos naturais	Vegetação é composta por aroeira, juazeiro, xique-xique, urtiga, cansanção, Algaroba, Faveleira, macambira e coroa de frade.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Vestígios têxteis.	
Estado de Conservação	Bom estado.	

3 Descrição do Caldeirão

A pesar do caldeirão do Júlio pertencer a propriedade familiar da Sr. Aster, a água pode ser utilizada por todos da comunidade. O caldeirão recebeu o nome por estar na propriedade do Júlio, irmão já falecido da Sr. Aster. Caldeirão de fácil aceso, leva aproximadamente vinte minutos de caminhada das residências da comunidade Serrote até o caldeirão do Júlio e está aproximadamente vinte e cinco metros de distância do caldeirão do Chorão e aproximadamente quarenta metros de distância do caldeirão João Ventinha II.

Com presença de água escura e pouca quantidade de sedimento na parte interna do caldeirão.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DA CHIQUINHA/TOCA DA JANELA DA BARRA DO ANTONIÃO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 35
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	398m	
Coordenadas	coordenada 23L 784282 9025892 e	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não.	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Consumo doméstico e o trato com os animais.	
Uso	Consumo doméstico e o trato com os animais.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Catingueira, faveleira, bromélia macambira, quixaba, algaroba, xique-xique, cansanção, coroa de frade, urtiga, jericó, mandacaru, entre outras arvores que não foram identificadas.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Foi nomeado em razão do nome da pessoa que o teria encontrado e utilizava suas águas para o consumo doméstico e o trato com os animais, tendo acumulação de suas águas em uma concavidade próxima ao paredão Calcário. Contudo, desde 1986, com o começo das atividades arqueológicas no local o mesmo passou a ser chamado sítio Toca da Janela da Barra do Antonião (pois também estão nas imediações do denominado Serrote do Antonião), e considerado “o sítio paleontológico no domínio do carste mais importante na área arqueológica de São Raimundo Nonato”.

Por fim, vale ressaltar que a configuração da paisagem local foi significativamente alterada em consequência das escavações arqueológicas que se estenderam por uma área de cerca de 750m² (Guerin et al, 2002. p.135), e assim sendo, o antigo caldeirão da Chiquinha, ou seja, a área onde a água se acumulava, já não existe mais.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão da Chiquinha ou Toca da Janela da Barra do Antônio



CALDEIRÃO DA LADEIRA/ALDEMAR

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 36
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	399m	
Coordenadas	23L 783874 9025299	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	A água era utilizada na construção de caieiras, e hoje sacia a sede dos animais de criação.	
Uso	Antes utilizada na construção de caieiras, e hoje sacia a sede dos animais de criação.	
Manutenção	Ao longo do tempo foi submetido a manutenções, para que pudesse ter uma maior capacidade de armazenamento de água, no entanto, o mesmo afirma não saber ao certo qual a capacidade mínima de acúmulo de água dos demais caldeirões.	
Elementos naturais	Árvores de umburana, cangalheiro, aroeira e etc.	
Elementos construídos	Estrutura erguida com argamassa.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado.	

3 Descrição do Caldeirão

Segundo o Sr. José Pedro, antes o caldeirão foi nomeado devido ao funcionamento de produção de cal na região; para coletar água que se acumulava no local e era necessária para o funcionamento das caeiras, o acesso a esse caldeirão se dava através de uma subida íngreme, e foi justamente essa característica da paisagem que inicialmente foi utilizada para nomear o local (SOUSA, 2023). Anos depois foi construída uma nova rota de acesso ao caldeirão e ele passou a ser chamado caldeirão do Aldemar, em referência ao antigo dono da propriedade. Atualmente a família do Sr. Erisvaldo Nascimento é proprietária da área que o caldeirão está localizado, o mesmo apresenta bom estado de conservação, contendo água de coloração escura material limoso na parte interna do caldeirão.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão do Aldemar

Legenda

Caldeirão do Aldemar



CALDEIRÃO DO TENENTE LUIZ

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 37
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	417m	
Coordenadas	23L 784256 9025861	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Confecção o forno de cal.	
Uso	Confecção o forno de cal.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação do tipo xique-xique, bromélia macambira, coroa de frade, cansanção, algaroba, urtiga, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, quixaba e juazeiro.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Fragmento cerâmico de base plana com um bojo possivelmente arredondado ou piriforme, manufatura acordelada e possivelmente de um vasilhame de armazenamento de água.	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Os caldeirões do Tenente Luiz e João Ventinha I estão aproximadamente três metros um do outro, por estarem localizados no mesmo calcário, eles acabam muitas vezes tendo a características de caldeirões pequenos, podendo ser confundidos com uma simples cavidade da rocha em período de seca.

Caldeirão possui formato triangular com aproximadamente 1,5 a 2 metros de cada lado presença de bojo, na parte interna do caldeirão, foi identificado pequena quantidade de água de coloração clara.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO JOÃO VENTINHA I

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 38
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	417m	
Coordenadas	23L 784256 9025861	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Confecção de forno de cal.	
Uso	Confecção de forno de cal.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação do tipo xique-xique, bromélia macambira, coroa de frade, cansanção, algaroba, urtiga, catingueira, faveleira, jericó, mandacaru, quixaba e juazeiro.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Fragmento cerâmico de base plana com um bojo possivelmente arredondado ou piriforme, manufatura acordelada e possivelmente de um vasilhame de armazenamento de água.	
Estado de Conservação	Bom estado.	

3 Descrição do Caldeirão

Os caldeirões do Tenente Luiz e João Ventinha I estão aproximadamente três metros um do outro, por estarem localizados no mesmo calcário, eles acabam muitas vezes tendo a características de caldeirões pequenos, podendo ser confundidos com uma simples cavidade da rocha em período de seca.

O nome caldeirão João Ventinha I se deu a partir de um acontecimento, onde um rapaz conhecido como João Ventinha que trabalhava em uma caieira próxima ao caldeirão, era uma das poucas pessoas que tinha o conhecimento do caldeirão e devido a necessidade de água para confeccionar o forno de cal, informou aos seus colegas de trabalho que conhecia um local que havia água o suficiente para realizar o trabalho, a partir desse dia, o caldeirão passou a ser chamado de caldeirão do João Ventinha I.

Tem o formato arredondado com cerca de 60 centímetros de diâmetro, sem presença tanto de água como também de bojo. Ambos os caldeirões estão em bons estados de conservação.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DA GRUNGA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 39
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	397 m	
Coordenadas	23L 783509 9025840	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não	
Tipo de rocha	Calcário	
Funcionalidades	Funcionalidade está voltada para saciar a sede dos animais, no entanto, no passado era utilizado para afazeres doméstico e higiene pessoal.	
Uso	Antes afazeres domésticos e higiene pessoal, hoje saciar a sede dos animais,	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação é composta por aroeira, juazeiro, xique-xique, urtiga, cansanção, algaroba, faveleira, macambira, coroa de frade e gameleira.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Atualmente possui formato arredondado com diâmetro de aproximadamente 1 metro; no entanto devido a um colapso em uma das suas extremidades, ocasionadas pelo intemperismo em um período mais recuado, a dimensão e profundidade do caldeirão da Grunga, provavelmente ultrapassava três ou a cinco metros. Caldeirão da Grunga apresenta mau estado de conservação, foi identificado água com aspecto escuro com presença de fragmento rochoso na parte interna do caldeirão.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão da Grunga

Legenda

Caldeirão da Grunga



CALDEIRÃO DA GAMELEIRA

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 40
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	397 m	
Coordenadas	23L 783509 9025840	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Não	
Tipo de rocha	Calcário	
Funcionalidades	Saciar a sede dos animais, no entanto, no passado era utilizado para afazeres doméstico e higiene pessoal.	
Uso	Antes, afazeres domésticos e higiene pessoal, hoje saciar a sede dos animais.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação é composta por aroeira, juazeiro, xique-xique, urtiga, cansanção, algaroba, faveleira, macambira, coroa de frade e gameleira.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O caldeirão da Gameleira está em um afloramento rochoso de calcário em área privada, a cima do caldeirão da Grunga. Seu nome se deu devido a existência de uma árvore chamada Gameleira. Possuindo formato arredondado com aproximadamente dois a três metros de diâmetro, no entanto, foi observado a existência de marcas na rocha que foram ocasionadas pela água. Devido a existência dessa marca na rocha, acredita-se que o volume de água pode ser maior em período chuvoso, como também as dimensões e profundidade do caldeirão da Gameleira. Outro elemento da paisagem que chama atenção é a presença de “frestas” causadas pela erosão por onde a água acumulada se infiltra e transborda no período chuvoso.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO CHORÃO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 41
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	400m	
Coordenadas	23L 783590 9025811	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Calcário	
Funcionalidades	Suas águas eram utilizadas para saciar a sede.	
Uso	Saciar a sede.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	A área que o caldeirão do Chorão é composto por urtiga, cansanção, faveleira, macambira e coroa de frade.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

Esse caldeirão recebeu tal nome devido a uma criança que sempre chorava quando o seu pai lhe ordenava a ir buscar água naquele local. Na época dessa criança, o caldeirão rochoso não havia uma denominação específica assim como os demais caldeirões, no entanto foi a partir de vários episódios de choro dessa criança, que o caldeirão passou a ficar conhecido como caldeirão do Chorão.

Está em área privada de fácil acesso, próximo ao caldeirão do Júlio e Caldeirão João Ventinha II. De acordo com relatos dos colaboradores da comunidade Serrote, o caldeirão do Chorão apesar de ser de pequeno porte de rocha sedimentar calcária, apresenta forma arredondada com diâmetro inferior a um metro, sua profundidade pode ultrapassar a um metro no período chuvoso, as pessoas utilizavam de suas águas para saciar a sede.

Foi possível verificar a pouca existência de água com coloração clara, como também foi identificado sedimento na parte interna do caldeirão.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO JOÃO VENTINHA II

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 42
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	397m	
Coordenadas	23L 783593 9025823	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Foi utilizado exclusivamente para beber, por pessoas que no momento estavam trabalhando nas caieiras	
Uso	Para beber.	
Manutenção	A manutenção do Caldeirão Rochoso era realizada pelos próprios usuários, mas esse hábito foi perdido com o passar do tempo.	
Elementos naturais	Foram identificadas: urtiga, cansanção, coroa de frade, macambira e faveleira	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mau estado	
3 Descrição do Caldeirão		

O nome faz referência a João Ventinha, trabalhador da caieira próxima ao Caldeirão Rochoso, que frequentemente o utilizava como fonte de água,

Diante da existência de dois caldeirões com o mesmo nome em locais distintos, resolvi distingui-los adicionando os números romanos I e II. Dessa forma, o caldeirão em questão passa a ser denominado Caldeirão do João Ventinha II.

Localizado em área acessível, o Caldeirão do João Ventinha II pode ser alcançado por um percurso dividido em duas partes: uma primeira etapa percorrida com motocicletas e uma segunda etapa a pé. Este caldeirão de formação calcária tem dimensões reduzidas, com um diâmetro de cerca de sessenta centímetros e formato arredondado.

O Caldeirão João Ventinha II, anteriormente cuidado pelos seus usuários, atualmente encontra-se em mau estado de conservação devido ao abandono da manutenção rotineira. Além de estar seco, o caldeirão apresenta problemas estruturais, incluindo estilhaços de rocha em sua parte interna e acumulação de sedimentos."

Registro Fotográfico

5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão do João Ventinha II

Legenda

Caldeirão do João Ventinha II



CALDEIRÃO DO LITRO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 43
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	408m	
Coordenadas	23L 784070 9026092	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Consumo humano.	
Uso	Consumo humano	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação composta por xique-xique, urtiga, cansanção, algaroba, faveleira, macambira e coroa de frade.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O Caldeirão do Litro está em um afloramento calcário localizado em propriedade privada, apresenta formato arredondado com diâmetro de aproximadamente 0,4m. Historicamente, sua utilização foi restrita ao consumo humano.

De acordo com o Sr. Petro, o nome "Caldeirão do Litro" tem uma história interessante, ele relata eu era menino na época! Vimos abelha arroteando e meu tio Júlio disse: "Eu acho que aqui tem água", então nós dessemos o litro e encontramos água, essa fena não sabemos a profundidade dela, mas ficou batizado como caldeirão do Litro".

Embora o Caldeirão do Litro seja de fácil acesso, localizado a aproximadamente 800 metros das residências da comunidade Serrote, através de trilha acessível a pé ou por motocicleta, sua visualização é dificultada devido à sua localização entre rachaduras e feições naturais do afloramento calcário.

Durante nossa visita ao Caldeirão do Litro, o Sr. Pedro tentou medir sua profundidade utilizando uma vara de mais de dois metros. Contudo, a vara não foi suficientemente longa para alcançar a base do caldeirão, deixando sua profundidade real desconhecida.

Não foi possível confirmar a presença de bojo, mas durante a visita, o Caldeirão do Litro estava com água em seu interior.

Registro Fotográfico

5 Localização Geográfica

Localização do Caldeirão do Litro



**CALDEIRÃO SERROTE DOS BODES/TOCA DOS CRENTES DA CAIEIRA
DO ADÃO**

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 44
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	402m	
Coordenadas	23L 784364 9025892	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Suas águas eram utilizadas para a criação de caprinos e ovinos.	
Uso	Criação de caprinos e ovinos.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	A área contém vegetação como: xique-xique, faveleira, urtiga, cansanção, algaroba, coroa de frade e juazeiro.	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Mal conservado	
3 Descrição do Caldeirão		

De acordo com relatos dos colaboradores da localidade Serrote, o caldeirão conhecido anteriormente como Serrote dos Bodes, atualmente denominado Caldeirão Toca dos Crentes da Caieira do Adão, suas águas eram utilizadas para a criação de caprinos e ovinos. O local foi catalogado como sítio arqueológico e recebeu a denominação Caldeirão Toca dos Crentes da Caieira do Adão.

Ao chegarmos ao Caldeirão Toca dos Crentes, não encontramos água no local. De acordo com o Sr. José Pedro, as atividades arqueológicas alteraram significativamente a paisagem. Devido às escavações arqueológicas, o Caldeirão Toca dos Crentes perdeu sua capacidade de armazenar água da chuva, resultado de uma transformação significativa em sua estrutura.

Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO SERROTE DAS MOENDAS

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 45
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	396m	
Coordenadas	23L 785050 9025085	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Calcário.	
Funcionalidades	Utilizado para saciar a sede dos animais.	
Uso	Saciar a sede dos animais.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação tipo umbuzeiro, urtiga, cansanção, juazeiro entre outras arvores não identificado	
Elementos construídos	Ausente	
Vestígios	Ausente	
Estado de Conservação	Bom estado.	
3 Descrição do Caldeirão		

O Caldeirão Serrote das Moendas, apesar de ser de fácil acesso, destaca-se como o mais distante dos demais caldeirões rochosos da região do Serrote, está localizado em área privada. De acordo com o Sr. Erisvaldo Silva Nascimento, o Caldeirão do Gado era utilizado exclusivamente para saciar a sede dos animais. O acesso ao caldeirão das Moendas, pode ser realizado com automóvel, no entanto em uma parte do trecho, é necessário seguir através de caminhada.

A formação do caldeirão se deu por consequência do processo erosivo da rocha calcária, que assumiu uma forma levemente circular, medindo mais de 7 metros de tamanho; quantos a sua profundidade as marcas presentes nas rochas mostram que no período chuvoso o caldeirão pode alcançar mais de um metro de profundidade.

O afloramento onde se formou o caldeirão apresenta rocha friável e erodida, indicando claramente o processo de formação e transformação do caldeirão ao longo do tempo. Além disso, observa-se que sua dimensão e formato foram alterados pela erosão.

Durante a visita ao Caldeirão Rochoso das Moendas, observou-se que ele se encontra em bom estado de conservação. Além disso, foi verificada a presença de água com coloração escura em sua parte interna.

Registro Fotográfico

5 Localização Geográfica



CALDEIRÃO DO GADO

1-IDENTIFICAÇÃO		Ficha 46
Categoria	Caldeirão rochoso	
Local	Zona rural de Coronel José Dias-PI	
Topônimos	Serrote	
2 Coordenadas Geográficas		
Altitude	380 m	
Coordenadas	23L 783778 9024867	
Área do Parque Nacional Serra da Capivara	Sim	
Tipo de rocha	Calcário	
Funcionalidades	É utilizado como bebedouro para animais.	
Uso	Saciar a sede de animais.	
Manutenção	Não informado	
Elementos naturais	Vegetação de pequeno e médio porte típica da caatinga	
Elementos construídos	Ausente.	
Vestígios	Ausente.	
Estado de Conservação	Bom estado	
3 Descrição do Caldeirão		

Localizado na comunidade Serrote, o Caldeirão do Gado está situado em uma área caracterizada por afloramento calcário em uma superfície plana com vegetação típica da caatinga, com espécies de pequeno e médio porte.

Segundo relatos do Sr Erisvaldo o Caldeirão do Gado é utilizado como bebedouro para animais de criação de sua família, principalmente ovinos e caprinos. De acordo com relatos dos colaboradores da comunidade Serrote, o caldeirão recebeu o nome devido a ser considerado pequeno e de fácil acesso para pessoas e animais. A concentração de gado no local para saciar a sede tornou-se característica marcante, originando a denominação de “Caldeirão do Gado”.

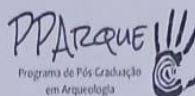
No Caldeirão do Gado, foram identificados: Água com coloração escura e material limoso na parte interna, apesar da localização remota em relação às residências da comunidade Serrote, o Caldeirão do Gado encontra-se em bom estado de conservação.

4 Registro Fotográfico



5 Localização Geográfica



ANEXO 2: Termos de autorização de imagem e dados etnográficos**UNIVASF**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO****UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Erivaldo da Silva Nascimentoresido em Localidade Serriti - Raimundo Nonato-PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Marildes Lima Almeida Sousa

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Erivaldo da Silva Nascimento

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Vanuza Vira Loucaia

resido em Comunidade Jamaro-Lorenal José Dias - PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maídes Lima Miranda Sousa

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Naí Absina

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PPARQUE
Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Jose Pedro do Nascimento

resido em Paraná José Dias-PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Marildes Lima Miranda Sampaio

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

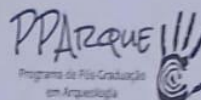
Jose Pedro do Nascimento

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Maria Astor do Nascimento
resido em Serra da Capivara - Parnaíba - PI
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Marildes Lima Miranda Sousa
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

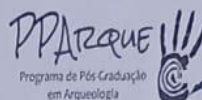
São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Maria Astor do Nascimento
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

José Nely Dias dos Santos

resido em Localidade Limão - Povoado São Dias - PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Marildes Lima Miranda Sousa

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

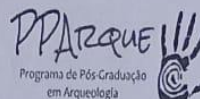
José Nely Dias dos Santos

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campeste, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Agosto Pereira
resido em Baixa da Onda - Litoral for Dias - PI
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Marildes Lima Miranda Sousa
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Adama P. Sousa
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campeste, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Rinaldo Vieira da Silva,

resido em Limoeiro - Pereneil José Dias - PI,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Márcia Lima Miranda Sousa,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

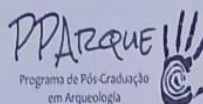
Rinaldo Vieira da Silva

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Manoel Lourenço de Araújo

resido em Barroquinha - Brasil São Wias - PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Marildes Lima Miranda Sousa

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

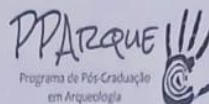
naí assina

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Carlito Pais Dias

resido em Coronel José Dias-PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pelo discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Maurício Lima Miranda Sousa

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Carlito Pais Dias

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI,
CEP: 64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br